

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA PÚBLICA
NÍVEL DE MESTRADO**

BEATRIZ CARAZZAI PEREIRA

**O GÓTICO ESTÁ (MORTO)-VIVO: MEMÓRIAS DE GÓTICOS DE
CURITIBA-PR NA INTERFACE COM A SUBCULTURA**

**CAMPO MOURÃO – PR
2025**

BEATRIZ CARAZZAI PEREIRA

**O GÓTICO ESTÁ (MORTO)-VIVO: MEMÓRIAS DE GÓTICOS DE
CURITIBA-PR NA INTERFACE COM A SUBCULTURA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História Pública – PPGHP, nível Mestrado, da
Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como
requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa: Memórias e Espaços de Formação

Área de Concentração: História Pública

Orientador(a): Dr(a). Cyntia Simioni França

**CAMPO MOURÃO – PR
2025**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e
Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP
e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Pereira, Beatriz Carazzai

O Gótico Está (Morto)-Vivo: Memórias de góticos de
Curitiba-PR na interface com a subcultura. /
Beatriz Carazzai Pereira. -- Campo Mourão-PR, 2025.
184 f.: il.

Orientador: Cyntia Simioni França.

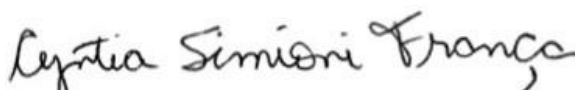
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado em História Pública) -- Universidade
Estadual do Paraná, 2025.

1. Gótico. 2. Subcultura. 3. Underground. 4.
História Pública. 5. Arte alternativa. I - França,
Cyntia Simioni (orient). II - Título.

BEATRIZ CARAZZAI PEREIRA

**O GÓTICO ESTÁ (MORTO)-VIVO: MEMÓRIAS DE GÓTICOS DE CURITIBA-PR
NA INTERFACE COM A SUBCULTURA**

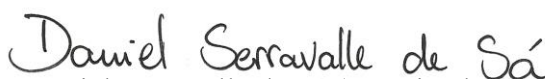
BANCA EXAMINADORA



Dra. Cyntia Simioni França (orientadora) – UNESPAR, Campo Mourão



Dra. Helena Ragusa Granado (examinadora externa) – UEL, Londrina



Dr. Daniel Serravalle de Sá (examinador externo) – UFSC, Florianópolis

Documento assinado digitalmente



LIDNEI VENTURA

Data: 29/09/2025 09:24:17-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Lidnei Ventura (examinador externo) – UDESC, Florianópolis

Data de Aprovação

25/09/2025

Campo Mourão – PR

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, Karla Carazzai Pereira e Carlos Bernardo Gouvêa Pereira, por sempre me incentivarem a estudar, por trabalharem para que eu pudesse ter o melhor que poderiam me proporcionar, e por terem cuidado de mim, principalmente nos momentos difíceis. Ao meu avô paterno, Carlos Alberto Buch Pereira, por ter pagado minhas mensalidades do Ensino Médio e ajudado minha família quando precisamos. À minha avó paterna, Mariza Christina Gouvea Pereira, que sonhava em ser historiadora, e que agora vive através de mim. Aos meus avós maternos, Nilva Suzana Pawlas Carazzai e Marco Aurélio Carazzai, pela partilha de fontes, histórias e memórias em nossos cafés da tarde. A Marcia Regina Pawlas Carazzai, por me inspirar com seu amor pela literatura.

À profª Sibelle Pacheco, de História, por apoiar e incentivar minha decisão de ser professora de História. À profª Raquel Silva Yamada, de Literatura. Suas aulas eram os poucos momentos em que eu me sentia viva. Eu me achava incapaz de ser pesquisadora, até que um dia, no Terceirão, você disse que eu tinha “jeito de pesquisadora”. Eu nunca me esqueci disso.

Aos meus professores da Graduação e Mestrado, por me guiarem nos caminhos da pesquisa e do conhecimento acadêmico. Aos meus sogros, por me incentivarem a fazer este Mestrado, e à UNESPAR, pela oportunidade de realizá-lo. À minha orientadora, profª Cyntia Simioni França, por ter reacendido em mim a chama da paixão pela História. Graças a você, eu lembrei que meu propósito é viver pelo passado para construir a possibilidade de um futuro. Aos meus colegas do Grupo de Estudos Odisseia, pelos debates, pelo carinho, pela colaboração na construção de nossas pesquisas. A Walter Benjamin, por me fazer sentir compreendida.

Aos membros da banca examinadora, Helena Ragusa Granado, Daniel Seravalle de Sá e Lidnei Ventura, pela leitura atenciosa e sensível do meu trabalho, assim como seus apontamentos e indicações de bibliografia.

Ao meu noivo e melhor amigo, Guilherme de Freitas Vilas Boas Gomes, por me amar, me apoiar e aguentar minhas divagações filosóficas sobre Benjamin nas madrugadas. Espero morrer ao seu lado e te assombrar pela eternidade.

A Matheus Moledo, Thyago Willem, Vinnie Corvo, Patricia Gnipper e Jack Jack, pelo tesouro de suas memórias, e por terem aceitado participar desta pesquisa. Sem vocês, esta pesquisa não seria possível. Aos góticos de Curitiba e do mundo por existirem. Aos poetas malditos, por seus legados. Aos mortos, pela História. Aos vivos, pela memória.

À Mnemósine, titã da Memória, pelo elo entre a humanidade e o tempo. À sua filha Clio, musa da História, por me inspirar e me conceder a honra de ser sua sacerdotisa. À Morte, por me deixar viver mais um dia. Amém. Obrigada.

Existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. O materialista histórico sabe disso.

– Walter Benjamin

RESUMO

PEREIRA, Beatriz Carazzai. **O Gótico Está (Morto)-Vivo: Memórias de góticos de Curitiba-PR na interface com a subcultura**. 184f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História Pública – PPGHP – Mestrado. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2025.

Esta pesquisa é resultado do programa de História Pública da UNESPAR (Campo Mourão), e acolhe as memórias de góticos em Curitiba-PR através de práticas de rememoração realizadas em encontros com cinco integrantes da subcultura, buscando compreender os sentidos que eles atribuem ao Gótico, tendo como base teórico-metodológica a filosofia de Walter Benjamin. Os encontros ocorreram entre janeiro e março de 2025, consistindo em cinco oficinas temáticas sobre o Gótico, explorando identificação subcultural, a morte e cemitérios, boemia e vida noturna, moda e indumentária e política. As narrativas resultantes foram elaboradas em mônadas no diálogo com o método monadológico benjaminiano, unindo as particularidades dos indivíduos ao universal, buscando situar experiências góticas no tempo e espaço, e contextualizando as manifestações artísticas da subcultura e sua cena curitibana no cenário de commodificação das artes e identidades sob o enfrentamento do capitalismo neoliberal. Os resultados mostram que o Gótico produz sentidos para identificações prévias com elementos estéticos góticos, organizando estas identidades de forma social (Silva, 2006). Estas identidades são expressas de diferentes modos na indumentária gótica, que desafia papéis de gênero, conforme os princípios *DIY* resistem ao *fast fashion* e a commodificação de subculturas nas *aesthetics*. A subcultura dialoga com o passado (Goodlad; Bibby, 2007) através do contato com cemitérios e espaços boêmios, promovendo uma ocupação revolucionária do espaço público em meio à sua privatização, resistindo ao esfacelamento das relações sociais coletivas, e inserindo e integrando manifestações artísticas alternativas ao cotidiano urbano. Estes elementos revelam que o Gótico se insere nos debates políticos da sociedade conforme seu contexto histórico, refletindo e protestando contra melancolia como sintoma de alienação na modernidade (Matos, 2010) através da alternatividade comunicativa (Spracklen; Spracklen, 2018).

Palavras-chave: Gótico; Subcultura; *Underground*; História Pública; Arte alternativa

ABSTRACT

PEREIRA, Beatriz Carazzai. **Goth is (Un)dead: Memories of Curitiba-PR goths in interface with the subculture.** 184 pages. Dissertation. Graduate Program in Public History – PPGHP – Master's Degree. Paraná State University, Campo Mourão Campus. Campo Mourão, 2025.

This research results from the UNESPAR (Campo Mourão) Public History program, and harbors the memories of goths in Curitiba-PR through remembrance practices conducted in meetings with five members of the subculture. The meetings sought to understand the meanings they attribute to Goth, using Walter Benjamin's philosophy as a theoretical and methodological basis. The meetings took place between January and March 2025, and consisted of five thematic workshops on Goth, exploring subcultural identification, death and cemeteries, bohemianism and nightlife, fashion and clothing, and politics. The resulting narratives were constructed in monads in dialogue with Benjamin's monadological method, uniting the particularities of individuals with the universal, seeking to situate goth experiences in time and space, and contextualizing the artistic manifestations of the subculture and its Curitiba scene within the context of the commodification of arts and identities under the challenge against neoliberal capitalism. The results show that Goth creates meanings for prior identifications with gothic aesthetic elements, organizing these identities socially (Silva, 2006). These identities are expressed in different ways in goth clothing, which challenges gender roles, as DIY principles resist fast fashion and the commodification of subcultures in online aesthetics. The subculture engages with the past (Goodlad; Bibby, 2007) through contact with cemeteries and bohemian spaces, promoting a revolutionary occupation of public space amidst its privatization, resisting against the disintegration of collective social relations, and inserting and integrating alternative artistic manifestations into urban daily life. These elements reveal that Goth inserts itself into society's political debates according to its historical context, reflecting and protesting against melancholy as a symptom of alienation in modernity (Matos, 2010) through communicative alternativity (Spracklen; Spracklen, 2018).

Keywords: Goth; Subculture; *Underground*; Public History; Alternative art

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – <i>Melencolia I</i> de Dürer	30
FIGURA 2 - Mapa de Curitiba-PR.....	47
FIGURA 3 – Convite para a primeira oficina	55
FIGURA 4 – Fachada do bar Janaína Vegan	56
FIGURA 5 – Rua São Francisco	57
FIGURA 6 – Protagonistas da pesquisa	58
FIGURA 7 – Chamada para o encontro gótico <i>Nigravis</i>	67
FIGURA 8 – Chamada para a festa gótica <i>Nigravis Goth Night</i>	67
FIGURA 9 – Mosaico fúnebre	75
FIGURA 10 - Saturno Devorando Um de Seus Filhos (1820 - 1823)	76
FIGURA 11 – Patricia passeando no cemitério.....	77
FIGURA 12 – Muros do Cemitério Municipal	78
FIGURA 13 - Beleza nos detalhes ignorados.....	79
FIGURA 14 - Logo do bar Lado B.....	88
FIGURA 15 - Fachada do bar Lado B.....	89
FIGURA 16 - Parte interna do bar Lado B.....	90
FIGURA 17 - Chamada para o evento Mausoléu.....	98
FIGURA 18 - Pôster do evento Klangfabrik	99
FIGURA 19 - Pôster do <i>Gothic Carnival</i> de 2025	101
FIGURA 20 - Fachada do Caffé Capella.....	103
FIGURA 21 - Interior do Caffé Capella.....	103
FIGURA 22 - Escadaria do Caffé Capella decorada com flores mortas	104
FIGURA 23 - Segunda edição do Noite Eterna.....	104
FIGURA 24 - Expressionismo alemão no vinil de “ <i>Bela Lugosi’s Dead</i> ”.....	107
FIGURA 25 - <i>Voyage pour l'éternité n° 1</i>	116
FIGURA 26 - Coletes customizados de Matheus.....	133
FIGURA 27 - Peças customizadas de Matheus.....	133
FIGURA 28 - Siouxsie Sioux e o visual <i>trad goth</i>	143
FIGURA 29 - Visual de Thyago.....	143
FIGURA 30 - Jonny Slut (Specimen) e o estilo <i>deathrock</i>	144
FIGURA 31 - Visual de Matheus	145
FIGURA 32 - Visual de Jack Jack.....	145

FIGURA 33 – Visual de Vinnie Corvo	146
FIGURA 34 – Estilo cybergoth	147
FIGURA 35 - Visual de Patricia.....	147
FIGURA 36 - Patricia utilizando uma jaqueta de forro de sofá	148
FIGURA 37 - <i>Goths Against Fascism</i>	151
FIGURA 38 - Capa do álbum “ <i>Die Mensch Maschine</i> ” (Kraftwerk, 1978).....	166
FIGURA 39 – Logo da banda Killing Joke	168

SUMÁRIO

MEMÓRIAS DE ALÉM-TÚMULO	13
INTRODUÇÃO: “UM MORCEGO ENTRA NA ACADEMIA”	17
CAPÍTULO I - “LAPSO DE TEMPO”: O GÓTICO E A HISTÓRIA	29
1.1. Barbaridade e decadência: historicizando a estética gótica	32
1.2. Bela Lugosi está morto: da arte à subcultura	38
1.2.1 - “Rua do Fascínio”: a Inglaterra e o Batcave	40
1.2.2. “Colônia Americana”: darks em São Paulo-SP	42
1.3. Vampiros de Curitiba: a cena gótica em Curitiba-PR.....	44
1.3.1 “As Tribos da Noite”: códigos, ritos e práticas da subcultura	45
1.4. “Espectros”: situando os sujeitos góticos no tempo e espaço	49
1.4.1. Primeira Oficina: In Memoriam	51
CAPÍTULO II - “O TÚMULO SERÁ PARA SEMPRE”: MORTE E ESPAÇO PÚBLICO.....	66
2.1 Terceira oficina – “Noite na Taverna”: Gótico, vida noturna e boemia	82
CAPÍTULO III - “TEATRO FIGURATIVO”: MODA, INDUMENTÁRIA E O GÓTICO.....	115
3.1. Quinta oficina - “Catedrais em Chamas”: Gótico é Político (?).....	150
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	172
REREFÊNCIAS	177

MEMÓRIAS DE ALÉM-TÚMULO

Fausto:

*Que sou eu, se não posso alcançar, afinal,
A coroa com louros da nossa humanidade,
A que todos almejam com tanta ansiedade?*

Mefistófeles

*Não és mais, meu senhor, do que és: um mortal!
Perucas podes ter, com louros aos milhões.
Alçar-te com teus pés nos mais altos tacões,
Serás sempre o que és: um pobre ser mortal!*

A melancolia sempre fez parte de mim. Desde que me entendi enquanto ser humano no mundo, passava horas na janela contemplando o significado da existência, criando teorias filosóficas tão “complexas” quanto uma criança de seis anos é capaz de fazer. Sempre ameí o saber, o conhecimento, e por boa parte da vida, considerei que tudo que eu precisava era conhecimento, e nada mais. Mas aquilo que eu entendia por “conhecimento” – uma coleção de clássicos, nomes e fatos históricos –, era apenas uma parte da vastidão do saber humano, inalcançável na solidão na qual eu vivia. Eu lia, estudava, e nada entendia. Entendia a História, mas nunca a minha história. Entendia o universo, mas nunca meu papel nele. Entendia Deus (e sua não-existência), mas nunca o divino em mim e no outro. Entendia a amizade como conceito, mas não tinha amigos. Entendia que éramos seres sociais por natureza, mas era só. Quanto mais eu buscava conhecer, menos eu sabia. Apenas sabia que nada sabia.

Era uma criança solitária, esquisita, e me orgulhava disto. Enquanto meus colegas, “meros mortais”, preocupavam-se com coisas “vãs” como amizades, socialização e experiências, eu ocupava-me das coisas “verdadeiramente importantes”, como os estudos, a Literatura, a História e a Filosofia. A escola me era alienante. Detestava equações, então lia Maquiavel durante as aulas de matemática. Odiava química, então estudava alquimia na sala de aula. Já possuía uma grande paixão pela História, então lia os livros didáticos de História no recreio até que algum colega me “importunasse” desejando conversar. Analisava meticulosamente a pirâmide social da escola, e a comparava com a pirâmide social medieval. Vivia em uma jornada infundável, buscando me tornar quem eu sentia que realmente era, no

fundo: uma donzela vitoriana, culta e letrada. Romântica. Neste meu universo criado, minha melancolia era arte, e meus traumas, maldições espectrais, assombros de outra geração.

Suicídio, depressão, tristeza logo cedo fizeram parte de minha jornada. Sempre estranhei que esses temas fossem tabus para a sociedade pois, para mim, eram apenas fatos do cotidiano, uma sombra que pairava sobre minha vida privada. Reza a lenda que as mulheres de nossa família são, de algum modo, acometidas pela loucura, o desequilíbrio dos humores. Maldição geracional. Melancolia.

Sem amizades e vida social, me tornei uma adolescente profundamente depressiva, apesar de ser uma “excelente aluna” (como diziam meus professores de Humanas). Não seria até dez anos depois de meu primeiro ataque de pânico, aos onze anos, que eu descobriria que sou autista. Minha família e a escola se desdobravam para me ajudar, sem sucesso. Aos treze, passava dias sem tomar banho, apenas deitada no chão durante horas. Não comia, nem mesmo chorava, só contemplava a insignificância da vida. As crises de pânico (que hoje vejo como *meltdowns*, crises autistas) se tornaram tão frequentes que passei uma parte do 9º ano estudando em casa. Acordava e dormia com crises, beirando alucinações, ao ponto de ser erroneamente diagnosticada como esquizofrênica. Foi também neste período em que me mutiliei pela primeira vez, “gabaritando” as estatísticas de meninas autistas não-diagnosticadas.

Foi neste período mais sombrio de minha vida, entre os treze e catorze anos, que conheci minha salvação: o Gótico. De repente, minha dor era bela, e as cenas de mulheres melancólicas da família compunha um quadro mórbido e romântico de donzelas frágeis desmaiando pelos cantos de um casarão vitoriano. Eu era uma delas. A família e a escola tentaram me afastar do Gótico, temendo que era este o responsável pela minha condição, quando de fato era meu único refúgio. Graças ao Gótico, consegui voltar a frequentar a escola: descobri que poderia escrever poemas para evitar minhas crises (o que frequentemente me rendia uma conversa preocupada entre meus pais e a pedagoga). E se o Gótico me permitiu romantizar minha automutilação diária, também me deu ferramentas para desenhar artes mórbidas ao invés de me cortar. E foi nesse ciclo vacilante, entre os amores não-correspondidos de Álvares de Azevedo e a loucura dos personagens de Edgar Allan Poe, que vivi minha adolescência.

Tentei suicídio ao fim de meus catorze anos. Era o plano perfeito: iria embora deste mundo como as musas melancólicas de meus poetas favoritos. Mas a realidade era muito mais crua: não houve carta nem romantismo, apenas dor. Quando senti meu corpo adormecer, percebi que não queria morrer. Fiz o processo inverso da maioria: aceitar a morte sempre foi natural. Agora, era a vez de aceitar a vida.

Eventualmente melhorei. Não sei se por desejo, ou apenas por uma paixão avassaladora da adolescência. Entendi que os poetas me deixaram seu legado através da vida, e que suas mortes prematuras eram dignas não de glória, mas de lamento. E foi mais ou menos nesta época que decidi ser historiadora e professora de História. Recuperando meu ânimo, estudava História como se minha vida dependesse disto (porque dependia), e “prendia” os professores de Literatura, Filosofia e História em conversas intelectuais após as aulas. A História, assim como o Gótico, me mostrou a vida inerente à morte: o processo dialético primordial. Como historiadora, eu estaria sempre próxima dos mortos. Como professora, poderia espalhar a palavra dos que se foram.

Passei no vestibular de História em 1º lugar por duas vezes consecutivas. Entrei na graduação de História na Universidade Estadual do Centro-Oeste achando que tudo sabia sobre História, só para perceber que, na verdade, nada sabia sobre História. As narrativas oficiais que eu conhecia eram apenas uma minúscula faceta da complexidade real do passado. Mergulhei em uma crise existencial, libertei-me de Deus e do cristianismo, e por um tempo senti que a História, assim como o Gótico, era apenas dor, e nada mais. Escravidão, exploração, expropriação de terras, genocídios, casamentos arranjados, leis tirânicas, destruição de modos de vida, capitalismo, enfim. Cheguei até mesmo a considerar que a História não era para mim, pois eu era sensível demais. Mal sabia que é esta sensibilidade que nos move na escrita da História.

Ao final de meu primeiro ano da faculdade, minha mãe lesionou sua coluna, por pouco não ficando paraplégica. Até hoje ela está acamada, alternando entre curtos períodos de mobilidade e longas crises de dor, e eu e meu pai cuidamos dela. Foram ao todo cerca de quatro cirurgias na coluna. Em uma dessas cirurgias, finalmente encontrei uma cena gótica da qual eu pudesse fazer parte. Fiquei em Curitiba para seu tratamento durante três meses no ano de 2022, período em que conheci a cena gótica desta pesquisa. Entre conversas improdutivas com médicos e noites dormindo no hospital, os finais de semana me permitiam a liberdade que apenas uma festa gótica pode proporcionar aos melancólicos como eu.

Apesar de tudo que passei neste período, foi graças a este momento, a uma série de eventos catastróficos, que encontrei um grupo de “esquisitos” como eu, que junto resistiam aos ventos do progresso, cada um catando os escombros de suas próprias ruínas. Um grupo que acalentou minha ânsia de ser artista, em meio à desmotivação de viver no auge da indústria cultural, e que me mostrou que é possível ser autêntico (e sombrio) e ser feliz – não só, mas em conjunto. Coletividade. Neste momento em que minha jornada se entrecruza com o grupo de estudos Odisseia, conheci um filósofo tão melancólico quanto eu, que via a História como eu a

vejo: um conjunto de mosaicos, de cacos, de espectros. Que não se subordina à Ciência nos moldes positivistas, entendendo que é necessário sensibilidade para compreender o sensível, uma visão artística para compreender a arte. Walter Benjamin é, para mim, o maior gótico da Filosofia. Assim como a cena curitibana me deu um senso de coletividade no Gótico, o Odisseia me deu um senso de coletividade na Academia, onde posso estar cercada de pesquisadores que veem o mundo de modo similar ao meu. Onde finalmente me sinto pertencente ao mundo no qual habito. Não mais um espectro, mas um receptáculo da memória – o qual todos somos.

Nada posso mais dizer se não isto: o Gótico é quem eu sou. Me resume, e me expande. É um retrato de minha alma, sombria, maldita, assombrada. Bela não apesar de seus males, mas por causa deles. Sou quem sou, e nada mais. Aos poetas de outrora que me acompanharam, murmurei: “Deve ser apenas o passado assombrando o presente...E nada mais”. “Noite, noite e nada mais. A treva enorme fitando, fiquei perdido receando, Dúbio e tais sonhos sonhando que os ninguém sonhou iguais. Mas a noite era infinita, a paz profunda e maldita, E a única palavra dita foi um nome cheio de ais” - Eu o disse, o nome de Clio, e o eco disse aos meus ais. Isso só História e nada mais.

INTRODUÇÃO

“UM MORCEGO ENTRA NA ACADEMIA...”

Esta pesquisa visa acolher as memórias de góticos de Curitiba-PR, construindo uma produção historiográfica que contextualiza e historiciza a subcultura, ouvindo as memórias de seus integrantes sobre suas experiências vividas sob uma perspectiva e metodologia monadológica benjaminiana, através de oficinas de práticas de rememoração em forma de rodas de conversa, realizadas em espaços ocupados por góticos de Curitiba-PR.

Dialogo com cinco integrantes da subcultura gótica em Curitiba: Matheus Moledo, Thyago Willem, Vinnie Corvo, Patricia Gnipper e Jack Jack¹, pensando na problemática de se é possível considerar a subcultura gótica como um movimento de resistência e de subversão ao avanço da modernidade capitalista que tende a homogeneização dos sujeitos. Busquei tecer, em conjunto com estes góticos, narrativas sobre o Gótico e seu potencial emancipador através do *underground*. O objetivo geral desta pesquisa é produzir conhecimento histórico com os góticos pela via da autoridade compartilhada (Frisch, 2006), tendo como mote de reflexão a subcultura gótica, e compreender o caráter histórico e político do Gótico para entender suas manifestações artísticas no contexto de massificação da indústria cultural, fomentando debates e um senso de coletividade na subcultura, respeitando as individualidades de seus membros e as especificidades da cena gótica curitibana, e refletindo sobre como esta cena se situa na subcultura gótica nacional.

Para isto, entre janeiro e março de 2025, foram realizadas cinco oficinas temáticas, que se propõem a compreender diferentes dimensões da subcultura. A primeira oficina, intitulada “In Memoriam”, explora a construção da identidade gótica e o processo de identificação subcultural dos protagonistas; a segunda oficina, “O Túmulo Será para Sempre: Morte e Espaço Público” trabalha o papel da morte e dos cemitérios na subcultura em relação ao espaço público; a terceira oficina, “Noite na Taverna: Gótico, vida noturna e boemia” aborda a importância de festas góticas para a manutenção da subcultura; a quarta oficina, “Teatro Figurativo: moda, indumentária e o Gótico” trata do papel da expressão gótica no corpo através da indumentária; a quinta oficina, “Catedrais em Chamas: Gótico é político (?)”, analisa as questões políticas da subcultura, e como elas se relacionam com determinados contextos históricos.

¹ Alguns protagonistas optaram pela utilização de pseudônimos. Todos os protagonistas tiveram suas participações autorizadas pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de acordo com a Resolução 196/96 do Ministério da Saúde.

Essa pesquisa está inserida dentro do campo da História Pública realizada pelo viés de uma história em diálogo com o público (gótico). Conforme o professor e historiador Thomas Cauvin (2016), em sua obra “Public History: A Textbook Practice”, o campo da História Pública é definido pelas ações de historiadores públicos do que por um conceito único do campo. Inicialmente cunhado por Robert Kelley em meados da década de 1970, a História Pública norte-americana (*Public History*) era voltada à expansão da História e do método historiográfico para além da Academia, visando a inserção de historiadores em espaços diversos (como consultorias privadas e voltadas à instituições públicas, museus, arquivos, etc.) em meio a uma crise de desemprego nos Estados Unidos. Cauvin (2016) centraliza a importância do diálogo com públicos não acadêmicos e da divulgação científica para o ofício do historiador público. As historiadoras Juniele Rabêlo de Almeida e Marta Gouveia de Oliveira Rovai (2011) abordam como, desde 2011, o campo da História Pública vem crescendo no Brasil com o aumento de eventos e publicações científicas voltadas ao campo, pensando as possibilidades do trabalho historiográfico com públicos não acadêmicos que, na perspectiva de Michael Frisch (2016), também possuem uma autoridade narrativa, uma vez que produzem suas histórias.

Posiciono-me como historiadora, mas também como gótica ao longo desta pesquisa, entendendo que nossas memórias e experiências fazem parte da História e de como a concebemos e a narramos. Busco, como pesquisadora e gótica, lutar contra um efeito colateral da melancolia gótica: o fechamento de nossa subcultura em si mesma. Este fechamento pode ser atribuído ao que Delgado (2018) e Kipper (2023) atribuem ao fenômeno do “elitismo” na subcultura, mas também é um resultado do processo de isolamento da modernidade burguesa (Benjamin, 2009), e da exclusão de indivíduos do espaço e vida pública (Sennett, 1988). A História Pública é uma maneira de romper com esse isolamento subcultural, motivo pelo qual também divulguei a realização desta pesquisa no grupo de *whatsapp* Gótico Curitiba, onde ocorre a organização de encontros e eventos góticos na cidade, assim como em diálogos com demais góticos em eventos de Curitiba, visando fomentar a curiosidade e interesse nesta pesquisa, na História Pública e na História da subcultura.

Walter Benjamin (2007) embasa a pesquisa no conceito de História, narrativa, memória, experiência e mônada. Este filósofo foi crítico literário e ensaísta judeu alemão, e viveu na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial, testemunhando as perseguições do regime nazista alemão. Associado inicialmente à Escola de Frankfurt, cuja Teoria Crítica propunha críticas às influências Iluministas e Positivistas sobre o pensamento ocidental, Benjamin se aproximava da tradição frankfurtiana ao buscar novas abordagens marxistas e de outras áreas, como a psicanálise, que colocassem em diálogo esta teoria com as recentes descobertas do

início do século XX. Benjamin também agregou outras acepções como a teologia, o misticismo judaico e o messianismo em seu modo de pensar, contribuindo com pluralidades epistemológicas. Considerando o contexto histórico de Benjamin, o filósofo experienciou como o progresso foi usado para justificar o Nazismo e Fascismo, trazendo um regresso social. A partir desta experiência, o autor se volta para a história e para as artes, pensando as manifestações da modernidade e seus paradigmas nas artes e na escrita da História.

Inspirado no misticismo judaico e na astrologia, sua abordagem esotérica (Benjamin, 1984) compreende a importância de aspectos simbólicos e alegóricos no estudo filosófico e histórico das artes. Em seu texto “Paris, Capital do Século XIX”, o autor demonstra como o progresso e a modernidade servem como forças de inovação tecnológica, mas também de destruição de modos de vida (principalmente comunitários), cada vez mais isolando indivíduos em uma cultura burguesa, na qual o espaço privado substitui o espaço público.

Esses elementos como o isolamento, a melancolia e alegorias mórbidas (como a morte), são notáveis nas artes modernas, desde Hamlet de Shakespeare e os clássicos malditos do Ultrarromantismo e do Decadentismo (Benjamin, 1984), assim como nas letras de músicas góticas e demais manifestações artísticas abraçadas pela subcultura. Por exemplo, é frequente a representação de eu líricos solitários em letras de músicas góticas, que buscam conexão com outros indivíduos, com a sociedade ou com algo maior (como o divino, muito presente nas obras de Lupercais), mas que percebe esta busca como vã, inútil. Estes eu líricos não se sentem pertencentes ao mundo que habitam. Se sentem sós, abandonados, frequentemente perambulando ruas sórdidas das cidades, como na letra da música “*In the Flat Field*” de Bauhaus. Estas são obras artísticas que existem enquanto produtos de seus contextos históricos, expressando a privatização do espaço público e a substituição de relações comunitárias por relações cada vez mais individualistas, pautadas no culto burguês capitalista ao lucro e ao espaço privado (Sennett, 1988).

Todos estes elementos melancólicos, das manifestações artísticas pretéritas à subcultura até as artes atualmente englobadas por ela, podem ser compreendidos sob o conceito de modernidade. Para Benjamin, a modernidade corresponde à formação do capitalismo, em que uma economia pautada na fugacidade gera uma sociedade cujas relações sociais pautam-se também no efêmero. Mas este fetiche capitalista pela novidade não significa inovação. Pelo contrário, a modernidade é estagnante:

O moderno, o tempo do inferno. Os castigos do inferno são sempre o que há de mais novo neste domínio. Não se trata do fato de que acontece “sempre o mesmo” (a fortiori, aqui não se trata de um caso do eterno retorno) e, sim, do fato de que o rosto do mundo,

a imensa cabeça, nunca muda naquilo que é o mais novo, que este “mais novo” permanece sempre o mesmo em todas as suas partes. E isto que constitui a eternidade do inferno e o desejo de novidade dos sádicos. Determinar a totalidade dos traços em que o “moderno” se manifesta, significa representar o inferno. [cf S 1, 5].” (Benjamin, 2009, G°, 17, p. 921-922)

Benjamin, inspirado na metafísica do misticismo judaico, concebe a modernidade como “infernai”, uma força de estagnação da possibilidade de progresso social, e destruidora das relações comunitárias com o espaço público. Esta relação entre espaço público e modernidade é apontada por Richard Sennett em sua obra “O Declínio do Homem Público” (1988):

A visão intimista é impulsionada na proporção em que o domínio público é abandonado, por estar esvaziado. No mais físico dos níveis, o ambiente incita a pensar no domínio público como desprovido de sentido. É o que acontece com a organização do espaço urbano. Arquitetos que projetam arranha-céus e outros edifícios de grande porte e alta densidade se veem forçados a trabalhar com as ideias a respeito da vida pública, no seu estado atual, e de fato se incluem entre os poucos profissionais que por necessidade expressam e tornam esses códigos manifestos para outrem. (Sennett, 1988, p. 26)

A estrutura do espaço urbano moderno é alienante à medida em que isola indivíduos. Isto se relaciona com esta pesquisa pois Curitiba é uma típica cidade moderna, onde o espaço público funciona como um espaço transitório (Benjamin, 2009). Mesmo nos momentos de apropriação do espaço público em que, por exemplo, chegando o final de semana a rua Trajano Reis é tomada por jovens universitários e boêmios que tornam a rua seu espaço de congregação e socialização, este espaço ainda é transitório: geralmente palco de “esquentas”, onde é possível beber e comer com preços em conta antes de chegar no destino: uma balada ou bar, por exemplo.

No campo da História Pública, proponho, através desta pesquisa, a construção coletiva de novas relações com o espaço público urbano e as artes inseridas neste espaço. Contrapondo-me à solidão e esfacelamento das relações sociais nas grandes cidades, parto do conceito de autoridade compartilhada do historiador Michael Frisch (2016), que argumenta que é necessário que historiadores assumam a perspectiva da autoridade compartilhada das narrativas históricas com públicos além da academia, combatendo o isolamento da Historiografia, e propondo relações mútuas de colaboração com públicos que, assim como historiadores, também vivem suas histórias e as interpretam de maneiras distintas. Utilizar da autoridade compartilhada na História Pública é uma ação que permite também maior integração da História com o espaço público e o cotidiano de seus indivíduos e grupos. Logo, o cenário urbano decadente da vida noturna curitibana foi o palco deste estudo, no qual busquei compreender o significado do Gótico na vida de góticos, exercendo um ato de empatia com os participantes da pesquisa ao

mergulhar em simbolismos, alegorias e elementos sombrios que caracterizam as artes da subcultura, através do exercício da rememoração.

Para Walter Benjamin, a rememoração é um ato messiânico de retomada da História contra o progresso. Em outras palavras, este messianismo se dá através da ação revolucionária da classe trabalhadora, capaz de romper com a estrutura capitalista responsável pela destruição da memória e da história. Em sua obra “O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (1987), Benjamin aponta como a modernidade, com seus aspectos alienantes intrínsecos à estrutura capitalista, traz consigo uma miséria de experiências que só é possível combater com a rememoração. Revisitar e compreender a memória é um ato revolucionário em uma sociedade calcada no fetiche da novidade. A rememoração se alinha ao modo artesanal da narrativa, buscando compreender o entrecruzamento entre nossas histórias de vida individuais e coletivas com contextos históricos amplos, que nos situam no tempo e espaço. Seguindo este caráter messiânico proposto por Benjamin, utilizo da rememoração como um recurso messiânico da História Pública contra a alienação do espaço público e das relações sociais coletivas, visando o compartilhamento horizontal de experiências entre integrantes da subcultura. Este é um exercício de rememoração crítica, que visa desconstruir a idealização do passado, trazendo à tona lutas, contradições e experiências silenciadas, utilizando as memórias como ferramenta de análise crítica e potencial transformação do presente.

Adoto o conceito de “experiência” conforme Walter Benjamin (1987), ao tratar da miséria de experiências na modernidade. Benjamin, enquanto filósofo crítico dos paradigmas positivistas, critica abordagens de suposta “neutralidade” da História. A História pode ser científica e abarcar os nuances da subjetividade das experiências vividas. Se a escrita da História se dá pela construção narrativa através da rememoração (Benjamin, 1987), há memórias que não são referenciáveis como um inventário de fatos históricos. Conforme Carolina Oliva Rodrigues de Oliveira (2023):

(...) a memória foi encaixada tanto dentro de um padrão cartesiano de racionalidade, como seguindo um sistema linear histórico de sistemas dominantes e homogeneizadores, isso implica, na escrita da História como representação do passado, interessada nos detalhes, de natureza intelectual (no sentido positivista e impessoal do discurso e da linguagem), ligada ao discurso histórico no sentido de pertencimento universal. Os perigos desse tipo de história apontam, principalmente, para o afastamento identitário do sujeito, que começa a compreender a cultura como algo único e presente em qualquer lugar do mundo que ele vá. *A globalização da cultura torna homogênea todas as experiências e existências de grupos que perdem suas “heranças” e ligação com o passado, a partir do momento que se veem presos e pressionados a seguir uma história única que caminha sempre em frente, sem interrupções.* (Oliveira, 2023, p. 65, grifo meu)

Portanto, compartilho experiências minhas e dos protagonistas como atos de rememoração e de autoridade compartilhada (Frisch, 2016) ao tratar de práticas subculturais. Para além de uma obra historiográfica, adoto uma abordagem poética e literária nesta dissertação. Compreendendo que a subcultura engloba uma concepção filosófica e estética de mundo, convido o (a) leitor (a) a me acompanhar por esta jornada sombria em nosso mundo das trevas, repleto de simbolismos, alegorias, e riqueza de experiências, minhas e dos protagonistas desta pesquisa. Para compreender o significado do Gótico na vida de góticos, é necessário abrir-se para as múltiplas sensibilidades na obscuridade, exercendo um ato de empatia com os protagonistas da pesquisa. Inspirada em Walter Benjamin, trago estes elementos não como meros adornos, mas como uma parte intrínseca da narrativa histórica desta pesquisa.

Durante as práticas de rememoração das oficinas temáticas, pedi que cada gótico se apresentasse com algum objeto que o representa em relação à subcultura. Este objeto poderia ser uma peça de roupa, um poema, uma música, uma pintura, qualquer coisa que expresse a identidade destes indivíduos na subcultura. Trabalhamos com narrativas orais, escritas e iconográficas, e, após as oficinas, realizei o trabalho de artesã de escutar tais memórias e produzir imagens monadológicas para compor a tessitura da pesquisa.

Para Benjamin, mônadas são como “mundos em miniatura” (Benjamin, 2009), carregando memórias do passado no presente “congeladas” no tempo e espaço, como um quadro ou uma fotografia. Nesta perspectiva, trabalhar com mônadas é romper com o *continuum* da história, portanto, romper com a lógica positivista do tempo linear calcado no progresso. Cada mônada contém uma riqueza de elementos e memórias que são capazes de nos orientar na história, coincidindo particularidades com o universal. Este método monadológico permite respeitar a independência das narrativas, ao mesmo tempo incorporando-as à contextos históricos mais amplos (Benjamin, 1987), seguindo a não-linearidade da memória. Assim como uma fotografia, uma mônada não é o passado em si, mas uma imagem do passado que diz também sobre as particularidades de cada sujeito – neste caso, os góticos protagonistas da pesquisa.

O termo “gótico” inicialmente referia-se aos godos “bárbaros”, atrelando a eles uma ideia de decadência e barbaridade. Associado às manifestações artísticas do baixo medievo (principalmente catedrais), “gótico” não era inicialmente usado para caracterizar estas manifestações. É somente a partir da ascensão burguesa protestante no período renascentista que “gótico” passa a designar este estilo medieval, atrelando a ideia de barbaridade ao passado a fim de legitimar o poder da nova classe burguesa. O passado medieval seria bárbaro, “gótico”,

e o futuro burguês seria a luz em contraposição às trevas do domínio católico. Posteriormente, estilos arquitetônicos como o Neogótico passam a questionar a “barbaridade” medieval conforme os desdobramentos da Revolução Industrial, encarando o passado de maneira melancólica (Leitão, 2020). É a partir da década de 1980 que “gótico” passa a ser utilizado para designar a subcultura. Fruto dos impactos da contracultura, e da desilusão com a comercialização do punk, a subcultura inicialmente forma-se em torno de gêneros musicais como o pós-punk e rock gótico, carregando influências diversas desde o *glam* e *new wave*, até imagens de heróis byronianos e demais influências de correntes literárias como o Romantismo e Decadentismo (Goodlad; Bibby, 2007).

Observo como os elementos melancólicos e existencialistas do Gótico dialogam com as angústias contemporâneas frente ao progresso capitalista (Matos, 2010). Em “Teses sobre o conceito de História” (1987), Walter Benjamin define o progresso como um fenômeno típico moderno, que se consolida e se intensifica conforme o capitalismo se torna o modo de produção dominante, trazendo, com o advento da industrialização, uma percepção de aceleração do tempo. O tempo acelerado é estagnante, se valendo da crença na superioridade do futuro sobre o passado como estratégia de dominação política do proletariado, que se vê desprovido de uma história que dê sentido à sua existência e a localize no tempo e espaço.

O capitalismo mascara a ausência de mudanças sistêmicas com o eterno retorno de tendências de moda e constantes novidades de produtos industrializados para consumo em massa. Pensando a frase do poeta Leopardi “Moda: Dona Morte! Dona Morte!”, é possível considerar a modernidade e o progresso como fenômenos que “matam” o passado, tornando impossível a perspectiva de um futuro para a humanidade contemporânea. Esta ausência de sentido no tempo e espaço traz consigo uma melancolia e um isolamento na individualidade, dado que os espaços públicos passam a ser cada vez mais privatizados, destituindo a sociedade contemporânea de sentimentos de pertencimento a uma coletividade (Benjamin, 2009; Matos, 2010).

O professor Andreas Huyssen (2000) coloca que esta ausência de sentido se manifesta na obsessão contemporânea com o passado. Colecionamos nossos artefatos históricos em museus, compramos artigos “*vintage*” e datamos e guardamos obsessivamente qualquer objeto do passado porque a memória do passado é constantemente destruída. O passado tornou-se algo a ser admirado, colecionado e estudado porque não é vivido. Nossos mortos vagam no tempo presente, sem perspectiva de descanso (Huyssen, 2000). Estes sentimentos de não-pertencimento, pessimismo, melancolia, isolamento e, principalmente, a lembrança constante da morte são elementos que caracterizam as manifestações artísticas da subcultura gótica.

Portanto, proponho uma orientação desta subcultura no tempo e espaço, argumentando que o Gótico é produto desta modernidade, ao mesmo tempo em que reflete sobre e protesta contra a destituição de sua história e sentido no mundo.

A Historiografia isolada na “torre de marfim” acadêmica se demonstrou incapaz de construir coletivamente um sentido no tempo e espaço, e considerando que há poucas obras historiográficas acerca da subcultura gótica no Paraná sob uma perspectiva benjaminiana, trago como alternativa a construção de uma História Pública da subcultura, no diálogo com as memórias dos góticos sobre suas experiências vividas, resistindo ao que Benjamin (1987) identifica como uma pobreza de experiências na modernidade. Subculturas são organizações sociais orgânicas em constante mudança, que podem incentivar a produção e valorização de artes a contrapelo da indústria cultural, propondo novas visões de mundo (Blackman, 2014) que podem ser compreendidas através de autoridade compartilhada (Frisch, 2016). Há uma série de mensagens transmitidas dentro da subcultura que merecem atenção, e que o *mainstream* raramente se dispõe a ouvir, logo, este é um trabalho de escuta (Rovai, 2015) que possibilita uma ponte de diálogos entre o Gótico e a academia.

Os campos da Sociologia, das Letras e da Comunicação já vêm apresentando estudos acerca de subculturas, e mais especificamente, a subcultura gótica. Contudo, esta produção, a partir de uma perspectiva historiográfica benjaminiana, ainda é escassa no campo historiográfico nacional, que frequentemente prioriza a historicidade de movimentos artísticos com características góticas acima da subcultura. No campo de estudos subculturais no Brasil, muitas pesquisas sobre a subcultura frequentemente tratam da cena² de São Paulo-SP, que por se situar na maior capital do país, possui grande relevância na história do Gótico no Brasil até a atualidade. Estas produções são muito valiosas para a academia e para a Historiografia, e compõem parte do referencial teórico desta pesquisa, mas a escassez de produções sobre cenas regionais constitui um campo fértil para pesquisarmos a cena gótica curitibana.

Esta cena curitibana foi escolhida para a pesquisa por conta desta lacuna, mas também por uma característica peculiar: enquanto capital paranaense, Curitiba tem uma vida noturna agitada que contribui para uma cena gótica ativa. Ao mesmo tempo, por ser uma cena menor em contraste com a paulista, há uma rede social coesa que permite maior proximidade entre os membros. Outro fator importante é que os organizadores de eventos góticos de Curitiba-PR muitas vezes carecem de recursos materiais e financeiros para contratar grandes artistas ou

² Utilizo conceito de “cena” conforme Will Straw (1991). “Cena” é uma expressão que abarca as diferenças regionais e temporais entre comunidades associadas a estilos musicais. Esta expressão abrange os nuances apresentados por Straw (1991) dentro de subculturas, sendo um termo utilizado por subculturas alternativas.

manter uma casa noturna gótica fixa, o que não ocorre do mesmo modo em São Paulo com a boate Madame. A cena curitibana produz (por amor à subcultura e necessidade) seus próprios artistas locais, sejam eles DJs, poetas, artistas visuais e plásticos, compositores, produtores musicais, cantores ou bandas, e possuem espaços concedidos por bares e casas noturnas pequenas, voltadas ao *underground*, mas não exclusivamente góticas. Há uma troca cultural entre estes artistas e o público gótico, que é preciosa em um momento histórico de massificação da arte, em que raramente conhecemos os artistas que consumimos. Grandes artistas internacionais ou nacionais frequentemente não fazem parte da mesma esfera social que seus fãs ou consumidores. Portanto, o apego a artistas regionais pode ser considerado uma resistência *underground* à massificação artística *mainstream*, criando e proporcionando um espaço de divulgação artística, uma vez que a indústria cultural não concede este espaço.

Stephen Graham (2016) define “*underground*” como “formas não-comerciais de fazer música que existem em uma espécie de espaço cultural vagamente integrado nas margens e fora do pop *mainstream* e gêneros (musicais) clássicos”³ (Graham, 2016, p.8). “*Mainstream*” abrange produções não apenas amplamente conhecidas, mas que também habitam o seio da indústria cultural, e que frequentemente seguem uma lógica capitalista de expansão do lucro. O autor configura uma metáfora espacial para representar os diálogos entre *mainstream* e *underground*, na qual o *underground* dialoga com diferentes referências culturais mais amplas, e em que cada estilo possuiu um “lar” diferente, conforme suas formas musicais, podendo influenciar e ser influenciado horizontalmente pela música popular ou composição contemporânea, por exemplo, enquanto influencia e dialoga verticalmente com o *mainstream*, seja na forma clássica ou popular (Graham, 2016). Em uma simplificação, o *mainstream* musical é representado por grandes artistas globais (como Taylor Swift ou Beyoncé), dita e é ditado pelas paradas musicais e plataformas de streaming, frequentemente atrelados a grandes gravadoras como *Universal Music Group* (UMG) e *Sony Music Entertainment*. Ao mesmo tempo, esse cenário *mainstream*, em busca da mais nova tendência (“*the next big thing*”) é influenciado pelo *underground* musical, representado por artistas independentes e movimentos artísticos alternativos/subversivos, que por sua vez, também são influenciados pelo *mainstream*⁴.

³ Do original: “*noncommercial forms of music making that exist in a kind of loosely integrated cultural space on the fringes and outside mainstream pop and classical genres*”. Tradução minha.

⁴ Diversos artistas considerados góticos ou pós-punk se tornaram *mainstream* no auge de suas carreiras, como Sisters of Mercy, The Cure, Siouxsie and the Banshees e, mais recentemente, bandas como Molchat Doma. Um dos motivos é que, ao contrário de gêneros “ultra-marginais” (Graham, 2016), gêneros musicais “góticos” frequentemente utilizam da estrutura de canções populares, com verso e refrão. Estes artistas *mainstream* são

Apesar desta relação de mútua influência, o *underground* alternativo carece de recursos para *payolas*⁵, publicidade e marketing em larga escala e demais meios que popularizam artistas para o *mainstream*, principalmente tratando de artistas independentes. É possível adotar um posicionamento político anticapitalista ou anticomercial (não raro no meio *underground*) como fruto e protesto contra a exclusão destes artistas pela indústria. Estes artistas não carecem apenas de espaço nas rádios, TV ou plataformas de streaming, mas também de espaços físicos onde possam compartilhar suas artes. Portanto, espaços voltados ao *underground* (como bares e casas noturnas alternativas) se configuram como espaços que possibilitam o compartilhamento, divulgação e apreciação de obras fora do *mainstream*. Estes locais podem servir como espaços de integração da subcultura e fortalecimento do caráter de valorização de artes regionais e independentes.

A cena Curitibana não possui uma casa noturna gótica fixa, como o Madame paulista. O bar Lado B, por exemplo, é a sede de diversos eventos góticos, mas abarca outros eventos *underground* de gêneros como *punk* e *hardcore*. Logo, muitos encontros góticos ocorrem em espaços públicos, sendo o mais famoso o cemitério (geralmente o Cemitério Municipal São Francisco de Paula). Além dos cemitérios, há parques e ruas boêmias da cidade. Nestes encontros, compartilhamos as artes góticas que produzimos e consumimos, criando laços em torno da subcultura. Vejo aqui uma atitude de ocupação do espaço público: se não há espaço para nós, tomamos e criamos nosso próprio espaço, que é público.

Início esta dissertação com um memorial, prática do grupo de estudos benjaminiano Odisseia, organizado pela orientadora desta pesquisa, prof^a dr^a Cyntia Simioni França. Compreendendo a importância da rememoração na filosofia de Walter Benjamin, os memoriais nos permitem situarmos nossas pesquisas conforme os contextos particulares de cada pesquisador. Em meu memorial, cujo título é uma homenagem à “Memórias de além-túmulo” (1849-1850) de François-René de Chateaubriand, trato de minha relação com o Gótico e a História Pública a partir de minhas experiências como mulher autista, narrando como aprendi a valorizar formas não tradicionais de conhecimento, como as experiências e os laços sociais, dos quais a História depende tanto quanto de livros e documentos oficiais. Também discorro sobre como o Gótico me trouxe uma “cura” para minha melancolia e alienação de viver em uma sociedade capitalista que exclui indivíduos neurodivergentes, e como passei a ver a

apenas uma parte do vasto cenário musical gótico, e a utilização da estrutura pop nas músicas não implica diretamente na incorporação de artistas independentes e *underground* ao *mainstream*.

⁵ Prática de pagar rádios para manipular paradas musicais.

subcultura como uma organização social criativa capaz de ressignificar traumas individuais e coletivos.

O primeiro capítulo apresenta a pesquisa e suas bases teórico-metodológicas, assim como os resultados da primeira oficina, que apresenta os protagonistas e suas jornadas de identificação com a subcultura. Exploro as múltiplas definições de “gótico” ao longo da história, pensando sua origem em movimentos artísticos como a arquitetura gótica e neogótica e o Romantismo, e analiso o processo de consolidação do Gótico e como ele se distingue e se aproxima destes movimentos artísticos, partindo da origem da subcultura na Inglaterra até sua manifestação nos centros urbanos do Brasil, como São Paulo e Curitiba.

No segundo capítulo, visio compreender os códigos, ritos e práticas da subcultura, e os nuances que caracterizam as vivências góticas, e que contribuem para a formação de laços subculturais. Apresento os resultados da segunda e terceira oficina, que tratam das temáticas da morte e da boemia no Gótico, respectivamente, analisando o surgimento da cena gótica curitibana e sua manutenção à contrapelo do *mainstream*. Contextualizo a importância destes espaços subculturais como práticas de resistência às tendências neoliberais de cerceamento e privatização do espaço público urbano na modernidade, pensando a criação e manutenção de sentimentos de coletividade no Gótico como alternativa ao isolamento propagado pelo capitalismo.

No terceiro capítulo introduzo a quarta e quinta oficina. Na quarta oficina, abordo a moda e indumentária no Gótico, os diferentes significados que a vestimenta gótica possui nas vidas dos protagonistas e seu papel nos processos de identificação subcultural na era das *aesthetics*, analisando o *DIY* e a vestimenta alternativa no contexto de esvaziamento e apropriação de subculturas pelo *mainstream*. Na quinta oficina procuro responder a questão “o Gótico é político?”, compartilhando os posicionamentos dos protagonistas e suas percepções de questões políticas no Gótico. Historicizo sentimentos de pessimismo político e social presentes em manifestações artísticas góticas, sob uma ótica crítica ao Neoliberalismo, visando compreender os impactos da ascensão da extrema direita no cenário subcultural, e refletindo com os protagonistas sobre a possibilidade do Gótico enquanto agente político às margens da indústria cultural.

As considerações finais sintetizam os resultados das oficinas e das contribuições dos protagonistas e de suas memórias para a história da cena gótica curitibana. Me posiciono no debate sobre a existência de subculturas na era digital neoliberal, argumentando que a subcultura gótica está (morta)-viva. Finalizo compartilhando minha experiência e dos

protagonistas na realização da pesquisa, e como nossos diálogos impactaram nossas perspectivas como góticos e agentes históricos.

CAPÍTULO I

“LAPSO DE TEMPO”: O GÓTICO E A HISTÓRIA

*Olho da janela
Noites viram dias
Dias de chuva, dias de sol*

*Olho da janela
O tempo está passando*

*Medo e aventura
O rastro desta espécie
De esquecimento, ritos e glórias*

*Olho da janela
O tempo está passando
- Lapso de Tempo (Cabine C, 1986)*

Era uma típica noite fria e chuvosa na cidade de Curitiba, Paraná, no ano de 2022. Buscava um amigo para me acompanhar na mostra de um documentário sobre Bela Lugosi no bar Lado B, muito frequentado pelos góticos da cidade. Divulguei a chamada para o evento em meus *stories* do Instagram, no que prontamente minha prima, residente da cidade, me enviou uma mensagem: “Você também é gótica?”. Respondi feliz que sim, e confirmei minha suspeita de que ela também pertencia à subcultura. Brinquei que éramos a “Família Addams”, e rapidamente marcamos de nos encontrar no evento aquela noite. Este era apenas um dos muitos eventos que vinham surgindo em Curitiba, que atualmente presencia uma grande agitação gótica.

Terminada a exibição do documentário, subimos para a fachada do Cemitério Municipal, conversamos por horas, bebendo vinho e fumando cigarros sob os olhares de julgamento do segurança do Cemitério. De repente, um silêncio... Minha prima se virou para mim e perguntou, com um ar de indignação: “Você que tá há mais tempo na subcultura, o que você acha dessa ideia de que gótico não é depressivo? Todo gótico que eu conheço é depressivo”. Traguei meu cigarro e respondi: “É que o Gótico é depressivo. Veja as letras, os livros, poemas... O mundo é deprimente, o capitalismo é deprimente, a gente só não faz questão de esconder isso”.

Na verdade, tentei conter meu espanto, pois ela havia lido minha mente. Ela falou algo sobre qual eu vinha refletindo há muito tempo: “E se o Gótico for depressivo? Qual o problema em admitir estar deprimido em um mundo deprimente?”. Esta é uma discussão familiar, porém complexa em círculos góticos. Nos vemos a todo momento tentando desmistificar nossa subcultura, acabando com estereótipos nocivos de que o Gótico é uma fonte de transtornos

reconhecimento da alienação em relação ao presente, ela limita a tomada de ação oportuna no presente.

(...) paixão triste, a melancolia é repetição neurótica ou histérica do passado e suspensão da possibilidade da memória porque a consciência encontra-se no lugar da recordação para inibi-la. Benjamin relaciona a memória com o fetichismo da mercadoria, uma vez que ‘toda reificação é um esquecimento’, e a fantasmagoria surge daquilo que só parcialmente é lembrado e que se apresenta como espectro. Apoiando-se em Freud, Benjamin procura indicar que a consciência visa a proteger contra choques ou traumas. (Matos, 2010, p. 2768-2771)

Para Benjamin (1987), estas concepções sobre a melancolia são historicamente ligadas ao simbolismo de saturno na astrologia, particularmente nos contextos em que a medicina e a astrologia estavam interligadas. Na Idade Média, saturno foi transformado na figura do ceifador, representando não apenas o trabalho agrícola, mas também a morte implacável. No período renascentista, uma “teoria do gênio” é desenvolvida em torno deste símbolo, na qual se faz necessário distinguir a melancolia heroica, transcendental, com a melancolia “vulgar e destrutiva” (Benjamin, 1987, p. 173). Neste sentido, proponho que as características “saturninas” do Gótico refletem suas contradições como subcultura, que existe em um movimento dialético de melancolia e protesto na estrutura capitalista.

O fetichismo da mercadoria, advindo do processo de expansão do capital e consolidação do capitalismo, depende da alienação do trabalho, intensificada com o advento da industrialização. Mais do que apenas uma transformação nas técnicas e tecnologias, a modernidade e a Revolução Industrial marcam períodos de atomização de grupos sociais e comunidades que antes possuíam um senso de coletividade na vida pública, fenômeno visível a partir da mudança das estruturas urbanas, como foi o caso de Paris no século XIX. Ainda que muito distante da Paris da Belle Époque, Curitiba possui uma configuração urbana industrializada típica da modernidade burguesa, com seus prédios nos quais pequenos núcleos familiares se isolam, espaços públicos cada vez mais privatizados, marginalização e segregação através das periferias, e espaços boêmios à contramão do ritmo de produtividade do capital.

O Gótico é melancólico porque é uma resposta artística e política a um mundo sombrio e alienante, um mundo capitalista na modernidade. Se nós, góticos, não aceitarmos nossas origens na melancolia, minaremos a proposta e as possibilidades da nossa subcultura: que é possível transformar a miséria da experiência e a tristeza em arte e sensibilidade poética, que é possível ver beleza nas sombras, no profano, no grotesco, na morte. Porque é isso que nos resta, cada dia mais, sob um sistema político-econômico que está disposto a acabar com o próprio planeta. E uma vez que este sistema nos negou a luz, a vida, as flores idílicas, utopias de

esperança, fazemos o que humanos costumeiramente fizeram ao longo da história: criamos laços em torno das experiências, das dores, das mágoas, e transformamos estes laços em algo maior, que faça a vida valer a pena, que transforme a dor em revolta e a contemplação em ação. O Gótico também pode fazer a luta política valer a pena. Uma brecha de luz nas sombras, rumo à qual podemos convergir nossas angústias, nossos passados múltiplos, em prol da construção de um futuro revolucionário. Mas para isto ocorrer, precisamos de sensibilidade e da humildade da escuta do outro. Para compreender o Gótico, é preciso ouvir góticos e adentrar nosso universo estético a fim de compreendê-lo.

1.1. Barbaridade e decadência: historicizando a estética gótica

O gótico e o passado estão intimamente ligados. A subcultura demonstra beber das fontes da história de maneira explícita, às vezes até satírica. Conforme Lauren M. E Goodlad e Michael Bibby (2007), uma das características do Gótico é sua construção sobre elementos filosóficos, literários e estéticos pré-subculturais “dentro de um processo contínuo de construção genealógica cumulativa.”⁷ (Goodlad; Bibby, 2007, p. 3). Esta construção sobre elementos do passado, dialogando com a “vampirização da história” descrita por Fernando Monteiro de Barros (2020), em que o passado é utilizado como recurso estético, confere ao Gótico uma longevidade peculiar.

A tendência gótica de abraçar a literatura e a arte góticas tornou a subcultura mais dialeticamente engajada com o passado do que é típico da maioria das culturas da juventude, proporcionando mais uma fonte de vitalidade excepcional. O antigo e o arcaico são centrais para uma sensibilidade gótica, assim como a própria morte é tipicamente percebida como uma fonte de inspiração em vez de um ponto final.⁸ (Goodlad; Bibby, 2007, p. 4).

Uma das características do Gótico em contraste com outras subculturas (como o Grunge e o Punk, por exemplo), é sua reflexão ativa sobre o passado. O passado, enquanto lembrança da morte, faz parte do imaginário e das caricaturas góticas. Conforme Catharine Spooner (2007)

O gótico, tal como definido hoje, seja como literatura ou subcultura, sempre foi um renascimento implícito de algo mais, seja a decadência do final do século XIX, o Romantismo do final do século XVIII, a arquitetura medieval ou os pagãos incivilizados. O gótico, como significante, é principalmente um símbolo do passado, e

⁷ Do original: “within a continuing process of cumulative genealogical construction”. Tradução minha.

⁸ Do original: “the goth tendency to embrace gothic literature and art has made the subculture more dialectically engaged with the past than is typical of most youth cultures, providing yet another source of exceptional vitality. The antique and archaic are central to a gothic sensibility, just as death itself is typically perceived as a source of inspiration rather than a terminus”. Tradução minha.

do passado que está em processo de retorno.⁹ (Spooner, *in*: Goodlad; Bibby, 2007, p. 147)

Neste trecho, Spooner (2007) aponta algumas das principais inspirações góticas do passado: o decadentismo do fim do Século XIX, o romantismo do fim do século XVIII, a arquitetura medieval e até um “paganismo não-civilizado”, um retorno constante a um passado perdido, quase mítico. Este eterno retorno do passado não é algo natural, mas resultado de angústias do presente sobre determinado contexto histórico do presente. No gótico, os temores do passado retornam como emblemas de morte e destruição, refletindo as crises sistêmicas do presente. Para Barros (2020), o gótico enquanto movimento artístico anterior à subcultura reflete sobre a perda de um passado idealizado. Mas, afinal, o que é “arte gótica”?

Falar em arte gótica ou estilo gótico é algo repleto de nebulosidade, uma vez que o termo foi cunhado com direcionamento específico à arquitetura onde mais se observou seus atributos, muito embora não tenha se atido somente a ela, mas também à pintura e às artes plásticas. Inclusive, é igualmente obscuro determinar a origem dessa manifestação e delimitar o nível de inserção que tenha alcançado na cultura europeia, visto que se manteve por quatro séculos em alguns lugares ao passo que em outras regiões não passou de 150 anos de duração. (Leitão, 2020, p.40)

As artes góticas podem ser traçadas até à arquitetura gótica medieval e o caráter decadente a ela atribuída conforme a ascensão burguesa do período renascentista, em que este imponente estilo arquitetônico medieval, representante do poder da Igreja e do período feudal, passa a ser associado à uma “Idade das Trevas”, como discurso de legitimação do poder da nova classe e sistema político e econômico que se consolida a partir do Renascimento. Pensando na caracterização da arquitetura gótica como um “um estilo de estímulo à espiritualidade e acesso ao sublime” (Leitão, 2020), a decadência atribuída pelos humanistas à arquitetura gótica condiz com a secularização da cultura ocidental europeia a partir do Renascimento e, posteriormente, com os avanços das ciências durante a Idade Moderna (Matos, 2010).

No artigo “Gótico: o medo e o pessimismo como propulsores da criação literária”, o pesquisador Oscar Nestarez (2024) situa a obra “O Castelo de Otranto”, de Horace Walpole (1764) como a primeira ficção gótica, no contexto iluminista do século XVIII. Inicialmente a obra foi popularizada como um relato medieval, cuja autoria foi assumida por Walpole no ano seguinte de sua publicação, desta vez publicada com o subtítulo de “uma história gótica”. Este

⁹ Do original: “Gothic as defined today, whether as literature or subculture, has always been an implicit revival of something else, whether late nineteenth-century decadence, late eighteenth-century Romanticism, medieval architecture, or uncivilized pagans. Gothic as signifier is primarily a symbol of pastness, and pastness that is in the process of returning”. Tradução minha.

falso relato medieval buscava fundir o romance antigo com o moderno (Walpole, 2019, *apud*. Nestarez, 2024), pautando-se na teatralidade e na artificialidade das narrativas. Estas narrativas podem provocar questionamentos sobre o paradigma da Razão iluminista:

A partir do século XVII, à medida que o Iluminismo se estabelece como corrente racionalista e filosófica na Europa Ocidental, as práticas e as instituições do continente passam por uma profunda reformulação. A razão torna-se o principal instrumento de reflexão, relegando ao segundo plano as verdades absolutas que alicerçavam as crenças do homem medieval. Pressionada também pela Revolução Industrial, a cultura humana orienta-se na direção dos princípios de racionalidade, de controle e de planejamento. (Nestarez, 2024, p. 67)

O gótico provoca-nos sentimentos primais ao trabalhar emoções como o medo e o horror, sobrepondo-se à racionalidade e despertando características animalescas que contrastam com nossos ideais modernos de civilização e racionalidade. Em diálogo com o crítico italiano Mario Praz, o autor trata de como a “beleza do horrendo” passa do plano dos conceitos no século XVII para o plano das sensações (Praz, 1954, p. XIV), e passa de uma fonte de prazer para uma associação à “própria beleza” a partir do Romantismo e do Decadentismo (Nestarez, 2024, p. 70). Estes processos históricos em torno da literatura gótica demonstram um rompimento da modernidade com perspectivas medievais, que são caracterizadas como retrógradas ou até mesmo fonte de horror.

Em sua obra “O Drama Barroco Alemão”, Walter Benjamin analisa esta mudança da perspectiva medieval para a perspectiva moderna através dos dramas barrocos protestantes (*Trauerspiel*), os contextualizando em um novo capítulo da história ocidental, no qual a religião, a magia e a transcendência ocupam um plano secundário, onde o Divino é incompreensível ou até inacessível, simultaneamente por consequência e apesar do desenvolvimento científico e tecnológico. Na síntese de Olgária Matos (2010): “Diferenciando-se da tragédia grega, o *Trauerspiel* é a apresentação filosófica e histórica do presente que se tornou profano.” (Matos, 2010, p. 472).

Um dos fatores para esta mudança é o crescimento do Protestantismo que, enquanto religião burguesa, fundamenta teologicamente o acúmulo de capital como símbolo da proximidade com Deus, alterando o paradigma católico até então dominante da salvação mediante as boas ações na terra, principalmente a partir da predestinação calvinista e do triunfo do racionalismo. Matos (2010) afirma que a Reforma protestante, assim como a tragédia barroca, destrói o *ethos* histórico ao organizar o pessimismo. Deste modo,

A época barroca, em que o homem é uma criatura fraca, pecadora e mortal, seculariza conceitos teológicos no Absolutismo político. A escatologia cede o lugar à catástrofe, uma vez que o homem se encontra, neste mundo privado do além, sem nenhuma saída do labirinto da história¹⁰. (Matos, 2010, p. 481-483)

Este contraste entre a concepção de mundo católica medieval e a visão moderna protestante, que parte do drama barroco e se estende até o gótico do fim do século XVIII, também explica por que a ficção gótica e seus elementos desenvolvem-se em maiores proporções nos países anglo-germânicos do norte europeu, em comparação com países latinos da Europa e das Américas, ainda que muitas obras góticas anglo-germânicas se situem nos países europeus meridionais. Conforme Barros (2020):

Por que o Gótico vicejou nos países protestantes já no século XVIII e só chegou muito tempo depois aos países católicos? Talvez a resposta para tal questionamento tenha a ver com o fato de que, em pleno século XVIII iluminista, o mundo ibérico – bem como a Península Itálica – estava dominado pelo catolicismo e pela Inquisição, que só foi abolida em Espanha e Portugal no século XIX, e portanto era, na época de Walpole, ainda dotado de uma visão que pretendia dar conta da explicação do mundo por um viés transcendental que, mesmo de forma impositiva (como também o havia sido no contexto medieval), proferia um discurso que atribuía algum sentido ao universo. (Barros, 2020, p. 5)

Neste sentido, é possível também compreender o gótico – tanto a estética quanto a subcultura – na América Latina e, mais especificamente, no Brasil, como resultado artístico e cultural dos processos históricos de colonização de nossos territórios, pois ainda que colonizados por potências ibéricas, sofremos a influência da hegemonia europeia de modo geral. Assim como países como a Inglaterra intervíram em nossa política, o protestantismo e as artes do norte europeu também causaram impacto na construção da arte brasileira, assombrada desde o século XIX por uma tentativa de construção de identidade nacional em um país dizimado e fragmentado pelo colonialismo. Daniel Serravalle de Sá (2010) demonstra, por exemplo, como a obra *O Guarani*, de José de Alencar, tipicamente considerada indianista, carrega influências góticas sob uma ótica brasileira, adaptando elementos radcliffianos ao espaço e história nacional. Conforme o pesquisador Júlio França (2016) em seu artigo “O Gótico e a Presença Fantasmagórica do Passado”, o gótico possui elementos que o caracterizam e que podem ser aplicáveis a diversos contextos históricos e geográficos. Entre estes elementos

(...) três se destacam por sua recorrência e importância para a estrutura narrativa e a visão de mundo góticas. São eles: o locus horribilis, a personagem monstruosa e a

¹⁰ O “labirinto da história” aqui mencionado por Matos (2010), condiz com os enredos labirínticos presentes no gótico (De Sá, 2010).

presença fantasmagórica do passado. Obviamente, tais elementos não são, por si só, exclusivos do Gótico. No entanto, podem ser descritos como os aspectos fundamentais da narrativa gótica quando aparecem em conjunto e sob o regime de um modo narrativo que emprega técnicas de suspense em enredos que objetivam a representação dos horrores e das ansiedades de uma época por meio da produção de efeitos estéticos relacionados ao medo, ao sublime terrível ou ao grotesco. (França, 2016, p. 2493)

Narrativas góticas, ainda que típicas da Europa protestante dos séculos XVIII-XIX, não se restringem a estes espaços ou períodos, sendo definidas pelas características citadas acima, e que podem ser abarcadas pela subcultura gótica brasileira em suas diversas manifestações artísticas. Estes elementos góticos também refletem contextos históricos e políticos de crises sistêmicas, sendo a forma intrínseca ao conteúdo. Aqui adoto uma postura crítica de discursos que possam situar o Gótico (subcultura) nacional como mera reprodução descontextualizada da arte europeia. Nós, brasileiros, sofremos diariamente a interferência do norte global, e o alinhamento de góticos à subcultura condiz com nosso contexto histórico, político, econômico e cultural. Sim, é um sintoma da colonização, mas também pode ser uma resposta a ela. Se Benjamin (2009) rompe com o *continuum* da história através das alegorias, e conforme Barros (2020), o gótico se ancora na alegoria como esvaziamento do signo na modernidade, estas alegorias podem ser criadas e apropriadas pela subcultura brasileira, rompendo barreiras geográficas (Goodlad; Bibby, 2007).

Ainda no âmbito da relação do Gótico com o divino (ou a ausência dele), o Gótico nacional pode expressar a contradição de viver em um país inserido nos paradigmas contemporâneos da industrialização e do triunfo da ciência, no qual, como diria Nietzsche, “Deus está morto e nós o matamos”, mas simultaneamente profundamente cristão e religioso, em que símbolos recorrentes como cruzes e catedrais carregam múltiplos significados contextualizados de modo distinto à nossa história.

O diálogo do gótico com a história se dá a partir de alegorias. Diferentemente do signo, a alegoria, para Benjamin, expressa uma ideia geral, possibilitando novas significações. Em “A Origem do Drama Barroco Alemão” (1984), Benjamin discorre:

(...) a medida temporal da experiência simbólica é o instante místico, na qual o símbolo recebe o sentido em seu interior oculto e por assim dizer, verdejante. Por outro lado, a alegoria não está livre de uma dialética correspondente, e a calma contemplativa, com que ela mergulha no abismo que separa Ser visual e a Significação, nada tem de auto-suficiência desinteressada que caracteriza intenção significativa, e com a qual ela tem afinidades aparentes (BENJAMIN, 1984, p. 187-188)

Seja na reflexão sobre um mundo secular a partir de catedrais e cruzes, ou na reflexão sobre a morte com cemitérios, caixões e espectros, a importância máxima da forma e

estética culmina em uma teatralidade explícita, autoconsciente. A alegoria é sintoma do esvaziamento do signo na modernidade (Barros, 2020). De acordo com o autor:

Assim como no drama barroco, no qual os objetos e o cenário funcionam como alegorização da História, o espaço gótico também traz essa marca do simulacro. Estética do falsificado, conforme a visão de Hogle, o Gótico literário depende como nenhum outro gênero do cenário e dos objetos que o compõem (Barros, 2020, p. 6)

O que une o gótico a formas artísticas anteriores ao século XVIII (como o drama barroco e as catedrais medievais) são alegorias que atualmente agrupam na subcultura obras desde “Hamlet” até “Entrevista com o Vampiro”, por exemplo. Separados por mais de três séculos, são amalgamados sob seus signos estéticos, reinterpretados e reapropriados de diferentes modos. Esta é a lógica por trás da apropriação do romantismo pela subcultura, uma vertente artística marcada pelo individualismo, mas repleta de contradições, que manifesta o *Thanatos* freudiano nas alegorias, refletindo sobre o mal-estar na modernidade (Sena; Mafra; Zacarias, 2021). O *Eros* freudiano é a pulsão de criação e manutenção da vida,

Já o Tanathos seria um desejo de retornar ao estágio inicial, que seria um estágio sem vida e reduzido a minerais, como os encontrados na natureza que são os elementos que constituem o corpo humano em seu nível mais básico, então o Tanathos seria um instinto “destruidor” (Freud, 1920). (Sena; Mafra; Zacarias, 2021, p. 3)

Seguindo esta análise, o Romantismo, repleto de contradições, manifesta este *Thanatos* através dos aspectos mórbidos do Ultrarromantismo, condizendo com a perspectiva moderna de aceleração do tempo conforme o ritmo do capital, sob o fetiche do novo na Revolução Industrial (Benjamin, 2009). Considerando as permanências deste período até a atualidade, este *Thanatos* está ligado a subcultura gótica por via de sua apropriação do Ultrarromantismo.

No culto idealizante da distância, o romântico não deixa de criar para si mesmo a imagem -também distante – de um Eu ideal, permanentemente desmentido nos limites da vida cotidiana, mas por isso mesmo considerado mais autêntico, mais verdadeiro... Se vê como um ser duplo e conflitante : sua pessoa histórica, material, vivendo como qualquer outra as circunstâncias pequenas da vida, recusa essa limitação e projeta num espelho ideal o que seria o seu rosto verdadeiro, ainda que problemático: o rosto das paixões absolutas ... Sua arte ganha com isso a qualidade de uma movimentação intensa e sofrida, tornando-se a expressão mesma desse movimento, o testemunho vivo dessa frustração No plano das idealizações, é a afirmação da Morte mesma, identificada como o último Absoluto (Villaça, 1994, p. 11-12 *apud*. Sena; Mafra; Zacarias, 2021)

É a partir da década de 1990 que a subcultura forma esta imagem romântica, aristocrática e vampírica em torno do Gótico. Se no Romantismo do final do século XVIII, a imagem de decadência era aristocrática e medieval, no Gótico contemporâneo esta decadência

aparece em imagens sombrias do período romântico e vitoriano, considerando que arte gótica se calca no reconhecimento e lamentação pela morte do passado e suas estruturas sociais, que conferem ao passado uma ilusão de estabilidade e previsibilidade diante de fervores sociais e mudanças históricas profundas, sob uma ótica nostálgica. Se esta nostalgia é explícita a partir do Romantismo, suas alegorias e sentidos de esvaziamento da vida moderna iniciam-se ainda na Idade Moderna com o drama barroco.

Conforme o avanço da modernidade, a associação do Gótico à barbaridade e decadência, ao ultrapassado medievo, converte-se em beleza na decadência, uma vez que o passado, em uma temporalidade linear acelerada, não faz parte do presente e é até mesmo um artigo de luxo digno de coleções (Benjamin, 2009) ou exposições em museus (Huyssen, 2000). Mas o elemento decadente, seja sob uma perspectiva negativa ou positiva (romantizada), é sempre presente. Esta decadência é a história linear do Progresso (Benjamin, 2009), que o eu lírico gótico, por exemplo, observa em suas contemplações melancólicas, criando alegorias. Nas palavras de Benjamin: “O homem meditativo (*Grübler*) cujo olhar, assustado, recai sobre o fragmento em sua mão, torna-se alegorista.” (Benjamin, 2009, p.357).

1.2. Bela Lugosi está morto: da arte à subcultura

Como abordado por Goodlad e Bibby (2007), algo que torna a subcultura gótica peculiar é como ela bebe das fontes do passado, utilizando da história como recurso estético, assim como no movimento gótico anterior ao século XX (Barros, 2020). Mas como períodos históricos tão distintos, como o imaginário do medievo decadente, o Romantismo do século XVIII e o Ultrarromantismo, são apropriados pela subcultura gótica? Para responder esta questão, é necessário compreender o conceito de “subcultura”.

O conceito de “subcultura” parte do campo da sociologia e, mais especificamente, da criminologia, durante o início do século XX. Um período de intensa urbanização e de consolidação do projeto social burguês, a primeira metade deste século verá um crescimento na criminalidade e na formação de grupos sociais (ganges) em torno da criminalidade. Em seu artigo “*Subculture Theory: An Historical and Contemporary Assessment of the Concept for Understanding Deviance*”, o pesquisador Shane Blackman (2014) demonstra os primórdios do conceito de subcultura já na obra de Emile Durkheim, posteriormente desenvolvido pela Escola de Sociologia de Chicago (Chicago School of Sociology) ao final da década de 1920.

Este conceito inicialmente buscava compreender subculturas em relação à criminalidade, em um momento também de avanço das teorias eugenistas no mundo ocidental. Vivien Palmer, em sua obra “*Field Studies in Sociology: A Student’s Manual*” (1928), elabora

a proposição de Alfred Koeber (1925) de que a Califórnia poderia ser dividida em diversas “áreas subculturais”. Palmer coloca subculturas como variações de uma cultura geral, com modos de vida, costumes e hábitos distintos de uma cultura dominante (Blackman, 2014, p.497).

Enquanto a Escola de Chicago usava a normalidade como base teórica para o conceito de “subcultura”, pensadores britânicos usavam a anormalidade como base para suas análises, buscando a solução de problemas de ordem social como a criminalidade, frequentemente ancorados na eugenia. Mas é após a Segunda Guerra Mundial em que veremos o conceito de “subcultura” mais próximo do conceito atual, pautado nas culturas da juventude da classe trabalhadora, desembocando, na década de 1960, em análises voltadas à contracultura, principalmente através do Centro para Estudos Culturais Contemporâneos (Centre for Contemporary Cultural Studies - CCCS) ao final de 1960 até meados de 1970 (Blackman, 2014). As teorias subculturais do CCCS, ainda que criticadas ao final do século XX, propõem o distanciamento da noção de subcultura como um problema a ser solucionado, compreendendo subculturas da juventude como conjuntos de práticas contra-hegemônicas. Contudo, a partir de desenvolvimentos nas áreas de estudos de gênero e estudos étnico-raciais, a CCCS iria ser criticada por suas abordagens centradas no recorte de classe, e por vezes excludentes de grupos minoritários como asiáticos e mulheres. Este movimento é descrito por Andy Bennett como “virada pós-subcultural” (Bennett, 2011, p. 493), cujo cânone é baseado nos teóricos Max Weber, Jean Baudrillard e Michel Maffesoli.

Um argumento presente na obra de Blackman (2014) é de que, com a virada pós-subcultural, teria havido um esvaziamento das subculturas na Academia ao reduzi-las à nichos de consumo na era do neoliberalismo, apesar de suas contribuições ao focar o papel da individualidade, hibridização e fluidez através de conceitos diversos como “neo-tribos”.

A teoria pós-subcultural enfatiza o sentido individual na prática subcultural, em termos de identidade individualista, prazer e performance individual, definidos como oferecendo fluidez, localidade e hibridez. Ao mesmo tempo, a teoria pós-subcultural evitou o engajamento crítico com questões de classe, feminismo e etnia devido ao seu posicionamento pós-modernista e à sua crença no “hiperreal”. A ênfase pós-subcultural na escolha do consumidor para aderir a subculturas reduziu a identidade subcultural a um nexos monetário neoliberal, onde a liberdade de escolha foi confundida com autenticidade e a base DIY da agência e da dissidência subculturais foi perdida.¹¹ (Blackman, 2014, p. 508)

¹¹ Do original: “Post-subcultural theory put an emphasis on individual meaning in subcultural practice, in terms of individualistic identity, pleasure and individual performance defined as offering fluidity, locality, and hybridity. At the same time post-subcultural theory has avoided critical engagement with issues of class, feminism and ethnicity due to its postmodernist positioning and belief in the ‘hyperreal.’” *The post-subcultural emphasis on consumer choice to buy into subcultures reduced subcultural identity to a neo-liberal cash nexus where freedom*

A partir desta crítica de Blackman, utilizo seu conceito de “subcultura” ancorado na história da CCCS, e não “neo-tribo”, considerando as problemáticas de esvaziamento neste último termo. Subculturas são “formações sociais coletivas dentro de momentos sociais, políticos e históricos mais amplos, respondendo às suas experiências materiais e entendidas como representando um desafio criativo à ordem burguesa por meio de formas de resistência”¹² (Blackman, 2014, p. 508). Esta definição condiz com a identificação de góticos, que em sua maioria adotam a expressão “subcultura” para caracterizar o Gótico, dialogando com os preceitos da autoridade compartilhada (Frisch, 2016).

1.2.1 - “Rua do Fascínio”: a Inglaterra e o Batcave

Mitos de origem perpassam a história humana. Frequentemente associados a identidades étnicas, culturais e nacionais, estes mitos servem de funções narrativas e políticas para a orientação de determinado grupo no tempo e espaço, e subculturas, como uma configuração social, também estão sujeitas a criação de seus próprios mitos de origem. Ao longo destes treze anos pertencendo ao Gótico, vi o Batcave sendo considerado a “Meca” dos góticos, construindo um imaginário de um momento “puro” da história do “Gótico raiz”, em que os deuses do panteão gótico (Peter Murphy, Siouxsie Sioux, Robert Smith etc.) congregavam e espalhavam, no submundo de Londres, a “palavra” do Gótico. Ainda que este mito carregue um ar satírico baseado nos aspectos profanos do Gótico (Leitão, 2010), é preciso desconstruir esta narrativa que simplifica aspectos orgânicos de criação, propagação e manutenção de subculturas, considerando as complexidades na construção do Gótico como uma subcultura de múltiplas inspirações e referências a diversos períodos históricos.

No cânone do Gótico, o lançamento de *Bela Lugosi's Dead*, da banda Bauhaus, em 1979, marca o início da subcultura, simbolizando uma ruptura com o gênero musical punk. Este recorte provém do jornalismo musical do período, que centralizava Bauhaus em um movimento então crescente de bandas e músicas com abordagens poéticas “góticas” em suas artes. Mas Bauhaus se inspirava em estilos artísticos diversos, como *dub* e *reggae*, que não são popularmente associados a um estilo “gótico”. Ainda assim, Peter Murphy encarnava uma imagem de herói byroniano, com referências visuais a filmes de terror e ao expressionismo

to choose was confused with authenticity and the DIY basis of subcultural agency and dissent was lost”. Tradução minha.

¹² Do original: “collective social formations within wider social, political and historical moments, responding to their material experiences and understood as representing a creative challenge to bourgeois order through forms of resistance”. Tradução minha.

alemão. Simultaneamente, as bandas Siouxsie and the Banshees e Joy Division já estavam sendo descritas como “góticas”¹³. Curiosamente, estas figuras consideradas “padroeiras” e “fundadoras” do Gótico (como Siouxsie Sioux e Peter Murphy) rejeitam a definição de “rock gótico”, e até negam sua participação na primeira onda do rock gótico e na subcultura (Carpenter, 2012).

É neste contexto nebuloso do “proto-gótico”, em que o Gótico vaga em uma espécie de limbo subcultural, marcado pela commodificação da subcultura Punk, que vemos o surgimento da boate Batcave em Londres, Inglaterra. Inaugurada em 1982, a boate trouxe performances das bandas The Cure, Bauhaus, Siouxsie and The Banshees, Sisters of Mercy e claro, das bandas de seus co-fundadores, Specimen. Inicialmente voltada aos gêneros *Glam* e *New Wave*, e dialogando com outros movimentos artísticos como o *New Romantic*, a boate passou a cultivar um nicho no gênero musical do “rock gótico” (*gothic rock*). Consequentemente, a canonização do Batcave como a “Meca” gótica é posterior. Como um bom mito de origem, o Batcave como epicentro do “Gótico raiz” é uma narrativa histórica construída posteriormente, a fim de definir o que se tornou, ao longo da década de 1980, a subcultura gótica. Não é até a década de 1990 quando o Gótico se consolida como uma subcultura “oficial” (Goodlad; Bibby, 2007).

A partir da década de 1990, o Gótico toma a forma romântica e vampiresca que conhecemos atualmente. Dialogando com a popularização do Gótico, Hollywood lança filmes famosos como “Drácula de Bram Stoker” (1992) e “Entrevista com o Vampiro” (1994), e séries como o desenho adolescente “Daria” (1997) retratam adolescentes pertencentes à subcultura. Ainda que o “Gótico raiz” (*trad goth*) dos anos 1980 se aproxime em certos momentos do punk e do fetichismo, seus elementos líricos românticos irão contribuir para uma sensibilidade romântica na década de 1990, período de popularização de novos gêneros musicais góticos mais melódicos e eletrônicos, como o *Darkwave*. É importante lembrar que, apesar da distinção entre o Gótico dos anos oitenta e noventa, os elementos de “resgate” do passado, a linguagem rebuscada e a abordagem romântica melancólica já era presente na “era de ouro” do Batcave. Estes elementos serão, por sua vez, reforçados e consolidados como características subculturais na última década do século XX, acompanhando uma nova onda de bandas como Faith and the Muse que, ao contrário dos “padroeiros do Gótico” da primeira geração do *Gothic rock* e do Batcave, reconhecem sua participação na subcultura e engajam ativamente com ela. Este legado

¹³ Aqui cabe a distinção entre o termo “*Goth*” e “*Gothic*”, este último usado para definir Siouxsie and the Banshees e Joy Division neste período. Na língua inglesa, costuma-se utilizar “*gothic*” para referir-se à arte ou estética gótica, enquanto “*goth*” categoriza a subcultura.

de bandas abertamente góticas, que mantêm um diálogo ativo com os públicos góticos, é visível até a atualidade (Goodlad; Bibby, 2007).

Noto como a música é central para a constituição da subcultura. Os elementos de performance social identificados na cena gótica paulista por Wilma Regina Alves da Silva (2006) se baseiam no diálogo que a música gótica estabelece com formas artísticas, como cinema e literatura, na nova onda romântica do Gótico. Em sua pesquisa inicial com RPGs de vampiros, observou como comportamentos como o engajamento com obras eruditas do passado contribui para a formação de um universo estético que engloba comportamentos no cotidiano, principalmente em encontros góticos (Silva, 2006). Este movimento de romantização pode ser contextualizado em relação ao triunfo do Neoliberalismo com a queda da União Soviética. Considerando o “resgate” do passado no Romantismo, e como esta vertente artística se consolidou em momentos de ruptura sistêmica e de não-reconhecimento com o presente, a romantização da subcultura neste período pode indicar os sentimentos de não pertencimento à história, com ausência de passado e futuro, apontados por Huyssen (2000) na virada do milênio.

1.2.2. “Colônia Americana”: *darks* em São Paulo-SP

O título deste subitem faz referência à música “Colonia Americana” da banda mexicana Leonora Post-Punk, que trata da melancolia advinda da colonização, e que impacta as dinâmicas subculturais latino-americanas, em contraste com países de primeiro mundo. Ainda que uma subcultura de origem inglesa, a extensão do Gótico transcende barreiras geográficas (Goodlad; Bibby, 2007), algo facilitado na era digital pelas redes sociais e a ampliação em massa do acesso à internet (Kipper, 2023). Enquanto os primórdios da subcultura na Inglaterra datam do final da década de 1970 e início da década de 1980, o Gótico começa a se formar no Brasil nos anos 1980 e 1990 com um termo distinto: “*dark*”. Este termo se difunde nos meios de comunicação, dentre diversas categorias musicais da época como “*Pós punk*”, “*positive punk*”, “*punk gótico*” e “*new romantic*” (Delgado, 2018, p. 17). Uma expressão que atualmente remete à “velha guarda” da subcultura, foi eventualmente substituída pela expressão “gótico”, principalmente nos anos 2000 (Leitão, 2020).

Na Inglaterra, a “Meca” gótica era o Batcave. No Brasil, era o Madame Satã, atualmente apenas Madame. “Templo do *Underground*” (Moraes, 2006), a casa noturna foi batizada em homenagem ao transformista boêmio João Francisco dos Santos, cuja fantasia da personagem Madame Satã rendeu-lhe seu apelido e fama na boemia carioca. Atualmente tombada como

patrimônio histórico, a casa noturna surgiu em 1983, e foi o lar do *underground* sombrio paulista até 2009, quando fechou, reabrindo então em 2012 como “Madame”, sob nova direção.

A amplitude cultural dos que ocupavam a casa era ainda mais diversa, reunindo pessoas de destaque do cenário artístico e intelectual brasileiro, bem como jornalistas, estudantes, socialites e uma diversidade de expressões culturais urbanas marcadas pela juventude da época: carecas, punks e as categorias afluentes que se derivaram da onda punk rock na década em questão (Delgado, 2018, p. 142)

Conforme apontado no estudo de Daniel Delgado (2018), o Madame perdeu sua fama de lar do *underground* gótico com o passar dos anos. Mesmo assim, ainda é um destino turístico popular entre góticos fora de São Paulo, e abarca diferentes estilos musicais de rock e eletrônica, e demais subculturas como *headbangers*¹⁴. Outra casa noturna “mistificada” é a Treibhaus, considerada a “casa fundadora do Gótico” (Delgado, 2018).

Localizada na região dos Jardins, na Alameda Jaú, com período de atividade entre 1989 e 1991, é encarada como ‘o primeiro reduto assumidamente gótico de São Paulo’, espaço em que os *darks* passam a se denominarem como góticos. ‘Fora uma vez’ na Treibhaus que nasceu a cena gótica paulistana e seu ‘espírito *underground*’, como se estivéssemos presenciando o nascimento de um mito. (Delgado, 2018, p. 155)

A “sociedade secreta” da Treibhaus selecionava cuidadosamente seus frequentadores com base no visual, marcando as carteirinhas vips com caveiras. É neste momento histórico em que a Treibhaus, em contato com a mídia inglesa e a revista *Melody Maker*, passa a compreender o “*dark*” como algo integrante do que os ingleses estavam chamando de “gótico”, popularizando e espalhando esta terminologia e coesão subcultural pelas cenas alternativas de São Paulo (Delgado, 2018, p. 156). Nesta mesma pesquisa, Delgado (2018) narra o Treibhaus e as festas paulistas da Via *Underground* como um “resgate” do “espírito do *underground*”, algo que, em minha experiência do contato direto com outras subculturas alternativas (*Punk* e *Headbanger*, por exemplo), é evocado não apenas pelo Gótico. Mas talvez haja uma maior

¹⁴ As obras “Happy House in a Black Planet” de H. A. Kipper (2023) e “Gerações, Elitismo e Identidades Esvaziadas: uma etnografia das lutas identitárias entre os góticos em São Paulo” de Douglas Delgado (2018) apontam como a subcultura do Metal, ao qual pertencem *headbangers*, aproxima-se em certos momentos do Gótico, principalmente no visual, mas também na convivência em espaços e eventos alternativos. Contudo, em minha experiência na cena, vejo uma rixa do Gótico com o Metal, em diversos momentos partindo dos góticos, por alguns motivos: a confusão do *mainstream* entre Gótico e Metal; a predominância de eventos de Metal sobre eventos Góticos em espaços alternativos; os posicionamentos políticos ambíguos do Metal que não raro abarcam membros conservadores sob a subcultura (os ditos “tiosões do Metal”); e, acima disto, a fetichização de mulheres góticas partindo de *headbangers*. Esta última questão cria um clima de desconfiança entre góticos contra *headbangers*, e corrói a potencialidade de criação e manutenção de laços de apoio *underground* entre duas subculturas que, à primeira vista, se aproximam, e que podem ter uma relação colaborativa. A narrativa de Patricia Gnipper na quarta oficina trata das problemáticas da fetichização ao tratar do estilo e indumentária gótica.

necessidade do Gótico se posicionar ativamente em prol dos valores *underground*, dado as contradições inerentes à sua sensibilidade aristocrática e romântica, como se a subcultura devesse, além de fomentar o *underground*, “provar-se” *underground*. Questiono se, nesta mitologia fundadora, a Treibhaus pode ser vista como a antítese do Madame. Se o Madame representa uma “comodificação” do gótico, já distante das raízes *underground*, a jazida Treibhaus é a lembrança nostálgica de uma velha guarda mítica, a busca e criação de um espaço “genuinamente gótico” e *underground*.

1.3. Vampiros de Curitiba: a cena gótica em Curitiba-PR

Enquanto país na condição de “colônia” capitalista, o Brasil historicamente sofreu o isolamento do interior em relação às capitais, e a dificuldade de acesso pela falta de sistemas ferroviários voltados ao trânsito de pessoas, por exemplo, contribui para que muitos góticos do país fiquem restritos às suas cenas locais. Além disto, as demais capitais do país possuem um tamanho populacional muito inferior ao de São Paulo. É o caso de Curitiba.

Me recorde de quando era adolescente e, em minhas viagens para Curitiba, buscava desesperadamente por eventos góticos, sem êxito. Não foi até 2022, quando fiquei em Curitiba durante três meses, que participei de meu primeiro encontro gótico, o *Dark Date*. Chegando lá, deparei-me com um pequeno grupo de morcegos¹⁵ trajados de preto, alguns mais casuais, outros com vestes chamativas, como as de Vinnie Corvo, inspiradas no Rococó. Ao fundo, tocava uma playlist de pós-punk, enquanto alguns comiam salgadinhos, e outros bebiam vinho barato. Me enturmado com o grupo, perguntei quem era da cena há alguns anos, e se era a primeira vez que a cena curitibana via encontros góticos oficiais. Diversas pessoas afirmaram que era a primeira vez em anos que Curitiba via um encontro gótico “oficial”, e que antes havia festas de industrial e música gótica em média apenas duas vezes ao ano, na Blood. Os organizadores do *Dark Date* relataram que queriam agitar a cena, algo que vi acontecer com a proliferação de eventos góticos na cidade desde então.

A Blood pode ser considerada o Madame curitibano em alguns aspectos. Seu espaço remetente a uma masmorra medieval, com uma gárgula no jardim, passa uma imagem gótica, mas seus eventos frequentemente reúnem *headbangers* e pessoas de fora de subculturas alternativas, atraindo um público amplo com *covers* de bandas *mainstream* como Rammstein, Evanescence, AC/DC, etc. Como demais casas noturnas e bares voltados aos públicos alternativos, a Blood existe em um sistema capitalista que demanda lucro, e depende da

¹⁵ “Morcego”, neste contexto, é uma expressão da subcultura que significa um indivíduo gótico.

ampliação de seu público e maior contato com o *mainstream* para se manter ativa. Mas, sem ter um passado “lendário” como o Madame, e considerando seus preços mais altos e sistema de carteirinha de consumo, o local pode parecer (assim como o Madame) distante dos valores *underground* em certos momentos. O bar 92º Graus, batizado em homenagem à música “*Ninety Two Degrees*” do Siousxie and the Banshees, preenche esta lacuna, ainda que não seja uma casa noturna exclusivamente gótica, voltando-se a diversos estilos alternativos. O gótico Tormento aponta, em sua fanzine Mortalha (2022), que o 92º Graus, inaugurado em 1991, foi idealizado e fundado pelo integrante da considerada “primeira banda gótica de Curitiba”.

A casa durante 1 ano e meio abrigou várias formas de arte desde esculturas à oficinas de trabalho. O primeiro show no bar foi com as bandas Missionários e a Morfeu e até internacionais como a banda TSOL. Em 2010 depois de passar por vários lugares da cidade acabou sofrendo uma crise financeira e o lugar quase fechou. É muito mais difícil manter uma casa para bandas autorais do que somente djs ou bandas covers onde as músicas já são conhecidas. A importância do 92º em Curitiba é enorme pois praticamente todas as bandas autorais passaram por ela e ao lado do famoso Lino's são os dois principais bares da história do underground da região. Atualmente é a casa queridinha dos góticos onde são feitas muitas festas com Djs e Bandas. (Tormento, 2022, p.5)

Além do 92º Graus, o bar Lado B é outro bar dedicado ao *underground* Curitibano, abarcando eventos góticos incluindo amostras de filmes, como o documentário sobre Bela Lugosi mencionado no início deste capítulo. Como os eventos organizados pelos protagonistas da pesquisa costumam ser sediados no bar Lado B, optei, em conjunto com os protagonistas, pela realização da terceira oficina neste espaço.

Observo na cena gótica Curitibana uma busca pela construção de um *underground* gótico ativo e não-comodificado. Considero esta uma busca por espaço em um mundo capitalista de privatização do espaço público e da comodificação das artes, dialogando com a noção de subculturas enquanto desafiadoras da ordem burguesa, conforme Blackman (2014), em diálogo com a concepção de privatização do espaço público proposta por Sennett (1988). Portanto, busquei acolher as memórias dos protagonistas góticos a partir deste contexto, através das oficinas realizadas.

1.3.1 “As Tribos da Noite”: códigos, ritos e práticas da subcultura

O título deste subtópico é inspirado na música “As Tribos da Noite”, da banda brasileira de Pós-punk Kafka. Busquei enfatizar o Gótico como uma forma de protesto, retratando os protagonistas da pesquisa como indivíduos que têm muito a contribuir com suas memórias e

narrativas, e que podem nos inspirar, através de suas experiências na subcultura, com formas alternativas de ver o mundo.

O primeiro contato com os protagonistas da pesquisa se deu pelo grupo de *Whatsapp* “Gótico Curitiba”, que permite a divulgação de eventos na cidade e interações entre góticos da região. Este primeiro contato se deu de maneira informal, comunicando ao grupo que sou pesquisadora do Mestrado em História Pública pela UNESPAR de Campo Mourão, e que gostaria de realizar uma pesquisa acolhendo suas memórias. Prontamente os integrantes do grupo se manifestaram favoráveis à pesquisa, e alguns integrantes que optaram por não participar diretamente das oficinas se ofereceram para compartilhar fotos dos encontros e demais materiais que pudessem auxiliar na pesquisa. A seguir, introduzo os protagonistas:

Matheus Moledo tem 28 anos, é historiador e um dos membros da atual geração da cena gótica curitibana, tendo “saído do caixão” ao final de 2022. Com um gosto pelas vertentes góticas inspiradas no *Punk* (como o *Deathrock*), é o criador do novo zine Mausoléu, que completou um ano de publicações em abril de 2025, o que lhe rendeu o apelido carinhoso de “Mausoléu” entre alguns integrantes da cena.

Thyago Willem tem 22 anos e, assim como Matheus, faz parte da geração atual da cena curitibana, tendo tido seu primeiro contato com a subcultura através da música, ao final de 2022. É poeta e, graças ao incentivo de amigos da cena, passou a dedicar-se ainda mais à sua escrita, inspirada na poesia gótica. Thyago também ajuda na organização da *Nigravis Goth Night*, encabeçada por Vinnie Corvo.

O “vampiro de Curitiba” Vinnie Corvo tem 27 anos, e já se tornou um nome conhecido na cena curitibana graças a seu estilo vampírico e romântico, e sua organização do evento *Nigravis*, desde 2023, promovendo desde encontros no passeio público do Cemitério Municipal, até as festas *Nigravis Goth Night*. Além de organizador, Vinnie também é DJ, marcando presença nos eventos góticos da cidade com sua discotecagem.

Jack Jack, de 33 anos, é outro nome muito conhecido na cena curitibana, e fez parte da geração da segunda metade dos anos 2000. DJ residente da balada alternativa Pulp e gerente do bar Janaíno Vegan, é organizador de eventos e promove eventos importantes na cidade como o *Gothic Carnival*, trazendo shows de grandes nomes do Gótico para Curitiba, como Plastique Noir e Ego Eris, além de atrações internacionais.

Por fim, Patricia Gnipper, de 42 anos, é um dos nomes da primeira geração da cena gótica organizada de Curitiba, no começo dos anos 2000, e foi uma das organizadoras da Noite Eterna, a primeira festa gótica oficial da cidade. Jornalista, fotógrafa e DJ, retornou à cidade

músicos etc.) para fomentar os eventos góticos e manter a cena local ativa. Observo como a expansão deste nicho em Curitiba promove uma atitude revolucionária de fomento às artes que vão à contrapelo da indústria cultural capitalista, atrelando um fortalecimento de relações sociais em meio ao esfacelamento destas sob a modernidade, o que se dá também na ocupação do espaço público em encontros góticos.

Nestes encontros góticos, ocupamos espaços como cemitérios (principalmente o Cemitério Municipal de Curitiba), praças, parques e ruas boêmias da cidade (como a Rua Trajano Reis e o Largo da Ordem), onde nos reunimos para ouvir música gótica, falar sobre as artes da subcultura e socializar. Encaro este ato da cena curitibana como uma forma de retomada do espaço público crescentemente privatizado na era do neoliberalismo, em diálogo com Sennett (1988). Ocupar este espaço público é um ato revolucionário de inserção de formas artísticas alternativas, o que também inclui a expressão por meio da moda e indumentária, que frequentemente nos destaca nos espaços de realização destes encontros. A fim de incentivar este aspecto revolucionário, busquei realizar as oficinas em espaços públicos da cidade ocupados por góticos, onde realizamos práticas de rememoração a partir de alegorias em obras de arte abarcadas pela subcultura.

Como abordado na introdução desta dissertação, Walter Benjamin (1987) concebe a rememoração como uma forma de agirmos a contrapelo ao declínio da experiência, como possibilidade de reinventar narrativas na contemporaneidade e como ato político diante da modernidade e o avanço dos modos de produção capitalista. Benjamin (1987) percebe esses sintomas, a partir da Primeira Guerra Mundial, em que o choque dos horrores da guerra impede a comunicação das experiências, incapazes de serem narradas por seu caráter atroz e, na perspectiva de Freud, traumatizantes (França, 2015). Conforme a professora e historiadora Cyntia Simioni França (2015):

Essa pobreza de experiência leva a uma nova barbárie. Mas o que de fato implica essa pobreza de experiência? O sujeito fica preso às artimanhas da modernidade, como um invólucro que não permite olhar para os lados. Nessa condição, tem dificuldades de aspirar novas experiências, busca libertar-se delas, almeja um mundo em que possa apenas exibir sua pobreza externa e interna. Esse sujeito é permeado por uma fugacidade cotidiana, marcado pela perda da memória, da identidade, da sensibilidade, da tradição, entre outros, provocando o aparecimento de um novo conceito de experiência, ao contrário do (*Erfahrung*), chamado de vivência (*Erlebnis*), que remete à vida particular do indivíduo, em sua inefável preciosidade, mas também em seu isolamento. (França, 2015, p. 80-81)

A rememoração nos permite reinventarmos outros modos de viver na modernidade que produzam sentidos mais coletivos, visto que o avanço da modernidade tem destruído o

pertencimento à coletividade e à própria história. Em suas “Passagens”, Benjamin (2009), argumenta que o progresso, no sentido iluminista e positivista, não existe. Aquilo que obtemos do passado são de fato imagens, lampejos:

Não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança sua luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a dialética na imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal e contínua, a relação do ocorrido com o agora é dialética — não é uma progressão, e sim uma imagem, que salta. — Somente as imagens dialéticas são imagens autênticas (isto é: não-arcaicas), e o lugar onde as encontramos é a linguagem. (Benjamin, 2009, N 2a, 3 p. 504).

Através do método monadológico, visei captar estes “lampejos” que, na própria estrutura da narrativa destas rememorações, priorizam a dialética em detrimento da linearidade do progresso. Se o compartilhamento da memória e das experiências se dá através da narrativa, o narrador, ao recordar-se de suas memórias, também provoca um despertar das memórias de quem depara-se com sua narrativa, por isso priorizei pela realização destas oficinas como rodas de conversa, de modo a unir as individualidades ao sentimento de pertencimento à coletividade, que tende a se perder na estrutura isoladora do espaço urbano industrializado capitalista.

Em seu texto “A Imagem de Proust”, Benjamin (1987) analisa as obras de Michel Proust e como elas utilizam da rememoração, em que cada detalhe “prolixo” ou “desnecessário” na verdade compõe a complexidade das experiências vividas:

A quintessência da experiência não é aprender a ouvir explicações prolixas que à primeira vista poderiam ser resumidas em poucas palavras, e sim aprender que essas palavras fazem parte de um jargão regulamentado por critérios de casta e de classe e não são acessíveis a estranhos. (Benjamin, 1987, p. 42)

Logo, busquei, através destas oficinas, acolher e aprender com estas experiências os detalhes ocultos, “não acessíveis a estranhos” que permeiam as experiências dos protagonistas góticos na cena curitibana, abarcando as particularidades de suas trajetórias sem perder de vista o aspecto coletivo que os une à cena local.

1.4. “Espectros”: situando os sujeitos góticos no tempo e espaço

Visando a construção coletiva e compartilhamento de conhecimentos históricos no campo da História Pública, as seguintes oficinas buscaram fomentar sentimentos de pertencimento e coletividade na subcultura gótica a partir da cena de Curitiba – PR. Estas oficinas se valeram de diversas manifestações artísticas, a fim de integrá-las à comunidade a

partir de um senso de orientação histórica no tempo e espaço. Inicialmente, busquei criar um espaço acolhedor para as memórias dos participantes através de rodas de conversa nos espaços públicos da cidade. Contudo, devido à contratempos dos protagonistas, que vivem no ritmo acelerado do capital, não foi possível realizar as oficinas quatro e cinco de modo presencial e coletivo como planejado. Portanto, foi necessário recorrer a ferramentas como *Google Meet* para os diálogos individuais com os participantes na última etapa das oficinas. Ainda assim, em todas as oficinas o acolhimento de suas memórias se deu pela escuta atenta e pela compreensão dos significados múltiplos atribuídos por góticos às manifestações artísticas que englobam a subcultura.

Talvez o leitor gótico já tenha se deparado com variações da expressão “o Gótico é uma subcultura musical” ou “Gótico é sobre música”¹⁶. Como gótica, não discordo. Todavia, vejo o Gótico como uma subcultura que opera uma espécie de esfera artística, cujo centro é a música, relacionando-se com demais expressões artísticas como as artes visuais, literatura, cinema, artes plásticas, moda etc. Em uma alegoria benjaminiana, diria que a música é o sol, e estas demais artes são os planetas que em torno dele giram, garantindo o funcionamento e equilíbrio de nosso “sistema planetário”. Na Astrologia ocidental, o sol representa vitalidade, vigor, ação, expressão criativa, podendo (na vertente moderna) englobar o ego e personalidade de um indivíduo, mas também a autoridade, que é frequentemente invocada nos debates góticos sobre a importância da música na subcultura. Vejo a música como uma linha de divisão, que distingue quem pertence e não pertence à subcultura (ou, na alegoria, ao nosso sistema solar).

Compreendo que a música confere a nossa subcultura um desejo de organização coletiva através de nossas festas e encontros, e orienta um cerne para o Gótico que auxilia nossa própria definição do que consiste na subcultura. Nesta alegoria, o cerne solar está sempre acompanhado da influência de saturno, o planeta melancólico do zodíaco, responsável pela forma como lidamos com a passagem do tempo (Matos, 2010). De um lado, o sol ardente, chamativo; de outro, saturno obscuro, recluso, associado à figura do eremita, o velho sábio responsável pela disciplina e prudência das ações no tempo. Em desequilíbrio, saturno simboliza um senso de fatalidade, derrota e reclusão excessiva – melancolia. Equilibrado, saturno simboliza a sabedoria e disciplina para lidar com o tempo. Este embate dialético entre melancolia

¹⁶ H.A. Kipper (2023) trata de como a subcultura se baseia em diversas manifestações artísticas para além da música, divergindo em certos momentos do posicionamento de Tormento (2022), que adota a postura de centralidade da música na subcultura. Alinho-me à Tormento (2022) em determinado momento, seguindo o mote da autoridade compartilhada (Frisch, 2016), em consonância com as observações de Goodlad e Bibby (2007) sobre a organização subcultural em torno da música, ainda considerando que, conforme Kipper (2023), a subcultura se expande através de diversas fontes artísticas e estéticas.

contemplativa e potencial criativo (ou revolucionário) caracterizam o posicionamento da subcultura gótica no mundo contemporâneo ocidental, marcado pela massificação da cultura e das artes pela indústria cultural, à qual o Gótico se situa às margens, principalmente tratando da música gótica *underground* e sua relação com a modernidade.

Charles Baudelaire definiu a modernidade como “o transitório, o efêmero, o contingente. É a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável” (Baudelaire, *apud*. Benjamin, 2009, p. 859). A efemeridade segue o ritmo do capital, ainda mais acelerado na era pós-fordista, conforme David Harvey (1996), e na revolução digital, intensificada com a popularização de smartphones, redes sociais e a inteligência artificial (IA).

A música gótica é sombria. Nosso sol, eclipsado, está submerso nas trevas. Desde a melodia até as letras, a expressão criativa é permeada pela introversão na psique dos eu líricos, e pelo desconforto em relação à efemeridade do tempo. Este sol eclipsado do universo Gótico, cuja estética é definida pelo jogo de luz e sombras (Leitão, 2020), transita entre o reconhecimento da efemeridade e a “outra metade” do “eterno e o imutável” (Baudelaire, *apud*. Benjamin, 2009), perdido entre o futuro, a mudança constante e a romantização do passado morto. É este jogo dialético que me fascina enquanto pesquisadora gótica: o potencial para ação política emancipatória é freado e, ao mesmo tempo, motivado pela introspecção e melancolia em relação ao nosso tempo moderno, em uma relação dialética de contradições inerentes ao nosso contexto histórico capitalista e individualista.

A coletividade gótica é formada por indivíduos e a subcultura gótica se orgulha da sua valorização e respeito pela individualidade (Goodlad; Bibby, 2007). Valoriza a individualidade como protesto à massificação cultural, ao mesmo tempo em que reflete o que Richard Sennett (1988) caracteriza como o declínio do homem e espaço público, advindo da privatização dos espaços públicos sob o capitalismo. Buscando compreender estas individualidades, as rodas de conversas foram realizadas majoritariamente de modo coletivo em espaços públicos, e a primeira roda consistiu na apresentação dos participantes da pesquisa, a fim de integrá-los e estreitar seus laços na cena local.

1.4.1. Primeira Oficina: In Memoriam

A primeira oficina teve o objetivo de apresentar como se constitui uma identidade gótica em diálogo com as memórias dos participantes. A roda foi introduzida com uma breve apresentação desta pesquisa e dos conceitos de experiência e memória inspirado em Walter Benjamin (1987), que compreende a História como ciência e, simultaneamente, exercício de

rememoração, dialogando com o inconsciente, ao qual a memória pertence. Esta tensão dialética implica um aspecto teológico na concepção benjaminiana de memória, pois, na forma revolucionária do tempo messiânico, o Kairós (Löwy, 2005), desloca o passado do *continuum* temporal à serviço do presente. Logo,

(...) a história não é apenas uma ciência, mas igualmente uma forma de rememoração. O que a ciência ‘estabeleceu’, pode ser modificado pela rememoração. Esta pode transformar o inacabado (a felicidade) em algo acabado, e o acabado (o sofrimento) em algo inacabado. Isto é teologia; na rememoração, porém, fazemos uma experiência que nos proíbe de conceber a história como fundamentalmente ateológica, embora tampouco nos seja permitido tentar escrevê-la com conceitos imediatamente teológicos. (Benjamin, 2009, p. 513)

Na obra de Benjamin, experiência e memória são interligadas por meio da narração, que depende da articulação entre o vivido e o lembrado, permitindo outras versões e relatos históricos que transcendem as narrativas oficiais. Conforme Filipe Volz (2019, p.159):

A memória está ligada à experiência, que por sua vez é aquilo que é transmitido pela narração. A narração preserva a memória do passado, a história em seus detalhes ocultos pela ‘historiografia oficial’, e é o modo de expressão comunal das experiências. Narrando, conseguimos atingir aquilo que se perdeu na modernidade

Estas definições foram necessárias para a realização de uma pesquisa baseada na autoridade compartilhada (Frisch, 2016), compreendendo que a história é vivida, interpretada e rememorada não apenas por historiadores, e parte do desafio da História Pública é o diálogo horizontal com os públicos com os quais trabalhamos, visando uma integração dos conhecimentos destes públicos com conceitos e conhecimentos acadêmicos. Creio que o conceito de autoridade compartilhada, ainda que debatido em nosso campo, é fundamental tratando-se de subculturas, pois são formas de organização social orgânicas e frequentemente *underground*, estando às margens dos cânones historiográficos. E se subculturas como o Gótico questionam concepções hierárquicas de uma autoridade vertical (Goodlad; Bibby, 2007), e fomentam-se nas vivências do cotidiano a partir da autoidentificação, é necessário dialogar com os membros responsáveis pela propagação, manutenção e transformação da subcultura. Tomo este posicionamento como pesquisadora, mas também como gótica: mesmo que nem todos pertençam ao meu círculo social da cena, vejo os sujeitos da pesquisa como colaboradores, colegas, morcegos da mesma caverna, do mesmo enxame, habitantes distintos de uma escuridão em comum, nos “ecolocalizando” entre memórias e experiências na subcultura.

A definição de “memória” e “experiência” perpassa pela subjetividade e pelos sentidos, sendo estes sentidos como uma ponte que une o aspecto onírico da memória à experiência

concreta, conforme as reflexões de Benjamin (1987) sobre a obra do autor francês Marcel Proust que, em suas obras autobiográficas, utilizava-se da rememoração baseada nos sentidos, como o olfato. O olfato é citado por Volz (2019) como um sentido representativo da memória, pois é menos associado à consciência do que sentidos como a vista e a audição – ela traz “detalhes ocultos” pela historiografia tradicional ou oficial, dotada de uma subjetividade de difícil “verificação”, em comparação com aquilo que é possível ver, ouvir e, portanto, verificar. Pensando esta dimensão oculta e subterrânea, busco aguçar também as reações emocionais e subjetivas dos sujeitos da pesquisa em relação à subcultura por meio de suas manifestações artísticas e criativas. Afinal, a arte opera na esfera da subjetividade e é através desta subjetividade que nos conectamos com ela, simultaneamente expressando particularidades (Ferreira; Ferreira, 2017). Para Benjamin, ao mesmo tempo que a reprodutibilidade técnica da arte destruiu sua “aura” mágica, isto a confere um potencial emancipatório. Nas palavras do autor:

(...) a reprodutibilidade técnica da obra de arte emancipa-a pela primeira vez na história mundial de sua existência parasitária em relação ao ritual. A obra de arte reproduzida torna-se, progressivamente, a reprodução de uma obra de arte destinada à reprodutibilidade. Por exemplo, é possível uma multiplicidade de revelações a partir de uma chapa fotográfica; a pergunta pela revelação autêntica não faz sentido. No momento, porém, em que o critério da autenticidade fracassa na produção artística, a totalidade da função social da arte é transformada. No lugar de sua fundação sobre o ritual, esta deve fundar-se em outra práxis, a saber: a política. (Benjamin, 2015, p. 58)

Para Benjamin, ao mesmo tempo que as transformações tecnológicas sob o capitalismo esvaziam a arte de sua função mágico-ritualística, elas também proporcionam a construção de novos sentidos e uma nova função sociopolítica, contexto sob o qual abarqueei as manifestações artísticas e criativas dos sujeitos desta pesquisa. E da mesma forma que o Gótico acolhe individualidades em torno de uma subcultura comum, visei o acolhimento das memórias e experiências, através de suas obras e compartilhamentos, como caminho para constituição de uma experiência formativa coletiva entre os participantes.

Os “detalhes ocultos” (Volz, 2019) da memória, para Benjamin, transitam entre o inconsciente e consciente, e se manifestam na forma de mônadas, fragmentos. “A mônada é o lugar em que o singular e o universal coincidem. Desse modo, também configura um ponto de encontro entre unidade e multiplicidade” (Fernandes, 2021, p. 22). Quando rememoramos algo, raramente lembramos todo o contexto em torno daquela memória: o antes e o depois. É como se fosse uma fotografia, um mundo em miniatura congelado no tempo e espaço. Este é um fragmento de memória. Nas palavras de Benjamin:

Ao pensamento pertencem tanto o movimento quanto a imobilização dos pensamentos. Onde ele se imobiliza numa constelação saturada de tensões, aparece a imagem dialética. Ela é a cesura no movimento. Naturalmente, seu lugar não é arbitrário. Em uma palavra, ela deve ser procurada onde a tensão entre os opostos dialéticos é a maior possível. Assim, o objeto é construído na apresentação materialista da história é ele mesmo uma imagem dialética. Ela é idêntica ao objeto histórico e justifica seu arrancamento do continuum da história (Benjamin, 2009, p. 505).

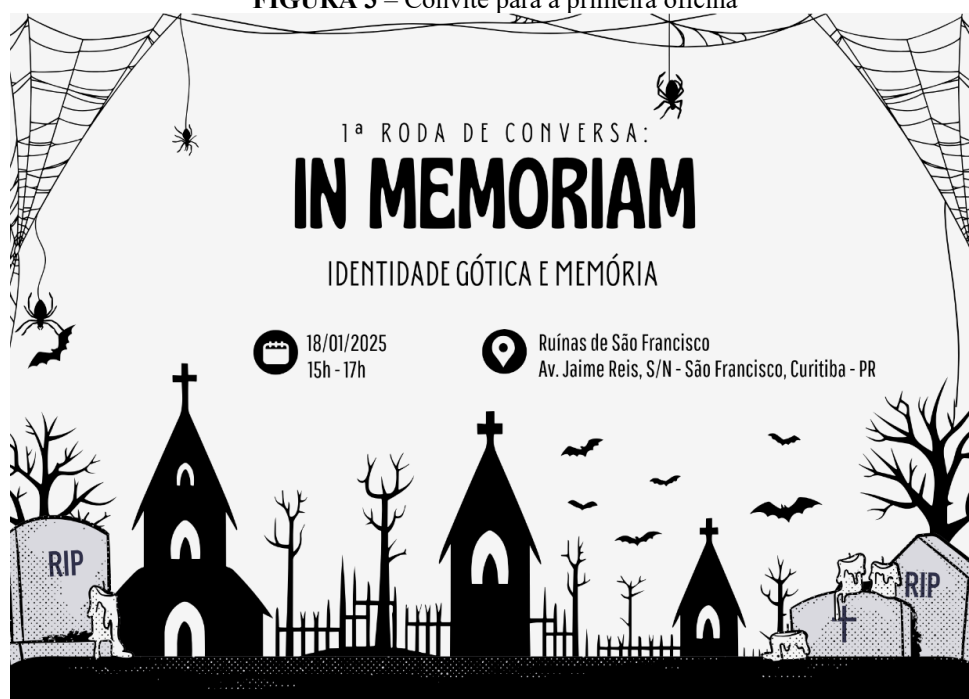
Ainda que os fragmentos estejam congelados em nossa memória, eles são frutos do nosso contexto histórico, que não é universal e transcendente, não emana de um *zeitgeist* (“espírito do tempo”) sobre nós. Indivíduos diferentes em espaços diferentes vivem e compreendem o tempo e a história de modos distintos. Mesmo assim, enquanto seres coletivos, necessitamos de consensos acerca de nossa orientação no tempo e espaço. Deste modo, no espaço urbano e industrializado de Curitiba, há uma concepção temporal moderna aliada à atomização dos grupos, famílias e indivíduos, típico da modernidade burguesa (Benjamin, 2009).

O tempo moderno é marcado pelo avanço do pensamento científico e pela Revolução Industrial, sendo compreendido de modo linear, o que não necessariamente engloba nuances de experiência e vivência do tempo. Temos uma concepção universal de temporalidade que, ao contrário de medições do tempo baseadas na luz do sol, fases da lua e nas estações, se pauta no funcionamento das fábricas – o tempo mecânico. Olgária Matos (2010) aponta como, na modernidade, o conhecimento que não se limita ao pensamento cartesiano é descartado (Matos, 2010), e isto inclui a subjetividade da arte e das experiências vividas, sejam elas individuais ou coletivas.

Pensando nisto, três questões nortearam esta primeira oficina: Como eu me encontrei no Gótico? Por que eu me considero gótico? O Gótico influencia minha maneira de ver o mundo e a forma como eu me vejo nele? Aqui busquei estimular o cruzamento entre as jornadas pessoais dos protagonistas da pesquisa, a autoidentificação com o grupo, e suas caracterizações e definições deste grupo à que pertencem, visando a construção destas narrativas no limiar entre o pessoal e o coletivo, o subjetivo e o objetivo (Gagnebin, 2014).

Para organizar os encontros e agilizar a comunicação, criei um grupo de *Whatsapp* com os participantes, realizando enquetes acerca da disponibilidade em determinadas datas para os encontros e divulgando o cronograma das oficinas. Após definidos a data e horário, elaborei o convite na **FIGURA 3**, através da plataforma *Canva*, divulgando o convite no grupo:

FIGURA 3 – Convite para a primeira oficina



(Fonte: Imagem produzida pela autora com modelo gratuito da plataforma *Canva*, 2025.)

Inicialmente, havia planejado o encontro nas Ruínas de São Francisco de Assis, no centro da cidade. Conheci o local através da viagem que fiz com minha turma de mestrado no final de 2023, na qual realizamos o passeio guiado “Linha Preta”, um projeto elaborado por estudantes de Jornalismo da UniBrasil Centro Universitário em parceria com o Centro Cultural Humaita (Centro de Estudo e Pesquisa da Arte e Cultura Afro-brasileira), a fim de divulgar a história negra de Curitiba e como esta se relaciona com importantes pontos turísticos da cidade.

As ruínas se localizam em um parque acima de uma galeria, próximo ao Largo da Ordem, em frente ao Palácio Belvedere, um patrimônio histórico inspirado no estilo *Art Nouveau*. Optei por este espaço por estar cercado de construções históricas, proporcionando uma sensação de viagem no tempo, e as ruínas serviriam como alegoria e espaço de reflexão sobre memória, passado e as ruínas do progresso, conforme o anjo da História de Benjamin (1987).

Contudo, estava chovendo no dia do encontro, e foi necessário encontrar um espaço fechado. O protagonista Jack, gerente do bar Janaína Vegan (FIGURA 4), localizado na Rua São Francisco, gentilmente ofereceu o espaço para realizarmos a roda de conversa antes do horário de abertura do bar, para que pudéssemos dialogar sem competir com o barulho característico de um espaço boêmio.

FIGURA 4 – Fachada do bar Janaíno Vegan

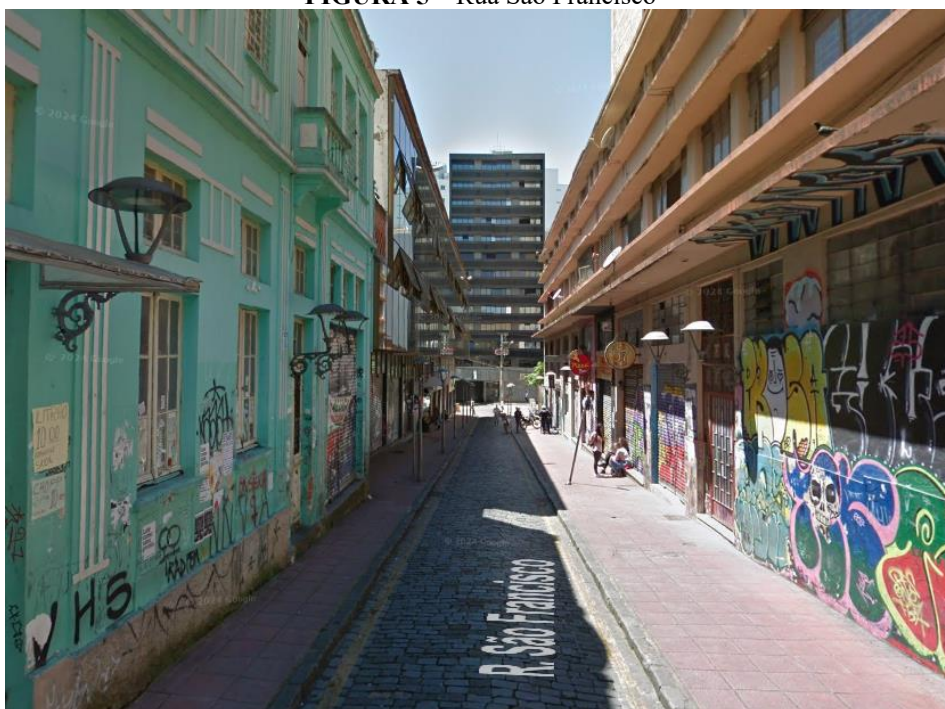


(Fonte: Google Maps, 2025)

Cheguei no local trajada com um longo vestido preto e um crucifixo e logo identifiquei os participantes: Jack, com seu cabelo bagunçado, lembrando o vocalista Robert Smith da banda The Cure, Thyago e Vinnie vestidos como vampiros, com coletes e camisas sociais em tons de preto e vermelho, Matheus, com um colete adornado por patches, bottons e pinturas referenciando suas bandas góticas favoritas e Patrícia, vestindo meias arrastão e pulseiras de tachas e *spikes*. Pouco depois de chegarmos ao local, a chuva parou, o sol raiou e a rua do bar foi tomada por blocos de pré-carnaval, que cantavam e dançavam pelo centro da cidade. Dado que não tínhamos outro local para o encontro, realizamos a roda ali mesmo, rindo da ironia do destino.

Iniciando a oficina, apresentei para a roda a pesquisa, explicando o motivo para a escolha inicial das ruínas como local de realização da oficina, e tentei contornar a mudança repentina fazendo uma alegoria com as construções históricas da rua do bar (FIGURA 5), que também proporcionam uma sensação de viagem no tempo: a rua estreita e ladrilhada, com velhos postes que remetem ao período das iluminações à gás e pequenos prédios antigos pichados e coloridos, em frente a construções modernas com vidro – uma mistura entre passado e presente na decadência, assim como o gótico. Após esta reflexão sobre o ambiente, compartilhei com a roda o método monadológico de Benjamin, contextualizando o autor em relação à pesquisa e minha motivação como pesquisadora para a realização desta.

FIGURA 5 – Rua São Francisco



(Fonte: Google Street View, 2025.)

A primeira questão apresentou os sujeitos da pesquisa para o grupo, através de obras artísticas associadas ao Gótico, e cada gótico deveria apresentar à roda uma obra que dialogasse ou representasse sua jornada individual de identificação com a subcultura, conforme acordado anteriormente no grupo de *Whatsapp*. Esta obra poderia ser um livro, um poema, uma música, uma pintura, uma peça de roupa, ou qualquer objeto criativo que cumprisse este propósito. Busquei compreender as histórias de vida dos participantes e suas convergências com a subcultura, no nível pessoal e coletivo, como diferentes góticos se atraem pela subcultura e nela se identificam, formando laços coletivos. Procurei abraçar as individualidades de maneira coletiva, pois muitas vezes não conhecemos as histórias de vida de nossos colegas morcegos.

Para iniciar os debates, apresentei minha obra de escolha: “Fausto”, de Goethe, a fim de que, com este exemplo pessoal, os protagonistas se sentissem acolhidos para compartilharem suas jornadas pessoais de identificação com a subcultura, quando se descobriram na subcultura, se se consideravam *baby bats*¹⁷ ou “anciãos” (*elder goth*), focando na rememoração estimulada alegoricamente pela arte (Benjamin, 2009). Na

FIGURA 6, os protagonistas compartilham suas memórias e histórias com a roda:

¹⁷ Expressão que significa “morcego bebê” e caracteriza uma pessoa nova no Gótico, em processo de familiarização e integração na subcultura.

FIGURA 6 – Protagonistas da pesquisa



(Na primeira imagem, da esquerda para a direita, Thyago Willem, Matheus Moledo, Vinnie Corvo e Patricia Gnipper. Na segunda imagem, Jack Jack compartilha sua história para a roda. Montagem da pesquisadora, 2025.)

Matheus se apresentou com a música “*Hot Hot Hot!*”, da banda The Cure, como a obra que o introduziu à subcultura, Jack com a banda Bauhaus como formativa em sua identificação subcultural e Patrícia com seu relato da importância das obras de Álvares de Azevedo e Augusto dos Anjos para o início de sua jornada gótica. Vinnie e Thyago não conseguiram escolher apenas uma obra específica, priorizando a relação com elementos estéticos mais amplos na atividade de rememoração, como representações da escuridão, da morte e do fúnebre (caixões, caveiras, vampiros). Ao final da oficina, os integrantes produziram suas narrativas escritas, as quais elaborei nas mônadas que compartilho a seguir:

SUBCULTURA GÓTICA: LUGAR QUE PODIA ME EXPRESSAR, ME CONHECER E SER EU MESMO

Eu sempre gostei de coisas trevosas, mas saí do caixão no final de 2022. Um amigo me apresentou Nina Hagen, eu adorei e pedi mais indicações, e aí ele me perguntou: "Você já ouviu The Cure?". Eu disse que conhecia as mais famosas, “Friday I'm in Love”, “Boys Don't Cry” e afins, então ele me mandou o álbum favorito dele e eu adorei. Comecei a ouvir mais The Cure, em seguida Siouxsie and The Banshees, Sister of Mercy, Bauhaus e assim fui indo. Então esbarrei na subcultura gótica e isso deu forma a coisas que eu gostava. A partir daí comecei a estudar sobre a subcultura, seus valores,

músicas e visão de mundo, me encontrei em um lugar em que eu podia me expressar, me conhecer e ser eu mesmo.

[...] Gosto das temáticas sombrias e da revolta que vem disso. O gótico é transgressor e me incentivou a ser mais transgressor do que eu era, me dá coragem para arriscar coisas novas e o interesse no diferente ou excluído. O gótico deu forma para convicções que eu já tinha e me apresentou uma comunidade que me abraçou, me entende e me faz uma pessoa melhor, seja pra ouvir músicas boas ou resistir ao sistema em que vivemos. - **Matheus Moledo**

GÓTICO É TRANSGRESSOR, ANTI CAPITALISTA E BUSCA A BELEZA NAS SOMBRAS

O gótico é transgressor, é anticapitalista e busca a beleza nas sombras. Eu sempre fui de esquerda e sempre fui contra o capitalismo, o gótico deu uma forma de lutar contra e protestar isso através de minhas roupas, maquiagem e voz. Em tempos de conservadorismo crescente, o gótico mantém guarda alta atacando e se intensificando. Acho que um ótimo exemplo é o choque que o pessoal conservador está tendo com Nosferatu (2024). O filme é sombrio, transgressor e introspectivo, um tapa na cara de muita coisa, e pra mim isso é o gótico. É uma forma de ler o mundo e enfrentar a realidade em que estamos - **Matheus Moledo**

ME ENCONTRO NO GÓTICO PORQUE ME SINTO MAIS GENUÍNO

Diria que alguns elementos da sub sempre estiveram presentes na minha forma de ver o mundo e principalmente no tipo de arte que eu consumo/consumia, principalmente na música, sendo através deste meu primeiro contato. A partir daí diria que, estudando sobre a sub e estando presente na cena, o resto veio a mim de maneira bem orgânica e, cada vez mais, eu não só me identifiquei como descobri novos gostos. Diria que me encontro no gótico porque através desta expressão (isto é visual, música, escrita, visão de mundo, valores, etc) é que me sinto mais genuíno.

[...] Às vezes sinto que não sou "tão gótico" quanto poderia ou quero ser, mas tento deixar as coisas virem a mim sem forçar, e o principal, que é o interesse e essa "harmonia" que eu sinto tanto com a sub quanto a galera que pertence, é o que possibilita este "ser-gótico". Desta forma, creio que o gótico não é só um rótulo para me descrever, mas também algo intrinsecamente relacionado com o que eu tenho de apurado sobre mim mesmo. - **Thyago Willem**

O GÓTICO É POLÍTICO E FAZ QUESTIONAR O SEU LUGAR NO MUNDO

Definitivamente creio que seja impossível não moldar/ser moldado pelo que a sub prega, e acho que o fator principal que me leva a crer nisso é que o gótico, querendo ou não, também é político e isso não só ajuda você a se encontrar ativamente na "sociedade" ou "mundo", mas também te faz questionar o que faz sentido pra você e qual seu lugar. - **Thyago Willem**

O SOMBRIO E O MACABRO É ALGO QUE SEMPRE EXISTIU COMIGO

Essa apreciação do sombrio, macabro é algo que sempre existiu comigo. Enquanto outras crianças desenhavam carrinhos, eu desenhava fantasminhas, caveiras etc. Quando tive acesso à internet descobri a terminologia "gótico" e fui entendendo melhor o que era, e foi a definição que mais se encaixou a mim. [...] tanto em questão estética, o jeito de eu me vestir, as músicas que ouço, tudo que forma minha própria identidade faz parte do gótico de alguma forma. [...] O aspecto de tentar encontrar beleza no macabro, no incomum e principalmente na questão da expressão individual de cada pessoa, a diversidade e o senso de comunidade no meio gótico são coisas que levo para minha vida pessoal também. - **Vinnie Corvo**

NÃO SABIA QUE AS PESSOAS ACHAVAM COISAS MÓRBIDAS E TREVOSAS ESTRANHAS

[...] Eu sempre gostei de poesia, Álvares de Azevedo, Augusto dos Anjos, coisa clássica, e conheci na escola, em aula de literatura, de redação, etc. Mas eu não sabia, até a segunda metade dos anos 90, “gótico” pra mim era tipo o Reginaldo da novela de Corpo e Alma [...] Mas as minhas referências sempre tiveram a ver com a subcultura gótica, depois que eu fiquei sabendo.

Eu sempre gostei de coisa de vampiro, Entrevista com o Vampiro era o meu filme preferido. Quando ele lançou era ‘94, eu tinha 11 anos. [...] a novela Vamp, quando eu tinha só 8 anos em ‘91, eu ficava imitando o Matosão pra minha avó, minha avó morria de rir. Então eu sempre gostei de coisas trevosas, mas eu não sabia que eram consideradas ‘trevosas’. [...] Até então, eu não sabia que as pessoas achavam essas coisas estranhas. - **Patricia Gnipper**

NÃO É SÓ UM MONTE DE GOSTOS ALEATÓRIOS, EXISTE UMA UNIDADE AQUI

[...] Foi nos primeiros contatos em que a internet era discada ainda, que eu descobri um mundo além do mundo em que eu até então vivia, [...] no final dos anos 90. [...] eu terminei o meu segundo grau no ano 2000. E foi assim, na virada de 2000 para 2001, que eu pude ser eu mesma, pude ir buscar minha turma, descobrir as coisas que eu queria. Porque até então, era basicamente ir pra escola e ficar revoltada, deprimida, isolada no quarto dentro de casa. Eu não tinha um meio pra chamar de meu na adolescência.

E foi aí que eu conheci o Fred, o Frederico Burlamaqui, que tinha acabado de criar a lista do Yahoo Grupos, que era o Gótico Curitiba. E eu lembro que quando eu entrei no começo tinha pouca gente. [...] Um pouco antes de eu conhecer o Gótico Curitiba, também pela internet, no comecinho de 2001, encontrei o Sépia Zine, o precursor do Fórum do Carcasse, que foi o principal fórum gótico do início dos anos 2000. [...] Entendi: “ah, isso é uma tribo, isso é uma turma, não é só [...] eu que sou estranha. Todo mundo aqui é estranho, e isso é algo, não é só um monte de gostos aleatórios, existe uma unidade aqui [...]” - **Patricia Gnipper**

TUDO QUE DEFINE O GÓTICO FAZ PARTE DA MINHA IDENTIDADE

[...] Eu gosto de muitas coisas, mas tem outras coisas que falam mais comigo [...] me representam mais. Não é só que eu gosto, que eu me divirto, tem uma conexão com a minha identidade. [...] As subculturas que sempre [...] bateram na minha identidade, não é só gosto. Tem a ver com quem eu sou, que eu sinto, que eu sentia mais fundo. Era o rolê de eletrônico e o rolê *dark*, o rolê gótico.

[...] Todos os conceitos que definem o que é um gótico, o porquê, o como, o quando, estão dentro de mim, fazem parte da minha identidade. Se mexeu com você é porque tem a ver com quem você é, sabe? [...] Mas eu não sou apenas gótica. Eu sou muitas coisas.

[...] Foi mais um encontro de modo de pensar, modo de encarar as coisas [...] é porque eu sou gótica, então a partir disso eu vou enxergar dessa forma? Não é esse o caminho. [...] Eu sinto dessa forma, eu enxergo dessa forma. Não necessariamente vai ter a ver com os conceitos da subcultura gótica, mas muitas vezes tem, porque não é à toa que eu me identifico com a subcultura gótica [...]

Se o gótico fosse uma entidade, a gente poderia talvez ser gêmeas, não ser amigas e nem idênticas, mas gêmeas. [...] Meio que encontrei minha turma, encontrei o meu lugar - **Patricia Gnipper**

FUI EMPURRADO PARA O GÓTICO POR USAR ROUPAS PRETAS

Inicialmente, como muitos na minha época, fui de certa forma empurrado para o gótico por usar roupas pretas. Uma vez que me "acusaram" de ser gótico, comecei a pesquisar mais para tentar me conhecer mais e entender meu lugar no mundo. Inicialmente a música foi um problema, uma vez que havia muita desinformação na internet sobre o que seria a música gótica, grande parte das vezes vinculando a bandas de metal. Foi depois de certo tempo de pesquisa que acabei conhecendo a banda Bauhaus, que logo nos primeiros segundo da primeira música que escutei, me trouxe uma sensação de pertencimento em relação a música gótica.

Me vejo como gótico, enquanto participante da subcultura gótica, seja na produção de eventos e no consumo de música gótica de diferentes épocas. Acredito que o modo que vemos o mundo nos aproxime da subcultura gótica e das pessoas que fazem parte. - **Jack Jack**

Um ponto em comum entre os participantes me chamou a atenção: em suas narrativas, a subcultura desempenha o papel de nomear e organizar interesses e sentimentos que já existiam previamente, em concordância com a observação de Wilma Regina Alves da Silva (2006) em sua pesquisa com góticos de São Paulo: “para a maioria dos góticos que entrevistei, não há como se tornar gótico, se nasce gótico” (Silva, 2006, p. 69). A subcultura e as artes góticas proporcionam uma coletividade em torno das individualidades de cada gótico, dando sentido à suas próprias histórias de vida, podendo até mesmo englobar todos os aspectos de suas personalidades e jornadas, conforme as palavras de Vinnie: “tudo que forma minha própria identidade faz parte do gótico de alguma forma”. Patricia também afirma que “todos os

conceitos do que define o que é um gótico, o porquê, o como, o quando, está dentro de mim, faz parte da minha identidade”, mesmo não se restringindo apenas à subcultura. Nestas falas, a subcultura é capaz de carregar perspectivas filosóficas sobre o mundo e quem somos nele. Para Matheus: “o gótico deu forma para convicções que eu já tinha e me apresentou uma comunidade que me abraçou”. Já Thyago descreve esta experiência de identificação subcultural como “ser-gótico”, simultaneamente sujeito e verbo, não sendo uma identidade fixa e imóvel, mas sim uma identidade pautada na ação e na experiência cotidiana, lhe permitindo se expressar e ser ele mesmo. Esta visão da identidade gótica como uma construção em constante movimento simultaneamente descontrói perspectivas essencialistas, que concebem o gótico como algo inato a um indivíduo.

O relato de Jack, na mônada “Fui empurrado para o gótico por usar roupas pretas”, me chamou a atenção, pois minha experiência como *baby bat* foi muito similar. Ainda que de uma geração diferente de Jack, o rótulo de gótica também foi inicialmente imposto a mim pelos colegas “*normies*”¹⁸ da escola, o que não entendia, pois não me identificava com gêneros de metal sinfônico, melódico e gótico, que também pensava serem gêneros musicais góticos. Foi apenas a partir do contato com as obras de Bauhaus e Sisters of Mercy que aceitei minha alteridade. Jack inicialmente teve a desinformação sobre música gótica como um empecilho para sua identificação com a subcultura, e foi somente a partir de seu contato com a banda Bauhaus que ele teve seu despertar gótico: “logo nos primeiros segundo da primeira música que escutei, me trouxe uma sensação de pertencimento em relação a música gótica”.

A experiência de Patricia se assemelha à de Jack no aspecto de identificação com a alteridade e, conseqüentemente, com a subcultura. Na mônada “Não sabia que as pessoas achavam coisas mórbidas e trevosas estranhas”, ela relata que via sua admiração de artes sombrias como algo natural, até se deparar com o estranhamento do outro¹⁹. A partir de seu contato com a subcultura na internet, descobriu uma subcultura que deu sentido a sua experiência de alteridade, na qual ela não era a única “estranha”, percebendo que “todo mundo aqui é estranho, e isso é algo”.

¹⁸ De acordo com o *Urban Dictionary*, “uma pessoa que gravita em torno de padrões sociais, práticas aceitas, e tendências de seu próprio tempo e grupo geográfico sem perspectivas culturais mais amplas das quais eles extraem” (Tradução minha). Disponível em: <https://www.urbandictionary.com/define.php?term=Normie>. Acesso em: 10 jan. 2024

“*Normie*”, em contextos subculturais, funciona como um adjetivo para indivíduos que não dialogam com movimentos alternativos, contraculturais ou manifestações culturais fora do *mainstream*.

¹⁹ Posteriormente, na quarta oficina, Patricia aborda seu diagnóstico tardio de Transtorno do Espectro Autista (TEA), aos 41 anos, mostrando como a identificação subcultural proporcionou outros sentidos à sua experiência de alteridade antes do diagnóstico.

Na obra “Os Estabelecidos e os *Outsiders*” (2000), os sociólogos Norbert Elias e John L. Scotson estudam um bairro de trabalhadores em Winston Parva e observam como grupos estabelecidos por possuírem maior poder social criam uma “auto-imagem normal” (2000, p.19). Nesta comunidade, havia uma distinção entre aqueles que descendiam de famílias antigas e os recém-chegados:

Em suma, tratavam todos os recém-chegados como pessoas que não se inseriam no grupo, como "os de fora". Esses próprios recém-chegados, depois de algum tempo, pareciam aceitar, com uma espécie de resignação e perplexidade, a idéia de pertencerem a um grupo de menor virtude e respeitabilidade, o que só se justificava, em termos de sua conduta efetiva, no caso de uma pequena minoria. (Elias; Scotson, 2000, p. 20)

Neste estudo, os *outsiders* passaram a “aceitar” a posição social de “outro” com base na alteridade imposta pelos estabelecidos, que se colocavam como a norma. Compartilho do espanto de Elias e Scotson ao observar dinâmicas de alteridade que não advém de diferenças étnicas e de classe, tipicamente associadas a este fenômeno de exclusão social. Nas experiências de Patricia e de Jack, a alteridade lhes foi imposta a partir de diferenças de estilo e gosto pessoal e, a partir disso, desenvolveram suas próprias identidades como “outros”, que são reforçadas (assim como para Thyago) a partir da ação. No caso de Patricia, esta ação se dá na relação com artes góticas e, para Jack, na produção de eventos e consumo de músicas góticas. Para Matheus, no incentivo à transgressão, dando “coragem para arriscar coisas novas e o interesse no diferente ou excluído”. Para Vinnie, na percepção da “beleza no macabro, no incomum” e na expressão individual, assim como para Thyago, que exerce sua identidade a partir de diversas expressões artísticas, compreendendo que o Gótico o faz se sentir “mais genuíno”. Estas narrativas, apesar de adotarem uma posição de outsider, rejeitam a redução da subcultura a um simples rótulo.

Em contraste com a narrativa de Jack, cujo contato com a subcultura partiu de “acusações” de que era gótico, Patricia, Vinnie e Thyago narram um processo diferente de identificação com a alteridade, através da autodescoberta baseada em gostos musicais e com a internet, ou, no caso de Matheus, com indicações de amigos que percebiam suas inclinações “trevosas”. Em um primeiro momento, questiono se esta alteridade não foi simultaneamente imposta pelo Gótico enquanto uma subcultura que se orgulha de seu desvio das normas sociais e que preza pela individualidade (Goodlad; Bibby, 2007). O capitalismo tende a transformar identidades em nichos de consumo (Blackman, 2014), independentemente de serem ou não

pautadas no consumo e isto pode ocorrer com o Gótico quando definimos nossas identidades a partir do consumo ou engajamento com determinadas artes ou indumentárias (“ser-gótico”).

Mas, indivíduos góticos não necessariamente entram na subcultura pela necessidade de ter sua “caixinha” de consumo. Vivemos em um mundo globalizado no qual os elementos, ritos e signos coletivos de pertencimento são esvaziados, homogeneizados e comodificados, e no qual as existências comunitárias são apagadas pelo progresso. Para Olgária Matos (2010): “(...) é na metrópole moderna que a sociedade se manifesta como espetáculo de imagens desrealizantes, imagens que não remetem a nenhum objeto estável.” (Matos, 2010, p. 1427). E uma vez que há a ausência de coletividades que estabeleçam identidades *a priori*, de um objeto estável ao qual estas imagens e aparências remetam, este pertencimento subcultural, por mais revolucionário que seja, pode encarar a própria individualidade e o não-pertencimento como uma identidade coletiva em si.

A alteridade gótica, seja autoimposta ou imposta por outros, é calcada nas individualidades e na excentricidade, e é a partir destas individualidades que se cria um senso de coletividade na subcultura. Não nos percebemos como indivíduos a partir de um grupo gótico do qual sempre fizemos parte, mas o inverso: formamos um grupo em torno das excentricidades que talvez sempre possuamos. Nestas narrativas, a subcultura aparece dando sentido ao sentimento de que “nascemos” góticos – “nascemos” diferentes e por isso pertencemos ao Gótico. Já éramos *outsiders* e não sabíamos por quê. Mas nota-se aqui que, assim como o *outsider* (gótico) é definido a partir de sua relação com manifestações artísticas, o estabelecido (*normie*) também é, a partir de sua relação com o *mainstream* enquanto norma. Isto contradiz uma perspectiva essencialista, pois as relações com as artes se dão nas experiências dos indivíduos em seus cotidianos.

A subcultura torna-se coletiva a partir da soma destas experiências individuais de alteridade e estranhamento com a sociedade “normal”, dado que, conforme Benjamin (1987), há um empobrecimento das experiências coletivas na modernidade, e na tentativa de dar sentido a uma existência individualizada, criam-se experiências coletivas a partir destas experiências individuais de alteridade e não-pertencimento à norma – este é o ato revolucionário, a busca da coletividade entre os escombros do progresso. “Ser-gótico” é, portanto, reforçar esta coletividade, e se isto ocorre também através do consumo, é porque o capitalismo comodifica todas as esferas da vida, inclusive a catarse e sentidos de pertencimento a determinadas manifestações artísticas.

Observo ainda um posicionamento anticapitalista nas narrativas de Thyago e Matheus, que colocam o aspecto político da subcultura como uma parte intrínseca às suas identidades

góticas. Matheus menciona o filme *Nosferatu* (2024) como um exemplo da transgressão das artes góticas, afirmando que “o filme é sombrio, transgressor e introspectivo, um tapa na cara de muita coisa e pra mim isso é o gótico. É uma forma de ler o mundo e enfrentar a realidade em que estamos”, referenciando a recente onda conservadora que acompanha a ascensão da extrema direita. A narrativa de Thyago vai ao encontro à de Matheus novamente na forma de ação, quando diz que é “impossível não moldar/ser moldado pelo que a sub prega”. Nesta narrativa, ser gótico é se reconhecer enquanto agente político e, a partir disto, agir na subcultura e agir na sociedade de modo mais amplo, com base nos questionamentos que ela promove (ser moldado). Esta afirmação de Thyago exemplifica como as subculturas pautadas no *underground* atuam no cotidiano do mesmo modo que o próprio *underground*, que para Graham (2016), influencia e é influenciado pelo *mainstream*, mesmo que às suas margens.

Em suma, as experiências de alteridade dos protagonistas existem em diálogo constante com o *mainstream*, mostrando como o Gótico orienta novas configurações de identidade em meio ao esvaziamento deste conceito na modernidade. Ao mesmo tempo em que este esvaziamento resulta do esfacelamento das relações sociais coletivas, e de processos colonialistas que fragmentam identidades étnicas e nacionais, a modernidade também permite que indivíduos criem identidades a partir das subculturas. Os protagonistas demonstram, em suas mônadas, como cada gótico possui jornadas distintas de identificação que se convergem no Gótico pela via estética e alegórica. Essa convergência produz uma unidade subcultural que se manifesta na experiência cotidiana de seus membros, cujos gostos, ritos, práticas e ideologias operam como desafios criativos ao *status quo* burguês (Blackman, 2014), representado pelo *mainstream*. Estes desafios vão desde formas contraculturais de engajamento com manifestações artísticas, até questionamentos profundos sobre tabus sociais, como a morte na sociedade ocidental moderna. No capítulo a seguir, exploro com os protagonistas como estas práticas do cotidiano se conectam com suas identidades góticas.

CAPÍTULO II

“O TÚMULO SERÁ PARA SEMPRE”: MORTE E ESPAÇO PÚBLICO

*O túmulo será para sempre
Duas chamas caídas
Ainda seguem brilhando
Iluminação
E um estranho desejo
Flores para amantes
Um perdido e o desaparecido*

*O túmulo será para sempre
O odor
Do Céu novamente
O túmulo será para sempre
Novamente
O destino está sobre nós
E os mortos-vivos chegaram
- The Grave Shall Be Forever (Paralysed Age, 2006)*

Neste capítulo compartilho a segunda oficina, que ocorreu no dia 8 de fevereiro de 2025, no mesmo dia da terceira oficina. Esta segunda oficina ocorreu no Cemitério Municipal São Francisco de Paula, a fim de promover um debate sobre a relação entre o gótico e a morte. O título da oficina é uma referência à música “*The Grave Shall be Forever*”, da banda gótica Paralysed Age, que trata o túmulo como espaço de união das almas e de transcendência do tempo e da morte.

Assim como em obras góticas dos séculos XVIII e XIX, a subcultura adota o espaço fúnebre como seu palco. Noto, em minha experiência, que muitos preconceitos sobre góticos se formam em torno do mistério sobre o que fazemos em cemitérios: Rituais satânicos? Sessões espíritas buscando contato com os mortos? Roubo e vandalismo de túmulos?²⁰ Para compreender e desmistificar esta relação, devemos antes nos perguntar: por que *não* ocupar um espaço público dedicado à lembrança da morte?

Um exemplo desta apropriação do cemitério público se dá na concepção de um dos diversos eventos góticos que tem se espalhado por Curitiba: o *Nigravis*. Idealizado por Vinnie Corvo, o evento surgiu como um pequeno encontro gótico (FIGURA 7) e pouco depois passou a marcar presença nos passeios públicos do Cemitério promovidos pela prefeitura da cidade. Após algumas edições, o *Nigravis* cresceu e, em março de 2024, realizou sua primeira festa gótica, apoiada por DJs da cena (FIGURA 8).

²⁰ Estes preconceitos são abordados também por H.A. Kipper (2023)

FIGURA 7 – Chamada para o encontro gótico *Nigravis*

(Primeira postagem da conta @nigravis_cwb, responsável por divulgar os eventos do *Nigravis*. Fonte: @nigravis_cwb via *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CuQHB6upuWJ/>. Acesso em: 19 ago. 2025)

FIGURA 8 – Chamada para a festa gótica *Nigravis Goth Night*

(Fonte: @nigravis_cwb via *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C4GCSMKAyOO/> Acesso em: 19 ago. 2025)

Noto como na FIGURA 7, a postagem avisa: “Durante o rolê, é fundamental manter o respeito mútuo e cuidar do patrimônio que visitamos”. Há uma preocupação em preservar o patrimônio, ao mesmo tempo que trata este espaço como um local de “rolê”, onde a diversão e o respeito pela morte podem andar juntos – uma mistura típica gótica entre o profano e o sagrado (Leitão, 2020). Já o *flyer* da FIGURA 8 se destaca pela entrada gratuita, demonstrando que este

não é um evento que segue a lógica do lucro. Enquanto turnês de grandes artistas *mainstream* cobram preços exorbitantes, o *Nigravis* proporciona gratuitamente uma experiência de confraternização e integração *underground*.

Visando uma reflexão sobre o crescimento da cena curitibana, em diálogo com a subcultura, propus o Cemitério Municipal enquanto espaço de realização da oficina e, simultaneamente, objeto de reflexão. Por que o cemitério? Por que a morte? Por que não (como brinca meu pai) se reunir em “um parque normal, como gente normal”? Ao que respondo: por que, para nossa sociedade urbana contemporânea, a proximidade com a morte é tão chocante? Por que os mortos não fazem parte do nosso cotidiano?

O sociólogo Norbert Elias, na obra “A Solidão dos Moribundos” (2001) trata de como, nas sociedades contemporâneas capitalistas, doenças e a velhice e, conseqüentemente, a morte, vêm sendo prevenidas e adiadas com o desenvolvimento tecnológico e científico, aumentando a expectativa de vida. Ao mesmo tempo, a morte é comodificada e transformada em uma indústria funerária. Atrelo este estudo às reflexões sobre a integração do passado ao presente, na qual carecemos de uma perspectiva coletiva de futuro (Huyssen, 2000), principalmente com a crise climática cada vez mais avassaladora. Neste contexto, faz sentido que nossa sociedade ocidental tema a morte: reconhecer a morte, nesta altura, implica reconhecer a morte de nossas culturas, nossos registros do passado, da civilização e espécie humana. Se nossos empregos, costumes, tecnologias, modas, gírias mal duram uma geração antes de serem varridas pelo “novo” (Benjamin, 2009), é porque, sob o capitalismo, já nascemos mortos-vivos, com um prazo de validade, apenas aguardando o dia do sepultamento.

De acordo com Hannah Arendt (2000), uma característica da modernidade é a privatização do espaço público, em que, segundo Benjamin, os centros urbanos se tornam espaços transitórios, o cemitério é um dos poucos espaços públicos dedicados ao “ócio”, provocando reflexões sobre a morte e a efemeridade da vida, ou até mesmo possibilitando viver experiências limiars (Benjamin, 2009).

O espaço do cemitério pode ser descrito como um “museu a céu aberto”. Muitas questões emergem desta frase. À primeira vista, penso na apreciação da arte tumular como uma apreciação do passado, ou das lembranças do passado. A arte tumular permite um contato direto com estilos arquitetônicos de outrora, ou que nem sempre são comuns em outros espaços da cidade. Em um segundo momento, reflito sobre a “musealização” do mundo (Huyssen, 2000), e da própria morte. Se o museu, como o concebemos na contemporaneidade, surge da relação entre o progresso e a “superação” (ou apagamento) do passado, como um lugar de preservação da memória que não é integrada no cotidiano, é possível refletir sobre como a morte também

não faz parte do nosso cotidiano (Benjamin, 1987). O cemitério é, no espaço urbano, um dos poucos espaços públicos (ou talvez o único) que permite um contato próximo com a morte e a memória. Logo, busquei também uma humanização daqueles que se foram e “habitam” aquele espaço, a fim de estreitar nossos laços com a morte, percebendo o cemitério não apenas como um cenário meramente decorativo, mas como um espaço público de memória e de lembrança da morte e, consequentemente, da vida.

No dia da realização desta oficina, tive um terrível imprevisto: durante o trajeto para Curitiba, na descida da Serra da Esperança, meu veículo colidiu contra um caminhão, por imprudência de um terceiro motorista. Felizmente ninguém se feriu, mas como não podia adiar a data da oficina, precisei retornar à Guarapuava para trocar de veículo, chegando em Curitiba mais tarde do que planejado. Como o Cemitério Municipal fecha às 18h, fizemos uma curta caminhada pelo cemitério e realizamos a oficina na praça em frente ao local.

Matheus é umbandista e já havia comunicado anteriormente que não se sentia confortável no espaço do cemitério. Em respeito às suas crenças e à diversidade de posicionamentos dentro da subcultura, propus que ele realizasse a oficina de modo online via *Google Meet*, o que ele aceitou. Além disto, Vinnie iria tocar à noite no bar Lado B, local de realização da terceira oficina, e não pode comparecer por conta da passagem de som, assim como Thyago, que precisava ajudá-lo nos preparativos do evento. Jack teve um imprevisto no bar onde trabalha, e não pode comparecer presencialmente. Então realizamos a roda com Patricia e outros participantes que compunham a amostra inicial da pesquisa, mas que, por conta de suas rotinas corridas, não puderam continuar participando. Posteriormente, fiz as rodas de conversa com Jack, Matheus, Thyago e Vinnie por *Google Meet*.

Iniciando a roda de conversa, compartilhei com a roda o décimo fragmento do texto “O Narrador” de Benjamin, como modo de estimular as reflexões em torno das mudanças históricas no tratamento e percepção da morte, e sua relação com a pobreza da experiência no capitalismo. Observei como, neste trecho, Benjamin coloca a morte como aspecto central da origem da autoridade narrativa:

Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida - e é dessa substância que são feitas as histórias - assumem pela primeira vez uma forma transmissível. Assim como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens - visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso -, assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos em seu redor. Na origem da narrativa está essa autoridade (Benjamin, 1987, p. 207)

Tendo em vista a relação entre a morte, memória e narrativa, estas foram as questões norteadoras da oficina: Você frequenta cemitérios? Se sim, como este hábito é visto pelas pessoas em seus círculos sociais (família, amigos, etc.)? Qual sua relação com o espaço público do cemitério na constituição de sua identidade? Descreva atividades que você realiza em encontros góticos neste espaço? Que memórias e emoções este espaço te provoca? Compartilhe uma experiência sua no cemitério. Como você enxerga a postura do Gótico sobre a morte, em relação à cultura/sociedade *mainstream*?

Após a realização da roda de conversa, os protagonistas fizeram suas narrativas escritas, que elaborei em mônadas. Compartilho a seguir as mônadas das memórias dos protagonistas:

CEMITÉRIO: A LEMBRANÇA DE QUE SOMOS FINITOS

Não me sinto muito à vontade, então acabo evitando, mas gosto muito de arte tumular, então quando tenho a oportunidade acabo vendo fotos ou coisas relacionadas. Acredito que a lembrança de que somos finitos e o cemitério servem como um grande memorial que preserva a história das pessoas sepultadas e da própria cidade. É possível fazer uma viagem no tempo dentro dos cemitérios, passando pelos diferentes túmulos e mausoléus.

[...] Sensação de finitude. Lembrar que vou morrer me incentiva a querer fazer a vida valer a pena. É como fazer as pazes com a morte, saber que temos nosso tempo e temos de aproveitá-lo, depois disso nos recolhemos e damos lugar para outras pessoas em um ciclo. Além disso, me traz a sensação de respeito, tanto com os que já partiram quanto entre nós que passeamos pelo espaço, saber respeitar os limites de cada um e zelar pelo cemitério [...] para não atrapalhar famílias que estejam de luto ou funcionários. - **Matheus Moledo**

FAZENDO AS PAZES COM A MORTE

Nós estamos dispostos a falar sobre. Geralmente a morte vem carregada de um tabu, pessoas não gostam de lembrar que vão morrer e não gostam de coisas que as lembrem disso, nem a mídia gosta de tocar nesse assunto, então acredito que nós góticos temos mais coragem por nos sentirmos à vontade para abordar esse tema, afinal, a morte faz parte da vida e todos nós vamos testemunhá-la e passar por ela em algum momento. Falando sobre damos forma ao pensamento e ao sentimento, podendo refletir sobre a questão e nos conciliarmos com isso, fazendo as pazes com a morte. - **Matheus Moledo**

RECEIO POR SER UM GÓTICO QUE NÃO GOSTA DE IR AO CEMITÉRIO

[...] Uma situação que me ocorreu quando estava eu e mais dois amigos. Eles queriam entrar no cemitério, que estava fechado por conta do horário, então decidiram ficar sentados na frente descansando um pouco do rolê, e foram respeitosos comigo me perguntando se eu estava à vontade de ficar ali. Achei uma atitude querida, geralmente fico meio receoso por ser um gótico que não gosta de

ir ao cemitério, mas é isso, né? Cada um é cada um, e tem espaço para todos os góticos com suas particularidades, desde que sejam respeitadas. - **Matheus Moledo**

UM ESPAÇO DE MEDITAÇÃO SOBRE A MORTALIDADE

Quando frequento o cemitério, normalmente é sozinho pra poder pensar, talvez escrever algo e tirar algumas fotos. Gosto de visitar cemitérios. Normalmente a reação dos meus círculos é bem diversa. Enquanto alguns amigos acham interessante, e às vezes até vamos juntos, outros têm medo e não gostam do ambiente. Já minha família tende a achar um pouco estranho/excêntrico, mas compreendem.

[...] Sendo pertencente a sub é algo que tem tudo a ver comigo. Desde sempre tive um certo fascínio com o espaço do cemitério, mesmo sem saber ao certo o motivo. Hoje em dia, é quase uma meditação. Gosto de pensar que é um exercício de "fazer as pazes" tanto com a minha própria mortalidade quanto das pessoas que amo. É difícil pensar que as pessoas com quem nos importamos nos deixarão eventualmente, mas estar em contato com esse ambiente me ajuda a aceitar isso melhor. Também acho que é uma maneira de respeitar e honrar a memória de quem está ali. Sempre me pergunto, quando vejo uma sepultura mais "acabada", quanto tempo faz que alguém pensou naquela pessoa que partiu? Que disse seu nome ou olhou sua foto? Esse tipo de reflexão sempre me vem quando visito estes espaços, e acho isso muito interessante. - **Thyago Willem**

A EXPERIÊNCIA DE VISITAR O CEMITÉRIO É INCRÍVEL

[...] Nunca fui em nenhum encontro gótico no cemitério, mas falando de eventos neste espaço especificamente, recentemente tive a oportunidade de realizar uma visita guiada no Cemitério Municipal São Francisco aqui em Curitiba, e a experiência foi incrível. A professora responsável por realizar o tour tinha tanto conhecimento e conseguiu traçar tantos paralelos com os figurões da história de Curitiba, arte, história, arquitetura e tantas mais coisas que não tem como não se encantar tanto com o ambiente, quanto com as histórias que ele guarda.

[...] A primeira vez que visitei o cemitério da São Francisco já fazia uns bons anos que não tinha entrado num cemitério, e já fazia algum tempo também que tinha me inserido na sub, então foi interessante visitar e ver como minha postura e filosofia em relação ao espaço tinham mudado. Foi bom poder ver os túmulos e mausoléus com calma, pensar e ver o que tinha para se ver, apesar de ser um cenário onde tipicamente não é comum se sentir bem, por assim dizer, eu me senti muito leve visitando. - **Thyago Willem**

O GÓTICO RESSIGNIFICA A MORTE

[...] O gótico se difere na maneira de enxergar e falar sobre a morte. Enquanto normalmente a sociedade trata a morte como algo horrendo, sendo quase um tabu, o gótico busca não só pensar a morte

sobre outra lente (uma mais bela e mais compreensiva), como também expressa a morte de maneira diferente. No *mainstream* a morte é quase sempre tratada como algo que revolta, que é a tragédia suprema e algo insuperável. Entretanto, o gótico (falando especificamente da minha opinião e percepções no meio) entende que há diversas facetas na morte, e que apesar de ser o "fim" de uma jornada, não precisa ser sempre melancólica, e mesmo que seja, é algo que pode ser ressignificado e tornado belo. - **Thyago Willem**

LEMBRANÇAS QUE COMPÕEM E DEFINEM MINHA IDENTIDADE

Frequento cemitérios bem de vez em quando, para momentos de introspecção e apreciação da arquitetura, e quando comecei a frequentar sempre foi visto pelos meus familiares como algo "esquisito", "incomum", mas com o tempo eles foram se acostumando com a ideia.

(...) Não tenho uma grande relação com a minha identidade e o espaço público do cemitério, seriam mais momentos que compartilhei neste espaço comigo e com outras pessoas, e essas lembranças compõem e definem minha identidade hoje. Momentos de introspecção principalmente, e de confraternização com o pessoal. Nos poucos encontros que fui em cemitérios eram mais voltados para interação e confraternização do pessoal da subcultura nesse espaço.

Foi no cemitério que fiz o primeiro encontro do *Nigravis*, onde reunimos o pessoal para confraternizar, então por ser o primeiro evento propriamente dito que eu fiz, foi algo que ficou bem marcado. - **Vinnie Corvo**

A CONEXÃO COM A MORTE É UMA RESISTÊNCIA

Acredito que no *mainstream* a morte é um tabu de uma certa forma. A sociedade no geral tem esse medo de falar sobre a morte, essa distância que temos com luto, sempre achamos que o luto é algo muito distante que será difícil de nós alcançarmos, mas o gótico tendo essa postura de contracultura e essa conexão forte com a morte, é uma resistência, é ir contra ao *status quo* e lembrar que todos somos mortais. - **Vinnie Corvo**

DESVIO PARA A SOLITUDE

[...] Visitar com frequência, ser habituê, isso eu nunca fui [...]. Mas, vinte anos atrás, era o espaço em que os góticos da cidade se encontravam para socializar “em paz”. Conversávamos pela internet no grupo Gótico_Curitiba, e no início o Cemitério Municipal era o ponto de encontro mais óbvio para todos nós. Aos poucos, (também à medida que o pessoal ia formando amizades e relações entre si, ao mesmo tempo em que a noite *underground* curitibana abria novas portas para “a nossa gente”) foi deixando de fazer sentido.

Naquela época, às vezes achava legal ir com amigos, pequenos grupos, para passear em paz, com calma, conversar tranquilamente, sabendo que ninguém vai incomodar (afinal, estão todos mortos

rs). Mas gostava muito (e ainda gosto, confesso) de dar uma passeada sozinha em cemitérios que estiverem pelo meu trajeto, se eu estiver com tempo para um desvio.

[...] Lá no final da minha adolescência, os passeios espontâneos em cemitérios com certeza me fizeram encarar a solidão como algo muito positivo e necessário. Com tantos estímulos e informações e demandas por todos os lados, era naqueles instantes que eu sentia o mais próximo possível de uma verdadeira solidão, eu comigo mesma, eu e meus pensamentos, sem interferências externas. Foi muito útil para que eu começasse a criar minhas ferramentas de autoanálise e autorreflexão. - **Patricia Gnipper**)

A BELEZA NOS DETALHES IGNORADOS

[...] Acho que a emoção mais dominante é de conforto. [...] a arquitetura me agrada, a arte tumular me fascina, as poucas informações das pessoas ali enterradas me atraem e eu gosto de observar e ficar conectando coisas na minha cabeça, imaginar histórias. O silêncio também é reconfortante. Sinto uma paz que não é relaxante, ela acaba sendo revigorante. [...] E, acima de tudo, gosto de fotografar. Costumo tirar fotos de detalhes, de pequenas cenas que poucas pessoas parariam para olhar, mas eu flagrei e achei que valia o registro por qualquer razão. - **Patricia Gnipper**

QUANDO NÃO SE TEME A MORTE, NÃO SE TRANSFORMA ELA NUM TABU

[...] A cultura gótica enxerga a morte com um olhar que eu considero mais saudável, apesar de isso também ser muito individual. Quando não se teme a morte, não se transforma ela num tabu. Tudo o que a gente teme e não lida, se torna um monstro de quem a gente foge, mas eventualmente engole a gente. Então o gótico encara a morte como uma fase natural não só da vida, como da natureza, do universo, e não como uma desgraça, ou como um castigo divino [...]. A romantização da morte pode ser nada saudável, a depender de como e do quanto se romantiza. Mas um pouquinho de fantasia é essencial pra manutenção da saúde mental também. - **Patricia Gnipper**

O ESPAÇO PÚBLICO SEMPRE FOI IMPORTANTE PARA O GÓTICO

O espaço público sempre foi importante para o gótico como um todo, uma vez que tradicionalmente os espaços públicos - normalmente espaços centrais da cidade - sempre foram usados como ponto de encontro para os góticos. O cemitério também entra nesse cenário, sendo utilizado como espaço para reunião de membros da subcultura, com um certo diferencial, de ser um espaço de segurança e introspecção para nós. - **Jack Jack**

REFÚGIO DA VIOLÊNCIA URBANA

Hoje já não frequento mais esse espaço como modo de me reunir com outras pessoas. Mas já utilizei esse espaço de duas maneiras, no início da adolescência como refúgio da violência urbana noturna, e mais tarde, mais como forma de contemplação na parte de dentro do cemitério, e utilizando as praças de entradas do cemitério como encontros mais informais, para conversar, escutar música, beber. - **Jack Jack**

ELE GOSTARIA DE SABER QUE HAVIA GÓTICOS EM SEU VELÓRIO

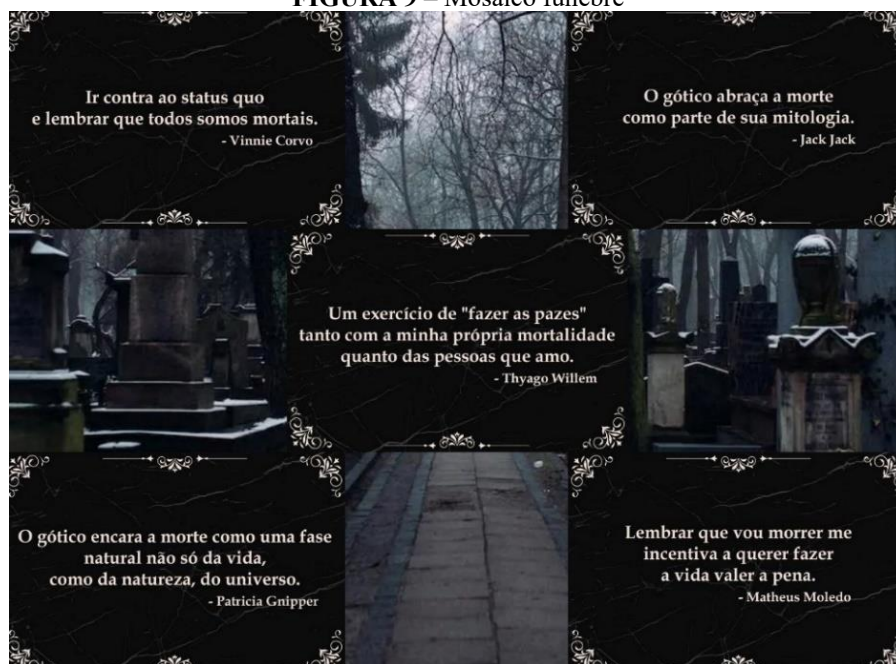
Uma vez estávamos em um encontro gótico na frente do cemitério do Água verde, e estava acontecendo um velório na capela do cemitério. Em determinado momento da tarde uma mulher que estava no velório veio falar com alguns de nós, contou que a pessoa que estava sendo velada tinha feito parte de cena gótica quando mais novo e que gostaria de saber que tinham góticos por perto no velório, convidou nós que estávamos lá para participar do velório, algumas pessoas até foram. - **Jack Jack**

O GÓTICO ABRAÇA A MORTE

Acredito que o gótico, tradicionalmente, tenha certa necessidade de se contrapor a alguns pensamentos mais comuns da sociedade, e aceitar questões que socialmente não são tão aceitas. Essa associação do gótico com a morte parte desse tipo de pensamento. Enquanto a sociedade como um todo costuma evitar o tema, o gótico abraça a morte como parte de sua mitologia. - **Jack Jack**

A partir do método benjaminiano de captura dos “lampejos” das mônadas, selecionei uma frase de cada gótico que mais me chamou a atenção, criando um mosaico das ideias centrais dos protagonistas representadas na forma de epitáfios (Figura 9). Busquei transformar este mosaico em alegoria, representando os protagonistas como indivíduos que, através da aproximação da morte, possuem autoridade narrativa sobre suas experiências limiares.

FIGURA 9 – Mosaico fúnebre



(Fonte: edição e montagem da pesquisadora utilizando a plataforma *Canva*, 2025.)

Como ponto de partida, observo o seguinte ponto em comum nas mônadas acima: o Gótico não apenas rejeita a ocultação da morte e sua transformação em tabu, mas ativamente celebra a morte ao centralizá-la em sua concepção de mundo. Todos os protagonistas citaram, de diferentes formas, o posicionamento contracultural do Gótico a respeito da morte. Thyago e Vinnie, nas mônadas “O Gótico ressignifica a morte” e “A conexão com a morte é uma resistência”, respectivamente, utilizaram neste contexto o termo “*mainstream*”, tipicamente utilizado em discussões sobre arte *underground* e indústria cultural.

Conforme mencionado na oficina anterior, a relação entre *outsiders* e estabelecidos mostra uma dicotomia da identidade subcultural que corresponde diretamente à relação entre *underground* e *mainstream*, de modo que as dinâmicas da indústria cultural se traduzem na relação entre indivíduos e suas identidades no cotidiano. De forma similar, aqui estas dinâmicas são traduzidas no embate entre a aceitação e a não-aceitação da morte, seu reconhecimento e sua ocultação. Mais do que o cerne da indústria cultural, para Thyago e Vinnie, o *mainstream* representa o próprio *status quo*, a cultura dominante como um todo. Este sentimento também é visível nas mônadas “Fazendo as pazes com a morte”, de Matheus, “O Gótico abraça a morte”, de Jack e “Quando não se teme a morte, não se transforma ela num tabu”, de Patricia, em que ela diz: “Tudo o que a gente teme e não lida, se torna um monstro de quem a gente foge, mas eventualmente engole a gente”.

Convido o leitor para uma reflexão com a pintura “Saturno devorando um de seus filhos” (1820-1823), de Francisco de Goya (**Figura 10**). Saturno era o equivalente romano do Cronos

grego: titã implacável do tempo, que comia seus filhos na tentativa de impedir a realização da profecia de que ele seria derrotado por um de seus filhos.

FIGURA 10 - Saturno Devorando Um de Seus Filhos (1820 - 1823)



(Técnica mista sobre tela, 143,5 x 81,4 cm. Fonte: Museo Del Prado. Disponível em: <https://www.museodelprado.es/en/the-collection/art-work/saturn/18110a75-b0e7-430c-bc73-2a4d55893bd6>
Acesso em: 18 mai. 2025)

Interpreto esta pintura na perspectiva benjaminiana de que, na modernidade, a cronologia linear está ligada ao progresso, destruindo a memória (que não é linear), a experiência, a valorização do passado e, conseqüentemente, da velhice e da morte. Assim como Saturno devora seus filhos, na narrativa de Patricia este medo do desconhecido e da morte devora o indivíduo moderno, destruindo seu reconhecimento do fato inevitável da vida: a morte. É o embate teológico entre Cronos, tempo cronológico do progresso, e Kairós, o tempo messiânico da memória e da ação revolucionária (Löwy, 2005). Ao criticar o tabu ocidental contemporâneo em torno da morte, o Gótico nos desperta para o Kairós. Norbert Elias (2001), em diálogo com Freud, aponta que

Se hoje se diz que a morte é ‘recalcada’, parece-me que o termo é utilizado num duplo sentido. Pode tratar-se de um ‘recalcamento’ tanto no plano individual como no social. No primeiro caso, o termo é utilizado no mesmo sentido de Freud. Refere-se a todo um grupo de mecanismos psicológicos de defesa socialmente instilados pelos quais experiências de infância excessivamente dolorosas, sobretudo conflitos na primeira infância e a culpa e a angústia a eles associadas, bloqueiam o acesso à memória. De maneiras indiretas e disfarçadas, influenciam os sentimentos e o comportamento da pessoa; mas desapareceram da memória. (Elias, 2001, p.10)

A distância da morte é o distanciamento da memória (Benjamin, 1987) e nesta sociedade que recalca a morte no inconsciente, o despertar do Kairós também pode ocorrer nos pequenos detalhes, na apreciação do belo no fúnebre através da arte tumular, e na apropriação do espaço cemiterial como local de convívio integrado às experiências do cotidiano, como mostra a fotografia de Patricia, em um de seus passeios (FIGURA 11). Também pode ocorrer na forma de educação histórica, como no exemplo do passeio público citado na mônada “A experiência de visitar o cemitério é incrível” de Thyago, que passou a compreender melhor a história da cidade e seus antigos habitantes através do tour proporcionado pela prefeitura.

FIGURA 11 – Patricia passeando no cemitério



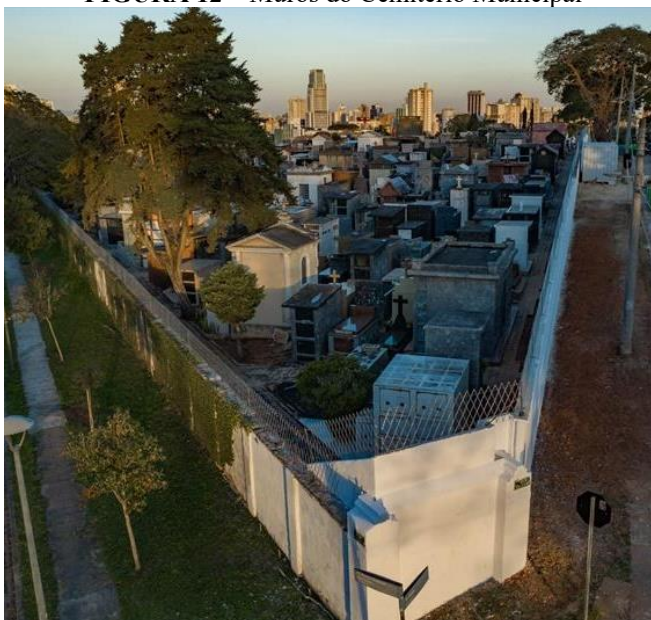
(Cemitério Municipal São Francisco de Paula. Acervo de Patricia Gnipper, compartilhado com a pesquisadora. 2002.)

As mônadas “Um desvio para a solidude”, de Patricia, e “Um refúgio da violência urbana”, de Jack, revelam uma origem curiosa para o costume gótico de visitar o cemitério: a fuga da violência urbana. Durante a roda de conversa, Patricia e, posteriormente, Jack mencionaram como o cemitério inicialmente não era escolhido apenas por sua aparência fúnebre. Naquele período, o movimento neonazista²¹ era muito forte em Curitiba e o cemitério era um espaço que poupava góticos de ataques e perseguições na rua. Além disto, o Cemitério

²¹ Em uma análise da ascensão do neonazismo na transição democrática brasileira, os pesquisadores Leandro Pereira Gonçalves, Odilon Caldeira Neto Guilherme e Ignácio Franco de Andrade abordam como o movimento *skinhead* surgiu de maneira distinta da origem britânica do movimento, antecedendo a consolidação do *Punk* no Brasil, expressando uma contrariedade ao libertarianismo *punk*. O posicionamento *skinhead* possuía, no âmbito subcultural, o “intuito ou prática de rivalizar com determinados grupos suburbanos”. (Pereira Gonçalves; Caldeira Neto Guilherme; Franco de Andrade, 2017, p. 227)

Municipal possuía menos guardas e muros mais baixos sem redes laminadas, permitindo que góticos pulassem os muros para acessar o cemitério após o horário de fechamento. No atual contexto de hipervigilância e aumento da criminalidade em centros urbanos, isso não é mais possível. Como forma de evitar o roubo e vandalismo de túmulos, o cemitério possui câmeras em cada canto e redes laminadas por todo o perímetro (**FIGURA 12**). Enquanto ouvia as histórias de Patricia pulando os muros quando jovem, amanhecendo entre os mortos, observei os pesados portões de ferro do cemitério fechando enquanto a polícia civil vigiava o local e tive uma sensação terrível: o espaço público agora remetia a uma prisão. Pensei no contraste destas histórias com a de alguns góticos da minha geração, que já tiveram que fugir da polícia por tentar entrar no cemitério à noite. O mundo não é mais o mesmo.

FIGURA 12 – Muros do Cemitério Municipal



(Muros do Cemitério Municipal com redes laminadas. Fotografia de Daniel Castellano/SMCS. Fonte: Prefeitura Municipal de Curitiba. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/novos-muros-garantem-mais-seguranca-ao-cemiterio-municipal-sao-francisco-de-paula/56712> Acesso em 19 ago. 2025)

As experiências de góticos da minha geração são diferentes. Neste contexto de cerceamento do espaço público e de enfraquecimento do movimento neonazista, assim como do aumento de bares e casas noturnas voltadas ao público gótico, as noites de confraternização no cemitério foram substituídas por encontros diurnos, como no caso do primeiro *Nigravis* de Vinnie Corvo, relatado na mônada “Lembranças que compõem e definem minha identidade”. Seja nas trevas ou sob a luz do sol, o cemitério permanece como espaço central na mitologia da subcultura. Noto também que nas narrativas dos protagonistas a confraternização não é tão frequente quanto os passeios solitários pelo cemitério. Seguindo a tendência introspectiva do

Gótico, estas caminhadas promovem sentimentos de paz e contemplação da vida e da morte, e de apreciação poética, como no caso de Thyago, que na mônada “Um espaço de meditação sobre a mortalidade” relata utilizar este momento para escrever, e Patricia, que tira belíssimas fotografias dos “pequenos detalhes” que chamam sua atenção (**FIGURA 13**), conforme a mônada “A beleza nos detalhes ignorados”:

FIGURA 13 - Beleza nos detalhes ignorados



(Fotografias de diversos cemitérios que Patricia Gnipper visitou ao longo dos anos, incluindo o Cemitério Municipal São Francisco de Paula, em Curitiba - PR, e o Cemitério da Consolação, em São Paulo – SP. Acervo de Patricia Gnipper, compartilhado com a pesquisadora. Montagem da pesquisadora, 2025.)

O contato com o cemitério é tão central à subcultura que, na mônada “Receio por ser um gótico que não gosta de ir ao cemitério”, Matheus compartilha uma preocupação por não frequentar estes espaços. Na mitologia umbandista, o cemitério (ou calunga pequena) é um espaço sagrado, repleto de energias. Conforme Barbara Thompson (2019):

A Umbanda desenvolve um culto aos antepassados, ou seja, as entidades e realizam o contato com pessoas que tiveram uma vida terrena e agora estão fisicamente mortas, porém continuam vivos no mundo espiritual. Estas entidades dialogam com o mundo da matéria por meio das oferendas que podem ser entregues no cemitério que é concebido pelos umbandistas como um ponto de força. Para a Umbanda o cemitério é um lugar sagrado, pois é a morada de orixás e entidades. (Thompson, 2019, p.5)

Para Matheus, sua religião não o impede de apreciar os significados e reflexões provocados pelo cemitério, pelo contrário, é por compreender a morte e os espaços dedicados

a ela como sagrados, que opta por não os frequentar. As mônadas “Cemitério: a lembrança de que somos finitos”, “Fazendo as pazes com a morte” e “Receio por ser um gótico que não gosta de ir ao cemitério” de Matheus são fundamentais para mostrar a diversidade de crenças e posicionamentos dentro da subcultura, e desmistificar estereótipos. Nem todo gótico frequenta o cemitério e isto não o torna “menos gótico”. Esta pluralidade também é reforçada quando ele relata, na terceira mônada, a “atitude querida” dos amigos de perguntarem se ele se sentia confortável de descansar na praça em frente ao cemitério. Em suas palavras: “cada um é cada um e tem espaço para todos os góticos com suas particularidades, desde que sejam respeitadas”.

Seja no reconhecimento do cemitério como espaço sagrado, ou na resistência contra o tabu ocidental da morte, o Gótico mantém a postura de que a morte deve ser reconhecida como inerente à vida. Uma apreciação do passado que transcende o que, à primeira vista, pode parecer um movimento de rebeldia sem causa ou fator de choque, e o julgamento do *mainstream* diz muito sobre o medo da morte na sociedade ocidental moderna. O Gótico propõe também uma reflexão valiosa para a História Pública, de que a morte foi ocultada do público, e reforçar sua importância e seu papel no espaço público urbano é também enfatizar o papel da própria História na vida pública. De acordo com Benjamin (1987):

No decorrer dos últimos séculos, pode-se observar que a idéia da morte vem perdendo, na consciência coletiva, sua onipresença e sua força de evocação. Esse processo se acelera em suas últimas etapas. Durante o século XIX, a sociedade burguesa produziu, com as instituições higiênicas e sociais, privadas e públicas, um efeito colateral que inconscientemente talvez tivesse sido seu objetivo principal: permitir aos homens evitarem o espetáculo da morte. *Morrer era antes um episódio público na vida do indivíduo*, e seu caráter era altamente exemplar: recordem-se as imagens da Idade Média, nas quais o leito de morte se transforma num trono em direção ao qual se precipita o povo, através das portas escancaradas. Hoje, a morte é cada vez mais expulsa do universo dos vivos. (Benjamin, 1987, p.207, grifo meu)

Na modernidade capitalista, morrer é ser esquecido, pois aqueles que já não são produtivos – os velhos e moribundos –, são abandonados e ocultados, suas experiências, apagadas. O ócio talvez seja o maior pecado capitalista, e quem é mais ocioso que o moribundo ou o enlutado? Se o enlutado ainda possui uma “justificativa” para seu ócio, aquele que, assim como Patrícia, toma “Um desvio para a solitude” pela mera vontade de contemplar a morte e a arte tumular, causa um incômodo ao *status quo* ao não restringir suas visitas à velórios, aniversários de falecidos ou Dia de Finados. Se o passado (representado pela figura do morto) é considerado “ultrapassado”, àquele que se volta ao passado na reflexão sobre a morte, principalmente fora dos momentos de luto, é um herege do capital que, ao recusar o fetiche da

novidade (Benjamin, 2009) através do ócio “injustificado”, rompe com a linearidade do progresso.

Me recordo de uma visita que fiz ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula, alguns meses antes da realização desta oficina. Tirava fotografias dos túmulos quando dois homens passaram por mim, um deles aparentemente um turista, com sotaque distinto. Ouvi de relance o diálogo: “Já conhecia o Cemitério Municipal?”. “Não”, um dos homens respondeu, com um riso sarcástico, “Não é o tipo de lugar que você procura pra visitar”. “Pois é, mas é bom que corta o caminho, não tem que dar a volta na praça”. Observei suas figuras sumindo na distância, seguindo a linha reta que atravessa o cemitério ligando os portões, sem desvios do caminho. Citando o poeta simbolista francês Paul Valéry, Walter Benjamin escreve: “já passou o tempo em que o tempo não contava. O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado” (Benjamin, 1987, p. 206).

Benjamin (1987) reflete sobre a abreviação da narrativa. A morte do modo de produção artesanal implica a morte da narrativa artesanal: aquela que inclui a sabedoria de uma jornada de vida, que só é possível conceber em sua totalidade no leito de morte. Quando o narrador, diante da morte, reflete sobre sua vida, rompe com a linearidade do progresso. Contudo, o rompimento desta linearidade só é possível se há a ideia de eternidade, que se manifesta na memória e na sabedoria, nos conselhos dos sábios moribundos que se aplicam a diferentes épocas e contextos. Esta ideia de eternidade e do valor da narrativa do moribundo se atrofia na modernidade com a vitória tirânica do novo sobre o velho. Aqui jaz a autoridade da narrativa, que até um “pobre diabo” (Benjamin, 1987, p. 207) possui em seu leito de morte. De acordo com Benjamin, Paul Valéry demonstra como a sensibilidade poética da narrativa é capaz de construir uma narrativa artesanal. Em seu poema “O Cemitério Marinho”, Valéry reflete sobre o cemitério frente ao mar na cidade de Sète na França, onde seria sepultado anos depois:

E veja como eu mudo, belo céu e de verdade!
Depois de tanto orgulho e tanta ociosidade;
Tão estranho ócio, mas repleto de poder,
Eu me abandono neste seu brilhante espaço,
Sobre as casas dos mortos minha sombra passa,
E me encontro cativo em seu leve mover
(Valéry, 2020, p. 153)

Neste trecho, Paul Valéry centraliza o ócio no processo de cativação e sensibilização perante a morte, evocando a autoridade narrativa do moribundo ao representar, na figura de sua sombra, sua futura condição de morto. Ao se abandonar neste “brilhante espaço”, o eu lírico se

encontra na experiência limiar do ócio na “casa dos mortos”, o imbuindo do poder da transformação, uma mudança testemunhada pelo leitor. Ao final do poema, as ondas do mar fazem o corpo voltar à vida – uma salvação messiânica contra a modernidade, presente também nas experiências narradas pelos góticos nesta oficina. Nas palavras de Thyago, na mônada “O gótico ressignifica a morte”: “apesar de ser o ‘fim’ de uma jornada, não precisa ser sempre melancólica, e mesmo que seja, é algo que pode ser ressignificado e tornado belo”.

Se para Thyago o fim da jornada não precisa ser melancólico, para Matheus e a Umbanda, a morte não precisa ser sequer um fim. Seja numa visão espiritual transcendente, ou em uma concepção metafórica, a morte pode ser um ponto de partida para discussões e reflexões sobre o valor da História e do passado e das contribuições que cada ser humano tem para a humanidade. Afinal, todos iremos morrer – gótico ou não. “Fazer as pazes” com a morte e ver o belo no fúnebre é um exercício de imortalidade, permitindo que, mesmo em momentos de luto e tristeza, lembremo-nos daquilo que nos foi deixado: a memória, capaz de romper as barreiras da cronologia em um encontro messiânico de gerações, assim como no velório do falecido gótico da mônada de Jack. Eu também gostaria que houvesse góticos em meu velório.

2.1 Terceira oficina – “Noite na Taverna”: Gótico, vida noturna e boemia

Esta oficina também foi realizada no dia 8 de fevereiro, no período da noite, e abordou os espaços boêmios, a vida noturna e seus papéis na subcultura, tendo como mote de reflexão a socialização entre góticos. Realizamos a oficina no bar Lado B, muito popular entre góticos da cena curitibana, e que, durante a escrita desta dissertação, no dia 25 de maio de 2025, completou 15 anos de atividade.

Os “rolês” góticos constituem uma parte importante da vivência da subcultura, ainda que esta vivência não se reduza à vida noturna. Mas é à noite que os morcegos, vampiros, espectros e demais criaturas da noite saem do esconderijo. São nas baladas que temos um contato presencial com DJs e artistas locais, onde podemos conversar, beber, dançar e nos descontraírmos com nossos amigos góticos. Também são nestes eventos que podemos ter uma dimensão concreta de nossa coesão subcultural, sendo considerados uma celebração do Gótico (Kipper, 2023). É onde bebemos vinho barato, dançamos “errado” olhando para o chão e brincamos de somar nossos pontos da “carteirinha gótica” ao longo da noite, caso a “polícia gótica” venha nos interrogar. É o lugar dos pequenos nuances que simultaneamente desmistificam e reforçam estereótipos que nós mesmos criamos e perpetuamos a fim de satirizar o ar sóbrio do Gótico, criando um senso de humor próprio da subcultura, com uso de ironias e satirização de elementos macabros (Kipper, 2023).

Me lembro de quando realizei meu estágio para a disciplina obrigatória de Projeto Integrador deste mestrado. Trabalhei como *staff* na balada gótica de Halloween organizada pela Pós-Uma, organizadora de eventos góticos criada por Jack Jack, a fim de compreender o funcionamento da organização de eventos góticos em Curitiba. Neste dia, fumava um cigarro na porta do bar, cercada de góticos com as fantasias mais sombrias e excêntricas. Notei um grupo do que me pareceram *normies* entrando no bar. Logo saíram rindo: “Ih galera, acho que esse não é nosso rolê não”. Em seguida, vi uma pessoa vestida de vampiro cochichando sobre os “*normies* perdidos no rolê”. Senti um pequeno prazer infantil de ver que aquele grupo de góticos teve o mesmo estranhamento que eu. É que, neste contexto, somos *nós* os “normais”, e os “normais” são os *outros*, os “esquisitos”.

Uma balada gótica é diferente de um encontro em um parque ou cemitério. Nestes encontros casuais, somos nós o grupo de estranhos ouvindo música gótica ao fundo da paisagem, enquanto outros passam com olhares inocentes, porém curiosos, ou olhares de julgamento. Dividimos aqueles espaços que servem a propósitos mais amplos: um passeio no parque com a família, uma visita ao túmulo de um parente. Já em uma balada gótica, dada a largada do início da festa, o bar ou boate pode se tornar *nosso* espaço, proporcionando um sentido de pertencimento subcultural às margens do *mainstream*. Associando ao que Kipper (2023, p. 43) identifica como uma “celebração pura” do Gótico nas baladas ou festas góticas, participar da boemia gótica pode também alimentar um imaginário nostálgico sobre a vida noturna decadentista do século XIX, como se nós fôssemos herdeiros de Baudelaire. Isto dialoga com a análise de Anna Powell, na qual boates góticas operam como espaços de “rituais parareligiosos pós-modernos” (Powell, *in*: Goodlad; Bibby, 2007, p. 8), e com as observações de Silva (2006) sobre a incorporação de elementos narrativos góticos nos comportamentos em encontros góticos. Um exemplo desse imaginário boêmio baudelaireano se dá em seu poema “O Vinho dos Trapeiros”:

Muita vez ao rubor de um revérbero e a um vento,
Que à chama sempre é um golpe e o cristal um tormento,
Bem num velho arrabalde, amargo labirinto
De humanidade a arder em fermentos de instinto,
Há o trapeiro que vem movendo a fronte inquieta,
Nos muros a apoiar-se e como faz um poeta,
E sem se incomodar com os guardas descuidosos,
Abre o seu coração em projetos gloriosos.
Ei-lo posto a jurar, ditando lei sublime,
Exaltando a virtude, abominado o crime,
E sob o firmamento - um pálio de esplendor -
Embriagar-se à luz de seu próprio valor.

Estes, que a vida em casa enche de desenganos,
 Roídos pelo trabalho e as tormentas dos anos,
 Derreados sob montões de detritos hostis,
 Confuso material que vomita Paria,
 Voltam, cheios de odor de pipas e barrancos,
 E seguem-nos os que a vida tornou tão brancos,
 Bigodes a tombar como velhos pendões;
 Os arcos triunfais, as flores, os clarões
 Se erguem diante do olhar, ó solene magia!
 E na ensurdecadora e luminosa orgia
 Do clarim e do sol, do grito e do tambor,
 Eles trazem a glória ao povo ébrio de amor!
 E assim é que através desse terrestre solo,
 O vinho é ouro a rolar, fascinante Pactolo;
 Pela garganta humana ele canta os seus feitos
 E reina por seus dons como os reis mais perfeitos.

E para o ódio afogar e embalar o ócio imenso
 Desta velhice atroz que assim morre em silêncio ,
 Gerou o sono, Deus, de remorso tocado;
 O homem o vinho criou, filho do sol sagrado

Em Paris, Capital do Século XIX, Walter Benjamin (2009) analisa o fenômeno dos *flanêurs* e boêmios enquanto figuras subversivas da moralidade oitocentista. Barros (2020), ao tratar destas figuras na literatura gótica, estabelece uma relação entre a associação do ócio à aristocracia decadente e o ócio dos “aristocratas de espírito”, anti-burgueses que ocupavam os espaços boêmios da cidade após a Revolução Francesa e que possuíam um “culto esteticista” (Barros, 2020, p.12) a tudo que contrariava os ideais burgueses de produtividade, característica que se manifesta nos monstros urbanos da literatura gótica:

Mesmo quando não são dândis, os monstros góticos urbanos, geralmente, não participam do esquema de trabalho e produtividade do capitalismo, sendo, portanto, considerados marginais, ociosos e perversos como os aristocratas. Aristocratas de espírito, como os dândis decadentistas, e também, como estes, fantasmas da História, em seu anacronismo face ao mundo moderno (Barros, 2020, p.12)

Há uma conexão entre a ocupação de espaços boêmios e a subversão do culto capitalista à produtividade, que toma uma nova roupagem quando inserimos manifestações artísticas *underground* nesses espaços, subvertendo também a lógica capitalista do *mainstream*. Kipper (2023), em sua obra introdutória à subcultura “*Happy House in a Black Planet*”, contextualiza a “celebração pura” (Kipper, 2023, p. 43) de festas góticas em relação à internet, notando que estes espaços subculturais não operam mais como locais aonde se vai para conhecer a subcultura, servindo mais como espaços de celebração da subcultura que conhecemos previamente através da internet.

Desde o final dos anos 1990, o acesso direto a informação permitiu o desenvolvimento de comunidades translocais ou glocais (aquilo que é global e local ao mesmo tempo) ou mesmo dispersas geograficamente. *Simplesmente o local geográfico em que você está não importa mais.* [...] A ideia geográfica de “cena” perde o sentido a menos que nos refiramos a algum lugar específico. Mas faz sentido falar em “góticos de São Paulo” ou “góticos de Belo Horizonte” se todos estão em contato diariamente? (Kipper, 2023, p. 42, grifo meu)

Kipper nota que nossa concepção geográfica se alterou profundamente com a internet, e que a participação em eventos presenciais não seja uma regra que inclui ou exclui quem pertence à subcultura, mas destaco a importância que espaços concretos, presenciais, ainda tem em nossas vidas. A dependência contemporânea do espaço digital dialoga com a privatização do espaço público descrita por Sennett (1988), ao analisar o impacto do varejo e venda por atacado na Paris do século XIX:

[...] A prática econômica da Paris do século XIX fornece pistas para transformações mais amplas. Em "público", a pessoa observava, expressava-se, em termos daquilo que ela queria comprar, pensar, aprovar, não como resultado de uma interação contínua, mas após um período de atenção passiva, silenciosa, concentrada. Por contraste, o "privado" significava um mundo onde a pessoa poderia se expressar diretamente, assim como seria tocada por outra pessoa; o privado significava um mundo onde reinava a interação, mas que precisava ser secreto. (Sennett, 1988, p. 187)

Desde o século XVIII até o presente, a urbanização capitalista transforma o espaço público em espaço de consumo, relegando a expressão direta ao privado, ao secreto. E na era digital do Neoliberalismo, o espaço digital se volta ao consumo com anúncios de aplicativos, assinaturas de serviços de *streaming*, notificações de promoções de aplicativos etc., com customizações algorítmicas que nos isolam em bolhas de consumo. Na Paris oitocentista descrita por Sennett (1988) o público era o espaço de consumo, e o privado era o espaço de expressão e interação. Na era digital, é possível ver as relações de consumo se estendendo ao privado uma vez que os conceitos de público e privado se confundem nas redes sociais sob a nova Economia de Dados (*Data Economy*). Se o capitalismo promove a perda de espaços coletivos, e se há algum desejo de significar nossa subcultura de maneira revolucionária ou subversiva do *status quo*, questiono até que ponto nosso alinhamento subcultural pode causar mudanças concretas no mundo, se ficarmos em nossa zona de conforto mediada por telas. Será que basta apoiar artistas independentes com visualizações e *likes* no Youtube, quando este é o máximo de espaço que muitos conseguem ocupar na indústria cultural?

Sugiro como alternativa o fomento à criação destes espaços contraculturais, que permitam a integração de artistas locais e a socialização em torno das artes *underground*. A

internet deveria ser uma forma de divulgação e um auxílio a propagação da nossa subcultura, sem perder de vista as interações sociais coletivas e concretas que foram historicamente os pilares de construção de grupos sociais e artísticos. O processo de alienação capitalista nos tomou os espaços públicos e coletivos, onde agora nenhuma atitude “contraprodutiva” de lazer tem importância em espaços que não geram lucro substancial às classes dominantes.

Tomar os espaços dos bares e casas noturnas como nossos é nadar contra a maré deste progresso, como nos lembra Benjamin (2009). Não frequentar estes espaços não torna alguém “menos gótico”, mas frequentá-los ajuda a manter a subcultura viva e contracultural. E ainda que os bares e casas noturnas sejam espaços privados, há uma ligação com o espaço público a partir do momento em que não se cobram entradas dos frequentadores, por exemplo, ou quando grupos se juntam nas ruas em frente aos bares para conversar longe da música alta. Este não é um cenário incomum em baladas góticas de Curitiba: pessoas entrando e saindo do espaço a todo momento, transitando pelas ruas próximas ao local. Mesmo em eventos que cobram entrada, com uma pulseira de identificação frequentemente é possível entrar e sair livremente. Em noite de balada gótica, o “rolê” se estende à rua e às praças, seja antes, durante ou após a balada, misturando o espaço público com o privado.

A socialização boêmia faz parte não só da história de subculturas ao longo do século XX, mas também ocupa um espaço simbólico no imaginário Gótico, relacionando-se com a história da literatura gótica. Até mesmo poetas não tipicamente associados à literatura gótica, como Charles Bukowski, foram apropriados pela banda Lupercais em “Crônicas de um Morto Cafajeste” (1995), em que a letra cria um imaginário em torno da boemia como subversão da ordem social. Este movimento de Lupercais é, por vezes, apropriado pela subcultura nacional a partir do status atualmente conferido à banda por góticos brasileiros.

Lá se foi titio Buk
Com destilados olores
Diletante de prazeres e dores
Satirizando um novo truque

Abandona as prosas libertinas
Desprovido de carnal véu
No intuito de copular com o Céu
(Pro poeta, a maior das vaginas)

Mas quem se encontrar quiser com o trovador da sarjeta
Siga o odor de álcool e o odor de boceta
Mas quem se encontrar quiser com o trovador da sarjeta
Siga o odor de álcool e boceta que leva a um puteiro qualquer

Enquanto à tradição erigimos seu túmulo

O debochado chega ao cúmulo
De considerar o ato uma porcaria

E pros súditos resta um questionar tamanho
Realizara o velho agora seu sonho
De engravidar a Virgem Maria?

(Lá se foi o velho escritor Charles Bukowski
Com seu fedor de vinho barato
Deixou como órfãos literários
As prostitutas, homossexuais, vagabundos e bêbados
Vá em paz, velho safado!
Que o Céu receba o teu sarcasmo sorridente!
Mas antes de chegar ao Paraíso
Passe no Inferno e peça a Satanás uma garrafa de aguardente!
Adeus!)
(Lupercais, 1995)

Também ligado a este imaginário da boemia há o simbolismo aristocrático, não raro associado a vampiros e “criaturas da noite”. Barros (2020) aborda como elementos aristocráticos, ainda que ocorram de maneira subversiva (como no caso dos *flâneurs* e poetas boêmios), carregam elementos nostálgicos do passado. A subversão e o “túmulo da tradição” se misturam, com idealizações de um passado distante no qual, por ser imaginário e mitologizado, podemos ocupar um status de “vampiros” ou “aristocratas boêmios”, algo muito distinto das experiências reais cotidianas de trabalhadores integrantes da subcultura. Neste mesmo artigo, Barros (2020) argumenta que o Gótico promove uma vampirização da História, em que a converte como fantasmagoria, conforme o conceito apresentado por Benjamin em seu livro *Passagens* (2009).

A partir das considerações expressas até aqui, arriscamos dizer que o Gótico – tanto enquanto gênero quanto como modo – faz uso da História a seu bel prazer, como bem quer, sem pedir licença, em uma relação parasitária com a mesma. O Gótico não dialoga com a História, mas sim vampiriza-a. O Gótico, ao fazer uma pilhagem desautorizada da História por meio do pastiche ou da paródia, converte-a em franja fúnebre e condena-a ao estatuto do simulacro. A História é aprisionada pelo Gótico e, ao ser por ele vampirizada, se converte em fantasmagoria. (Barros, 2020, p. 9)

Considerando que o Gótico se apropria da estética gótica da qual Barros (2020) trata, e que Shane Blackman (2014) propõe que “subcultura” é uma organização popular em torno de manifestações artísticas subversivas, vejo uma contradição na apropriação destes elementos aristocráticos quando inseridos no contexto da subcultura gótica e suas vivências boêmias, que busquei compreender através desta oficina.

Inicialmente, a oficina seria realizada no bar 92º Graus, por sua importância para a história do *underground* curitibano. Contudo, Vinnie havia conseguido que o Lado B cedesse espaço para um evento espontâneo, para o qual ele nos convidou. Optamos então por realizar a terceira oficina no bar Lado B, também importante para a cena da cidade. Fizemos o percurso a pé do Cemitério Municipal até o bar Lado B, localizado na rua Inácio Lustosa, na região boêmia da Rua Trajano Reis. Além do fator de proximidade entre o Cemitério e o bar, este curto trajeto a pé foi inspirado no estudo de Douglas Delgado (2018), que traçou os trajetos de góticos de São Paulo, e como estes trajetos se relacionam com o espaço da cidade. No caminho, paramos em um posto de gasolina para comprar água, e Patrícia, observando o espaço, me contou como aquele lugar lembrava sua juventude, quando ela e seus amigos não tinham muito dinheiro, e não havendo casas noturnas voltadas ao público gótico, os postos de gasolina eram um dos poucos espaços disponíveis para beber.

Chegando lá, o bar estava muito mais cheio do que eu imaginava. Vinnie havia chegado antes, pois iria discotecar. Como acordado, dedicáramos um tempo ao final da oficina para realizar as narrativas escritas, mas Jack não pode participar por conta do trabalho, assim como Vinnie, cujo tempo de apresentação se estendeu graças ao sucesso do evento. Consegui realizar uma pequena roda com Patricia, Thyago e Matheus no lado de fora do bar.

Iniciei a oficina com uma alegoria sobre o Lado B: o nome do bar e sua logo (**FIGURA 14**) fazem uma relação entre o “lado b” de um vinil e o *underground* como foco do espaço, no qual o desvio do *mainstream* torna-se a norma. A logo, criada pelo falecido co-criador do bar Alessandro Rüppel Silveira (vulgo “Mago”), carrega um trocadilho: no meio do vinil está escrito “Lado B Bum”, referenciando “bebum”, termo derogatório para um bêbado.

FIGURA 14 - Logo do bar Lado B



(Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DFyKLafv1ld/> Acesso em: 25 mai. 2025)

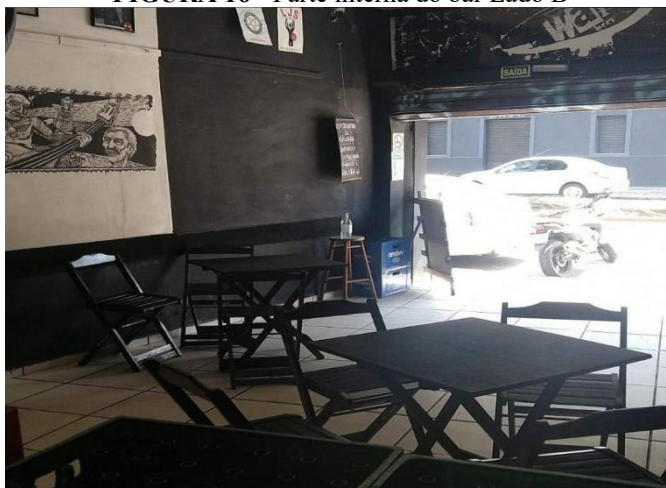
O apelo *underground* do bar é visível também na apresentação do local. Sua fachada preta é repleta de grafites e pôsteres de bandas locais, dando ao ambiente uma aparência “suja” e transgressora, no estilo *punk* (**Figura 15**). De dia, com as portas do bar fechadas, pode até se passar por um local abandonado, tomando outro aspecto durante a noite, quando as portas se abrem e o público do bar fecha a rua, levando a boemia para os arredores do local. Em seu interior (**FIGURA 16**), possui as paredes pretas com vários pôsteres de bandas famosas (como Joy Division) e bandas *underground*, e desenhos e pinturas de artistas locais. Os preços convidativos do bar o tornam uma alternativa para a vida noturna cada vez mais cara de Curitiba e seus clientes expressam um sentimento de participação na constituição do espaço, deixando suas marcas com assinaturas, adesivos, desenhos e mensagens no banheiro do bar, cujas paredes parecem um livro de visitas colorido.

FIGURA 15 - Fachada do bar Lado B



(Fonte: *Google Maps*, 2025.)

FIGURA 16 - Parte interna do bar Lado B



(Fonte: *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFh4ESRlvbb/> acesso em 25 mai. 2025)

Após essa reflexão, tratei do *flâneur* em Walter Benjamin (2009), que analisa esta figura a partir da obra de Charles Baudelaire. O *flâneur*, sendo um “vadio” que transita pelas multidões, existe em um limiar:

É o olhar do flâneur, cuja forma de vida envolve com um halo reconciliador a desconsolada forma de vida vindoura do homem da cidade grande. O flâneur ainda está no limiar tanto da cidade grande quanto da classe burguesa. Nenhuma delas ainda o subjugou. Em nenhuma delas ele se sente em casa. Ele busca o seu asilo na multidão. (Benjamin, 2009 p. 39)

Nestas Passagens, Benjamin (2009) descreve a *flanerie* como baseada, “entre outras coisas, no pressuposto de que o fruto do ócio é mais precioso do que o do trabalho” (Benjamin, 2009, p. 427, M 20a, 1). Portanto, contextualizei o evento no qual estávamos como um momento dedicado ao ócio, ao “improdutivo”, ao lazer e à socialização, comparando com a boemia dos *flâneurs*. Também explorei brevemente o contraste entre aquela região da cidade de dia e à noite. Um dos integrantes da roda comentou como aquelas ruas pareciam “mortas” durante o dia em comparação com a noite, quando os bares abrem para o público. Esta diferença entre noite e dia é abordada pela autora Elisabeth Bronfen (2008, *in*: Collins; Jervis, 2008) em seu texto “*Night and the Uncanny*”, no qual ela explora como a noite tem um aspecto “estranho” (*uncanny*), causado pela representação do mistério do desconhecido na escuridão, sendo o momento do dia propício para que o inconsciente fale através da repressão que é imposta pela “razão diurna” (Bronfen, 2008, p. 53, *in*: Collins; Jervis, 2008). A autora elabora este conceito a partir do pensamento de Freud, que compreendia o “estranho” como “algo que deveria permanecer oculto, porém é trazido à luz” (Freud, 1955, p. 241 *apud*. Bronfen, 2008, *in*: Collins; Jervis, 2008), relacionando-o com o conceito hegeliano de “noite do mundo”. Neste sentido, a

noite é muito mais do que uma ambientação gótica ou um período de descanso após o trabalho diurno, sendo o período no qual o *flâneur* noturno “penetra a noite para resolver questões psíquicas que não apenas o incomodam durante o dia, mas que também não podem ser resolvidas nele²²” (Bronfen, 2008, *in*: Collins; Jervis, 2008).

Associando esta reflexão à introspecção gótica na psique, refletimos sobre a importância da criação de espaços dedicados ao Gótico para a integração e fomentação da subcultura, construindo com os góticos um diálogo a partir de suas memórias, buscando abordar a relação entre a boemia e a subcultura, assim como os aspectos de expressão corporal nas danças em festas góticas a partir das seguintes questões: Compartilhe uma experiência significativa da sua participação em alguma festa gótica. Como se dá sua participação nas festas góticas? Você considera festas góticas importantes para o fortalecimento da cena e da subcultura? Quais os sentidos que você atribui às danças góticas? Como você relaciona estas formas de dança e expressão corporal com elementos estéticos góticos?

No momento da criação das narrativas escritas, Patrícia teve um imprevisto e precisou se retirar no evento. De modo a facilitar a coleta de suas narrativas, realizamos posteriormente uma chamada via *Google Meet*, que gravei e transcrevi para a criação das mônadas. Utilizei este mesmo método para Vinnie e Jack, que não puderam participar desta roda no dia. Logo, este caráter oral das narrativas é visível principalmente nas mônadas de Patrícia e Vinnie. Compartilho abaixo as mônadas dos protagonistas:

TOCARAM UMA MÚSICA EM MINHA HOMENAGEM

[...] Foi o primeiro rolê que usei visual, maquiagem, meu colete customizado, estava todo feliz. Naquele dia os DJs eram o Jack Jack e o Raul, que hoje são meus amigos, e no meu colete tem escrito “*Hot! Hot! Hot!*” e um patch gigante do Robert Smith do The Cure. O Raul reconheceu a música e [...] perguntou do colete, se eu que tinha feito, se “*Hot! Hot! Hot!*” era por conta da música e eu disse que sim, era minha música favorita na época. O Raul achou graça, disse que na última vez que colocaram essa pra tocar quase ninguém dançou, depois contei toda a história do meu colete, e aí ele me apresentou ao Jack e eventualmente, no rolê, veio me chamar no fumódromo porque tinham colocado “*Hot! Hot! Hot!*” para tocar em minha homenagem, fiquei muito feliz, dancei horrores, fechei a Pulp no dia e senti que tinha começado com o pé direito na sub. – **Matheus Moledo**

²² Do original: “*penetrates into the night so as to resolve psychic issues that not only bother him during the day, but can also not be resolved there*”. Tradução minha.

NÃO ME SINTO UM ALIENÍGENA NO MEIO DAS PESSOAS

[...] Eu amo dançar! O motivo de gostar tanto de ir na Pulp é que posso dançar de uma forma que gosto e não me sinto um alienígena no meio das pessoas. Então eu estou sempre alternando entre a pista de dança e a parte externa pra respirar um pouco. Recentemente eu estou me jogando de cabeça na organização de rolês, ajudei em dois *Nigravis Goth Night* já e estou organizando um rolê por conta que vai acontecer em abril (2025) para comemorar um ano da minha zine gótica.

[...] As festas são espaços de socialização, ótimos lugares para conhecer gente nova, rever amigos, porque querendo ou não a cena é meio pequena e todo mundo meio que se conhece, mas em festas sempre tem chance de uma ou outra pessoa nova acabar aparecendo. – **Matheus Moledo**

NA DANÇA GÓTICA HÁ ESPAÇO PARA TUDO

[...] É muito fácil incorporar elementos de outras danças ou subculturas na dança, eu uso muito o *pogo* do *punk* combinado com movimentos mais suaves, funciona bem pra mim, que sou bem enérgico nos rolês, e combina com as músicas, então acho que vai de cada um, a diversão é justamente ver a pluralidade.

Acredito que, na tentativa de representar os elementos estéticos da subcultura e nossas emoções através da dança, há muitas maneiras de dançar e com isso muitas formas de se expressar, na dança gótica há espaço para tudo. Desde movimentos que remetem a pegar teias de aranha e a se mover como um fantasma, até danças mais introspectivas para as músicas mais envolventes e os movimentos que expressem mais energia e raiva, vai depender do que está tocando e do que você está sentindo para expressar naquele momento [...] – **Matheus Moledo**

MANEIRA DE AJUDAR A MANTER A CENA VIVA

[...] Um rolê que ajudo a organizar vez ou outra é o *Nigravis Goth Night*, encabeçado pelo Vinnie. Então enquanto ele normalmente discoteca e faz toda a parte mais burocrática, eu e os outros ADMs do rolê ajudamos a divulgar e tentamos manter a ordem durante o evento.

Normalmente, eu sempre tento aparecer nas festas da sub, normalmente pra fortalecer o rolê, e por consequência a cena em si. Devo muito a este tipo de festa porque fiz amigos muitos bons que conheci neste meio, então sempre tento conversar com a galera e conhecer mais sobre suas histórias, o que pensam sobre a sub e como chegaram ali, acho que é uma maneira de ajudar a manter a cena viva. – **Thyago Willem**

FOMENTAR NOVAS FORMAS DE ARTE

[...] Não tem algo que ajude mais a dar vivacidade à subcultura do que juntar a galera, compartilhar ideias, curtir e divulgar mais coisas da sub. Isso é o que atrai novas pessoas e é um jeito indispensável de fomentar novos eventos e formas de arte, é nesses locais que a galera vai se conhecer a tirar inspiração pra fazer novas formas de arte que só vão agregar a cena, falando por experiência, eu

dei mais foco na minha escrita justamente pelo apoio que tive de amigos que conheci nesse tipo de rolê.

– **Thyago Willem**

HARMONIA NA EXPRESSIVIDADE

[...] Não sou nenhum pé de valsa. Mas o que percebo quando vejo a galera nos rolês, e o que eu faço quando me movimento, tem muito mais a ver com a *vibe* tanto do pessoal quanto da música que tá tocando, do que fazer algo muito elaborado ou complexo. Acho que, de certa forma, é uma característica tão marcante dos integrantes da sub quanto da música em si.

Acho que é algo que se une a um certo "conjunto" [...] a expressão corporal no que diz respeito a dança é uma coisa, mas diria que é na harmonia de música, maquiagem, modo de se portar, etc., em que o gótico acontece, corporalmente falando e essa expressividade também fica ainda mais aparente. –

Thyago Willem

EVENTOS GÓTICOS: A VIDA AINDA VALE A PENA SER VIVIDA

Na primeira festa que toquei como DJ, tinha uma mãe com sua filha adolescente que mencionou que a filha tinha tentado suicídio uns meses atrás, e a mãe resolveu trazer a filha para os eventos góticos como uma forma de mostrar que a vida ainda vale a pena ser vivida, e fazer parte disso de uma certa forma me marcou bastante. – **Vinnie Corvo**

REGISTRO HISTÓRICO DA SUBCULTURA

[...] É onde temos essa conexão com a música, onde o gótico como identidade é celebrado e as festas de uma certa forma ficam como registro histórico da subcultura em si.

Geralmente só participo, divulgo os eventos locais e organizo alguns encontros como o *Nigravis* no passeio público, que é uma forma de fazer o pessoal da subcultura se encontrar e fazer amizades. Também organizo e participo como DJ em algumas festas do *Nigravis*. – **Vinnie Corvo**

EXPRESSIONISMO E A EXPRESSÃO INDIVIDUAL

Acredito que é a expressão individual, geralmente não tem um sentido lógico e a pessoa se sente confortável com ela mesma para se expressar do seu próprio jeito na pista de dança.

[...] Uma das principais vertentes artísticas que tem influência sobre o gótico é o expressionismo, seja no cinema ou até mesmo na arquitetura, mas acho que existe uma grande influência expressionista na dança também, mesmo que sendo algo instintivo e não pensado na hora da pista, mas é possível ver claros paralelos com a dança expressionista. – **Vinnie Corvo**

PRECISAMOS DE UMA MENTALIDADE *STRAIGHT EDGE* NO GÓTICO

[...] Muitas vezes, o rolê gótico acaba se resumindo a encontrar a galera pra encher a cara, basicamente. Então acho que às vezes falta ter um outro tipo de rolê, um outro tipo de engajamento ali

com o pessoal. [...] Depois que eu parei de beber eu dei uma parada gigante com o *Nigravis*, porque eu vi que tava muito isso, a galera indo no parque lá pra encher a cara [...] Então tá sendo um desafio pra mim também. [...] Tô pensando ali pro futuro como que eu vou meio que tentar trazer um pouco dessa mentalidade do *Punk Straight Edge* pro gótico. [...] Pelo menos eu não vejo esse tipo de atitude mais forte no gótico.

[...] Eu nunca vi ninguém falando sobre isso [...] a glamourização da bebida alcoólica eu acho que é algo que rola a nível sociedade, não só no micro-organismo do gótico. Mas é algo que a gente vê que afeta todo mundo. [...] Eu era o cara que trazia seis litros de vinho pro rolê e deixava lá pra galera [...] Então era essa parada bem dionisíaca.

[...] É uma responsabilidade que eu vejo que, como subcultura, a gente meio que não tem. Tipo, o rolê é esquecer que o mundo existe, “tô morto por dentro mesmo, e que se [censurado]”. [...] A gente pode curtir uma poesia ali, curtir um Drácula, tomar um suco de uva tranquilamente, sabe? [...] Querendo ou não, muita gente nova começa a ter esse contato com o gótico, e às vezes o adolescente nunca tomou um gole de álcool na vida, mas vai ter vontade de tomar porque começou a engajar com a subcultura gótica. Então acaba virando um efeito dominó bem perigoso. – **Vinnie Corvo**

FAÇA VOCÊ MESMO UMA CENA GÓTICA: A PRIMEIRA NOITE ETERNA

[...] A Noite Eterna foi a primeira festa oficialmente gótica de Curitiba, e não existia muita casa na época. Basicamente, as baladas que tinha aqui eram as baladinhas de *playboy*, Circuito Batel, Água Verde e tal, que não tinha nada a ver, e as casinhas caindo aos pedaços da região central, que era onde a gente frequentava. [...] Meio que todo mundo se encontrava nesses lugares, mas não era gótico. Era todo mundo que eram os estranhos, tinha metaleiro, tinha RPGista, tinha gótico, tinha *punk*, tinha muito careca, que não ia lá com a gente, mas ia pra bater em todo mundo.

[...] Então não tinha essa unidade, esse conceito de cena gótica em Curitiba. Isso aí foi basicamente criação do Fred, surgiu com a lista. Despretensiosamente, ele só criou a lista porque ele era um menino de 17 anos, ele tinha a minha idade, também é de 83. [...] Ele já tava mais avançadinho nesse conceito, porque ele já sabia que isso era gótico, e ele viu que Curitiba não tinha, e se existia o *Yahoo Groups*, “vou criar um grupo, vai que se tiver meia dúzia aqui, tá no lucro”. [...] A gente tava debatendo no grupo como é que seria a festa, o que seria legal de ter, o que não seria legal. [...] A festa foi obviamente idealizada pelo Fred, mas todo mundo criou junto.

[...] Como não tinha casa, [...] existia um lugar chamado Caffé Capella, [...] rolou lá, e eram acho que três ou quatro andares. E a gente não entendia de produção de festa, não tinha referência [...] Então não tinha decoração, iluminação nem nada. [...] Eu não lembro se foi no segundo ou no terceiro andar, era vazia aquela sala, e o pessoal construiu como se fosse um mini palco. [...] Foi muito “Faça Você Mesmo”.

E aí uma banda conseguiu emprestado a caixa de som [...] Só que não tinha equipamento de DJ, então [...] teve várias bandas, as bandas dos nossos amigos. E o Zigurate tocou, inclusive [...] A

discotecagem da festa foi o pessoal colocando o CD em dois discman. [...] Não tinha decoração. Minha amiga lembrou que naquele dia, por coincidência, era o dia que recolham as flores já mortas ou morrendo do Cemitério Municipal. [...] Lá foi ela com um amigo nosso de carro, e voltaram com o portamalas cheio [...] A gente se sentiu num clipe dos Smiths, sabe? Jogando flores mortas pelo chão, pela escada. E todo mundo escorregou na escada, porque claro...

[...] Eu era uma criança, basicamente, se metendo a fazer festa [...] bagulho totalmente *freestyle*. E deu muito certo. Tanto que teve a Noite Eterna 2, em 2002, já numa casa que [...] você fechava à noite. [...] E teve bandas aí já com cachê, o Gengivas Negras tocou nesse dia. [...] Tava bem cheio. [...] Veio gente de São Paulo, sabe? Então, virou um negócio que chamou a atenção. Também rolou uma Noite Eterna 3 no ano seguinte. - **Patricia Gnipper**

CURITIBA INCENTIVA A BOEMIA

[...] Toquei nas primeiras festas, frequentei as primeiras festas, até eu voltar pra São Paulo, que foi no finalzinho de julho de 2005. [...] Era aquela participação ativa e passiva ao mesmo tempo [...] junto com o Fred, junto com outro amigo. [...] a gente tava sempre juntos, dando ideias, opinando e divulgando. [...] Então eu toquei nas primeiras *Bio Dementia*, era residente do *Absolute Beginners* [...] eu usava muito o Fotolog também pra ficar divulgando tudo isso.

[...] Eu tava desanimando muito por causa das questões de São Paulo mesmo. Tudo longe, tudo caro, tudo estresse, não tava nem valendo a pena sair. Eu até achei que eu tava cansando de rolê [...] parei de tocar em festa. A vida aconteceu, e em São Paulo a vida acontece muito. É muito mais complicado.

[...] Eu voltei pra cá em março de 2022. No primeiro ano, eu praticamente não saí [...] eu voltei porque meu padrasto tava com câncer, então eu voltei também pra ajudar ele, minha mãe e tal. Meu foco tava outro. Eu só voltei a sair assim, falando... “Deixa eu conhecer os jovens góticos daqui, hoje em dia. Deixa eu ver se ainda tem dinossauros, eu vou ser a única tia do rolê”, no *Gothic Carnival* de 2023. Porque um amigo meu lá de São Paulo, super amigo, [...] veio tocar [...] Foi lá no 92. Aí eu fui, conheci o Jack, reencontrei outro amigo, a banda dele tocou. E aí foi acontecendo.

Eu não vou sempre em tudo. Primeiro, eu não tenho mais pique [...] o Fred, por exemplo, ele até falou: “Pati, como é que você aguenta?” Eu falei: “cara, Curitiba tá incentivando, porque aqui tudo é perto, tudo é rápido, as coisas são baratas”. Eu posso ir e [...] tô cansada, quero ir pra casa, eu pego o Uber, literalmente seis, sete minutos eu tô em casa, e pagando no máximo 10 reais de Uber. Isso em São Paulo é inimaginável, sabe? [...] Então, tudo incentiva. - **Patricia Gnipper**

NÃO DÁ PRA FICAR SÓ EM FESTA

[...] Não dá pra ficar só em festa, né? Tem outras coisas que gótico também gosta. Tem outras coisas que também permitem, que fomentam esse encontro, essa união [...]

Eu quero ter shows, eu quero ter festa, eu quero ter bar. Eu quero ter coisas diferentes, eu quero ter exposição, eu quero ter teatro, eu quero ter uns rolê na rua, entendeu?

[...] Vai muito das gerações mais novas de ter outras ideias. De ter outros desejos, outras referências. [...] As redes sociais estragaram muito, porque centralizou muito essa interação entre as pessoas, então a gente depende do que elas fornecem. Antes das redes sociais, era tão mais livre, e tinha tantas mais opções. [...] Uma coisa que sempre teve muito, e era fundamental, porque a internet não tinha o peso que tem hoje, eram os fanzines. Qualquer um fazia. [...] -**Patricia Gnipper**

ESTAMOS TODOS JUNTOS, MAS SOZINHOS JUNTOS

[...] Gótico é uma sensibilidade artística. [...] E a expressão corporal faz parte [...] às vezes o seu corpo fala e você nem percebe. E a dança também é uma catarse. Gótico precisa de catarses. Gótico também precisa de um momento ali, tô botando tudo pra fora silenciosamente, mas não só com a minha mente, meu corpo.

[...] O sentido é sentir. Você tá sentindo a música, ela tá conversando com você de alguma forma, e o seu corpo tá respondendo àquilo, àquele estímulo, àquela onda. [...]. A gente não só reproduz, a dança não é só uma reprodução do que você viu.[...] Música é fundamental para eu entender as pessoas, as emoções, entender a mim mesma, processar coisas, me expressar. [...] E o corpo, ele reage à música. [...] Quando você tá matando barata na pista, a música tá te levando a fazer isso. [...] E o tirar teias de aranha é algum elemento da música que tá sendo mais etéreo, mais fluido, que não combina com algo agressivo e forte de bater o pé no chão, combina com algo no ar. Instintivamente, o nosso corpo ele sente, e aí ele leva a gente a se mover daquela forma. [...] por exemplo, não fico olhando pro chão, mas eu fico olhando pro nada. [...] Eu tô vivendo aquele momento, entendeu? Eu não quero ficar olhando pras pessoas, interagindo com as pessoas naquele momento. Pra mim, dançar na pista sempre foi uma coisa meio individual, estamos todos juntos, mas sozinhos juntos. [...] Tem muita gente que dança junto, que interage. Mas pra mim é uma coisa mais introspectiva, é mais meu momento. Se eu estivesse sozinha ali, ou com cem pessoas ao redor, eu estaria do mesmo jeito. - **Patricia Gnipper**

MÚSICA: UM ELEMENTO FUNDAMENTAL PARA A SUBCULTURA

Trabalho na produção de festas góticas desde 2009, também faço discotecagem em outras festas desde pouco antes disso. Ajudo com a divulgação e organização de festas de outros produtores e também procuro comparecer em todas as festas possíveis, a fim de ajudar na manutenção delas.

[...] A organização do *Gothic Carnival*, principalmente nesses dois últimos anos, onde consegui trazer o *Plastique Noir* em 2024, depois de anos me programando, e em 2025 com as primeiras atrações internacionais.

A música é um elemento fundamental para a Subcultura, sendo assim, as festas são momentos em que os góticos conseguem se reunir para escutar e dançar juntos as músicas que gostam, o que também confere as festas essa importância na socialização entre os membros da cena. – **Jack Jack**

SENTIMENTO DE LIBERDADE E PERTENCIMENTO

A dança no gótico ajuda a reforçar o sentimento de liberdade e pertencimento enquanto subcultura, uma vez que não há julgamento sobre o modo de dançar de cada um

Tanto a dança, quanto os elementos estéticos góticos tem um caráter muito individual para cada membro da subcultura, uma vez que não existam coreografias e danças prontas. Junto a isso, a cultura do DIY presente no gótico ajuda a reforçar essa individualidade/introspecção - **Jack Jack**

Durante suas narrativas, os integrantes compartilharam suas experiências com festas góticas, os sentidos que atribuem a elas e às danças góticas nestes eventos. Chamou minha atenção como os protagonistas convergem ao considerar eventos góticos importantes para a subcultura, apesar de possuírem diferentes experiências e perspectivas. Estas contribuições dos protagonistas dialogam com o Gótico enquanto uma forma de organização social coletiva, ressaltando a importância da interação entre membros da subcultura para mantê-la viva.

Nas mônadas “Tocaram uma música em minha homenagem” e “Não me sinto um alienígena no meio das pessoas”, Matheus menciona a Pulp, outra balada alternativa de Curitiba, voltada ao *synthpop* dos anos 1980, onde Jack Jack é DJ residente e toca sets especiais de pós-punk e *gothic rock*, além do *synthpop*. Assim como Matheus, foi na Pulp em que conheci Jack e comecei a me familiarizar com a cena local. Na primeira mônada de Matheus, ele relata ter sido imediatamente acolhido pelos DJs Jack e Raul, e como sua vestimenta serviu de ponto de partida para sua inserção na cena²³. A narrativa também demonstra uma relação mais íntima entre os DJs e clientes destas casas noturnas alternativas de Curitiba, que podem adaptar suas apresentações de modo a incluir a comunidade, fomentando o pertencimento a estes espaços.

Em seguida, na segunda mônada, Matheus mostra um circuito interno comum nestas baladas: a alternância entre a pista de dança e a área externa, voltada à socialização. Ele também conta como, a partir de sua integração na cena local, passou a ajudar na organização de eventos como o *Nigravis Goth Night* de Vinnie Corvo, e criou seu próprio zine “Mausoléu”, para o qual realizou seu primeiro evento em comemoração a um ano do zine (**FIGURA 17**), no bar Janaína Vegan, no qual realizamos a primeira oficina:

²³ A temática da moda e sua relação com a identidade gótica é abordada com maior profundidade na quarta oficina, na qual Matheus compartilha suas customizações, incluindo o colete mencionado.

FIGURA 17 - Chamada para o evento Mausoléu



(Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DH9XrsdywrR/?hl=pt-br> Acesso em: 25 mai. 2025)

O local de realização do evento demonstra uma relação de apoio mútuo *underground* entre Matheus e Jack, gerente do bar, que disponibilizou o espaço para a realização do evento. Observo como estas memórias de Matheus revelam uma teia de conexões entre integrantes da cena: “querendo ou não a cena é meio pequena e todo mundo meio que se conhece”. Esta teia auxilia na realização de eventos *underground*, garantindo o direito à espaços e, no caso de eventos gratuitos (como o aniversário do zine Mausoléu), o livre acesso à arte alternativa.

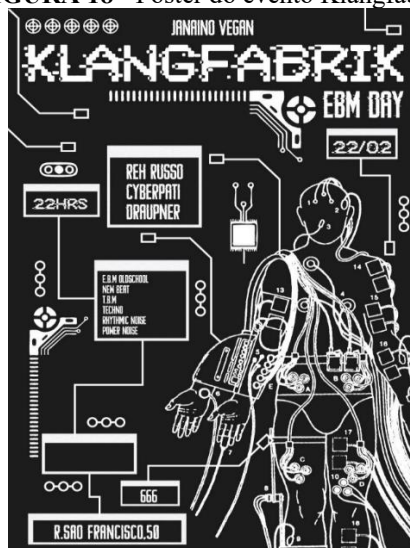
Thyago também partilha sentimentos de pertencimento e até de dever na fomentação destes eventos e espaços na mônada “Uma maneira de ajudar a manter a cena viva”. Thyago e Matheus ajudam na organização do *Nigravis Goth Night* de Vinnie Corvo, sendo responsáveis pela administração e divulgação do evento. Esta mônada revela como seu sentimento de “dever” para com a cena não é sobre uma necessidade de comprovar seu *status* na cena (a “carteirinha gótica”), mas sobre retribuir todas as amizades que ele fez nestes espaços que o acolheram. Noto ainda como Thyago realiza, nestes eventos, uma forma de escuta sensível que remete ao ofício do historiador, quando diz que sempre tenta “conversar com a galera e conhecer mais sobre suas histórias, o que pensam sobre a sub e como chegaram ali”.

Na mônada “Fomentar novas formas de arte”, Thyago retoma a visão de mundo pautada na arte (abordada na oficina anterior), quando diz que “é um jeito indispensável de fomentar novos eventos e formas de arte, é nesses locais que a galera vai se conhecer a tirar inspiração pra fazer novas formas de arte que só vão agregar a cena”. Termina por contar como sua participação ativa na cena o ajudou a crescer como escritor, o inspirando e dando coragem para compartilhar suas produções com amigos que o apoiaram nesta jornada criativa.

Em seu livro “*Sounds of the Underground: A Cultural, Political and Aesthetic Mapping of Underground and Fringe Music*”, Stephen Graham (2016) explora como a popularização da internet alterou a organização de cenas *underground* pelo mundo, mudando as bases puramente físicas de conexão com o *underground*, para uma maneira mais globalizada e, em certos momentos, mais difusa de apoio ao *underground*. No caso da cena gótica curitibana, a maior parte da divulgação destes eventos se dá por redes sociais como o *Instagram*, no qual os perfis de bares como o Lado B e os perfis @Nigravis_cwb e @goticoscwb (administrados por Vinnie Corvo e Jack Jack, respectivamente) divulgam eventos *underground* da cidade. Mas seria correto assumir que o espaço físico não é mais central ao *underground*?

Na mônada “Curitiba incentiva a boemia”, Patricia demonstra como o espaço urbano impacta os modos de se relacionar com o *underground*. Para a protagonista, Curitiba pode favorecer a manutenção da cena local, pois ainda que seja uma cidade grande, com público o suficiente para eventos alternativos, é muito menor que São Paulo, onde é “tudo longe, tudo caro, tudo estresse”. O ritmo acelerado da capital paulista foi um dos fatores que distanciou Patricia de eventos *underground* durante o período em que morou lá. Animada com a agitação atual da cena curitibana, e com a forma como em Curitiba “tudo é perto, tudo é rápido, as coisas são baratas”, Patricia voltou a frequentar eventos, voltando a discotecar em 2025 no evento eletrônico *dark Klangfabrik* (FIGURA 18), vinte anos depois de sua última apresentação como DJ, em 2005:

FIGURA 18 - Pôster do evento Klangfabrik



(Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DFL4WhmMOp0/?hl=pt-br> Acesso em: 25 mai. 2025)

Stephen Graham (2016) coloca que o espaço urbano (principalmente em grandes cidades como Curitiba) ainda é essencial para a organização de cenas *underground*, mas não é o único fator. Estas cenas só são possíveis graças à dedicação de indivíduos e comunidades dispostas a organizá-las. Para Graham (2016):

A base inalienável de todas as cenas underground, sem as quais elas não conseguiriam existir mas com as quais elas possuem alguma chance de sobrevivência, é a presença de permissividade social e alguns indivíduos entusiásticos. Sem o primeiro, como, por exemplo, malianos sob o atual regime islâmico estão descobrindo, é difícil e até impossível conseguir fazer qualquer cena musical decolar. Sem o último, é impossível. Diversas cenas superaram as limitações financeiras e culturais locais no desenvolvimento de atividades locais. O *underground* é naturalmente frágil e marginal, e não é preciso muito para mantê-lo; mesmo cenas locais maiores são construídas, em parte, com base nos esforços de um pequeno número de músicos, *promoters*, donos de casas de shows e público.²⁴ (Graham, 2016, p. 30)

O autor cita como estas cenas dependem desta permissividade social e do entusiasmo de indivíduos dispostos a manter as cenas vivas, formando as bases da sobrevivência do *underground*. Ainda neste estudo, o autor analisa como o capitalismo permite e fomenta o *underground* a partir das contradições inerentes ao sistema (Graham, 2016), algo que pode ser observado na forma como os eventos góticos curitibanos são divulgados no *Instagram*, pertencente à Meta, cujo dono bilionário Mark Zuckerberg possui um monopólio de redes sociais. Além disto, bares e casas noturnas voltados ao *underground* precisam se inserir na lógica capitalista de um modo ou de outro, dependendo do lucro destes espaços para sobreviverem.

Isto ocorre porque, como qualquer outra organização social, o *underground* é resultado e refém do tempo histórico no qual existe e das estruturas sociais que o cercam. Na mônada “Registro histórico da subcultura”, Vinnie demonstra uma consciência de sua agência histórica como organizador e participante destes eventos, quando diz que “as festas de uma certa forma ficam como registro histórico da subcultura em si”. Assim, a memória histórica da subcultura é preservada e propagada através das festas, que funcionam como uma espécie de Kairós (Löwy, 2005), salvando o Gótico do esquecimento e de sua relegação ao passado do Batcave.

²⁴ Do original: “The inalienable basis of all underground scenes, without which they couldn’t exist but with which they have some chance of survival, is the presence of social permissiveness and some enthusiastic individuals. Without the former, as, for example, Malians under the current Islamist regime are finding out, it is hard to impossible to get any music scene off the ground. Without the latter, it’s impossible. Various scenes have surmounted local financial and cultural limitations in developing local activity. The underground is naturally fragile and marginal, and it doesn’t take much to keep it going; even larger local scenes are built in part on the basic foundation of the efforts of a small number of musicians, promoters, venue owners, and audiences”. Tradução minha.

Jack Jack expressa o auxílio mútuo da cena em sua mônada “Música: um elemento fundamental para a subcultura”, na qual conta que, além de suas produções de eventos, auxilia na divulgação e organização de eventos de outros produtores (como a *Klangfabrik*), e que tenta “comparecer em todas as festas possíveis, a fim de ajudar na manutenção delas”. Sua produtora de eventos, Pós-Uma, realiza anualmente o *Gothic Carnival* (**Figura 19**), carnaval gótico de Curitiba, a festa *After Dark*, eventos de comemoração ao Dia Mundial do Gótico (22 de Maio) e de sexta-feira 13, assim como a tradicional festa à fantasia da noite mais gótica do ano, o Halloween.

FIGURA 19 - Pôster do *Gothic Carnival* de 2025



(O pôster divulga o evento com bandas *underground* nacionais e regionais, assim como atrações internacionais do Reino Unido. Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DEVm57US7Tx/?hl=pt-br> Acesso em: 25 mai. 2025)

Seu esforço em agitar a cena local culminou quando, em 2024, conseguiu trazer para a cidade a banda *Plastique Noir*, uma das maiores bandas góticas nacionais, assim como as primeiras atrações internacionais em 2025. Jack expressa que, dentre todas as manifestações artísticas do Gótico, a música adota um papel central na constituição do seu caráter *underground* e na manutenção da cena local: “A música é um elemento fundamental para a subcultura, sendo assim, as festas são momentos em que os góticos conseguem se reunir para escutar e dançar juntos as músicas que gostam”. Ele compreende a música e os eventos em torno dela como catalisadores para a socialização entre membros da subcultura, fortalecendo seus laços.

Se hoje góticos como Matheus, Thyago, Vinnie e Jack conseguem realizar estes eventos em Curitiba, é porque, além do apoio de demais góticos e alternativos da cidade, a geração de Patricia Gnipper e Fred Bulamarqui, entre outros, plantou as sementes para a cena atual no início do milênio. Na mônada “Faça você mesmo uma cena gótica: a primeira Noite Eterna”, Patricia relata que o meio alternativo curitibano não possuía cenas muito definidas, concentrando indivíduos de diversas subculturas e orientações alternativas na região central da cidade: “Era todo mundo que eram os estranhos, tinha metaleiro, tinha RPGista, tinha gótico, tinha punk, tinha muito careca, que não ia lá com a gente, mas ia pra bater em todo mundo”. Infelizmente, isto incluía até mesmo neonazistas *skinheads*, os “carecas” que cometiam crimes de ódio e propagavam violência urbana na noite curitibana. Foi quando, em 18 de junho de 2001, Fred Bulamarqui, amigo de Patricia, criou a lista do *Yahoo Groups* “Gótico Curitiba”, na intenção de reunir e organizar góticos da cidade e sua região metropolitana.

O *Yahoo Groups* foi fundamental para o início de uma cena gótica organizada em Curitiba e revela como as gerações anteriores se relacionavam com a internet em seu início no Brasil. Nesta época, o acesso a informações sobre a subcultura ainda era escasso na internet brasileira e Fred aproveitou o conhecimento que já possuía sobre o Gótico para compartilhá-lo com pessoas interessadas na subcultura, buscando criar uma cena coesa. Nessa lista, os integrantes faziam chamadas para encontros em bares como o Linu’s, compartilhavam produções artísticas como poemas e fotografias, além de indicações de músicas, livros e filmes relacionados à subcultura e ao movimento artístico gótico. Foi através dessa lista que começaram a organizar o que seria o primeiro evento oficialmente gótico de Curitiba: o Noite Eterna, cuja primeira edição ocorreu em 28 de outubro de 2002.

Impulsionados pelo amor à subcultura e uma ânsia jovial de experienciar uma balada gótica, o grupo organizou o evento com base nos valores *DIY* (*Do It Yourself* ou Faça Você Mesmo) popularizados pelo *Punk*, sem experiência prévia de organização de eventos, nem casa noturna própria, fazendo o evento no espaço Caffé Capella, uma antiga capela que operava como cafeteria, conforme a **FIGURA 20**:

FIGURA 20 - Fachada do Caffé Capella

(Fonte: Acervo de Patricia Gnipper compartilhado com a pesquisadora, 2002.)

FIGURA 21 - Interior do Caffé Capella

(Fonte: Acervo de Patricia Gnipper, 2002, compartilhado com a pesquisadora. Montagem da pesquisadora, 2025.)

Apesar de não ser uma casa noturna, o Caffé Capella se encaixava no visual gótico do evento, com imagens religiosas de anjos, luminárias antigas e longos lances de escadas que conferiam ao espaço um ar romântico e decadente (**FIGURA 21**). Na última fotografia da **FIGURA 21**, há pôsteres com poemas, materiais de divulgação e páginas de zines. Mas o toque gótico especial da decoração foram as flores mortas do Cemitério Municipal (**FIGURA 22**):

FIGURA 22 - Escadaria do Caffé Capella decorada com flores mortas



(Fonte: Acervo de Patricia Gnipper compartilhado com a pesquisadora, 2025.)

Não seria até a segunda edição do Noite Eterna (**FIGURA 23**), ainda em 2002, que o evento teria cachê para as bandas (como o Gengivas Negras), dessa vez contando com uma casa própria para eventos, cujo espaço lotado recebeu inclusive góticos de São Paulo. Com seu rápido crescimento, a história do Noite Eterna demonstra como a cultura *DIY* do *underground* pode fomentar a vida noturna das cidades com eventos dedicados às artes alternativas.

FIGURA 23 - Segunda edição do Noite Eterna



(Fonte: Acervo de Patricia Gnipper, 2002, compartilhado com a pesquisadora. Montagem da pesquisadora, 2025.)

A FIGURA 23 mostra outro ponto crucial das festas góticas: a dança. Durante a oficina, os protagonistas compartilharam suas perspectivas sobre os múltiplos significados das danças góticas, carregadas de elementos de autoexpressão, que variam conforme as diferentes sonoridades góticas. Na mônada “Estamos todos juntos, mas sozinhos juntos”, Patricia conta que, para ela, a dança é sobre introspecção: “Eu não quero ficar olhando pras pessoas, interagindo com as pessoas naquele momento. Pra mim, dançar na pista sempre foi uma coisa meio individual, estamos todos juntos, mas sozinhos juntos.”. Olgária Matos (2010) descreve como uma das características da melancolia é o isolamento, o distanciamento dos outros e do mundo, fruto de um estado contemplativo.

Um elemento comum (e talvez estereotípico) da dança gótica é o desvio do olhar. Este costume é parodiado no desenho americano *South Park* (2004) no quarto episódio da oitava temporada, intitulado “*You Got F’d in the A*”. Neste episódio, um grupo de góticos afirma que a dança gótica é diferente, priorizando a expressão de sentimentos de melancolia (“jovens góticos dançam para expressar dor e sofrimento”²⁵). Questiono se esta não é uma manifestação corporal da reflexão que o gótico promove sobre o isolamento na modernidade. Popularmente, considera-se que “os olhos são a janela para a alma”, e estas janelas quase sempre aparentam fechadas – sintoma da modernidade capitalista (Benjamin, 2007). A relação entre esta melancolia contemplativa e a dança gótica é visível na música “Meu Velório”, da banda brasileira independente Gótia (2024), que descreve passos caóticos (“danço errado”) como parte da identidade gótica em uma balada gótica:

Eu quero que o meu velório
Seja numa balada gótica
Com vinho feito de sangue
E rodeado de pessoas mortas

Eu visto preto, eu danço errado
E eu amo a dor que mata

Eu amo a dor que mata (5x)
Ah eu amo a dor que mata

Eu visto preto, eu danço errado (6x)

Eu fui até o inferno
Mas você não estava lá
Tentei te achar nas trevas

²⁵ Do original: “goth kids dance to express pain and suffering”. Tradução minha. Esta cena se dá na minutagem 09:20. Disponível em: <https://www.southparkstudios.com.br/en/episodes/d47csv/south-park-you-got-f-d-in-the-a-season-8-ep-4> Acesso em: 15 set. 2024

Te procurei de bar em bar

Mas você não estava lá
Mas você não estava lá

E então no meu velório
Você estava lá
Me olhando no caixão
Você veio me sepultar

Eu amei a minha morte (5x)
Pois você foi a minha morte
(Gótiá, 2024)

Ao mesmo tempo que o eu lírico demonstra uma busca frustrada pela cura da melancolia “Tentei te achar nas trevas/ Te procurei de bar em bar/ Mas você não estava lá”, demonstra certo orgulho em “dançar errado”. Isto pode ser compreendido como um orgulho na expressão autêntica corporal: o que possibilita um “crédito subcultural” (Soares, 2021) é justamente o descaso por regras que limitem a autoexpressão e individualidade.

Me recordo de minha primeira balada gótica em Curitiba. Estava na pista de dança quando, em um dos poucos momentos em que ergui os olhos do chão, vi este rapaz dançando freneticamente sozinho em um canto, onde permaneceu até o fim da festa. Seu jeito de dançar era tão peculiar que me lembrava o estilo “epilético” de Ian Curtis, vocalista do Joy Division. Devo ter permanecido imóvel por uma música inteira, apenas encantada com a forma como ele se soltava ao som da música, e com como ninguém a sua volta parecia se importar, algo que eu nunca vi em baladas *mainstream*. Na mônada “Sentimento de liberdade e pertencimento” de Jack, ele afirma que: “A dança no gótico ajuda a reforçar o sentimento de liberdade e pertencimento enquanto subcultura, uma vez que não há julgamento sobre o modo de dançar de cada um”. O protagonista compreende que a subcultura aceita diferentes modos de autoexpressão na dança, sem julgamentos, abraçando individualidades e experiências catárticas com a música.

As danças góticas possuem inúmeras variações de passos e formas de teatralidade que variam conforme cada indivíduo e cada estilo musical. Ainda que não seja impossível, é mais difícil sincronizar os movimentos fluidos dos passos de *darkwave* com os ritmos marcados do *EBM* e Industrial, e vice-versa. Enquanto o *darkwave* frequentemente carrega influências românticas (Goodlad; Bibby, 2007), e os movimentos fluidos refletem uma aura etérea, os estilos eletrônicos associados ao *cybergoth* carregam nas letras elementos distópicos *cyberpunk*, que combinam com movimentos propositalmente duros e robóticos. Na mônada “Na dança

gótica há espaço para tudo” de Matheus, ele relata que utiliza passos de “*pogo*²⁶ do *punk* combinado com movimentos mais suaves”, que combina com sua personalidade enérgica e com seus estilos musicais favoritos, como pós-punk e *deathrock*, estilos sonoramente mais próximos do *Punk*. Para ele, “a diversão é justamente ver a pluralidade”:

Na mônada “Harmonia na expressividade”, Thyago se alinha com Matheus ao afirmar que os passos de dança “tem muito mais a ver com a *vibe*, tanto do pessoal quanto da música que tá tocando do que fazer algo muito elaborado ou complexo.”. Para os protagonistas da pesquisa, a dança cumpre uma função de expressão do fluxo de (in)consciência do *flanêur* boêmio, conforme Elisabeth Bronfen (2008, *in*: Collins; Jervis, 2008). De acordo com a autora, as artes representam o “lado noturno” do conhecimento, renegado pela Filosofia cuja teoria baseia-se na iluminação. A noite gótica, centrada na música e cercada de diversas manifestações artísticas, convida os boêmios a se conectarem com suas sensibilidades, através da interação e formação de laços com outros indivíduos, assim como na introspecção e autoexpressão na pista de dança. Para Vinnie, na mônada “Expressionismo e a expressão individual”, a dança gótica é muito influenciada pelo Expressionismo alemão. A subcultura referenciou o cinema expressionista alemão principalmente durante o início da formação do Gótico. Um exemplo é a obra de Bauhaus, cujo verso da capa do vinil 12” de “*Bela Lugosi’s Dead*” (1979) (FIGURA 24) consiste em uma cena de um clássico do cinema expressionista alemão, “O Gabinete do Dr. Caligari” (1920) dirigido por Robert Wiene:

FIGURA 24 - Expressionismo alemão no vinil de “*Bela Lugosi’s Dead*”



(Fonte: Amazon Music. Disponível em: <https://www.amazon.es/Bela-Lugosi-Dead-Vinyl-Maxi-Single/dp/B00004ZL87> Acesso em: 30 mai. 2025)

²⁶ O *pogo punk* é um estilo de dança no qual o torso geralmente é mantido rígido, com os braços juntos ao corpo ou soltos em movimentos de “socos” no ar, junto de saltos constantes no ritmo da música. A expressão “*pogo*” remete ao movimento de um pula-pula (*pogo stick*).

A fala de Vinnie me chamou a atenção pois, em minha experiência como gótica, nunca havia refletido sobre como o Expressionismo impacta também a dança gótica. Nas discussões que tive com outros góticos ao longo dos anos, frequentemente restringíamos nossas discussões sobre o Expressionismo ao âmbito do cinema e suas influências no visual pálido do *trad goth*²⁷, por exemplo.

O Expressionismo vigorou na Alemanha no período de 1910 a 1933, levando ao surgimento do termo *Ausdruckstanz* (dança expressão) ao final da década de 1920 (Schaffner, 2012), questionando e protestando contra os valores burgueses conservadores do período, e buscando distinguir-se do balé clássico. Em sua conferência “A Dança do Futuro” de 1903, a dançarina americana Isadora Duncan declara que:

Os movimentos do corpo humano devem corresponder à sua forma. Eles deveriam corresponder até à sua forma individual. A dança de duas pessoas nunca deveria ser igual [...]. Haverá sempre movimentos que serão a expressão perfeita deste corpo individual e desta alma individual [...]. O dançarino do futuro será um dançarino cujo corpo e alma se unirão tão harmoniosamente que a linguagem desta alma terá se tornado o movimento do corpo. (Kogler, 2004, p.3, *apud*. Schaffner, 2012, p. 6)

Noto como Vinnie associa estas características de individualidade e autoexpressão citadas por Matheus, Thyago e Jack, e a introspecção citada por Patricia às influências de expressão do corpo e da alma através da dança, na qual a exteriorização das emoções através da intuição é priorizada sobre o emprego de passos ensaiados ou sincronizados.

Todos os elementos até aqui abordados – a cultura *DIY* de fomento ao *underground*, as redes de apoio mútuo entre artistas e organizadores de eventos, e a valorização da autoexpressão e individualidade na dança – dialogam com uma questão mais ampla: o direito à arte e à cidade. Quem tem direito à autoexpressão e ao festejo no espaço público urbano? E o que será do *flâneur* “vadio” na era do neoliberalismo?

No dia 27 de junho de 2024, o vereador Eder Borges do Partido Liberal (PL) fez uma indicação de sugestão ao Poder Executivo propondo a restrição ao consumo de bebidas alcoólicas na Rua Trajano Reis e seus arredores:

Encaminhe-se ao Poder Executivo a seguinte sugestão de Ato administrativo a fim de proibir o consumo de bebidas alcoólicas, restringindo o consumo nas dependências dos

²⁷ A maquiagem *trad goth* (“gótico raiz”), popularizada por Siouxsie Sioux na década de 1980, frequentemente utiliza uma base branca, o que confere à pele uma aparência fantasmagórica, contrastando com um contorno marcado, geralmente em preto ou cinza na região da bochecha. Costuma acompanhar um delineado grosso e intenso nos olhos, com sobrancelhas desenhadas. Abordo o *trad goth* de maneira mais detalhada na quarta oficina.

estabelecimentos que as comercializam e/ou espaços autorizados, conforme leis vigentes, na extensão da Rua Trajano Reis e ruas adjacentes. (Indicação nº 205.00307.2024)

A indicação foi aprovada em votação simbólica no dia 12 de agosto de 2024, mas não foi aplicada. O texto da proposição curiosamente coloca a questão em “caráter de urgência” e, de modo condizente com o histórico do Partido Liberal, desconsidera a relação direta entre desigualdade social e criminalidade, compreendendo a boemia como responsável pela decadência da cidade:

Justifica-se o requerimento em razão da *permissividade ao consumo exacerbado de bebidas alcoólicas (e evidências de consumo de outras drogas)*, fora dos estabelecimentos, causando *aglomeração nos logradouros desta região*, o que tem contribuído para ocorrências como vandalismo, atos de agressões físicas entres os frequentadores (inclusive adolescentes) dos bares, assemelhados e estabelecimentos de entretenimentos.

[...] A proposição, visa que este Poder Executivo faça cumprir a fiscalização, *repressão*, a fim de restabelecer a ordem pública e garantir a efetividade das legislações pertinentes.

Com fulcro em dispositivos legais e art. 4º, IV do Regimento Interno desta Casa de Leis que confere poderes ao vereador para fiscalizar, propor medidas de segurança pública e melhorias de interesse público, requer-se providências em CARÁTER DE URGÊNCIA. (Indicação nº 205.00307.2024, grifo meu)

O vereador Eder Borges (PL) também protocolou três dias antes, em 09 de agosto de 2024, a indicação nº 205.00353.2024, que solicita: “(...) intensificação do contingente de agentes de segurança para *policiamento ostensivo, em caráter permanente*, na região central de Curitiba” (grifo meu). No primeiro parágrafo do texto, responsabiliza a população em situação de rua pela degradação do centro de Curitiba:

Em razão da problemática consequente da drogadição no Centro desta capital, em que a população de vulneráveis, livremente, tem feito do Centro suas moradias, espaço para angariar esmolas, se beneficiarem dos programas de alimentação oferecidos pela prefeitura, banhos, etc., pela FAS, o que contribui para a permanência e reforço à indignidade na condição que se apresentam, isso tudo tem propiciado graves ocorrências a todas os trabalhadores, comerciantes, residentes, transeuntes e a própria população vulnerável [...] (Indicação nº 205.00353.2024)

Observo como a improdutividade humana e o desvio do modelo neoliberal de existência no espaço público é criminalizado: de um lado, a juventude boêmia, de outro, uma população em situação de extrema vulnerabilidade, que é culpabilizada por usufruir de direitos humanos básicos como habitar a cidade, alimentar-se e banhar-se no espaço público. Em ambos os casos, aquele que não usufrui da cidade em um espaço privado, exclusivamente dedicado ao consumo, é um perturbador da ordem social. O “cidadão de bem” não divide seu espaço com aquele que

não possui poder de consumo²⁸. Para Walter Benjamin (2009), esta é uma característica do espaço urbano industrializado, no qual o poder de consumo define quem tem ou não direito à cidade, uma vez que o espaço público é cada vez mais privatizado.

Destaco as políticas higienistas e de cerceamento do espaço público do ex-prefeito de Curitiba Rafael Greca, atualmente do PSD. Somado ao desmonte da Fundação de Ação Social (FAS) (Ramires, 2017), seu projeto “Balada Protegida” inicialmente propôs o fechamento de baladas às 2 horas da manhã (Bem Paraná, 2017), e foi responsável por operações truculentas da polícia militar contra casas noturnas, bares, seus respectivos clientes e músicos de rua. No dia 25 de novembro de 2017, a PM e o BOPE interromperam uma apresentação musical na Rua Trajano Reis, em frente ao bar Villa Bambu, realizando uma abordagem agressiva que prendeu três artistas e um frequentador do bar. A polícia confiscou os equipamentos dos artistas e os espancou, sendo uma das vítimas um senhor de meia-idade. As vítimas permaneceram presas até o dia 29, gerando repercussão nas redes sociais pela injustiça da abordagem. Desde a implementação do projeto “Balada Protegida”, outros casos similares ocorreram em Curitiba (Goetten, 2020).

Em entrevista para o veículo de notícias Bem Paraná, o proprietário de bar André Fernandes denunciou a truculência dos agentes da Ação Integrada de Fiscalização Urbana (AIFU) na rua Trajano Reis, e como eles afastam a população, prejudicando os negócios de proprietários: “Eles chegam com várias viaturas da polícia, com armas e totalmente de forma grosseira. Eles tocam todo mundo do estabelecimento [...] Nós não somos contra a fiscalização. O que acontece é que, ao invés de termos uma parceria com os agentes, somos marginalizados” (Bem Paraná, 2024a). Nesta mesma reportagem, Fernandes também explica que espera há um ano a liberação de um alvará para colocar mesas e cadeiras na calçada da rua, mas teve suas solicitações negadas sem justificativa (Bem Paraná, 2024a), demonstrando um cerceamento do espaço público. Estas abordagens policiais são amparadas pela Lei Nº 10625/2002, conhecida como “Lei do Silêncio”²⁹. Em seu artigo “*Sound-Politics in São Paulo: Noise Control and Administrative Flows*”, Leonardo Cardoso (2018) aborda como os ruídos associados à boemia são marginalizados no capitalismo:

²⁸ A relação entre política e o Gótico é abordada mais extensivamente na quinta oficina, retomando a relação entre a boemia e pessoas em situação de rua na fala de Vinnie Corvo, que apresenta ideias de como a subcultura pode se organizar para ajudar estas populações a terem mais dignidade.

²⁹ Durante a escrita desta pesquisa, uma proposta para alteração desta lei está avançando na Câmara. Esta alteração autorizaria música ao vivo em estabelecimentos comerciais de Curitiba de “domingo a quinta-feira até às 22h, e nas sextas-feiras, sábados e vésperas de feriados até às 23h” (Bem Paraná, 2024b)

Do ponto de vista ontológico, a política do som aborda a série de tecnologias de ruído institucionalizadas e não institucionalizadas que transformam indivíduos em cidadãos modernos. Isso se relaciona, por exemplo, às técnicas auditivas que entram em ação quando se tenta ignorar o ruído de aeronaves ou do tráfego, mas se considera o ruído de lazer inaceitável, porque o primeiro é percebido dentro dos limites da ética de trabalho da cidade e o segundo em termos da cultura boêmia menos relevante de pessoas "desempregadas" e "preguiçosas"³⁰. (Cardoso, 2018, p. 3)

A Lei do Silêncio afeta desproporcionalmente a vida noturna e a boemia. As políticas da prefeitura de Curitiba vêm se mostrando empenhadas em solucionar a poluição sonora advinda do lazer, pois durante o dia a cidade é repleta de sons de veículos, buzinas, comércios etc., indicando uma criminalização do desvio da norma social neoliberal, marginalizando tentativas de levar a arte e a socialização ao espaço público das ruas e calçadas, ao invés de restringi-las aos espaços privados dos bares e casas noturnas. Este movimento neoliberal fere os princípios do direito à cidade, conforme o filósofo e sociólogo marxista francês Henri Lefebvre (2008):

O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade. (Lefebvre, 2008, p. 134)

Proponho que as manifestações boêmias do *underground* podem auxiliar na construção de relações mais democráticas com o espaço urbano. Ao desconstruirmos a aura da arte (Benjamin, 2015) com os princípios do *DIY*, podemos também desconstruir a ideia de que a arte deve estar restrita a espaços privados específicos, como uma forma de conter o encurtamento do espaço público e o aumento do espaço privado (Sennet, 1988). A socialização em torno da arte através da boemia e do lazer no espaço público nos permitem novas perspectivas de democratização da arte. De acordo com Lefebvre (2008):

Deixando a representação, o ornamento, a decoração, a arte pode se tornar *práxis* e *poiesis* em escala social: a arte de viver na cidade como obra de arte. Voltando ao estilo, à obra, isto é, ao sentido do monumento e do espaço apropriado na Festa, a arte pode preparar 'estruturas de encantamento'. (Lefebvre, 2008, p. 134)

³⁰ Do original: "From the ontological end, sound-politics tackles the series of institutionalized and noninstitutionalized noise Technologies that turn individuals into modern citizens. This relates, for instance, to the audile techniques that come into play when one tries to ignore aircraft or traffic noise but considers leisure noise unacceptable, because the former is perceived within the limits of the city's work ethic and the latter in terms of the less relevant bohemian culture of "jobless" and "lazy" people". Tradução minha.

Estas “estruturas de encantamento” dialogam com a contribuição de Ana Powell (2007 *in*: Goodlad; Bibby, 2007) sobre festas e boates góticas enquanto espaços parareligiosos. Ao tornar estes espaços góticos comunitários (sejam eles bares, boates ou ruas dos locais de eventos), podemos “encantar” a cidade:

As casas noturnas góticas também podem ser vistas como espaços sagrados (e, portanto, parareligiosos), pois também permitem que os góticos reivindiquem um espaço comunitário, mesmo que apenas temporariamente. Embora seu significado fosse em parte irônico, os góticos descreveram a prática de dançar e beber em casas noturnas como ‘mais como uma religião hoje em dia’. A experiência da boate é sacralizada por rituais compartilhados de entrada, dança e consumo de substâncias intoxicantes. O *habitus* coletivo da boate fortalece a filiação ao grupo, oferecendo uma ‘família’ alternativa, ainda que temporária³¹. (Powell, 2007 *in*: Goodlad; Bibby, 2007, p. 359)

Todavia, mesmo que o Gótico tenha consciência de sua romantização da boemia (muitas vezes beirando a uma sátira ou autocaricatura subcultural), Vinnie Corvo nos alerta para possíveis consequências desastrosas da romantização excessiva da boemia gótica na mônada “Precisamos de uma mentalidade *Straight Edge* no Gótico”. Nesta fala, Vinnie toca em um tabu interno da subcultura: Será que nosso imaginário boêmio de noites regadas a vinho não romantiza o alcoolismo? Parte da mitologia gótica do poeta maldito boêmio gira em torno de hedonismo, com o vinho, o absinto, o ópio e a prostituta – um “*rockstar*” decadente dos séculos XIX e XX, como na letra de “Crônicas de um Morto Cafajeste” de Lupercais (1995), apresentada anteriormente neste subcapítulo.

A solução proposta por Vinnie é a incorporação ou adaptação de uma nova mentalidade gótica inspirada pela subcultura *Straight Edge* (*sXe*) do *Punk hardcore*. O marco inicial do *Straight Edge* data de 1981, quando a banda Minor Threat lança a música “*Straight Edge*”, cujos meros 46 segundos de música impactaram o futuro do Punk:

Caminho Certo³²
Eu sou uma pessoa como você
Mas tenho coisas melhores para fazer

³¹ Tradução minha. Do original: “*Goth nightclubs can also be viewed as sacred (and thus parareligious) spaces, for they too enable goths to claim a communal space, even if only temporarily. Though their meaning was partly ironic, goths have described the practice of dancing and drinking in clubs as ‘more of a religion nowadays.’ The nightclub experience is sacralized by shared rituals of entry, dance, and intoxicant consumption. The collective nightclub habitus strengthens group membership, offering an alternative if temporary ‘family’.*” (Powell, 2007 *in*: Goodlad; Bibby, 2007, p. 359)

³² Tradução minha. Literalmente, “*Straight Edge*” pode ser traduzido como “borda reta”, mas no contexto da música e da subcultura, a tradução “caminho certo” evoca melhor os ideais *Straight Edge*. Tradução de Letras.mus.br. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/minor-threat/118778/traducao.html> Acesso em: 31 mai. 2025.

Do que ficar sentado f--- a minha cabeça
 Andando com os mortos vivos
 Cheirando essa m--- branca pelo nariz
 Desmaiando nos shows
 Nem mesmo penso em anfetaminas
 É algo que eu simplesmente não preciso

Eu tenho o caminho certo

Eu sou uma pessoa como você
 Mas tenho coisas melhores para fazer
 Do que ficar sentado fumando maconha
 Porque sei que posso lidar (com a vida)
 Rio ao pensar que alguém tome tranquilizantes
 Rio ao pensar que alguém cheira cola
 Sempre estarei em contato
 Nunca quero usar uma muleta

Eu tenho o caminho certo
 (Minor Threat, 1981)

O *Straight Edge* surge na Costa Leste dos Estados Unidos como uma resposta às tendências niilistas do *Punk* no período. Para estes artistas, o *Punk* não estava sendo subversivo ao engajar com a cultura *mainstream* de intoxicação, vendo o uso de álcool e drogas como formas de alienação (Haenfler, 2004). O movimento surge em um momento marcado por overdoses e mortes no *Punk*, como de Sid Vicious dos Sex Pistols e Darby Crash do The Germs, ambos vítimas de overdoses em heroína, falecendo jovens aos 21 e 22 anos de idade, respectivamente. Artistas e integrantes do *Straight Edge* iam contra esta glamourização do hedonismo *punk*, contrapondo um estilo de vida “limpo” sem uso de entorpecentes e rejeitando o sexo casual, incentivando outros *punks* a fazerem o mesmo como forma de resistência e protesto. Um marcador do *Straight Edge* é o “X” no dorso da mão, geralmente tatuado, simbolizando um “voto” para a vida toda (Haenfler, 2004).

Vinnie relata como sua jornada de sobriedade fez com que percebesse estas problemáticas do Gótico, que é influenciado pela cultura *mainstream* de normalização da intoxicação. Essa cultura do consumo de álcool em encontros e festas até mesmo afetou a organização de seu evento *Nigravis*, provocando sentimentos de deslocamento, mas também de esperança com sua nova inspiração no *Straight Edge*, cujas ideias ele busca integrar na subcultura futuramente. Concordo com Vinnie quando ele alerta para a responsabilidade que temos, enquanto góticos adultos, de passar uma imagem que não impacte negativamente os adolescentes, pois é nesta faixa etária que muitos góticos se encontram na subcultura.

De qualquer modo, seja vendo a boemia como uma forma de resistência ao controle neoliberal do espaço público, ou reconhecendo as problemáticas de uma cultura hedonista quando restrita ao consumo e desconexão com o mundo, o Gótico propõe novas maneiras de encararmos nossa relação com a arte, e o papel que a arte desempenha em nosso cotidiano nos espaços urbanos. Quando nos voltamos às raízes do *underground*, descobrimos novas maneiras de impactar os espaços que habitamos. Não precisamos comprar ingressos caros para baladas privadas, nem nos contentar com uma lógica mercadológica da arte. Podemos criar nossos próprios eventos, divulgar nossas produções artísticas, e abrir este espaço a quem se interessar. Artistas locais não precisam viver sob a pressão de “fazer sucesso”, se tivermos comunidades dispostas a criar e conceder espaços e a engajar com artes fora do *mainstream*, simultaneamente incentivando o surgimento de novos artistas. Creio que se nós, góticos, quisermos fomentar o caráter revolucionário da subcultura, precisamos romper com as amarras que reduzem nossa subcultura ao consumo, incentivando a ocupação do espaço público e voltando às raízes que nos trouxeram ao Gótico: um amor pela arte obscura, e a certeza de que há nela uma mensagem a ser ouvida.

CAPÍTULO III

“TEATRO FIGURATIVO”: MODA, INDUMENTÁRIA E O GÓTICO

*Nos buracos rasos
 De mil olhos
 Nas sepulturas dos futuros sobreviventes
 Na altura do joelho
 Os convidados descarnados vivem de
 Crianças do passado
 Seus dedos envelhecidos lançam a
 Sombra da morte [...]*

*Os luxos de dias passados são
 Os luxos dos nossos dias
 Os luxos de dias passados são
 Os luxos dos nossos dias*
 - *Figurative Theatre* (Christian Death, 1987)

Neste capítulo, abordo o quarto e quinto encontro que foram realizadas com os protagonistas dessa pesquisa. Destaco que o quarto buscou compreender o papel da moda e da indumentária na constituição e comunicação da identidade gótica, a partir de sua expressão no corpo. O título é uma referência à música “*Figurative Theatre*” da banda de *deathrock* Christian Death, servindo como alegoria para a teatralidade presente na vestimenta gótica. Durante a realização desses dois encontros, todos os participantes possuíam agendas conflitantes, o que impediu a realização das duas últimas oficinas de modo presencial e coletivo, como originalmente planejado. Sendo assim, optei pela realização de modo individual e online via *Google Meet*, conforme a disponibilidade dos participantes. Estes diálogos foram gravados e transcritos, compondo as mônadas.

Iniciando a oficina, tratei de como o desenvolvimento da moda está atrelado ao desenvolvimento do capitalismo e ao tempo acelerado da modernidade, dependendo da inovação constante para sua manutenção:

‘Moda’ é um desses termos que, usados em múltiplos contextos, oferece um quadro comum de referência e de reflexão para uma série de aspectos da vida social. Alude, numa primeira instância, a uma dicotomia temporal entre o ‘velho’ e o ‘novo’, entre o presente e o passado, entre imobilidade e mobilidade. É a experiência das aparências que pressupõe objetos nos quais se manifestar; é função e conteúdo estético. (Calanca, 2008, p. 11)

Para o filósofo Gilles Lipovetsky (2009), a indumentária, ao contrário da moda, se desenvolveu com o apego ao passado e à tradição, e como forma de afirmação da posição social em sociedades coletivas, em contraste com a moda moderna, que engaja com a efemeridade e o hedonismo na expressão de gostos na indumentária. Para Walter Benjamin (2009), a moda é

um produto do capitalismo, uma forma do fetiche da novidade, no qual as tendências mais recentes são consideradas superiores às tendências “ultrapassadas”.

Se Lipovetsky (2009) a considera a moda uma forma mais democrática de relação com a indumentária, na qual a efemeridade das aparências é priorizada sobre a distinção de classe, Benjamin (2009) possui uma abordagem mais crítica da moda, compreendendo que ela só é possível a partir da ideologia do progresso, cujo triunfo depende da morte do passado. Retomando a frase “Moda: Dona Morte! Dona Morte”, de Leopardi, previamente citada nesta dissertação, convido o leitor à interpretação desta litografia de J. J. Granville (**FIGURA 25 - *Voyage pour l'éternité n° 1.***), cujas caricaturas são analisadas por Benjamin (2009).

FIGURA 25 - *Voyage pour l'éternité n° 1.*



(Fonte: GRANDVILLE, J. J., Ca. 1839. Litografia de Langlumé em papel 25.6 × 34.1 cm. Fonte: The Met Museum. Disponível em <<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/812698>> Acesso em: 15 jun. 2025)

Na litografia acima, um esqueleto trajado na última moda diz: "Sim, madame, é o passeio mais delicioso e no mais novo dos coches", convidando uma mulher de posses (de acordo com sua vestimenta) para um passeio o qual ela aparenta aceitar apenas por ser novidade. Para Benjamin (2009), a moda é uma forma ritualística de veneração do fetiche da mercadoria, assim como da artificialidade e do inorgânico.

A palavra “fetiche” vem do latim “*facticius*”, algo que não é natural, mas criado, artificial. Santo Agostinho utilizou este termo em latim para designar deuses pagãos factícios. Na língua portuguesa, “fetiche” surge da palavra “feitiço”, durante o período de colonização do continente africano no século XVIII (Matos, 2010). A partir de sua leitura de Marx, Benjamin compreende a moda como um culto aos objetos que nos são vendidos com uma “promessa

estética do valor de uso” (Matos, 2010, p. 1244). A mercadoria como valor de troca diminui a utilidade das mercadorias, o que é compensado pela sedução do objeto:

Essa inversão, na qual os humanos imitam os jogos amorosos dos objetos materiais, faz também com que as pessoas retirem sua expressão estética das mercadorias. Estas, desde os produtos de embelezamento corporal até os modelos da moda, por meio da publicidade, induzem comportamentos, bem como são coletivamente adotadas. Por um "amor de transferência", o charme da manequim magicamente migra para aqueles que imitam seu estilo. (Matos, 2010, p. 1248-1249)

Lipovetsky (2009) centraliza o efêmero e o feérico na constituição da moda, algo que, em Benjamin, revela como estas “artimanhas fantasmagóricas” são capazes de nos seduzir. Ao mesmo tempo em que um indivíduo é capaz de se autoexpressar através da moda, também está à mercê da publicidade, da cultura e do capitalismo, que cultua a mercadoria pelo valor de troca acima do valor de uso. Para Benjamin, este também é um culto à artificialidade, no qual a moda “(...) se encontra em conflito com o orgânico, unindo o corpo vivo ao mundo inorgânico e fazendo valer no corpo vivo os direitos do cadáver. O fetichismo subjacente ao sex appeal do inorgânico é seu nervo vital. O culto da mercadoria coloca-o a seu serviço.” (Benjamin, 2006, p. 36).

Se o *underground* influencia e é influenciado pelo *mainstream* (Graham, 2016), é possível pensar em como os estilos indumentários alternativos também realizam este movimento de influência mútua, seguindo a lógica capitalista de apropriação de movimentos de contestação deste sistema, como no caso do estilo punk e sua commodificação e distanciamento dos valores originais de DIY. Com isto, estilos indumentários alternativos, ao serem apropriados pelo *mainstream*, convertem-se em moda. Questiono, contudo, se é possível chamar a indumentária ou estilo gótico dentro da subcultura de “moda”, dado que aspectos contraculturais do Gótico como o DIY rejeitam o fetichismo da mercadoria ao promoverem a confecção e customização de peças.

A partir desta problematização, refletimos sobre como a vestimenta gótica pode comunicar uma identificação subcultural de modo visual, tanto para góticos quanto para pessoas fora da subcultura. Pedi aos protagonistas da pesquisa que compartilhassem peças de roupa e acessórios ou visuais seus que considerem “góticos” e que possuam um significado importante para eles. Para colocar essa oficina em ação, as seguintes questões serviram como eixos norteadores: Como você escolhe suas vestimentas? Você as utiliza no seu cotidiano ou apenas em encontros góticos? Sua vestimenta contribui para o fortalecimento de sua identidade no grupo? Quando você se veste, você nota alguma forma de preconceito dos outros? Como você

se sente quando se veste neste estilo? Como a indumentária gótica se relaciona com a questão de gênero no Gótico?

Essas reflexões foram dialogadas, gravadas e transcritas por mim, utilizando da técnica da história oral. Posteriormente, elaborei as mônadas partilhadas a seguir:

UMA FORMA DE SE REAFIRMAR

Coisas influenciadas pela subcultura gótica [...] uso bastante roupa preta, mas isso desde sempre. A única diferença é que comecei a usar alguns adereços, às vezes um pouco mais chamativos, um brinco, às vezes uma maquiagem mais básica. E mesmo roupas que eu acabo customizando. Então, por exemplo, tem uma camisa minha que eu fiz o símbolo do Sisters of Mercy no peito pra usar. Tem jaquetas minhas que eu uso no meu dia a dia que eu customizei, fiz alguma coisa, fiz alguma pintura remetente à subcultura, ou algo pra dar aquela diferenciada. Então, eu acabo usando, sim, no dia a dia. E pra rolê gótico aí é diferente. Eu exagero muito mais no meu visual. Aí é o momento que eu vou usar bastante maquiagem, vou colocar roupas mais chamativas, mais agressivas, mais impactantes. Porque eu acho que é o momento máximo de expressar de que subcultura a gente pertence, e expressar como a gente quer ser visto. [...] É uma forma de se reafirmar. Até mesmo quando a gente usa um visual mais casual, por assim dizer, a gente tá se reafirmando de alguma forma. - **Matheus Moledo**

O VISUAL REFORÇA A IDENTIDADE

[...] Além do fator da identificação, da gente conseguir bater o olho rápido e saber “aquela pessoa é gótica”, “aquela pessoa é *punk*” e por assim vai, tá mostrando as coisas que eu gosto. As bandas que eu escuto, as coisas que eu acredito, o jeito que o visual é montado, geralmente ele passa alguma coisa [...] Reforça a identidade, faz eu me sentir melhor. [...] Ano passado, eu e meus amigos, a gente se juntou pra tirar foto com o Papai Noel. Todo mundo bem montado, bem produzido, num shopping. E esse dia foi um dos dias que eu me senti melhor com a forma que eu tava vestido. Eu tava de kilt, eu tava com meu colete, tava de moicano, maquiagem bem exagerada, meia arrastão. - **Matheus Moledo**

VISUAL ÚNICO COM A CUSTOMIZAÇÃO

[..] Eu me considero gótico, mas eu gosto de dizer que eu fico num limiar porque eu gosto muito da estética da subcultura *punk* também. Gosto da música também. E eu gosto de incorporar isso no meu visual. Porque a gente faz isso, a gente vai incorporando coisas. Então eu posso customizar o meu colete de um jeito único, no jeito que vai me representar. Eu posso fazer ele ter a minha cara. E isso se aplica a todas as minhas outras roupas. Eu consigo juntar os elementos com muita facilidade. Eu sei que nunca vai ter ninguém com colete igual o meu, porque ele é único. E essa parte da customização aí é uma coisa incrível, porque você começa, você não para mais, e tudo que você olha, você pensa: “putz, agora eu

posso customizar”. E uma coisa que eu acho muito legal na customização é que você para de ser tão consumista, por assim dizer. [...] Eu queria uma camisa do Sisters of Mercy. Em vez de eu ter comprado uma camiseta, eu fiz a minha camiseta do Sisters. Por exemplo, eu peguei uma camisa velha minha, botei o símbolo do Sisters, e pronto, eu quis usar a camisa muito mais do que antes. [...] Estou desempregado, mano. Eu não tenho 80 reais pra comprar uma camiseta nova, mas eu tenho uma camisa antiga no armário. Por que eu não customizo ela pra continuar usando a peça? – **Matheus Moledo**

DIY É RESISTÊNCIA

Eu vejo como uma forma de resistência. Porque a gente compra uma peça e [...] vai usar muito essa peça. A gente vai customizar ela pra que ela tenha mais a nossa cara. Então, acaba tendo um pouco da nossa identidade. E a peça vai durar. Não é uma coisa que a gente vai comprar e vai descartar. Sei lá, vai ter uma camiseta tua no armário, você olha e ela está meio “paia”, e você vai dar ela embora? Não! Você vai dar um trato nela, você vai customizar ela pela tua identidade e usar ela mais vezes. Então, acaba sendo uma forma de anticonsumismo, por assim dizer. [...] - **Matheus Moledo**

SE ME ENCARAM É PORQUE ATINGI O OBJETIVO

Eu acho que eu nunca sofri nenhum episódio de preconceito por conta do visual nem nada. Mas eu percebo que, especialmente, os homens mais velhos ficam completamente “tiltados” quando veem outro homem de maquiagem. Nossa, eles ficam completamente descarrilhados, eles passam encarando e olhando torto. Isso eu já vi bastante. Mas nunca sofri nenhum tipo de represália nem nada assim na rua, só umas olhadas meio tortas, umas encaradas. [...] Eu sinto que é um visual que é impactante, ele é pra ser agressivo, então eu sinto que eu atingi o objetivo. E uma coisa que eu já vi acontecer foi pararem conhecidos meus para tirar foto [...] A interação com criança também sempre é divertida, porque eles são muito simpáticos. [...] porque quando eles gostam, eles gostam. Então eu acho muito legal isso. – **Matheus Moledo**

VOCÊ PODE EXPRESSAR O SEU GÊNERO DA FORMA QUE PREFERIR

[...] O gótico é um espaço bem aberto para expressões de gênero, até porque... o gótico, ele é bem centrado na figura feminina. Então sempre acaba pendendo para o lado andrógino, e eu acho que tá tudo certo. Você pode expressar o seu gênero da forma que você preferir, não tem nada de errado. Tanto você pender para um lado mais feminino, ou para um lado mais masculino, tudo bem. É a forma que você se sente bem, é a forma para você se expressar. Eu gosto muito de fazer maquiagem bem exagerada, e eu me sinto bem fazendo isso, e não tem por que eu me privar de fazer isso, tipo... “Ai, a sociedade vê isso como algo feminino”, não sei o quê. Nada a ver, cara. É só maquiagem, eu faço ela do jeito que eu quiser. A mesma coisa com as unhas, cara. Eu comecei a pintar as minhas unhas e eu não me vejo sem esmalte na mão mais, eu acho que fica muito feio, então toda semana eu faço as unhas. – **Matheus Moledo**

OBJETIVO DA MODA GÓTICA É SER ESQUISITO

[...] A moda pra gente, pra subcultura gótica mesmo, ela é esse fator de choque. Ela é pra ser diferente, ela é pra fugir do normativo. Por isso que a gente usa roupas tão diferenciadas e tidas como obscuras, por assim dizer. Eu acho que esse é o caminho que a gente costuma seguir. E dentro do gótico tem todas as variantes. Por exemplo, meus visuais caem mais no *Deathrock*, então ele é mais agressivo do que um visual vitoriano. Vai tudo dependendo da proposta e de como a gente quer fazer no momento. Mas o objetivo dela é pra gente ser esquisito mesmo, porque a gente é bem estranho. – **Matheus Moledo**

OPONDO ÀS TENDÊNCIAS

Eu acho que a moda é sim muito importante. Eu não diria que ela é secundária, porque a nossa subcultura, a gente tem a nossa moda, as coisas que a gente usa, certo? A gente tem vertentes, dentro da subcultura gótica, de estilos de roupa e tudo mais. [...] Até para gente saber o que está em tendência e subverter isso, sabe? Que nem uma que apareceu bastante, que eu acompanho um pouco da discussão, foi as *clean girls*. Teve muita conhecida minha confrontando essa tendência e falando bastante sobre. Porque é isso, a gente é totalmente o oposto do que acaba se pregando com a *clean girl* [...] E o nosso objetivo é chocar, é ser o máximo, é muita coisa, muito adereço [...]. – **Matheus Moledo**

RITUAL GÓTICO

[...] Essa parte de vestir uma roupa tipicamente gótica é uma parte do que torna essa questão da subcultura especial pra mim. Porque, no meu dia a dia, eu não tenho costume de usar as roupas que eu uso pra sair, pra me montar. Porque isso também faz parte de todo um ritual para estar e ir encontrar a galera e curtir o rolê. Para mim, é algo que não está muito presente no meu dia a dia, até porque eu não tenho também tantas roupas assim. Então eu acabo optando por ser algo mais exclusivo, de quando eu falo “hoje eu vou me montar, vou colocar essa roupa, porque vai ter um rolê legal, algo que a gente vai se trombar com a galera, e vou estar totalmente caracterizado. Estarei de fato gótico”. – **Thyago Willem**

ESCOLHA ESTÉTICA E POLÍTICA

[...] Pelo fato de que a maioria da galera normalmente não tem dinheiro sobrando, e eu estou incluso, a gente opta por normalmente ir em brechó e procurar roupa nesse tipo de ambiente. Porque não só isso amarra com aquela questão de que o gótico tem uma política anticonsumista, então a gente ir atrás dessas roupas, que às vezes estão até boas mas alguém optou por se desfazer, e montar, usar elas. O nosso visual, para se montar, é tanto uma escolha estética quanto um movimento político, ao invés de ir atrás de algo que é novo, que é de marca, caro. Isso não tá alinhado com o que a gente pensa e como se posiciona. – **Thyago Willem**

UMA AFIRMAÇÃO DE INDIVIDUALIDADE

[...] Acaba sendo quase que uma afronta a esse movimento de moda, de ser algo que precisa ser de marca, que precisa ser feito de uma determinada maneira, e ajuda você a se expressar de uma maneira mais única. Com a ascensão do *TikTok* e tal, e do pessoal se autointitulando gótico, você vê que a autenticidade do visual, às vezes, até parece que perde um pouco do sentido, porque o que eu mais vejo são sempre algumas gurias com o mesmo tipo de saia, *top*, cinto, *choker*, o colar sempre igual, a mesma maquiagem, aquelas *trad*, e isso aí é o que é um gótico. E não que não seja, é um visual bonito. Se não fosse, a galera não usaria. Mas mais do que ser algo bonito e estiloso, é uma afirmação da sua individualidade. E se você não pensa, não estiliza, não vai atrás de coisas diferentes, só vai com a onda, então pra que estar em uma subcultura, em um movimento de contracultura, se você vai só seguir uma tendência e não tentar se destacar enquanto você está sendo autêntico com o seu estilo e com as roupas que você usa? – **Thyago Willem**

EXPRESSÃO INCONSCIENTE

[...] O tempo vai passando, e eu estou tendo mais condição de ir adquirindo mais roupas, mais acessórios, enfim. Meu foco é sempre estar visualmente gótico, que as pessoas pensem e olhem e falem: “olha lá aquele cara, deve ser gótico”. Não por nenhum motivo que não estar inserido na subcultura e, obviamente, vou querer fortalecer ela. Mas isso junto ao fato de eu querer me sentir legítimo, enquanto eu expresso meu estilo, é o que mais me guia. [...] A gente fala: “estou me sentindo estiloso, bonito, essa roupa tá legal”, e aí você percebe que é algo que vai fortalecendo junto e se arriscando cada vez mais, e as coisas vão se alinhando naturalmente. – **Thyago Willem**

OLHARES TORTOS NA RUA

[...] Preconceito a gente sabe como é que é. Mas, falando da minha experiência individual, nunca teve nada além da galera ficar olhando torto na rua, principalmente porque a gente sabe que a subcultura é algo que é associado, [...] àquela parada da figura feminina, androginia, é uma parada que é transgressora. Então você vê um homem tipo eu, barbado e alto, eu tenho quase 100 quilos, todo vestido com maquiagem... Querendo ou não, a galera olha torto. E não que eu me incomode, nunca sofri nada além dessa parada da galera estar olhando torto. Mas eu vejo que é assim, ou pelos relatos de amigos, esse é o mais comum. – **Thyago Willem**

VOCÊ VESTE SUA AUTO-EXPRESSÃO

[...] Eu acho que é aquela parada, é quando eu me sinto mais genuíno. Não que eu não esteja sendo nos outros momentos, mas é quando eu estou bem. Se eu fosse um personagem de uma animação, de um filme ou de algum jogo, provavelmente seria uma roupa nesse estilo que eu usaria o tempo inteiro. Porque aqui é a forma de expressão mais visual [...] A gente, enquanto ser humano, busca muito se expressar. A gente tem a arte como uma forma bem clara disso. A gente escreve, a gente cria música, a

gente pinta, esculpe, enfim. Mas eu acho que o visual é especificamente interessante, nesse quesito, porque você está vestindo a sua autoexpressão. Aquilo que antes de você ser percebido enquanto alguém pensante, suas opiniões, o tipo de pessoa que você é, você vai ser visto naquele visual. Isso já dá uma ideia sobre o tipo de pessoa que você é. E, de certo modo, eu acho que essa acaba sendo a intenção, quando você se sente genuíno, autêntico por conta da maneira com que você se veste, eu acho que é aí que você teve sucesso naquele visual que você quis montar. – **Thyago Willem**

A GENTE QUER SER PERCEBIDO COMO ESTRANHO

[...] Eu não sou a pessoa mais andrógina na questão de estilo que tem. Mas eu acho que é algo super válido e que, querendo ou não, acho que é uma maneira ainda mais imponente, que amarra mais ainda com essa questão de transgressão, com a subcultura. [...] Enquanto gótico, não tem muito como fugir. Então, às vezes a gente vai acabar utilizando uma coisa ou outra que acaba sendo associado com outro gênero, enfim, e isso eu acho que é o que acaba compondo mais os visuais. [...] Se a gente recebe esses olhares, a gente quer ser percebido como estranho, como diferente. [...] Porque a gente não se conforma com o que é tipicamente associado à moda masculina ou feminina. [...] Porque não é uma questão de tendência, de cor, de estilo, de corte. [...] O que importa não é necessariamente estar bonito ou harmonioso ou bem ajustado. [...] É uma maneira de fazer um posicionamento político, por assim dizer, enquanto membro da sociedade. – **Thyago Willem**

ACABEI DE LEVANTAR DA TUMBA DA TRANSILVÂNIA

Geralmente eu utilizo [...] não para padaria, porque às vezes é muito complexo fazer para ir na padaria, mas passear em geral. Meu visual tem um visual um pouco característico, não é o que eu pensei “vou me vestir como um vampiro de filme”. É algo que eu só fui, aos poucos, meio que organicamente, vestindo umas roupas. Foi quando eu fui me sentindo um pouco mais confortável, foi de onde parte da minha referência do gótico começou, do cinema e tal. Então a minha *vibe* sempre foi me vestir um pouco dessa maneira [...] Geralmente eu pego mais essa mistura do romântico e do vitoriano [...] quando eu vou pesquisar mais referência de estilo, pra eu ver um look que eu vou montar, é mais pra eu trazer essa ideia ali do vampiro clássico, que acabei de levantar da tumba da Transilvânia.

[...] Os looks mais elaborados eu guardo mais para festas, consigo dar um tempo de me organizar mais. [...] Não necessariamente é um encontro, eu geralmente vou um pouco mais simples. Geralmente é o pirata medieval, que é um pouco mais tranquilo de se montar, daí eu deixo o vampiro vitoriano ali mais pra rolês, festas. [...] Tem uma diferença do vitoriano para o romântico. O romântico é aquela pegada um pouquinho mais medieval, de roupas um pouco mais largas, geralmente é o que eu opto pra dias mais quentes, usar um visual um pouco mais medieval/pirata, que traz um pouco do romântico. E, no geral, um pouco do vitoriano quando tá um pouco mais frio, que é aquelas roupas um pouco mais justas, com bastante babado – **Vinnie Corvo**

ESCOLHO MEUS VISUAIS COM REFERÊNCIAS CINEMATOGRAFICAS

[...] Escolho meus visuais com bastante referência cinematográfica. “Drácula”, “Entrevista com o Vampiro”, essas coisas que me trouxe, me tem mais referência ali nos *looks*. Na maquiagem, assim, foi só algo que eu fui evoluindo ali aos poucos. Primeiro era só um lapizinho, depois eu passei uma sombra, agora eu faço um negócio mais... delineado grande, com vermelho. E não teve uma referência muito específica, só gosto da expressividade, que o olho fica maior. Eu acho que combina um pouco também com o visual mais vampiro. [...] Todas as vezes que eu saio, basicamente, eu estou com lente vermelha. [...] Porque o vermelho é minha cor favorita e eu tenho de grau, então eu não preciso ficar usando óculos quando eu saio. [...] Meu ponto inicial ali para o gótico sempre foi Drácula. Então, é mais daí que vou puxando também as minhas referências mais estéticas. – **Vinnie Corvo**

VOCÊ É O CARA QUE SE VESTE DE VAMPIRO?

[...] É algo que a galera bate o olho, às vezes a pessoa que nem me conhece pessoalmente [...] fala: “ah, o vampiro lá que tá passando”, e “você que é o cara que se veste de vampiro aqui em Curitiba?”. [...] E eu acho que parte também da subcultura é você meio que ir criando essa sua identidade. Você meio que se vestindo da forma que você vai achando um pouco mais confortável. Uma insegurança que eu tinha bastante, bem quando eu era adolescentezinho e não tinha montado look nenhum ainda, era a questão do meu cabelo ser muito cacheado. Então eu ficava: “como é que eu vou encaixar um look gótico, no cabelo cacheado?”, sendo que a referência que eu tinha na época de gótico era aquele rolê mais *deathrock*. [...] Ficava meio inseguro em relação a isso. Eu fui testando uma roupa com um pouquinho mais de babado, fiquei meio que parecendo um vampiro dessa época, meio Capitão Gancho. Eu fui indo aos pouquinhos, foi onde eu me encontrei, o tipo de estética que ficou mais confortável para mim. Então acho que isso também faz parte também da escolha estética da pessoa. Acho que é o quanto ela se sente bem se vestindo naquilo, e o quanto ela se identifica na história dela, na trajetória dela. – **Vinnie Corvo**

VER PARTES DA PERSONALIDADE DO OUTRO

[...] Às vezes a pessoa que faz um visual [...] *trad*, *deathrock*, e é o visual que a pessoa se sente um pouco mais confortável no corpo dela. Então acho que isso também varia de pessoa pra pessoa também. E de certa forma, reflete a identidade de cada um. O que eu acho massa, quando eu vou nos rolês e eu vejo a galera com uns looks muito distintos, é que às vezes você bate o olho na pessoa e você meio que consegue adivinhar mais ou menos o tipo de música gótica que ela escuta, então isso é muito interessante. Bate o olho, maluco com um visu *deathrock* ali, você já sabe: “esse cara é do *deathrock* tradicional”. Às vezes a galera bate o olho em mim e já sabe que eu escuto *gothic rock* [...] A atmosfera

dá vida, então isso que eu acho mais maneiro. Você às vezes bate o olho na galera e você meio que consegue ir pegando ali partes da personalidade dela, do estilo de música que ela ouve. – **Vinnie Corvo**

MATERIALIZAÇÃO DA MINHA IMAGEM MENTAL

[...] Lá no filme do Matrix, quando o Neo tá entrando na Matrix, ele tem a imagem mental dele mesmo, que é diferente de quando ele sai todo careca da incubação dele. [...] Como você se vê na tua cabeça. Então, acho que sempre quando eu me monto, do mais simples até o mais elaborado, [...] eu sinto que é a imagem mental que eu tenho de mim mesmo, quando eu me imagino em alguma situação na minha cabeça. Meio que a materialização da minha imagem mental, como eu me imagino. Eu tô meio que externalizando a forma como eu me sinto ali. – **Vinnie Corvo**

OLHA O DRÁCULA

Em grupo, acontece muito menos. Geralmente a gente percebe mais olhar torto ou gente falando [censurado] quando a gente está sozinho. Mas quando faço os eventos do Passeio Público, a gente tá em umas 20, 30 cabeças, a galera nem se arrisca a falar nada. É até engraçado que o pessoal até fica mais curioso em saber o que é. Quando a gente tá em maior número, a galera aborda a gente de uma maneira muito mais amistosa do que quando a gente tá sozinho. Quando eu tô sozinho, geralmente, eu nunca percebi algo assim, um preconceito num nível muito grande, só: “ah, olha lá o Dracula”, essas coisas que a gente escuta no dia a dia. – **Vinnie Corvo**

AS PESSOAS NÃO TE VÊM COMO UMA PESSOA DE VERDADE

[...] Acho que o fato também de eu ser homem e tá montado diminui um pouco essa abordagem mais escrota da galera. Às vezes eu escuto de relance, a gente sente o olhar torto das pessoas. [...] Mas nunca aconteceu de forma direta ali [...] Ninguém vai chegar em mim e falar: “nossa, eu sempre quis namorar um gótico rabudo”. Se bem que isso já aconteceu. [...] A objetificação da subcultura acontece de forma geral para homem e para mulher. Claro, pra mulher é sempre 200% pior. A objetificação como homem eu sinto que é um pouco diferente. [...] Eu ouço comentários tipo: sempre quis namorar um vampiro, sempre quis beijar um vampiro. [...] É como se você fosse um boneco, uma atração, as pessoas não te veem como uma pessoa de verdade [...] – **Vinnie Corvo**

HOMEM NÃO LIGA PARA MODA: UMA IDEIA RETRÓGRADA

[...] Não é algo que eu paro e penso se isso é uma roupa de homem ou não. [...] Acho que outros homens também que vão se montar têm uma visão um pouco mais parecida. [...] Quando eu vou procurar um visual, eu não vou muito no quesito de se é uma roupa de homem, se eu vou ficar mais masculino, ou mais feminino. Tanto que umas minas chegaram já a me perguntar se eu era homem trans uma vez, porque, [...] quando eu me monto um pouco mais, faço mais maquiagem e fico um pouco mais andrógino, mas nunca é algo que eu faço intencionalmente, eu só vou me montando. [...] Tem gente que

faz visual com mais o objetivo de ter uma ambiguidade de gênero, mas no meu caso não é o que eu penso intencionalmente, eu vou só fazendo ali do jeito que eu acho confortável, e às vezes a androginia fica um pouco ali por consequência.

[...] Até porque uma coisa que eu percebo bastante, principalmente pra montar *look* pra corpo masculino, é [...] ausência de peça, de possibilidade de visual, comparando o que a gente tem disponível para mulher, é gritante. [...] A ideia que a gente tem de moda masculina é aquela calça *skinny*, gola polo, até quando você vai comprar roupa normal. Então tem essa ideia ainda, bem retrógrada, que o homem não tá nem aí pra estilo ou pra moda. [...] Acho que isso impacta no gótico. [...] Isso acontece direto comigo, eu vejo um brechó no *Instagram* de roupa alternativa, 95% das roupas é roupa feminina. Muitas vezes eu tenho que apropriar um pouco de roupa feminina no meu *look* porque não tem roupa masculina numa *vibe* um pouco mais alternativa. Isso também acho que pode se estender para moda masculina no geral. – **Vinnie Corvo**

MEU PAI CHAMAVA DE VIADO QUALQUER HOMEM COM HIGIENE BÁSICA

[...] A gente, como homem, cresce nesse meio ali, tanto na sociedade, tanto pelos nossos pais, que o homem tem que se vestir só dessa maneira, o homem não tem que estar nem aí pra moda, não tem que estar nem aí pra higiene básica até. O meu pai era um desses caras. Hoje em dia ele está muito mais sossegado, mas quando eu era mais novo, ele chamava de “viado” qualquer homem que tinha higiene básica.

Entrar no gótico ajudou a tirar um pouco esse tipo de pensamento, desconstruir esse pensamento da sociedade, a relação do masculino com a moda. Há um tempo [...] o homem que passava um creme e lavava o cabelo chamava de metrosexual. É um bagulho ridículo, [...] tanto que hoje em dia eu mexo mais com meu cabelo do que a minha irmã mexe com o cabelo dela. [...] Acabou que esse contato com a subcultura, com esse modo de me expressar [...] acabou tirando essas ideias da sociedade, que o homem tem que ser assim, assado, mastigar madeira e não passar desodorante [...] – **Vinnie Corvo**

USO LÓGICA DE ROUPA SOCIAL PARA ME VESTIR

[...] No começo, eu comprava muita roupa pronta da internet. Mas chegou um ponto que, às vezes, eu abria um vídeo e os únicos três góticos masculinos que tinha lá na internet usavam o mesmo casaco. [...] Aí eu comecei a pensar “vou comprar uns botões e abotoadura”. Eu uso bastante lógica de roupa social para me vestir, tenho um casaco e um colete vermelho, e um casaco e um colete preto, eu posso fazer uma combinação entre eles e alternando em look diferentes. Eu coloco a abotoadura, essas coisas bem de *gentleman*, às vezes meio que vou tentando personalizar, não tanto com DIY, mas em combinação de acessórios, essas coisas, quando eu tenho disposição e tempo. [...] Esses dias eu peguei um casaco vermelho simples, bem casacão de vó, de camurça, que eu achei num brechó um tempo atrás, [...] troquei todos os botões, botei uma abotoadura, um broche para deixar mais vitoriano. Então, quando posso, faço uma customizaçãozinha ou outra. – **Vinnie Corvo**

INDIVIDUALIDADE NÃO CABE EM UMA CAIXINHA

[...] Ah, você é gótico vitoriano, você é isso, você é aquilo. Eu vejo muita gente mais nova usando esse tipo de coisa para se definir e, sei lá, eu acho que é útil no sentido de você procurar referência de *look*. Mas eu vejo que o pessoal meio que usa como uma caixinha para ir se prendendo. Tipo: “eu coloquei na cabeça que sou gótico vitoriano, vou ser assim para o resto da vida eu não vou poder fazer um visual diferente”. [...] Eu sinto que o pessoal sempre se fecha muito nessa questão de vertente gótica como se fosse uma regra, “vou ter que usar essa vertente estética para o resto da vida, não posso migrar pra outra, e todo gótico tem que se definir nesse tipo de caixinha de vertente”. [...] Esse negócio de vertente [...] surgiu como piada ali nos fóruns. [...] Acho que não dá pra colocar a individualidade da pessoa numa caixinha, porque às vezes a pessoa tem o visual que ela tem por um motivo muito específico dela. [...] Eu vejo que a galera mais nova fica um pouco limitada a isso, como se fosse uma regra, como se fosse escrito na bíblia dos *Goth* que você tem que escolher um visualzinho e uma caixinha para o resto da vida. – **Vinnie Corvo**

EU TENHO QUE EXPRESSAR DE ALGUMA FORMA

Para mim, a estética, ou seja, a expressão, a roupa que você veste, [...] o seu cabelo [...] desde muito pequena, sempre foi extremamente importante, como um cartão de visita [...] é a primeira coisa que alguém vai ver e é a primeira coisa que você mesmo vai ver se você olhar em qualquer superfície reflexiva. Então [...] tem que ser você. [...] Se montar, eu acho muito legal como uma expressão artística, mas não é a sua identidade, é uma expressão artística. Você tá querendo mostrar aquilo que é uma arte [...] Se você pega fotos minhas da adolescência, 20 e poucos anos, 30 e poucos anos, [...] teve época que eu tava mais trevosa, clássica. Teve época que eu tava mais cyberzona, porque eu tava vivendo também aquilo. [...] Você repara que foi uma evolução, uma construção. Teve uma experimentação aqui ou ali, e que isso foi abandonado, porque eu experimentei e não me senti eu mesma.

[...] Nem existia a venda naquela época aqui no Brasil [...] essa moda dos apliques *cyber*, nem na internet. [...] Eu lembro que tinha gente que fazia aplique de cabelo com cabo de telefone, aquele enroladinho, sabe? Parece rabinho de porco. Só que se eu fizesse isso com o telefone de casa, meu pai ia me matar, não tinha telefone sobrando, quebrado pra usar, então eu fazia aplique de cabelo com fita VHS [...] e com cadarço. Eu ia nos camelôs, [...] eu olhei e falei: “nossa, que cadarço legal. Não, não quero pôr no tênis, eu quero pôr no meu cabelo”. Eu imaginei aquilo. [...] Eu tenho uma jaqueta, foi a minha ex-sogra que fez, ela era costureira... É super *cyber*, cara, é meio metalizado, um tecido bem molinho, quase uma corta-vento, foi feito com forro de sofá [...]

[...] O único emprego que eu fui obrigada a ter que vestir social era um escritório de advocacia que eu trabalhei em 2005, na biblioteca. [...] Eu tenho que vestir social? Beleza, eu tinha um moicano laranja. [...] Então, mesmo quando tem uma regra de vestimenta, eu tenho que ser eu mesma. E eu sempre fui assim. Eu pego minhas fotos de criança, na escola, usando uniforme da escola, eu sempre

tinha algo diferente. Mas não é para [...] chamar atenção, “ela quer ser diferente”. Não, mas... Algo aqui tem que ser eu, eu tenho que me expressar de alguma forma. [...] Não é para os outros, é para mim.

[...] Eu nunca tive esse negócio “isso é roupa de festa” [...]. Eu ia trabalhar com roupa que eu ia no rolê. Eu já fui, às vezes, usar em casa roupa que eu usaria no trabalho, já fui trabalhar de pijama furado. [...] Por mais que eu esteja com uma roupa super básica, às vezes eu tô com muita preguiça, eu boto uma calça, um moletom. [...] Aquela calça, aquele moletom, algum detalhe, alguma coisa vai ser eu. [...] Se alguém que conhece vê, vai ver que tem uma identidade, tem alguma coisa ali.

[...] Eu sou autista, eu odeio me destacar e ser o centro das atenções. [...] Não, eu só quero ser eu. Se tiver 10 pessoas iguaizinhas a mim, tudo bem, cara, legal. [...] Eu não vou me sentir vestindo uma fantasia, um personagem e performando. [...] Porque a gente, ainda mais diagnosticado tardiamente - só fui diagnosticada aos 41 -, A gente performa o tempo todo na vida, [...] sabendo disso ou não. [...] Isso é especial pra mim. – **Patricia Gnipper**

TUDO QUE É ESTRANHO, DIFERENTE, TEM UMA REJEIÇÃO

[...] Quando você faz questão de ser você mesma, tem a rejeição, normal. Mas claro, antigamente era muito pior. Mas ainda tem, só que eu nunca me importei com isso. [...] Quando eu fazia os apliques no cabelo, eu entrei no ônibus, tava aqui em Curitiba ainda, e eu lembro que um velho olhou com uma cara feia pra mim e falou: “nossa, parece a Elke Maravilha!”. Eu fiquei tão feliz! A Elke Maravilha é uma das referências da minha infância, eu sempre admirei. [...] Aí eu sorri pra ele, falei: “nossa, obrigada, obrigada!”. Ele achou que eu tava tirando ele, sendo abusada. Não, foi elogio. [...] Tem uma vez que eu estava no banheiro da rodoviária do Tietê, em São Paulo, e eu não entendi, porque eu estava normal, [...] com uma calça e uma camiseta, e uma mulher entrou no banheiro, olhou para mim, fez sinal da cruz e saiu. Mas eu dou risada, isso não me incomoda. [...] Só que isso diminuiu muito, essa estranheza, e vai diminuir cada vez mais, porque antigamente as pessoas falavam: “nossa, mas e quando você for velha, vai ser cheia de tatuagem?” [...] Eles pensavam isso porque eles não viram isso, não tiveram isso, então era estranho pra eles. Para mim, não vai ser. [...] Tudo que é estranho, que é diferente, tem uma rejeição. É natural do ser humano. – **Patricia Gnipper**

SEMPRE VAI TER FETICHIZAÇÃO

[...] Sempre vai ter fetichização de tudo [...] que as pessoas não entendem, mas que acabam se atraindo. E aí, quando a pessoa não entende, mas se atrai, vai ter algo tóxico. [...] O cara, por exemplo, que tem fetiche com gótico, [...] ele mesmo rejeita isso dentro dele. Ele se atrai, mas não entende por que se atrai. O meio dele rejeita, e ele não quer ser rejeitado no meio dele. [...] Então ele pode ter um caso com uma gótica por três anos, mas ele jamais vai apresentar para família, nem para os amigos, nem andar de mãos dadas com ela na rua. Ele tem vergonha, não dela, porque ele gosta dela, ele se atrai por ela, mas dos outros, do meio dele. Isso sempre vai ter, não só com gótica, com qualquer coisa que seja de subcultura, que seja diferente. – **Patricia Gnipper**

VOCÊ REJEITA O CONCEITO DE NORMA

[...] Na teoria, qualquer subcultura é transgressora por natureza. [...] Então você tá quebrando tudo que é o padrão. Você quebra o que é a norma, porque rejeita a norma. Inclusive [...] rejeita o conceito de norma. [...] Isso vale para tudo, inclusive para gênero. Antigamente não era bem assim, mas porque a sociedade também não tinha a visão de hoje, o entendimento de hoje. Com a internet também, isso empoderou e deu voz pra muitas pessoas se exporem. [...] Antigamente tinha rolê que era preconceituoso [...] e era gótico, era alternativo, o que é um absurdo, mas tinha, e ninguém questionava isso porque era normal. [...] Por que tem tanta LGBTQIA+ no rolê gótico, principalmente? Porque a natureza é essa. [...] Na teoria, ninguém tem que te julgar, porque todo mundo ali tem alguma questão, e todo mundo tá ali por algum motivo. Aquele é o lugar que você vai ter que ser bem-vindo. [...]

Mas muito disso foi a internet que mudou. Tem muita conexão mesmo com o gótico hoje em dia porque as pessoas conseguem se sentir livres, é um ambiente em que elas não tão sendo julgadas. [...] Claro que tem pessoas que julgam, mas aí elas que julgam caladas e quietinhas, e se expressar um julgamento, não me deixa ver por que aí vai dar ruim. [...] é um lugar que as pessoas sentem segurança, em primeiro lugar, e incentivo. E é um rolê que muita gente se descobre. Eu tenho muitos amigos e amigas que se entenderam trans ao longo do tempo. Muitos, inclusive, daqui de Curitiba [...] – **Patricia Gnipper**

EU NUNCA PENSEI COMO ESCOLHA

[...] Eu nunca pensei sobre como escolha. É claro, as roupas pretas desde a infância foram uma coisa que sempre me agradou. E, para mim, tem muita questão do faça você mesmo. Eu sempre, desde a adolescência, tenho essa questão de customização de peça e deixar a peça da forma que eu vislumbro ela. [...] E, claro, tem a questão das referências de filme, música, bandas. Então isso influencia bastante na escolha. [...] Como eu trabalho com a cena e com o bar, a mesma roupa do rolê é a roupa de trabalho. O meu trabalho hoje é um trabalho que não limita a minha escolha de visual. – **Jack Jack**

O VISUAL CRIA UMA IDENTIFICAÇÃO

[...] Por mais que alguns membros da subcultura digam que o visual não importa, ele tem essa capacidade de criar essa identificação. [...] Quando você vê uma pessoa com o visual, com alguma peça que é de vestimenta gótica, você já vê e fala: “essa pessoa é”. Agora isso diminuiu um pouco, porque existem algumas tendências de moda que acabam utilizando de alguns elementos do gótico. Mas [...] se a gente vê alguma pessoa com meia-arrastão ou aquelas blusas de telinha [...] já tem uma identificação: “opa, espera aí, essa pessoa é chegada”. – **Jack Jack**

AESTHETICS E A APROPRIAÇÃO DE SUBCULTURAS

[...] Elementos do gótico sempre surgem de alguma forma na moda *mainstream*, nas tendências de moda. Mas dois eventos foram bem impactantes, [...] a questão do *Pastel Goth*, lá nos anos 2010, 2013, não lembro certinho, que incorporou bastante elementos de vestimenta e maquiagem na moda *mainstream*. Inclusive, o termo foi discutido em TV aberta. Esse foi um elemento um pouco mais antigo que aconteceu e já deu uma bagunçada na identificação do gótico com a moda, de elementos específicos. E, mais recentemente, [...] *E-girl*, tem elementos da vestimenta gótica e não tem relação com a cena. Hoje, quando a gente vê uma pessoa, principalmente uma pessoa mais nova, com um visual que se enquadraria dentro do gótico [...], a gente já não tem mais certeza. Então às vezes o que diferencia é um *patch* de banda, uma camiseta de banda, alguma coisa assim. – **Jack Jack**

DIY: NECESSIDADE E PERTENCIMENTO

[...] O que eu tenho notado é como diminuiu a questão do faça você mesmo dentro do gótico. Eu acho que essas tendências ajudaram a popularizar no comércio muitos elementos que acabam diminuindo um pouco essa necessidade de você fazer o seu próprio visual. Então a gente tem o lance da *Shein*, [...] diminuiu essa questão de fazer o próprio visual, que há muito tempo era mais comum, talvez até pela necessidade. Sempre tem as lojas da cena mesmo, sempre tem alguém que tem uma lojinha, que costura e tal. Mas, ainda assim, era difícil de achar. O mais comum é você pegar uma peça preta simples e começar a transformá-la. Acho que talvez o acesso mesmo as roupas compradas, a possibilidade de comprar mais fácil o que se encaixa na indumentária fez com que diminuísse. Mas o apreço ainda, a questão ideológica de fazer o próprio visual dentro do gótico, ainda é bem pertinente.

[...] O gótico, apesar de ser incorporado pela sociedade, pela mídia, ele sente essa necessidade de ir contra isso, e o faça você mesmo é uma resposta a isso também, porque, por mais que você tenha peças que você consiga comprar, elas nunca vão ser exatamente aquilo que você está fazendo. Então as peças se tornam únicas, e muitas vezes sem possibilidade de uma reprodução. Então com certeza é uma resposta ao *mainstream* e reforça essa necessidade da expressão do gótico. – **Jack Jack**

VOCÊ JÁ VIU UM GÓTICO TRABALHANDO?

[...] A sociedade aceita muito mais isso, entende isso com mais naturalidade do que anos atrás. Isso é um dos motivos, e o outro que hoje, por questões de tempo e preguiça talvez, meu visual já não é um visual muito... montado. Hoje é uma coisa que nem me sobra tempo para fazer. Mas, em contraponto, eu noto também que pessoas que têm visuais, que usam roupas mais elaboradas, sofrem algum tipo de preconceito, olhar torto, essas coisas, e isso acontece. [...] Apesar de hoje ser mais aceitável, antigamente um visual que fosse mais simples já causava um estranhamento. A própria utilização apenas de roupa preta era uma coisa que... Já batia o olho, já falava: “aquele lá é... Ele é diferente, ele é estranho”. “Estranho” é um termo que resume bem isso. O gótico, principalmente nos anos 2000, ainda tinha uma questão do estranhamento social. “Ah, aquele vai em cemitério, o gótico fica bebendo vinho, o gótico não trabalha”. [...] Hoje é normal você ir numa loja, em algum lugar, e ter

uma pessoa trabalhando com o visual montado. Antigamente não, você tinha um visual para sair e você não podia usar ele no trabalho, você usava uma roupa socialmente aceita. [...] Você já viu um gótico trabalhando? Não, porque os góticos usavam, em geral, outros visuais para trabalhar, outras roupas, se não, não conseguia emprego. E aí vem essa questão de gótico é vagabundo, fica na praça. Tinha esse pensamento. [...] Sempre a gente estava num rolê, sexta-feira à tarde, aparecia alguém com uma roupa normal e tinha aquela velha frase: “desculpa não estar no visu, eu estava no trabalho”. Esses dois fenômenos eram muito comuns na época. – **Jack Jack**

VOCÊ ESTAVA SUJEITO A ATAQUES NEONAZISTAS

[...] Sempre teve, perdão a palavra, essa “tia” [...]. Você estava no ônibus e, de repente, tinha alguém te xingando porque era do demônio a roupa que você estava usando. Isso não era tão incomum anos atrás. Sempre teve esse tipo de episódio, e a questão dos neonazistas. [...] Hoje eu já não vejo mais isso acontecer. Acho que talvez pela escassez de neonazistas, amém? Mas ao usar o visual, você sabia que estava sujeito a essas duas situações. Um, que era o preconceito, [...] e você estava sujeito a ataque de neonazista, que era uma questão que por muitos anos foi um problema. Já sofri esse tipo de ataque e conheço inúmeras pessoas que já passaram por isso. [...] A questão da violência de neonazistas nos últimos anos tem sido bem menor, quase nula em algumas épocas, o que é muito bom. Não preciso nem dizer por que é bom. Mas isso era uma coisa bem comum na época. – **Jack Jack**

HOJE O VISUAL GÓTICO NÃO CHOCA MAIS

Eu acho que me sinto normal. Para mim é muito mais estranho usar uma roupa que eu não quero usar. [...] Você já teve que usar uma roupa que você não queria para trabalhar, ou já teve que tirar o visual para trabalhar. Isso causa um estranhamento. Mas eu sempre entendi que existem dois momentos do gótico em relação ao visual. Tem aquele primeiro momento, década de 70, 80, que tinha essa necessidade de chocar o mundo com o visual. O punk e o gótico traz isso, de início. Mas eu imagino que de 2000 para cá, se trata muito mais de se sentir, de usar uma roupa com que você se sinta bem. Então eu acredito que me sinto bem por usar uma roupa que eu quero usar, que ajuda a me identificar e me expressar. [...] Me ajuda a me sentir eu mesmo. [...] Isso foi bastante pertinente dentro do gótico no meu tempo, de “ah não, o visual é um modo de chocar a sociedade”. Eu acho que isso já caiu há muito tempo. Eu acho que o capitalismo já aceitou isso, já não choca mais. Mas ainda tem a questão de se sentir bem consigo mesmo dentro da roupa que você está usando, e eu acho que isso é muito mais pertinente hoje para o gótico do que querer chocar alguém ou querer mudar o mundo com o visual. – **Jack Jack**

O CAPITALISMO SE APROPRIA DAS SUBCULTURAS

[...] Principalmente através das grandes mídias, isso vem acontecendo desde os anos 80. Então é uma prática que desde sempre acontece, que o capitalismo se apropria do que ele pode. [...] quando

começou a ficar evidente a questão dos góticos, a gente teve novela, personagem gótico em filme, porque o capitalismo via que existia uma identificação dos góticos com os góticos, obviamente, e utilizou disso para trazer, inicialmente, a audiência, e ganhar com isso. Se a gente pensar lá nos anos 80, 90, [...] 93, a novela *Corpo e Alma*, que a gente tem o Reginaldo, o personagem gótico. Tinha um personagem gótico lá, totalmente caricato, e isso é parte da mídia capitalista. E, queira ou não, a quantia de gótico que deve ter assistido para falar mal, ou por identificação, mas, principalmente, para falar mal, deve ser gigante. Mas não importa se você estava assistindo para falar mal, estava criticando... Está assistindo, não é? E, à medida que você está assistindo, tem propaganda, e acaba sendo funcional para o capitalismo. Então sim, o capitalismo fez isso com o gótico e com o *punk*, com o *rap*, com qualquer subcultura. Eles dão jeito de trazer, pelo ódio ou não, mas trazer uma forma de ganhar sobre isso. – **Jack Jack**

Dialogar com as mônadas dessa oficina exige uma escuta sensível e um olhar distendido para capturar as ambivalências de cada sujeito na relação com as suas experiências vividas. Os protagonistas relataram como o estilo indumentário gótico serve como uma forma de expressão de um alinhamento estético, subcultural e identitário prévio. Para Matheus, seu estilo reflete seu gosto pelo *deathrock* e a transgressão de influências *punk*. Já Thyago e Vinnie optam por estilos mais próximos da mitologia vampírica, com referências cinematográficas e literárias, enquanto Patricia transita entre diferentes subestilos. Jack atualmente prioriza a praticidade, mas sempre manifestando visualmente seus gostos e personalidade. Além destas variações, o estilo gótico os une sob a ideia de uma expressão autêntica de quem são. Em seu artigo “Indumentária, pertencimento e diferenciação: o papel das roupas na construção de uma identidade coletiva gótica”, a pesquisadora Stella Mendonça Caetano (2020a) aborda como os princípios contraculturais de subculturas se manifestam na busca por individuação e originalidade na indumentária:

Dado que os modos de vestir são influenciados por pressão de grupo, propaganda, recursos socioeconômicos e outros fatores que, muitas vezes, promovem a padronização mais que a diferença individual, é a partir dos conceitos e ideias de diferenciação e não conformação com os padrões estéticos estabelecidos que subculturas subvertem a moda e desafiam o ideal estético socialmente estabelecido. (Caetano, 2020a, p. 185)

Esta busca pela originalidade e distinção na indumentária gótica se dá principalmente pela teatralidade. No capítulo “*Playing dress up: David Bowie and the Roots of Goth*”, os pesquisadores David Shumway e Heather Arnet (2007, in: Goodlad; Bibby, 2007) tratam das influências do *glam rock* e, mais especificamente, de David Bowie como um dos fatores que possibilitaram ao Gótico uma autoconsciência da teatralidade na moda e indumentária,

simultaneamente desconstruindo normas de gênero. Para os autores, “o trajar-se vem a definir a subcultura gótica, distinguindo-a da maioria das outras subculturas da juventude³³” (Shumway; Arnet, 2007. *in*: Goodlad; Bibby, 2007 p. 129-130), alinhando-se com a centralidade dos elementos melodramáticos e teatrais nas artes góticas, que se apropriam da artificialidade moderna (Barros, 2020).

A moda vende identidades efêmeras, através do apelo do inorgânico (Benjamin, 2009), possibilitando ao Gótico o questionamento desta artificialidade ao adotar a teatralidade como uma forma de apresentação do indivíduo na vida pública coletiva sob o capitalismo, no qual o conceito de “identidade” torna-se fragmentado e diluído pela globalização. A partir do esvaziamento do signo, o Gótico converte a indumentária e a moda em alegorias, que refletem a identidade destes indivíduos.

Percebi, no diálogo com as mônadas, como vestir-se como gótico é uma forma de engajamento político, questionamento da visão capitalista de mundo e da moda como fetiche. Ao mesmo tempo em que a identidade aparece como um processo individualizado de autoidentificação, góticos encontram formas transgressora de se vestir nesta brecha do capitalismo, buscando formas mais autênticas de ser e se representar no mundo, e muitas vezes buscando um escape do fetiche da mercadoria através de práticas de *DIY*.

Matheus demonstra esta relação com o *DIY* nas mônadas “Um visual único com a customização”, “*DIY* é resistência” e “Se opondo às tendências”, assim como Thyago na mônada “Uma escolha estética e política”, Vinnie na mônada “Uso lógica de roupa social pra me vestir” e Patrícia na mônada “Eu tenho que me expressar de alguma forma”. Estas mônadas revelam abordagens contraculturais na relação com a moda e o consumismo, mostrando práticas de “garimpo” em brechós e de customização de peças, que possibilitam expressões artísticas da individualidade, tornando estas peças únicas.

³³ Tradução minha. Do original: “*dress up comes to define goth subculture, distinguishing it from most other youth subcultures*” (Shumway; Arnet, 2007. *in*: Goodlad; Bibby, 2007, p. 129-130)

FIGURA 26 - Coletes customizados de Matheus



(Fonte: Acervo de Matheus, compartilhado com a pesquisadora. Montagem da pesquisadora, 2025.)

FIGURA 27 - Peças customizadas de Matheus



(Fonte: Acervo de Matheus, compartilhado com a pesquisadora. Montagem da pesquisadora, 2025.)

Nas primeiras duas imagens da FIGURA 26, há o colete mencionado na mônada “Tocaram uma música em minha homenagem”, da primeira oficina. Suas customizações possuem *patches* pintados por Matheus, com referências a bandas góticas, *punk* e de metal, além de *patches* decorativos (como morcegos, caveiras e a logo do Batcave) e políticos com mensagens como “o *Punk* não está morto”, “góticos contra o fascismo”, “destrua o capitalismo”, “todo poder ao povo”, “direitos trans”, “vegetariano” e “Libertação animal, libertação humana” (FIGURA 27). Matheus também utiliza da sobreposição de *patches* lisos com

pespontos brancos na calça da FIGURA 27, dando toques de assimetria à costura original da peça.

Na mônada “*DIY: necessidade e pertencimento*”, Jack observa que o *DIY* vem progressivamente perdendo espaço na subcultura, uma vez que há uma maior oferta de roupas alternativas prontas e baratas em lojas de *fast fashion* como a *Shein*. Mesmo assim, para Jack, isto não anula a importância do *DIY* para o Gótico. Se a customização não é mais tão necessária para compor um visual gótico, ela ainda ocupa um aspecto ideológico fundamental de autoexpressão e engajamento contracultural, principalmente em um contexto no qual, conforme a mônada “*Aesthetics e a apropriação de subculturas*”, atualmente não é mais possível estabelecer um reconhecimento imediato do pertencimento de um indivíduo à determinada subcultura, dado a apropriação de elementos alternativos pela moda *mainstream* e *aesthetics* de redes sociais.

O termo “*aesthetic*” pode ser traduzido como “estética”, mas a palavra atual, na língua inglesa, refere-se a um fenômeno específico de representação estética de grupos e indivíduos a partir das redes sociais. Este termo se popularizou no *mainstream* principalmente com redes como *Tiktok*, *Instagram* e *Pinterest* durante a pandemia da COVID-19, e possui variações baseadas em *tags* para pesquisas online. A pesquisadora Helena Gabrielle Souza Ribeiro (2023) analisa a construção destas *aesthetics* nas redes sociais através do emprego de elementos de decorações e roupas:

Na construção da imagem de moda *Aesthetic*, o sujeito apresenta a si mesmo de forma expressiva, deixando transparecer a sua intenção. O look e a decoração do cenário dos usuários de *Instagram* e *TikTok* que compartilham fotografias e vídeos *Aesthetics* de suas próprias rotinas, costumam fazer referência a um determinado grupo estético: *Cottagecore*, *Y2k*, *Dark Academia*, *Kawaii*, *E-girl*, *Kidcore*, entre outros. Assim, suas vestes, adornos e, também, a sua casa ou um cômodo específico – sala ou quarto – trazem elementos organizados em uma composição harmônica demonstrando que para o indivíduo existe sentido no resultado que fica disponível para ser visto. (Souza Ribeiro, 2023, p. 208)

Ainda que o termo “*aesthetic*” possa se assemelhar em certos aspectos ao conceito de subcultura, autores como Guilherme Giolo e Michaël Berghman (2023) afirmam que “*Aesthetics* de internet não constituem uma identidade coletiva da mesma forma que subculturas³⁴” (Giolo; Berghman, 2023, p. 4). A pesquisadora Natalia Rosales Benítez, em seu artigo “*Aesthetic: Subcultures in an Offline-Online Reality*” (2024), argumenta que *aesthetics*

³⁴ Do original: “*Internet aesthetics do not constitute a collective identity in the way subcultures do*”. Tradução minha.

diferem de subculturas por se basearem em tendências da indústria cultural, constituindo uma diluição de subculturas que originalmente colocavam-se como modos contraculturais de resistência à indústria cultural. Em minha experiência de convivência entre subculturas como Gótico e *Punk*, observo que subculturas podem buscar ativamente uma distinção das *aesthetics* na era pós-pandemia. Este processo de distinção entre subculturas e *aesthetics* se faz evidente no relato de Jack, assim como na mônada “Se opondo às tendências” de Matheus, na qual ele coloca o estilo gótico como uma resistência contracultural importante frente à *aesthetic* “*clean girl*”, que promove uma aparência “natural” através da maquiagem e procedimentos estéticos, aliada a uma fetichização do estilo de vida *fitness*.

Se as *aesthetics* contribuíram para a diluição das subculturas na esfera pública das redes sociais, elas também podem contribuir para uma popularização de modos alternativos de vestimenta, auxiliando na redução de preconceitos contra estilos alternativos. Na mônada “Hoje o visual gótico não choca mais”, Jack narra uma opinião mais distinta dos demais protagonistas nas mônadas “Se me encaram é porque atingi o objetivo”, de Matheus, “Olhares tortos na rua”, de Thyago, “Tudo que é estranho, que é diferente, tem uma rejeição” e “Sempre vai ter fetichização”, de Patrícia, na qual eles afirmam que ainda há preconceito e estranhamento de pessoas de fora dos meios alternativos. Na mônada “Olha lá o Drácula”, Vinnie mostra certo nuance nesta relação: há um estranhamento, mas nenhuma abordagem violenta, como as que Jack relata na mônada “Você estava sujeito a ataques neonazistas”. Há uma diferença em como góticos mais velhos como Patrícia e Jack percebem o preconceito do *mainstream*, em contraste com góticos da atual geração como Matheus, Thyago e Vinnie. Nestas mônadas, observo como estas memórias revelam que antes muitos góticos estavam sujeitos à ataques e agressões físicas, e atualmente o preconceito parece restringir-se aos “olhares tortos”, e demonstrações menos agressivas de rejeição.

Questiono se não há uma influência da crescente restrição do espaço público e do esfacelamento da vida pública na experiência de góticos mais jovens. Para além da influência da internet na sociedade e da apropriação de subculturas pelo *mainstream*, talvez seja mais fácil se esquivar de episódios de preconceito e agressão se não mais transitamos tanto pelo espaço público: idas ao banco e compras no mercado podem ser substituídas por um clique em um aplicativo e a uberização pode proporcionar a experiência de ir até um evento gótico em um carro particular, ao invés de pegar o ônibus lotado de pessoas. Neste processo, nossas bolhas algorítmicas se misturam com a realidade – isolados tanto dentro quanto fora das redes. Creio que a relação entre o isolamento na era das redes sociais pós-pandemia e episódios de violência

urbana contra subculturas é um tema complexo que merece mais pesquisas dedicadas na área de estudos subculturais e de História Pública.

Se os episódios de preconceito aparentam menos violentos atualmente, ainda ocorrem problemas como a fetichização e objetificação de góticos a partir da identificação visual com a subcultura. Na mônada “Sempre vai ter fetichização”, de Patrícia, a protagonista relata como a indumentária gótica e seus aspectos sombrios podem gerar processos de fascínio pelo estranho e repúdio pelo não-enquadramento nas normas sociais. Ela foca em como estes processos de fetichização do “outro” afetam mulheres de uma maneira específica, e podem estar atrelados ao fator de choque da incorporação de elementos fetichistas no estilo gótico, que atrai o *mainstream* a partir de sua exploração do tabu na moda.

Em seu artigo “*Goth Beauty, Style and Sexuality: Neo-Traditional Femininity in Twenty-First Century Subcultural Magazines*”, a pesquisadora Claire Nally (2018) analisa as diferentes representações da imagem feminina em revistas subculturais, identificando elementos fetichistas nas figuras *femme fatale*. Nestas representações, a *femme fatale* é “(...) intocável, mas commodificada, representando comportamentos tabu como BDSM, práticas masturbatórias e uma sexualidade descontrolada (controlada por qualquer um que compre a revista, mas também evitando a posse exclusiva por qualquer homem)³⁵” (Nally, 2018, p. 11).

Estas dinâmicas de commodificação do corpo feminino (presentes tanto na subcultura quanto no *mainstream*) se traduzem nas experiências de mulheres góticas em seus relacionamentos (principalmente com parceiros fora da subcultura), revelando como a estrutura patriarcal impacta mulheres em seu cotidiano.

Além da *femme fatale*, também há a figura hiperfeminina, cuja fragilidade referencia concepções vitorianas do feminino. Nally (2018) produz questionamentos sobre o caráter subversivo do estilo gótico, ao apontar como a maioria das imagens de mulheres nas revistas subculturais analisadas por ela carregam elementos tradicionais de feminilidade e padrões de beleza, como a magreza das modelos, o uso de maquiagens e de adereços tipicamente femininos (como *corsets*), apontando como a indumentária gótica muitas vezes se baseia na cultura *mainstream* e na commodificação que ela mesma critica.

Se estas representações da figura feminina na subcultura contradizem discursos de que a subcultura transgride normas de gênero, a feminilidade e androginia como cernes da figura gótica masculina revelam visões mais transgressoras. Em seu texto “*Men in black: Androgyny*

³⁵ Do original: “untouchable, yet commodified, representing taboo behaviours such as BDSM, masturbatory practices and an ungoverned sexuality (owned by anyone who buys the magazine, but also evading exclusive possession by any one man)”. Tradução minha.

and Ethics in The Crow and Fight Club”, a pesquisadora Lauren M. E. Goodlad (2007, *in*: Goodlad; Bibby, 2007) argumenta que o termo “androginia” abarca a questão de gênero no Gótico de uma forma mais abrangente, algo que termos pós-modernos não possibilitam. Para Goodlad, as noções de neutralidade e de pluralismo de gênero espelham crenças neoliberais no livre mercado. A autora propõe, em referência à obra de Marjorie Gardner, que a androginia é um “espaço de possibilidade”, não sendo um terceiro sexo ou gênero, mas uma categoria ética:

Precisamente por não ser em si um gênero, pode funcionar como um ideal regulador para o jogo experimental de gêneros. A androginia, assim formulada, parte de uma história contínua de desejo por indivisibilidade: sua função é explicitar as características multidimensionais e dialéticas de uma competência ética e as condições materiais e sociais necessárias para sua realização.³⁶ (Goodlad, 2007, p.114 *in*: Goodlad; Bibby, 2007)

Nas mônadas “Você pode expressar o seu gênero da forma que preferir” de Matheus, “Olhares tortos na rua” de Thyago, e “Homem não liga para moda: uma ideia retrógrada” de Vinnie, os protagonistas tratam de suas experiências como homens cisgênero na subcultura, e como, para eles, pintar as unhas, se maquiar e se expressar na indumentária podem servir como formas de resistência à imposição de papéis de gênero.

Em seu texto “*Dark Admissions: Gothic Subculture and the Ambivalence of Misogyny and Resistance*”, o pesquisador Joshua Gunn (2007 *in*: Goodlad; Bibby, 2007) trata das ambivalências da questão de gênero dentro do gótico, as limitações da “espetacularização irônica³⁷” (2007, p. 49) dos papéis de gênero e como esta performatividade do gênero (como no caso da arte *drag*) opera em um “espaço de ambivalência³⁸”, referenciando a teoria de Judith Butler (2007, p. 49, *apud*. Butler, 1993, p.124). Gunn afirma que a androginia em espaços góticos costuma ser exclusiva a homens, o que se deve à imposição da masculinidade como norma. Um exemplo disto é como, atualmente, é comum que mulheres usem calças no cotidiano e isto não é visto como uma prática andrógina. O mesmo não pode ser dito para homens que vestem saias ou usam maquiagem.

Gunn (2007) se contrapõe às abordagens de autores como Marilyn Frye, Janice Raymond, Bell Hooks e Robert Walser, que, em suas análises da arte *drag* e da androginia no *glam rock*, colocam a apropriação de elementos femininos como formas de manutenção do

³⁶ Do original: “*Precisely because it is not itself a gender, it can function as a regulative ideal for the experimental play of genders. Androgyny so formulated culls from an ongoing history of desire for undividedness: its function is to render explicit the multidimensional and dialectical features of an ethical competence and the material and social conditions necessary for realizing them.*” Tradução minha.

³⁷ Do original: “*ironic spectacularity*”. Tradução minha.

³⁸ Do original: “*space of ambivalence*”. Tradução minha.

patriarcado, ao reafirmar o direito masculino ao corpo e ao ideal feminino, utilizando de corpos femininos para a resolução de ansiedades masculinas e afirmação do poder masculino.

Para Robert Walser (Gunn, 2007, *in*: Goodlad; Bibby, 2007), esta apropriação terapêutica da feminilidade por homens ignora, de modo inconsciente, como a feminilidade é utilizada como instrumento patriarcal de dominação sobre as mulheres. Esta crítica também é abordada por Lauren M. E. Goodlad (2007, *in*: Goodlad; Bibby, 2007), que compreende uma limitação derivada do esteticismo, na qual narrativas góticas utilizam da dor feminilizante como substituto para o reconhecimento do “outro” feminino.

Ainda que a performance irônica de gênero possua suas limitações e que a feminilidade sirva como instrumento patriarcal de opressão, Gunn (2007, *in*: Goodlad; Bibby, 2007) propõe, em contraposição à estas visões, que a transgressão gótica de gênero está na inversão da norma de gênero *mainstream*: o feminino é a norma para o gótico e não o masculino. Esta norma feminina também advém da noção burguesa de que o espaço privado, voltado à emoção e introspecção, é feminino, e o espaço público, da razão e ação política, é masculino (Goodlad, 2007, *in*: Goodlad; Bibby, 2007). Se o gótico prioriza a introspecção, melancolia e emoção sobre a razão (dado suas raízes românticas), faz sentido que o feminino funcione como norma subcultural. Isto explica, em partes, como a androginia é mais presente entre homens góticos, ao invés de mulheres.

No entanto, como a androginia é quase sempre associada às aparências e ao espetáculo, e na medida em que a estética feminina (de um certo tipo) é aquela privilegiada na cena gótica, a subcultura gótica parece excluir a possibilidade de mulheres estilisticamente andróginas.³⁹(Gunn, 2007, p. 54 *in*: Goodlad; Bibby, 2007)

Para Gunn, a abordagem benjaminiana do tempo messiânico abarca as complexidades de dinâmicas subculturais com maior nuance do que abordagens estritamente antropológicas e sociológicas. O autor considera que as contradições subculturais não minam inteiramente o potencial emancipatório ou de resistência das subculturas, sendo estas contradições resultado da sociedade na qual existem. Nesta perspectiva, Gunn observa na androginia uma brecha de ação revolucionária no presente. Por um lado, a androginia pode ser vista como uma apropriação masculina do feminino, que ignora processos patriarcais de subjugação das mulheres. Por outro lado, ao adotarem o feminino como norma, góticos podem questionar os papéis de gênero em uma sociedade que considera a masculinidade a norma e inferioriza o

³⁹ Do original: “As androgyny is almost always associated with appearances and spectacle, however, and insofar as feminine aesthetics (of a certain kind) are those privileged in the gothic scene, gothic subculture seems to preclude the possibility of stylistically androgynous women.” Tradução minha.

feminino. O Gótico pode reproduzir a misoginia, mas também questioná-la. O fracasso da emancipação subcultural só é absoluto se concebemos uma temporalidade homogênea e linear. O Gótico é produto de uma sociedade capitalista e patriarcal, mas também enxerga brechas para outras formas de existência ao desconstruir noções de masculinidade. Sendo assim, “(...) os sucessos e os fracassos da resistência podem ser compreendidos em termos da interação dialética de duas temporalidades”⁴⁰ (Gunn, 2007, *in*: Goodlad; Bibby, 2007, p. 60).

Retomando a análise de Lauren M.E. Goodlad (2007, *in*: Goodlad; Bibby, 2007), na qual ela compara a masculinidade gótica na HQ e filme *The Crow* (1994) com a masculinidade do livro e filme *Clube da Luta* (1999), a autora aborda como a busca pela amada perdida, elemento presente na arte gótica, é substituída pela busca da figura paterna perdida, em uma nova configuração de masculinidade que se distancia do feminino e prioriza a relação de fraternidade entre homens. Noto como o filme *Clube da Luta* vem sendo apropriado por grupos *incels*⁴¹, que nem sempre compreendem as críticas da obra à masculinidade. Considerando o crescimento do movimento *incel*, o Gótico e sua androginia podem ser reinterpretados e reapropriados nesta onda conservadora dos papéis de gênero, impulsionada pela ascensão da extrema direita. A subversão da norma masculina é necessária e urgente, e o Gótico pode auxiliar a juventude (principal alvo do movimento *incel*) a desconstruir preconceitos, simultaneamente dando-lhes um senso de comunidade mais saudável e democrático, e acalmando angústias de autoimagem ao se depararem com uma subcultura que considera a ambiguidade de gênero do corpo andrógino algo positivo.

Um exemplo do potencial emancipatório da androginia gótica se dá na mônada “Meu pai chamava de viado qualquer homem com higiene básica” de Vinnie, na qual ele conta como ele e seu pai mudaram suas percepções sobre a masculinidade ao longo do tempo, e como a participação de Vinnie na subcultura alterou sua relação com a masculinidade, em uma espécie de educação das sensibilidades. Vinnie ironiza a masculinidade quando questiona a ideia de que o homem deve “mastigar madeira e não passar desodorante”, provocando reflexões sobre a virilidade, o autocuidado e a vaidade masculina. Em seus relatos, Vinnie, Matheus e Thyago

⁴⁰ Do original: “*the successes and failures of resistance can be understood in terms of the dialectical interplay of two temporalities*”. Tradução minha.

⁴¹ O movimento *incel* (*involuntary celibacy* ou celibato involuntário) atualmente reúne homens, em sua maioria jovens, que acreditam possuírem uma desvantagem natural no “mercado de relacionamentos” (*dating market*). Em momentos flertando com o eugenismo, o discurso *incel* promove a crença de que homens que saem do padrão de masculinidade estão destinados à solidão, pois seus corpos apresentam “falhas” de conformidade com papéis de gênero. Elementos físicos como altura, músculos, ângulo e definição do queixo e até a circunferência dos pulsos são interpretados como evidências biológicas de suas posições sociais como homens no mercado de relacionamentos. O corpo andrógino se opõe ao padrão de masculinidade do *incel*, pois refuta esta visão de mundo ao considerar o corpo esguio e afeminado o padrão ideal.

desconstroem a virilidade como padrão masculino ao abraçarem a autoexpressão gótica no corpo através da moda e indumentária, na qual o feminino opera como norma.

Noto estes nuances sobre a androginia gótica quando Vinnie relata um episódio de fetichização que ele viveu dentro da cena, na mônada “As pessoas não te vêem como uma pessoa de verdade”, uma objetificação distinta da descrita por Patrícia na mônada “Sempre vai ter fetichização”. O primeiro ponto de atenção é a fetichização da aparência vampírica de Vinnie, elaborada com uso de lentes de contato, camisas bufantes e casacas inspiradas no rococó do século XVIII. No estudo sobre performances de gênero no *Whitby Goth Festival*, os pesquisadores Christina Goulding e Michael Saren (2009) colocam como as expressões de gênero góticas compartilham características vampíricas. O erotismo da figura vampírica se apresenta no campo dos tabus: o vampiro não se prende ao casamento e ao sexo para procriação, assim como não se restringe ao gênero em sua concepção tradicional, transitando entre os extremos de hiper-feminilidade (a vampira sedutora, que não pode ser penetrada e é quem penetra a vítima) e de hiper-masculinidade (o vampiro viril, capaz de criar vida eterna em suas vítimas) (Goulding; Saren, 2009). Este espectro mistura elementos de modo andrógino:

Questões relacionadas à sexualidade vampírica permanecem ambíguas, e a androginia é um sistema vital dentro do vampirismo. Essa ambiguidade decorre do fato de a sexualidade ser expressa através da combinação de qualidades do masculino (dentes penetrantes) e do feminino (lábios envolventes), gerando assim uma profunda ambivalência erótica que desestabiliza a representação dos papéis sexuais⁴². (Goulding; Saren, 2009, p. 29)

O segundo ponto é o choque cultural diante da androginia e seus simbolismos e alegorias dentro do Gótico. Há um estereótipo dentro do Gótico de que homens góticos são mais sensíveis e, portanto, melhores parceiros românticos para mulheres⁴³ – sendo que, gótico ou não, cada indivíduo é único. Vinnie expressa seu incômodo com algumas consequências destes estereótipos nesta mônada. Enquanto mulher gótica, penso que isto advém também de uma

⁴² Do original: “*Issues of vampiric sexuality remain ambiguous, and androgyny is a vital system within vampirism. This ambiguity stems from the fact that sexuality is expressed through combining qualities of the masculine (penetrative teeth) and the feminine (enveloping lips), thus generating a profound erotic ambivalence that destabilizes the representation of sexual roles*”. Tradução minha.

⁴³ Este estereótipo é explorado no mini-documentário “*Goths Make Better Lovers*” (2003), dirigido por Sebastian Grant e exibido no canal de TV britânico *Channel 4*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=npe_Og8YFZA Acesso em: 22 jun. 2025.

O documentário argumenta a favor desta visão, apontando como elementos românticos e sensibilidade contribuem para relacionamentos românticos mais saudáveis entre góticos, em comparação com relacionamentos “*normies*”. Na minutagem 3:18 do vídeo, o entrevistado Tas diz: “Homens góticos tem certo contato com seu lado feminino, e... sim, eles conseguem se identificar com mulheres com maior proximidade. Geralmente, góticos são mais gentis sobre as emoções uns dos outros, e mais atenciosos com as emoções dos outros”. Do original: “*Goth males are quite in touch with their feminine side, and... yeah, they can relate to females quite closely. Generally, goths are more kind about one another's sort of feelings and more attentive to others' emotions*”. Tradução minha.

incompreensão (e talvez encanto) de mulheres com a adoção do feminino como norma na subcultura. Estamos tão acostumadas com a exclusão e ridicularização de tudo que é julgado socialmente como “feminino” (sensibilidade, vaidade, introspecção, expressão das emoções, melancolia etc.), que reproduzimos dinâmicas patriarcais ao objetificar um indivíduo a partir das características “femininas” que ele apresenta. Para Lauren M.E. Goodlad (2007):

A apropriação de vários signos femininos por homens góticos — por exemplo, cabelos longos ou despenteados, maquiagem, saias esvoaçantes, trajes de noiva, joias — visa enunciar um interior correspondentemente feminizado (ou seja, goticizado): um reino de profundidade proibida, antirracionalidade e sensibilidade roubada do feminino. Narrativas influenciadas pelo gótico — na ficção, na música pop, no cinema e nas histórias em quadrinhos — cultivam, assim, um homem sensível e choroso: uma evocação pós-moderna do esteta, do dândi e do ator de tragédias.⁴⁴ (Goodlad, 2007, p.92 *in*: Goodlad; Bibby, 2007)

Para além destas experiências masculinas, Patricia coloca em sua mônada “Você rejeita o conceito de norma” como a subcultura pode ser um espaço de acolhimento para pessoas LGBTQIA+, permitindo experimentações e desconstruções de papéis de gênero sem julgamentos, algo que ela esclarece ser também uma consequência da popularização da internet, através da qual discursos de aceitação e emancipação LGBTQIA+ se popularizaram. Para a protagonista, a subcultura não foi sempre tão inclusiva, sendo influenciada por conquistas destes grupos no âmbito *mainstream*. Patrícia observou a autodescoberta de amigos trans na subcultura, algo que pode ser facilitado pelo acolhimento desta transgressão subcultural. Somo minha experiência com a de Patrícia ao constatar que me deparei, em diversos eventos góticos, com indivíduos cujo gênero eu não conseguia saber à primeira vista. Eram homens ou mulheres? Nenhum dos dois ou ambos ao mesmo tempo? Uma piada de não-binários góticos mostra o papel transgressor desta androginia: “Você é homem ou mulher?” “Sou uma criatura das trevas”.

Nas mônadas “O objetivo da moda gótica é ser esquisito” de Matheus, “Uma afirmação de individualidade” de Thyago, “Acabei de levantar da tumba da Transilvânia”, “Você pode ver partes da personalidade do outro” e “Individualidade não cabe em uma caixinha” de Vinnie, e “Eu tenho que me expressar de alguma forma” de Patricia, há referências aos subestilos ou subtipos de indumentária gótica. Vinnie aponta, na mônada “Individualidade não cabe em uma

⁴⁴ Do original: “Male goths’ appropriation of various feminine signs—for example, long or teased hair, makeup, flowing skirts, bridal costumes, jewelry—aims to enunciate a correspondingly feminized (which is to say, gothicized) interior: a realm of forbidden depth, antirationality, and sensitivity stolen from the feminine. Goth-influenced narratives—in fiction, pop music, film, and graphic novels—thus cultivate a feeling, crying man: a postmodern evocation of aesthete, dandy, and tragedian”. Tradução minha.

caixinha”, como a subcategorização de tipos de góticos surgiu como piada em fóruns da internet⁴⁵, mas é levada a sério principalmente por integrantes mais novos da subcultura.

Esta subcategorização não se trata de novas subculturas advindas do Gótico, sendo compreendida atualmente como uma forma de organizar referências de estilo *dentro* da subcultura, frequentemente ligadas à diferentes estilos de música gótica. Alguns estilos inspiram os visuais dos protagonistas, como o *deathrock* (Matheus), *trad goth* (Thyago), *cybergoth* (Patricia) e romântico e vitoriano (Vinnie).

O estilo *trad goth* e *deathrock* compartilham do momento histórico de início do gótico, sendo estilos que, por sua ligação com o princípio da subcultura, costumam carregar certo capital subcultural frente à apropriação de subculturas pela indústria da moda e pelos movimentos de *aesthetics*. Além das raízes históricas, por serem estilos mais chamativos, calcados no fator de choque (conforme suas influências *punk*), são uns dos poucos estilos góticos que permitem ainda uma identificação imediata com a subcultura - problema apontado por Jack nas mônadas “O visual cria uma identificação” e “*Aesthetics* e a apropriação de subculturas”. “*Trad goth*” é uma abreviação de “gótico tradicional”⁴⁶ (“*traditional goth*”), sendo o principal ponto de distinção deste estilo a maquiagem inspirada na vocalista Siouxsie Sioux e o cabelo armado, característico das tendências da década de 1980. Como apontado por Caetano (2020a), este estilo, assim como o *deathrock*, resulta de uma série de influências estéticas do período desde o *punk*, *glam rock* e *new romantic* (advindo dos *blitz kids*)⁴⁷.

⁴⁵ Vinnie referencia um vídeo da gótica Angela Bennedict, uma youtuber popular na esfera gótica estrangeira do Youtube, que narra suas histórias da juventude em Nova York nos anos 1990. Alguns de seus vídeos antigos em que ela trata deste tema foram deletados e atualizados. Seu vídeo mais recente sobre a origem dos subtipos góticos como piada em fóruns é “*THIS DECADES-OLD GOTH SATIRE HAS SOMEHOW BECOME A RULE THAT MODERN GOTHs...*”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mCwEEVh8PRU> Acesso em: 22 jun. 2025.

⁴⁶ Também conhecido popularmente como “Gótico Raíz”.

⁴⁷ Os *Blitz Kidz* eram, em sua maioria, estudantes do *St. Martins College of Art & Design* em Londres, e congregavam na boate Blitz. Caetano (2016) explora este desenvolvimento do estilo gótico com maior profundidade em seu artigo, disponível em: https://www.researchgate.net/publication/348536419_Indumentaria_pertencimento_e_diferenciacao_o_papel_da_s_roupas_na_construcao_de_uma_identidade_coletiva_gotica Acesso em: 15 jun. 2025

FIGURA 28 - Siouxsie Sioux e o visual *trad goth*



(Fonte: *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/metalcultbrigade/posts/susan-janet-ballion-mais-conhecida-como-siouxsie-sioux-vocalista-do-siouxsie-and/3281533035214479/> Acesso em: 22 jun. 2025)

Na **FIGURA 28** há a presença de elementos centrais nos estilos *trad goth* e *deathrock*, respectivamente. Siouxsie com o delineado longo e chamativo, inspirado na egiptomania, e o cabelo espetado, com uso de meias arrastão, couro e pulseiras de *spikes*. Estes elementos são apropriados por Thiago em seu visual, conforme a Figura 29:

FIGURA 29 - Visual de Thiago



(Thiago mescla elementos *trad goth* na maquiagem com roupas inspiradas no estilo vitoriano, utilizando gravata, camisa e colete social no preto. O filtro da imagem remete o jogo de luz e sombras do Expressionismo alemão. Fonte: Acervo de Thiago Willem compartilhado com a pesquisadora, 2025.)

Jonny Slut, tecladista da banda Specimen (**FIGURA 30**), mostra influências do estilo *deathrock* com sobrancelhas desenhadas, contorno exagerado nas bochechas e o moicano longo e caído que seria posteriormente chamado *deathhawk* (junção de “*death*” e “*mohawk*”, “moicano” em inglês). Ambos os estilos possuem elementos em comum dado a proximidade do *Punk* com o Gótico, ainda em processo de formação no período.

FIGURA 30 - Jonny Slut (Specimen) e o estilo *deathrock*



(Fonte: *Reddit*. Disponível em:

<https://www.reddit.com/media?url=https%3A%2F%2Fpreview.redd.it%2Fhnsmlcx13gp41.png%3Fauto%3Dwebp%26s%3Deb0f64313e2090b99694241ef3b6d596942fce9b> Acesso em: 22 jun. 2025)

O *deathrock* é tipicamente associado a elementos estéticos mais “agressivos” que o *trad goth*, como o *deathhawk*, a maquiagem com traços (ainda) mais alongados e teatrais, e o uso frequente de tecidos furados e rasgados em sobreposições, dando uma aparência “zumbificada”. Importante frisar que o uso do *deathhawk*, além de significar uma identificação com o *deathrock*, permite maior espaço para o alongamento dos traços da maquiagem, uma vez que ocorre a raspagem das laterais da cabeça, como no visual de Matheus, na **FIGURA 31**:

FIGURA 31- Visual de Matheus



(Matheus mescla elementos do *punk* e *deathrock*. O moicano permite que ele estenda a maquiagem até a cabeça, e a meia calça rasgada utilizada como blusa remete à FIGURA 28 de Siouxsie Sioux. Fonte: Acervo de Matheus Moledo, compartilhado com a pesquisadora. Montagem da pesquisadora, 2025.)

Ainda na década de 1980, o visual da banda The Cure trazia alguns elementos “*trad goth*” de maneira mais casual, com roupas pretas lisas, cabelos espetados e maquiagem escura. Muitos destes elementos estão presentes no visual de Jack Jack (FIGURA 32). Mesmo que distantes visualmente da sensibilidade romântica gótica que se popularizou nos anos 1990, suas letras frequentemente carregavam elementos românticos como o amor idealizado, eu-líricos torturados e lamentos pela amada inalcançável ou morta, como na música “*Just Like Heaven*” (Goodlad, 2007, in: Goodlad; Bibby, 2007). A banda Bauhaus é outro exemplo, cujas letras com referências ao imaginário boêmio baudelairiano (como na música “*In The Flat Field*”) contrastavam com a aparência carregada de influências *punk* e do expressionismo alemão.

FIGURA 32 - Visual de Jack Jack



(Jack Jack discotecando com seu visual gótico com influências dos anos 1980. Em ambas as imagens, utiliza um colar de *ankh*, símbolo hieroglífico egípcio que representava a palavra “vida”, e que se popularizou na subcultura gótica por suas associações ao pós-vida. Fonte: acervo de Jack Jack compartilhado com a pesquisadora. Montagem da pesquisadora, 2025.)

A partir da década de 1990, condizendo com a formação da subcultura e a popularização de elementos e narrativas góticas na mídia *mainstream* (Goodlad; Bibby, 2007; Caetano, 2020a), indumentárias com referências mais românticas e históricas passam a se popularizar na subcultura, junto a estilos musicais góticos mais melódicos e atmosféricos como o *darkwave*. Na mônada “Acabei de levantar da tumba da Transilvânia”, Vinnie distingue dois estilos indumentários que costumam ser confundidos entre si, esclarecendo que o estilo romântico possui referências medievais, conforme a romantização do período medieval presente no Romantismo, já o vitoriano busca cobrir o corpo com roupas bem ajustadas e elaboradas, frequentemente com detalhes como rendas e babados. Vinnie mistura ambos os estilos com influências do Rococó em seu visual na FIGURA 33:

FIGURA 33 – Visual de Vinnie Corvo



(Vinnie veste um casaco inspirada no período Rococó, com gola e mangas de renda. Utiliza diversos anéis, e a maquiagem vermelha ressalta suas lentes de contato vermelhas, dando-lhe a aparência de um aristocrata decadente – o vampiro. Fonte: acervo de Vinnie Corvo, 2025, compartilhado com a pesquisadora.)

Finalmente, nos anos 2000, o estilo *cybergoth* surge da cena *EBM* (*Electronic Body Music*) e se populariza com influências de outras subculturas como *Industrial* e *Clubber*, originada de danceterias e *raves* de música *house* e *techno*. O imaginário do *cybergoth* é de um mundo arrasado pelo progresso tecnológico, no qual *raves* acontecem sob pontes ou em fábricas e usinas nucleares abandonadas, enquanto zumbis radioativos e robôs dominam o mundo.

FIGURA 34 – Estilo cybergoth

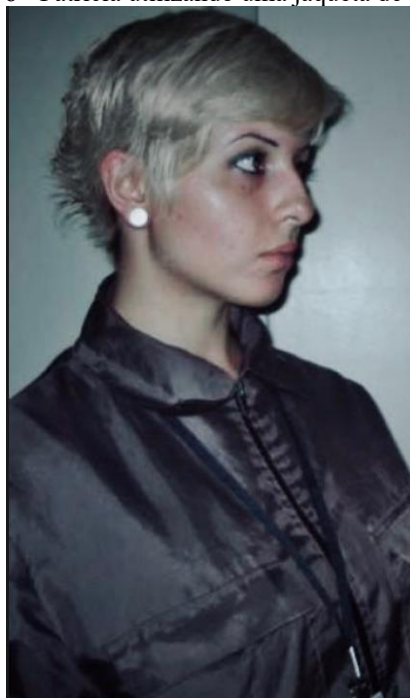
(Fonte: *Aesthetics Wiki*. Disponível em: <https://aesthetics.fandom.com/wiki/Cybergoth> Acesso em: 04 jul. 2025)

A indumentária mistura cores neon ao preto, com cortes mais retos e tecidos artificiais de PVC e Látex, além do uso de aparatos como cabos de fibra óptica para compor as famosas *cyberfalls* ou *cyberlox*, adereços de cabeça que se misturam com o cabelo. Também há máscaras de gás e óculos de proteção customizados (**FIGURA 34**), condizendo com os elementos líricos pós-apocalípticos do *EBM*, cuja sonoridade frequentemente utiliza efeitos sonoros de máquinas e computadores. Patricia mostra elementos da sua história na cena *dark electro* e *EBM* com seu visual inspirado em elementos do *cybergoth* e industrial na **FIGURA 35** e **FIGURA 36**:

FIGURA 35 - Visual de Patricia

(Na mônada “Eu tenho que me expressar de alguma forma”, Patricia conta que se inspirou nos *cyberlox* para criar seus próprios apliques com o que tinha disponível: fitas VHS e cadarço. Subverte a utilidade destes objetos, os resignificando com um toque futurista no visual. Fonte: acervo de Patricia Gnipper, 2004, compartilhado com a pesquisadora. Montagem da pesquisadora, 2025.)

FIGURA 36 - Patricia utilizando uma jaqueta de forro de sofá



(Patricia utiliza a jaqueta de tecido de forro de sofá mencionada na mônada “Eu tenho que me expressar de alguma forma”. Acervo de Patricia Gnipper, 2005, compartilhado com a pesquisadora.)

O *cybergoth*, ao contrário dos subestilos anteriores a ele, se organiza no contexto da popularização da internet na virada do século XX para o século XXI, com notícias divulgadas via e-mail por *newsletters*, e através de fóruns e sites como o *net.goth* (Spracklen; Spracklen, 2018). Nos anos 2000, o *cybergoth* se popularizou na internet com vídeos de dança ao som de música EBM e Industrial⁴⁸. Os pesquisadores Karl e Beverly Spracklen (2018) apontam que o conceito do *cybergoth*, para além de sua estética inspirada no *cyberpunk* de William Gibson e demais tropos de ficção científica, reflete a ideia do Gótico como uma subcultura híbrida, “com um pé no espaço virtual, e o outro no espaço físico da boate”⁴⁹ (Spracklen; Spracklen, 2018, p. 129).

Dentre todos os subestilos góticos estabelecidos, talvez o *cybergoth* seja o que mais necessita de legitimidade dentro da subcultura. Por suas raízes na cena eletrônica, o *cybergoth* em seu princípio foi criticado por “deturpar” a subcultura, não sendo compreendido como

⁴⁸ Um exemplo é o meme sobre o vídeo viral “*Cybergoth Dance Party*”, postado pela primeira vez em 2011 pelo usuário “gNarLu cEe”. O vídeo foi alvo de comentários de ódio quando viralizou, e atualmente é um meme clássico do *cybergoth*, tendo sido reapropriado pela subcultura. Disponível em: <https://knowyourmeme.com/editorials/guides/what-is-the-cybergoth-dance-party-and-did-someone-find-an-alternate-angle-of-it-the-iconic-viral-video-and-meme-explained> Acesso em: 04 jul. 2025.

⁴⁹ Do original: “*hybrid subculture, with one foot in virtual space, and the other in the physical space of the nightclub*”. Tradução minha.

“gótico de verdade”. Este processo de ridicularização vinha tanto da subcultura quanto do *mainstream*, tornando a internet um dos poucos espaços de expressão para *cybergoths*. Em minha experiência na subcultura, isto vem reduzindo conforme a popularização das *aesthetics*, que colocam novos questionamentos e debates subculturais. Outro exemplo da maior aceitação do *cybergoth* é como o instagram @goticoscwb divulga eventos de *EBM*, que reúnem *cybergoths*.

Noto dois processos: primeiramente, um de legitimidade histórica conferida pela passagem do tempo e apropriação da história, e, em segundo lugar, a união subcultural contra a comodificação promovida pelas *aesthetics*. No primeiro processo, há de se considerar que, no momento de realização desta pesquisa, o *cybergoth* surgiu há mais de vinte anos, não sendo mais um estilo recente. Atualmente, quem se veste de uma forma *cybergoth* está referenciando o passado e a história da subcultura, algo que não ocorria do mesmo modo quando o estilo estava surgindo. No segundo processo, há o sentimento de proteção da subcultura e da ideia de que subculturas ainda existem. Encaro as atuais problemáticas de legitimação subcultural como outras, não mais a realidade do *YouTube* em seu início, com vídeos em baixa resolução de adolescentes “corrompendo” as trevas “puras” do gótico com suas cores neon e música puramente eletrônica. Há novas preocupações baseadas na organização algorítmica das redes sociais, que comodificam subculturas e as diluem em *hashtags* e roupas de *fast fashion*. Talvez nossa problemática atual não seja mais definir se “isto é ou não é gótico”, mas sim reconhecer que a subcultura gótica ainda existe e possui uma história, da qual o *cybergoth* faz parte.

Jack explora esta mudança da percepção *mainstream* sobre subculturas na mônada “Você já viu um gótico trabalhando?”, na qual ele narra como o mundo do trabalho, até muito recentemente, não permitia elementos visuais alternativos como tatuagens, piercings, cabelo colorido, etc. Esta limitação contribui para a associação de góticos à imagem de “vagabundos”, como os *flanêurs* analisados por Benjamin (2009). Ainda assim, ocorre um efeito positivo de maior abertura da sociedade *mainstream* ao alternativo, algo que advém da comodificação e apropriação de subculturas pelo capitalismo. Caetano (2020b) explora esta relação complexa entre comodificação, consumo e a subcultura em seu artigo “O consumo subcultural à luz da Teoria Cultural e da Filosofia da Diferença: a identidade e a identificação na esfera micro do gótico”, no qual afirma que:

Subjetividade e a singularidade se perdem nessa unificação de góticos sob uma mesma representação e, assim, servem aos propósitos do complexo industrial da subjetivação. Ao mesmo tempo, o modelo de consumo subcultural, apesar de reproduzir e adaptar o modelo hegemônico de consumo a partir da subjetivação em massa, apresenta

particularidades que não permitem afirmar que sua existência não abre caminho para um processo de singularização (Caetano, 2020b, p.12)

Para o autor, mesmo em um contexto de consumo subcultural, o Gótico ainda permite a singularização de indivíduos. Contudo, a apropriação capitalista também é capaz de descentralizar valores como o *DIY* e anticonsumismo na era do *fast fashion*. É possível construirmos novos significados para a indumentária gótica enquanto sinal de pertencimento subcultural, principalmente quando conferimos ao *DIY* uma consciência política que vai além da necessidade.

Quando concebemos o *DIY* como resistência, conforme as mônadas dos protagonistas, evocamos (e honramos) os posicionamentos anticonsumistas que constituem a origem contracultural das subculturas. Para isto, também é necessário aceitar a dura crítica *mainstream* de que nos dizemos alternativos, mas parecemos iguais entre nós. Navegar esta linha tênue entre pertencimento refletido na indumentária e a expressão autêntica da individualidade é difícil, mas não impossível, como nos mostram as figuras dos protagonistas, cada um com um visual único a sua maneira. Não se trata de romantizar o passado e idealizar o *trad goth*, mas de compreender o passado e as ferramentas que seu entendimento nos dá enquanto subcultura. *DIY* não é apenas capital subcultural somando pontos na “carteirinha gótica”, mas também é uma prática de resistência ao capitalismo e à morte das subculturas. A moda historicamente operou como braço do capitalismo de consumo, e como ferramenta de manutenção do patriarcado, mas a moda e a indumentária podem também subverter normas sociais e servir como formas de autoexpressão e até mesmo empoderamento, desafiando a normatividade capitalista a partir de suas contradições. Podemos popularizar as mensagens da subcultura e do *DIY*, nos aproveitando do momento oportuno de aceitação *mainstream* do alternativo – este é nosso kairós (Löwy, 2005).

3.1. Quinta oficina - “Catedrais em Chamas”: Gótico é Político (?)

A última oficina busca compreender a relação entre o Gótico e manifestações políticas, buscando responder à pergunta: “O Gótico é político?”. Esta oficina, assim como a quarta oficina, foi realizada via *Google Meet* conforme a disponibilidade dos protagonistas, gravada e transcrita com a técnica da História oral e elaborada em mônadas.

Com o advento do neofascismo no cenário nacional a partir do golpe de 2016, observamos uma onda crescente de posicionamentos políticos em todas as esferas sociais, implicando a necessidade de optar por um lado – esquerda ou direita. Subculturas não estiveram

imunes a isto. Desde 2018, com a eleição da extrema direita, notei inúmeras adaptações da bandeira antifascista nas redes sociais, desde associadas a profissões (como professores antifascistas), até associadas a subculturas, como góticos antifascistas. É o caso da FIGURA 37, que diz: “Góticos contra o fascismo. Fascistas não dançam em nossa escuridão”⁵⁰. No centro do círculo há um morcego jogando uma suástica nazista no lixo:

FIGURA 37 - *Goths Against Fascism*



(Fonte: Jakersvelmax via *Redbubble*. Disponível em: <https://www.redbubble.com/people/jakersvelma>> Acesso em: 16 ago. 2024)

Esta arte obteve traduções para diversas línguas, incluindo o português brasileiro, imagem que vi compartilhada várias vezes em grupos góticos, incluindo o grupo Gótico Curitiba no *Whatsapp*. O protagonista Matheus também demonstra a popularidade desta arte em uma de suas customizações, no colete da FIGURA 26 da quarta oficina.

A popularidade desta arte dialoga com um cenário político novo para subculturas alternativas, e com o acaloramento do debate “o Gótico é político?” nos círculos góticos. Esta é uma peculiaridade da nossa subcultura. Há algum *punk* que questione se o *Punk* é político? Se há, talvez seja desprezado pelos demais punks, que por vezes organizam gangues anarquistas e eventos de caridade. Em março de 2024, a banda de *riot grrrl* (punk feminista) Bikini Kill se apresentou em São Paulo, e destinou uma parte dos lucros ao projeto *Girls Rock Camp Brasil*, que busca resgatar meninas e mulheres de situações de vulnerabilidade social, através de aulas gratuitas de música. Outra parte dos lucros foi destinada a aldeias indígenas nos arredores da

⁵⁰ Do original: “*Goths against Fascism. Fascists do not dance in our darkness*”. Tradução minha.

cidade de São Paulo (Grutter, 2023). Também me recordo de alguns shows *punk* que fui em Guarapuava e Curitiba. Quando vi a banda paulista de *thrash punk* Surra ao vivo em Curitiba e Guarapuava, em ambas as apresentações houve arrecadações de alimentos não-perecíveis, e em ambas o vocalista bradava os insultos mais ácidos e obscenos às figuras políticas da direita, às vezes nas letras das músicas, noutras em falas políticas apaixonadas entre as músicas. Na ocasião em que se apresentavam no Guarapuava Esporte Clube (GEC), havia um estande com panfletos e adesivos do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST).

Posicionamentos explícitos como estes dificultam qualquer discurso de que o “*Punk* não é político”. Contudo, este caráter político talvez seja mais sutil no Gótico, ao menos à primeira vista. Se Dead Kennedys abertamente denuncia o governador Jerry Brown na música “*California Über Alles*” (1979), talvez a crítica do Sisters of Mercy à destruição ambiental causada pelo capitalismo pareça mais implícita em “*Black Planet*”, em que este “planeta negro” pode ser erroneamente interpretado como um mero artifício estético. Mas o clipe oficial da música mostra usinas industriais em cenários áridos, conforme o vocalista Andrew Eldritch passeia de carro pelo cenário cinzento, cantando sobre radiação e chuva ácida. A vantagem artística do gótico, que permite uma multiplicidade de sentidos e significados através de recursos estéticos ambíguos (Goodlad; Bibby, 2007), também pode ser uma desvantagem para nossa mobilização política enquanto subcultura.

Constatei um desejo de inserir o Gótico como uma subcultura politizada no cenário brasileiro quando o grupo Gótico Curitiba buscou organizar góticos para marcarem a presença da subcultura na última edição da Marcha pela Diversidade em Curitiba, que surgiu como a primeira parada LGBTQIA+ do Brasil. Ainda houve a divulgação do evento “Procissão de Ismalia” no grupo de *Whatsapp* e no *Instagram* @goticoscwb. Neste evento, foi realizada uma procissão até o Cemitério Municipal São Francisco de Paula, em solenidade à figura da mulher trans Ismalia, numa manifestação contra a transfobia e os índices alarmantes de assassinato de mulheres trans no Brasil. Ao final do evento, participantes góticos compartilharam imagens do evento nas redes sociais.

Pensando na relação entre o Gótico, a política e a música, busquei valorizar o Gótico nacional nesta oficina trazendo uma música da banda Plastique Noir, talvez a maior banda gótica brasileira da atualidade. A música “*Catedrais em Chamas*” é de seu álbum *Iskuros* (2021). Lançado no final da pandemia Covid-19, o álbum traz diversas reflexões políticas melancólicas, algumas explícitas contra o governo de extrema direita, como na música “*Kafê*”, em que um dos versos diz “quero cafeína, não quero cloroquina”.

Optei pela música “Catedrais em Chamas” por dois motivos: a letra trabalha com elementos tipicamente atrelados à arquitetura gótica – as catedrais, e utiliza das catedrais como alegorias para o cenário político brasileiro no contexto de lançamento da música. Ao longo da música, observamos o eu lírico narrando seu cotidiano, vendo nas pequenas coisas reflexos de seu mal-estar moderno. Vejo nesta letra um exemplo da introversão melancólica gótica utilizada como protesto político:

O mal-estar deixou sua marca nesse tempo
 ainda tortura quem já foi crucificado
 Quem é capaz de oferecer algum alento
 com o espelho da alma estilhaçado?
 Vidros embaçados no engarrafamento
 Em meio à multidão, vejo um rosto borrado
 Talvez seja suor, talvez seja o lamento
 pela desgraça de um dia desperdiçado
 Uma brasa acesa na janela do apartamento
 Será alguém sozinho ou acompanhado?
 Corpo pra fora, perigoso movimento
 Desvio rápido meus olhos pro outro lado
 Expressionismo abstrato no cimento
 O anjo da morte não contava com o impacto
 Grito sufocado, peso do silêncio
 Eu trocaria com Atlas esse fardo

Quisera eu um tsunami
 sobre as catedrais
 Fumaça negra ganharia os céus
 Choveria cinzas
 Quisera eu um tsunami
 sobre as catedrais
 O peso de todos os ais

Ansiedade que confunde o pensamento
 Nove de espadas me deixou o seu recado
 O escaravelho rola sobre a lua o excremento
 adiando um novo dia ensolarado
 Milhões em desespero – eu não entendo –
 depositando sua fé no cara errado
 Não faz sentido falar em merecimento
 se o passado negro gera um futuro árido

Quisera eu um tsunami
 sobre as catedrais
 Fumaça negra ganharia os céus
 Choveria cinzas
 Quisera eu um tsunami
 sobre as catedrais
 O peso de todos os ais
 (Plastique Noir, 2021)

Após a reflexão sobre a letra da música, utilizei estas duas questões norteadoras para suscitar a reflexão: Você se reconhece, enquanto gótico, um sujeito político e revolucionário?

Ou vê sua identidade gótica como distinta das questões sociais que te rodeiam? O Gótico tem um viés político ou estético? Ou ambos?

Compartilho a seguir as mônadas com as experiências e posicionamentos dos protagonistas:

NÃO DÁ PRA SER GÓTICO E SER DE DIREITA

[...] Eu me enxergo como um agente político, sendo gótico, inclusive. Eu acho que uma coisa reforça a outra. Porque se a gente é fora do padrão como uma subcultura, por que a gente é fora do padrão? Se a gente não faz esse pensamento, o que adianta a gente ser de uma subcultura, a gente ser fora do padrão, a gente questionar as normas que a gente tem hoje em dia? O nosso posicionamento na subcultura reforça isso. A política é intrínseca com a subcultura.

Eu vejo muita gente, dentro da subcultura, inclusive, passando pano nesse debate, falando que dá pra ser gótico e ser de direita, que dá pra ser gótico e ser reacionário, e não dá, galera. Não é assim. A subcultura questiona justamente todos esses pontos que esse pessoal acredita. Como é que você vai ser isso, e se dizer gótico? Está intrinsecamente ligado com a subcultura.

[...] A gente já debateu sobre política dentro da subcultura, mas todo mundo era da mesma opinião, não tinha ninguém tão divergente assim. Mas em grupos de *Whatsapp* eu já vi pessoas que eu não conheço, que se diziam góticos, e sendo extremamente homofóbicos, capacitistas, preconceituosos também. Eu já vi no *TikTok*, por exemplo, a galera sendo explicitamente racista, dizendo que negro não pode ser gótico. Da onde isso, galera? Da onde vocês tiraram isso, sabe? [...] A palidez vem do Expressionismo alemão, que é cinema, é uma pintura teatral, né? [...] É absurdo isso, é ridículo. - **Matheus Moledo**

DEVERÍAMOS NOS ORGANIZAR MAIS EM MANIFESTAÇÕES

[...] A última manifestação que eu fui foi contra a escala 6x1. Eu comentei no grupo que eu ia, no grupo da gente do *Nigravis*, e um ou outro falou que ia sim, e a gente realmente se encontrou no rolê, então a gente estava em 5 ou 6 mais ou menos, mas não foi algo tão organizado assim. [...] Acredito eu, e é uma opinião bem pessoal, que a gente tinha que se organizar mais pra participar mais desses eventos.

[...] Tem até uma influencer lá, a Madi Danger, que ela fez isso com os conhecidos dela recentemente em protestos contra a extrema direita nos Estados Unidos. Eu acho que a gente tinha que fazer coisas parecidas. Mas eu entendo pessoal que não tem muito interesse, se posiciona dentro da subcultura e tudo mais, mas acaba não participando de manifestações assim, eu consigo entender. Mas seria muito legal. - **Matheus Moledo**

A ESTÉTICA É POLÍTICA

[...] Uma coisa tem a ver com a outra. O nosso visual tem a ver com o nosso posicionamento político, e nosso posicionamento político tem a ver com o nosso visual. Porque tanto a questão de subverter alguns elementos que a gente pega pela sociedade, [...] os símbolos que a gente se apropria do cristianismo, de outras religiões, e [...] a forma de se expressar, as maquiagens mais exageradas, as roupas, tem tudo a ver uma coisa com a outra. Eu acho que o político começa já no nosso visual. -

Matheus Moledo

NO *UNDERGROUND* TEM ESPAÇO PRA TODO MUNDO

Eu não diria que eu participo da cena *underground* da música, mas eu acredito que ele deve ser político sim, que nem tudo na nossa vida. Tudo é um posicionamento político. E essa mudança no *mainstream* não vai acontecer se a gente não fizer nada, sabe? Eu entendo o conceito também de você usar todas as armas que o sistema te dá para combater ele, e acredito que a gente tem que fazer isso, especialmente a gente. Mas a gente tem que se juntar para fazer as coisas acontecerem.

No *underground* é assim, a gente fecha com quem fecha com a gente, e a gente trabalha pelo certo, todo mundo se ajudando, tem espaço pra todo mundo. - **Matheus Moledo**

AGIR POLITICAMENTE É ALGO INSEPARÁVEL DO GÓTICO

[...] Eu acho que essa questão de ser um ser político e de agir politicamente é algo que é inseparável do gótico. Mas eu não vou mentir, eu não tomo, normalmente, ações políticas de “pôr a mão na massa”, por assim dizer, fora aquela parada básica que a gente tende a se posicionar nas redes sociais. Se tiver uma manifestação, tipo aquela que teve mais recente contra a escala 6x1, que é uma pauta de esquerda, a gente cola nesse tipo de movimento político, de ato político. E é algo que eu acho que tem tudo a ver.

Mas eu poderia fazer mais. Não que o fato de eu [...] não estar pondo mais a “mão na massa” me torne menos gótico. Mas se o gótico também é político, significa que a gente, né... enquanto pertencente a esse movimento, tem que fazer o possível. E a gente tenta, né? Como pode. [...] é algo que é inseparável, e que a gente sempre parece ter que ficar reforçando aqui: não tem como você ser gótico se você não tiver um posicionamento que é antipcapitalista, anticonsumista, anti qualquer tipo de preconceito. - **Thyago Willem**

A PRESENÇA EM MANIFESTAÇÕES É VÁLIDA

[...] Como pra mim essa inserção da subcultura ainda é um pouco recente, eu, enquanto gótico, junto com a galera ali, não cheguei a colar pra mostrar a presença do gótico nessas pautas. É mais uma parada individual mesmo. [...] Eu acredito nisso, então vou lá pra apoiar, reforçar e mostrar o meu posicionamento mesmo.

Mas eu acho que é algo que é super válido, né, você colar com a galera, todos montados, e mostrar que o gótico também é político e tem ali os seus posicionamentos. Tanto que tem uma moça que eu sigo no *Instagram*, uma influenciadora chamada Madi Danger, volta e meia ela posta foto dela e do grupo dela, todos montados, estando em protesto, em manifestações ali, nas pautas pertinentes.

Como ela é americana, acho que o mais recente foi a respeito dos direitos das pessoas trans. E eu acho que isso é algo super importante que, inclusive, a gente aqui devia se organizar pra fazer mais. [...] Eu lembro de ter visto algumas pessoas na Marcha da Maconha, que eu fui há acho que um, dois anos atrás, faz um tempinho já. Mas eu lembro que eu vi uma galera ali e eu falei “pô, legal”. - **Thyago Willem**

O GÓTICO NÃO É BAGUNÇA

[...] É aquilo que a gente vê na questão de ser algo que é andrógino e que é anticonsumista. Quando você tem esse tipo de viés, não tem como não ser contra os papéis de gênero e aquilo que é imposto socialmente, na questão de estilo, pra homem ou pra mulher, enfim. [...] E como isso acaba sendo reforçado institucionalmente, tanto pela igreja quanto pela política, eu acho que acaba indo também nesse sentido. [...] Do pessoal que eu conheço e que eu tenho contato, eu vejo que, felizmente, é uma coisa bem coletiva. A galera tá sempre se posicionando, sempre dizendo o que pensa, e reforçando toda essa questão. Porque, no fim das contas, o gótico não é bagunça.

E, às vezes, a galera vem querer deturpar ou tentar aliviar algumas coisas, mas isso não tem como, e a gente tem que resistir enquanto a gente pode. [...] Quanto mais as coisas se tornam supérfluas, parece que vão perdendo a substância. E é algo que a gente, querendo ou não, tem esse certo medo de que aconteça com a subcultura. Porque [...] não é só musiquinha, vestir de preto, fazer o delineado e falar: “pô, agora sou gótico”. Não, é uma parada que vai além. E você precisa conhecer, você precisa se posicionar e precisa defender isso. Porque, senão, ocorre esse esvaziamento. E aí toda a parte da identificação, não só na questão da estética, mas da visão de mundo e dos valores que a gente tem, acaba se perdendo caso a gente não se posicione, não lute ativamente contra esse esvaziamento da subcultura. Então, é algo importante, que eu fico tranquilizado, porque pelo menos a galera que eu conheço eu vejo que faz esse trabalho. - **Thyago Willem**

O GÓTICO ME AJUDOU A NÃO CAIR NO FASCISMO

[...] O gótico me puxou para ter um pensamento um pouco mais político, um pouco mais consciente. [...] Quando eu era bem mais novinho, ensino médio e tal, eu começava meio que a flertar com essas ideias um pouco mais conservadoras, mais por essa parte do isolamento. [...] No momento acabou virando esse negócio de *incel*. Na época que eu era mais novo, era esse discurso até um pouco mais inofensivo: “você é homem, você tem que se cuidar, tem que prezar pelas pessoas que você ama”. Esse discurso bem de autodesenvolvimento, que com o tempo foi virando essa parada totalmente seduzida para o fascismo, basicamente.

E, querendo ou não, quando você é homem, solitário, esse discurso é muito tentador e é muito fácil de você cair quando você não tem muito contato com outras pessoas, com outras culturas, você fica sempre na sua bolha, no seu quarto só jogando videogame. [...] Você começa tipo: “ah, não, o governo é uma [censurado], a gente tem que tacar fogo em tudo, imposto é roubo”, [...] você começa indo nessa parte meio anarcocapitalismo e, quando você vê, a pessoa já está lá, rezando para pneu no acampamento da extrema direita.

Eu entrei no gótico e fui pesquisando. [...] Primeiro foi, claro, aquela coisa do visual mais fúnebre que foi me atraindo, a música que eu já curti um pouco. Daí, quando eu peguei essa parte do gótico mais antifascista, começou a fazer muito sentido pra mim, virou uma chave, foi o pontapé final pra eu ter essa consciência mais política. [...] Então eu meio que fiz o caminho um pouco mais inverso do que muita gente faz. [...] Pra uma galera que eu conheço, até um pouco mais velha, já tinha um posicionamento bem fixo antes de entrar no gótico, e meio que foi só unir o útil ao agradável. Mas pra mim, tanto minha experiência no teatro quanto no gótico foi o que me deu essa visão um pouco mais política. - **Vinnie Corvo**

O CAPITALISMO PREJUDICA NOSSA EXPERIÊNCIA COMO SER HUMANO

[...] Quando eu era adolescente eu não trabalhava ainda, então, quando eu comecei a trabalhar, eu via a mão invisível do mercado esmagando o meu dia a dia. Acho que é fácil você falar de livre-mercado e os [censurado] quando você não trabalha, tá ligado? [...] De certa forma, o gótico como subcultura foi me trazendo um pouco mais a consciência política, o quanto a gente tem que ter consciência das decisões que a gente faz politicamente, e do quanto o capitalismo prejudica a nossa vivência, a nossa experiência como ser humano. - **Vinnie Corvo**

A ESTÉTICA É UMA FORMA DE RESISTÊNCIA POLÍTICA

[...] Acho que faz parte do gótico. A parte estética é uma forma de resistência política, porque tanto nas questões [...] de desconstruir essa questão de gênero, o que é roupa de homem, o que é roupa de mulher, e de você ir contra o que a sociedade quer que você vista, o que a sociedade quer que você se pareça, ter que entrar em conformidade. Essa coisa de ser anticonformista [...] é o que sempre teve presente, sempre teve meio que ligado à parte estética do gótico também [...] - **Vinnie Corvo**

NÃO BASTA SÓ FALAR QUE O GÓTICO É POLÍTICO, É PRECISO AGIR

[...] Eu sempre vejo o pessoal fazendo essas movimentações para ir em Marcha da Diversidade. [...] Infelizmente, a galera mais nova, que tem um pouco mais de engajamento nas redes, eu sinto que rola bastante isso, a galera fala “ah, gótico é político, gótico é anticapitalismo”, mas [...] é um discurso repetido e sem um pouco de substância, mais para bater ponto, bater carteira, para tentar falar algo relevante. [...] A gente tem que ter uma certa responsabilidade, cuidado para não [...] repetir a mesma coisa até perder o significado, porque falar que o gótico é político, falar que a gente é anticapitalista, eu

vejo duzentas pessoas falando isso na internet, sabe? Mas o número de pessoas que fazem esse tipo de movimentação para ir em lugares é bem menor.

[...] Acho que a gente precisa também fazer um pouco mais de movimentação física, nem que seja juntar três góticos para fazer uma mesa redonda numa esquina lá e falar [censurado] sobre o capitalismo e fascismo. Acho que já sai do ponto zero. [...] Fazer um rolê que arrecada alimento, cobertor. [...] Às vezes eu mexo o pessoal trazendo uma ideia ou outra. [...] Acho que o pessoal não se mexe muito em relação a esse tipo de coisa, de distribuir panfletos, essas paradas.

[...] Até do ponto de vista de organizador de evento, acho que eu também faço parte um pouco do problema, porque nunca me veio na cabeça de fazer um rolê que arrecade alguma coisa. [...] Porque eu acho que quando a gente vai fazer algum rolê, [...] fica muito nessa *vibe* de curtidão, de ir pra curtir, descontrair, dar uma desligada do mundo, [...] e não tem nada de errado com isso. [...] Existem formas da gente resistir, ser um pouco mais ativo mesmo mantendo essa postura mais melancólica. - **Vinnie Corvo**

SOMOS UM REFÚGIO PARA PESSOAS MARGINALIZADAS

[...] Eu vejo isso quando eu comecei a fazer evento. Tipo, [censurado], se der algum B.O. aqui, a gente tiver que se defender, quem que consegue aguentar o tranco, sabe? [...] Tem eu, tem o Moledo lá, tem o Thyago, a gente até consegue ali cuidar de alguém. [...] Porque a grande maioria da galera, querendo ou não, [...] não consegue se defender. A galera que é trans e tal, [...] a gente sempre tem que estar esperto ali pra cuidar um do outro.

[...] Acho que parte dessa melancolia, um pouco mais dessa passividade, acho que vem muito da gente ser um refúgio pra essa galera um pouco mais marginalizada, e que é, querendo ou não, um pouco mais fisicamente vulnerável - **Vinnie Corvo**

O GÓTICO QUE ACHA QUE NÃO É POLÍTICO ESTÁ CEGO

[...] Para mim é impossível separar as coisas. “Eu não gosto de política, eu não falo de política”. Cara, tudo é político, quem fala isso não entendeu nada. E, sendo político, eu não estou falando de partido, não estou falando de ideologia política, mas tudo é político. O fato de você vestir uma roupa que não é a norma, ir para uma festa que é estranha, com pessoas estranhas, ouvir uma coisa que é estranha, que seus pais acham estranha, seus vizinhos, seu chefe acha estranho, [...] isso é um ato político, certo? Você não ser normal e se expressar, nem que seja só naquele contexto, é um ato político. [...] Tanto faz a sua ideologia, mas você está sendo político. [...] Uma coisa está ligada à outra. Quem acha que não é porque está meio cego, não entendeu bem as coisas ou está se iludindo, está em negação. [...] Tanto que tem divergências de direcionamentos políticos, de ideologias, o que faz parte, divergência faz parte. [...] Eu acho que, inclusive, a maioria das músicas, das bandas, [...] se você prestar atenção, tem um recado dado ali, mesmo em letras que é sobre depressão, sobre querer morrer e tal. Se você analisar a banda, a postura dela, o conjunto da obra, você vai ver que ela tem alguma coisa, mesmo que

não seja a intenção da banda. Ela não levanta uma bandeira, mas o que ela tá fazendo é político de alguma forma. - **Patricia Gnipper**

A EXTREMA DIREITA TROUXE A MILITÂNCIA DE VOLTA

[...] Na época que eu comecei a tocar [...] ainda tinha essa cultura nazi muito forte aqui no Sul, principalmente. Santa Catarina tem até hoje, mas aqui tinha muito. [...] Como eu sempre gostei de *EBM*, *Dark Eletro* e tal [...] Assim, as pessoas não se definiam como neonazis nem nada, mas era paga pau de alemãozinho, militar alemão. Óbvio que lá no fundo tem uma raiz ali, as pessoas nem sabiam, né? E várias bandas, que não declaravam “sou um neonazi”, mas se você [...] vai estudar o contexto [...] você vê que é isso que eles estão passando, talvez não intencionalmente. Tanto que algumas bandas que eu até toquei em festa, [...] não sabia que essas bandas tinham esse posicionamento, ou pelo menos que o público nazi gosta dessa banda... Se a banda não se importa, né? Opa, a gente não tá falando de uma divergência aqui, a gente tá falando de nazismo. Se a banda fala “eu não me meto com isso, eu não tenho culpa que eles gostam, mas eu não vou fazer nada pra rejeitar eles”, então desculpa, amigo, você tá aceitando algo que é inaceitável, certo? Na época, a gente não sabia dessas coisas. Então tem algumas bandas que hoje em dia eu não vou tocar. Não é porque eu tenho medo de ser cancelada, não, é porque eu não vou propagar aquilo, mesmo que aquela música não fale absolutamente nada.

[...] Mas a oposição, se posicionar como contra isso como de esquerda., inclusive, não tinha nessa época. Não precisava militar que nem na época da ditadura. [...] Nessa época não estavam mais militando, mas o governo da extrema direita trouxe isso de volta. Então, até pra deixar tudo muito claro: a gente não tolera isso, pra gente é inadmissível, se você vota nesse cara, você não é bem-vindo no nosso show, quero que você morra, não quero ser confundido com isso. [...]

O governo da extrema direita abriu uma porteira aí, porque mesmo se o ex-presidente morrer, e toda a família dele morrer, tem vários outros vestidos dele. Ele criou um bagulho que, cara, a gente vai lidar com isso por muito tempo ainda. E não é só ele, né? Nos Estados Unidos, na Europa, em vários países tem, então é global. - **Patricia Gnipper**

O RACISMO ERA NORMALIZADO

[...] Quando eu comecei entrando no rolê tinha muito isso, quanto mais branco você for, mais gótico você pode ser. O racismo na cena não era tão um pecado mortal como é hoje, o que tem que ser. [...] Tinha muitas daquelas piadas, tipo “apesar dele ser negro, ele é preto de alma branca”, isso era um comentário normal, e eles mesmos riam, tipo “tô andando com um monte de branquelo, eles me aceitam, eu aceito eles”. [...] Então sempre foi uma questão, mas não era falado, era normalizado. E, cara, é uma coisa horrível, ainda bem que isso mudou.

[...] Uma vez, em São Paulo, eu ainda morava aqui mas eu tava lá num rolê, e veio um cara que era da galera *EBM*, perguntar qual era a minha ascendência, elogiando o quanto eu era branca [...] inclusive, vestia *bomber* e bandeira da Alemanha no braço. [...] Ele nunca foi do posicionamento de

pagar palco pra neonazis, mas era o metido alemãozão. [...] Eles andavam tudo junto, o rolê *EBM* sempre teve nazis, e todo mundo se tolerava, não necessariamente os nazis estavam no rolê *EBM* pra brigar, porque eles gostavam do som. [...] Quando eu toquei em São Paulo na festa RIP, na frente da pista tinha a galera mais próxima, os amigos, no meio, os que não queriam ser o destaque [...], e lá no fundo eram os nazis, curtindo, dançando. Mas eles eram nazis, nitidamente nazis, com suástica. [...] Iam lá pra curtir o rolê, mas se olhasse [...] um preto, um gay, putz, lá fora ele tava [censurado]. Era assim.

[...] A gente não combatia porque não tinha esse negócio. A gente odiava isso, [...] mas a gente tinha que lidar com isso, porque eles existiam, eles estavam ali, e a gente não queria apanhar. [...] E, cara, ainda bem que mudou isso, sabe, ainda bem mesmo. - **Patricia Gnipper**

TER UM PENSAMENTO POLÍTICO É PARTE DE SER GÓTICO

[...] Eu acho que eu sempre entendi o gótico como uma questão política também. Por “n” fatores, [...] a liberdade sexual, a liberdade de gênero. Existe sim no gótico uma questão anticapitalista, antiprodução de massa. Então eu acho que o gótico, tradicionalmente, desde que existe como subcultura, é uma subcultura política. A questão política é totalmente pertinente dentro do gótico.

É parte de ser gótico ter um pensamento político, o que acontece é que ele nem sempre foi muito explícito. [...] Não estou dizendo política enquanto uma polarização esquerda-direita, apesar de eu considerar o gótico muito mais de esquerda do que direita, é óbvio. E também não uma questão comunismo-capitalismo, anarquismo-comunismo, anarquismo-capitalismo. Mas existe uma questão política no que diz respeito à origem, tradição e ao tipo de pensamento que traz uma pessoa para o gótico. - **Jack Jack**

A ELEIÇÃO DA EXTREMA DIREITA MUDOU TUDO

[...] Uma coisa que muda um pouco esse aspecto sobre essa identificação política, essa disputa política dentro do gótico, e isso aparecer mais recentemente, para mim está muito ligado à polarização que a gente passa no Brasil, que é a questão da direita *versus* esquerda, esse sentimento de polarização política aflorada na sociedade. Acho que isso reflete dentro do gótico, ao ponto que se vê mais necessário, que muitos dos góticos se sentem na necessidade de posicionar isso de forma mais pertinente. E aí isso passa a ser uma pauta muito mais constante do que antes. Acho que talvez não a pandemia tenha influenciado nisso, mas o que vem antes, que é a eleição da extrema direita. O período eleitoral em que a extrema direita foi eleita muda a sociedade como um todo, e isso reflete dentro do gótico nas pautas e discussões que acontecem após isso. - **Jack Jack**

AS QUESTÕES POLÍTICAS DO GÓTICO NÃO SÃO SÓ GÓTICAS

[...] Na década de 80, onde havia essa necessidade da liberdade de gênero, porque isso não estava acontecendo só no gótico, se a gente pensar dentro da música pop mesmo, a quantia de artistas que utilizavam da androginia, [...] que aproveitavam do espaço na mídia para serem eles mesmos. Inclusive, isso começa lá na década de 60, o Bowie, Larry Glitter, Mark Bolan, e aí isso vem muito mais forte nos

anos 80, que é onde o gótico termina sua formação como subcultura, e isso também reflete dentro do gótico, mas isso estava acontecendo fora.

As questões políticas dentro do gótico não são só góticas, elas são a partir do que a sociedade está passando. [...] Mas a gente tem dentro disso, em alguns momentos, questões mais diretas. A gente tem o Killing Joke, lá dos anos 80, ele já tinha uma questão muito forte sobre o comunismo. Eles pregavam isso, ou pelo menos diziam que pregavam. A gente tem no Brasil também. No início do gótico, nos anos 80, já não rolava tanto essa abertura de mídia e de política até o fim da ditadura, de você poder falar sobre isso, mas existiam questões políticas ali dentro e, principalmente, no que diz respeito ao modo como a sociedade age.

Em contraponto, a gente tem, mais raro do que nos outros momentos, algumas bandas que falam explicitamente disso: [...] Dennis, de São Paulo, Segundo Inverno, 1983, Days Are Nights, Dennis e o Cão da Meia Noite, ele tem mais questões explícitas ali, ele tem várias músicas falando especificamente sobre a ditadura. Então isso acontece, só que em menor escala. Acho até que é por uma questão histórica do surgimento do gótico.[...] - **Jack Jack**

Início a análise com a mônada “Não dá pra ser gótico e ser de direita”, de Matheus. Esta mônada dialoga com os posicionamentos políticos dos protagonistas, os quais são todos de esquerda, mas alinhados a vertentes políticas variadas. Sendo esta uma pesquisa qualitativa, não significa que todos os góticos sejam de esquerda, mas que os protagonistas da pesquisa atrelam posicionamentos políticos à subcultura, interpretando o Gótico conforme suas experiências enquanto trabalhadores e integrantes da subcultura. Nesta mônada, Matheus afirma se enxergar como agente político, e enfatiza que é impossível ser gótico e reacionário ao mesmo tempo, justificando seu posicionamento ao apontar que subculturas buscam, de modo geral, questionar o *status quo* defendido pelo conservadorismo. O protagonista também traça uma linha entre a subcultura *online* e fora da internet, relatando como tendências reacionárias na subcultura são mais frequentes nas redes sociais. Isto se relaciona com a obras de Claire Nally (2018) e Catherine Spooner (2004), que alertam para as problemáticas de uma apropriação supérflua de valores transgressivos no Gótico. O Gótico não é, necessariamente, um movimento revolucionário ou de esquerda, tampouco um movimento *exclusivamente* político, estando sujeito à reprodução de preconceitos e contradições do tempo histórico no qual está inserido. Mas Matheus considera que o Gótico é incompatível com ideologias de direita, e que a participação ativa na subcultura depende da transgressão contra o conservadorismo.

Thyago expõe uma visão similar à de Matheus. Na mônada “Agir politicamente é algo inseparável do Gótico”, Thyago menciona ter visto góticos em uma das edições da Marcha da Maconha de Curitiba, e relata ter participado das manifestações contra a escala 6x1,

explicitando que é uma pauta de esquerda, e que vê relação entre estas pautas e a subcultura. Matheus também menciona sua participação nesta manifestação na mônada “Deveríamos nos organizar mais em manifestações”, na qual ele conta que conseguiram organizar um pequeno grupo de góticos na manifestação através do grupo de *Whatsapp* do *Nigravis*. Para Matheus, góticos deveriam “se organizar mais pra participar mais desses eventos”. Ainda nesta mônada, Matheus menciona a influencer gótica estadunidense Madi Danger e suas fotos e vídeos com góticos em manifestações contra a extrema direita estadunidense.

Esta menção a Madi Danger também aparece na mônada “A presença em manifestações é válida” de Thyago, que concebe sua participação política como algo mais individual, mas vê potencial na organização coletiva de góticos na política, utilizando Madi Danger como um exemplo disto. Ao participarem dos protestos contra a extrema direita “montados” no estilo gótico, o grupo atribui, na esfera pública, posicionamentos políticos progressistas ao Gótico.

Retomando a primeira mônada de Thyago, o protagonista relata uma diferença entre o posicionamento político em redes sociais e na vida *offline*. Thyago conta que se engaja mais nas redes sociais, e que apesar de isto não revogar sua “carteirinha gótica” (“Não que o fato de eu [...] não estar pondo mais a “mão na massa” me torne menos gótico”), ele crê que “poderia fazer mais”, expressando um desejo de participar da vida política enquanto indivíduo e integrante da subcultura. Para o protagonista, góticos devem “fazer o possível” para buscar mudanças políticas, sendo este engajamento “algo que é inseparável”. Ele finaliza esta mônada afirmando: “não tem como você ser gótico se você não tiver um posicionamento que é anticapitalista, anticonsumista, anti qualquer tipo de preconceito”.

Esta ideia pode ser expressa em uma frase comum no cenário gótico atual: “O Gótico não é bagunça”, título da última mônada de Thyago, na qual ele expressa uma preocupação com o esvaziamento da subcultura. Para ele, os comportamentos alternativos do cotidiano, como usar visuais andróginos, refletem discussões maiores sobre papéis de gênero, retomando as temáticas da quarta oficina. Estes elementos, desde o visual até a música, contestam o *status quo* reforçado pela igreja e pela política partidária. Em sua experiência, seus círculos sociais da cena compartilham dos mesmos posicionamentos, o que o tranquiliza. Esta relação entre a estética da subcultura e a política também se faz presente na mônada “A estética é política” de Matheus, na qual ele também referencia o poder político religioso ao tratar da apropriação de símbolos cristãos e de outras religiões. Para Matheus, estes elementos são subversivos e estéticos ao mesmo tempo, não havendo separação entre estética e política, uma vez que forma e conteúdo são indissociáveis, e a forma das manifestações góticas carregam sentidos políticos

inerentes, ainda que de múltiplas interpretações. Matheus também retoma as temáticas da quarta oficina quando relata crer que “o político começa já no nosso visual”.

Estas ideias expressas por Thyago e Matheus dialogam com o conceito da alternatividade subcultural enquanto performance política (Spracklen; Spracklen, 2018). Karl Spracklen e Beverley Spracklen (2018) propõem, em sua obra “*The Evolution of Goth Culture The Origins and Deeds of the New Goths*”, uma nova teoria da alternatividade, que une a epistemologia de Adorno e Habermas, também compreendendo possibilidades de agência individual a partir de algumas contribuições da obra de Judith Butler e Henri Lefebvre. Os autores utilizam do conceito de performance de gênero de Butler para propor que ser alternativo é uma performance política, “uma forma de ação direta onde a alternatividade se torna visível e pública como um desafio à instrumentalidade do mainstream”⁵¹ (Spracklen; Spracklen, 2018, p. 34), e que esta performance ocorre na comunicação cotidiana, conforme as contribuições de Lefebvre acerca da importância da vida cotidiana e da cultura popular. Para Spracklen e Spracklen (2018), a alternatividade autêntica deve ser “comunicativa, não instrumental”⁵² (Spracklen; Spracklen, 2018, p. 34.).

Esta concepção também está presente na mônada “A estética é uma forma de resistência política” de Vinnie, na qual ele apresenta ideias similares às de Matheus e Thyago. Vinnie, assim como Thyago, aponta o questionamento dos papéis de gênero como algo central do Gótico, enxergando elementos políticos no anticonformismo subcultural. Na mônada “O Gótico me ajudou a não cair no fascismo”, ele compartilha sua experiência se encontrando na subcultura, e como o Gótico e o teatro o afastaram de movimentos fascistas e de discursos que, posteriormente, se popularizariam e se radicalizariam sob o termo “*incel*”. Esta mônada revela um entrecruzamento entre experiências pessoais e a alternatividade comunicativa (Spracklen; Spracklen, 2018) no Gótico. Para o protagonista, ele fez um caminho inverso, no qual a subcultura foi fundamental para “virar a chave” de sua consciência política, algo que ele também relata na mônada “O capitalismo prejudica nossa experiência como ser humano”. Esta última mônada possibilita romper com estereótipos de que subculturas como o Gótico são fenômenos adolescentes, uma “fase” reduzida a um estilo excêntrico. Aqui, Vinnie une o mundo do trabalho e o início de sua vida adulta à subcultura gótica, demonstrando que o Gótico pode auxiliar na formação de novas visões sobre a alienação do trabalho no capitalismo. Ao afirmar que “o capitalismo prejudica a nossa vivência, a nossa experiência como ser humano”, ele

⁵¹ Do original: “a form of direct action where alternativity is made visible and public as challenge to the instrumentality of the mainstream”. Tradução minha.

⁵² Do original: “communicative, not instrumental”. Tradução minha.

dialoga com o conceito de miséria da experiência proposto por Benjamin (1987), que critica a forma como a ideologia do progresso corrói nossa relação com a memória, o passado e, consequentemente, o presente.

Contudo, sua mônada “Não basta só falar que o Gótico é político, é preciso agir”, problematiza o esvaziamento de discursos políticos na subcultura. Sua fala dialoga com este momento do presente, marcado pelas redes sociais, no qual a subcultura está inserida, dialogando com a mônada “Agir politicamente é algo inseparável do Gótico”, na qual Thyago relata um desejo de “poder fazer mais” além de posicionar-se nas redes. Vinnie observa este fenômeno como algo geracional, que atinge principalmente góticos mais jovens e novos na subcultura. Para ele, é importante que o posicionamento político da subcultura não seja *apenas* performático, uma forma de contar pontos na “carteirinha gótica”, devendo ser motivado pelo engajamento com a realidade material, buscando mudanças concretas na sociedade.

Em “A Condição Humana”, a filósofa Hannah Arendt (2007) trata de como, na antiguidade grega, a *vita activa* se desenvolvia no campo político da polis, onde a ação era possível. Para Arendt (2007), a ação depende da relação entre seres humanos, e permite que o indivíduo se liberte do labor e do trabalho, vivendo em liberdade no espaço público. Unindo este conceito ao de performance comunicativa de Spracklen e Spracklen (2018), sugiro que a performance comunicativa no espaço público pode ser uma forma de ação política, sendo uma alternativa para desenvolver uma “melancolia consciente” e politizada a partir da interação humana no espaço público.

Vinnie compartilha a ideia de arrecadar alimentos e cobertores, referenciando uma conversa que tivemos antes da oficina, na qual eu mencionei os shows da banda Surra, citados no início deste subcapítulo. O protagonista relata um senso de responsabilidade para com a cena e a subcultura enquanto organizador de eventos, e denuncia as armadilhas de mergulhar na melancolia sem consciência política, propondo que “existem formas da gente resistir, ser um pouco mais ativo mesmo mantendo essa postura mais melancólica”. Noto que Vinnie compreende o aspecto comunicativo do conceito de performance comunicativa de Spracklen e Spracklen (2018), quando sugere a criação de rodas de conversa com góticos para criticar o capitalismo e o fascismo. Aqui, esta ação comunicativa constitui uma parte essencial do potencial revolucionário das subculturas. Sua preocupação com a dimensão prática da ação política é visível também na mônada “Somos um refúgio para pessoas marginalizadas”, ao mencionar a vulnerabilidade de pessoas marginalizadas (principalmente pessoas trans) nos eventos. Esta preocupação está relacionada com a estrutura de eventos *underground*, cujas sedes nem sempre contam com seguranças contratados, tornando fundamental que as redes de

apoio da cena tenham possibilidade de defender pessoas em casos de possíveis ataques ou brigas. Novamente, há a contradição da melancolia: há um refúgio no compartilhamento coletivo da catarse melancólica, particularmente para camadas sociais que encaram a melancolia da alienação em seu cotidiano. Ao mesmo tempo, esta melancolia, quando despolitizada, pode culminar na inércia e passividade, inclusive em situações de violência.

Patricia trata do potencial alegórico da subcultura em sua mônada “O gótico que acha que não é político está cego”, quando afirma que as músicas possuem mensagens políticas, ainda que nem sempre seja a intenção dos artistas. De acordo com a protagonista, ser gótico é um ato político, uma vez que a subcultura propõe o questionamento da norma *mainstream*, seja nas roupas, nas músicas ou no convívio social com outros góticos e alternativos, havendo uma concordância com o pensamento de Matheus, Thyago e Vinnie acerca da relação entre a estética da subcultura e a política. Ela esclarece que este aspecto político não é algo necessariamente partidário ou ideológico no sentido estrito, existindo divergências políticas e ideológicas dentro da subcultura. Noto como o Gótico não possui uma relação com ideologias políticas da mesma forma que o *Punk* possui historicamente com o Anarquismo. Mesmo assim, na visão de Patricia, é possível haver pluralidade ideológica e rejeitar o fascismo ativamente.

Patricia, ao narrar suas experiências na subcultura nos anos 2000, mostra como a extrema direita foi fundamental para esta mudança de postura mais explícita do Gótico. Nas mônadas “A extrema direita trouxe a militância de volta” e “O Racismo era normalizado”, ela conta como o nazismo era muito presente nas cenas alternativas de São Paulo e do Sul do país quando ela começou a tocar como DJ em eventos de *Dark Electro* e *EBM*. Nem sempre os indivíduos eram abertamente neonazistas, mas flertavam com o militarismo e admiravam a cultura alemã.

Tradicionalmente, o Gótico abarca gêneros musicais como o pós-punk, *darkwave* e *gothic rock*. Paralelamente, o gênero musical do Industrial se desenvolve nas cenas eletrônicas alternativas europeias e norte americanas, formando a subcultura com seus integrantes *rivetheads* (Schilt, 2007 in: Goodlad; Bibby, 2007). Nos anos 1990, estes gêneros eletrônicos passam a se popularizar no *mainstream*, convergindo, em determinados momentos, com a subcultura gótica a partir de elementos estéticos e sonoros sombrios.

O *EBM* (*Electronic Body Music*) origina na Europa ocidental, com destaque para a Alemanha e Bélgica, no início da década de 1980. A criação do termo “*EBM*” é atribuída a Ralf Hütter, tecladista e vocalista do grupo alemão de música eletrônica Kraftwerk, e que utilizou o termo em 1977 em entrevista para a revista britânica *Sounds* (DJ Food, 2013). O *EBM* incorpora ritmos dançantes, estruturando as canções de modo mais próximo da música popular, em

contraste com o experimentalismo do Industrial, do qual se aproxima nas temáticas, trazendo reflexões e críticas sociais à condição humana pós-revolução industrial. O título de um dos álbuns mais famosos de Kraftwerk, lançado em 1978, mostra essa relação com a tecnologia: “*Die Mensch-Maschine*” (O Homem-Máquina) (FIGURA 38).

FIGURA 38 - Capa do álbum “*Die Mensch Maschine*” (Kraftwerk, 1978)



(Fonte: Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Die_Mensch-Maschine Acesso em: 16 jul. 2025)

Se a capa e título deste álbum flertam com uma estética autoritária (Figura 38), as músicas de Front 242 e Nitzer Ebb, duas das bandas mais importantes do gênero *EBM*, ironizam o fascismo em suas letras de maneira mais explícita, porém ambígua. Por exemplo, na música “*Join In The Chant*” (1987) (“Junte-se ao coro”), o vocalista Douglas McCarthy comanda o ouvinte com versos gritados como: “Livros, livros, livros! Queimem, queimem, queimem!”, “Músculo e ódio!” e “Força é máquina”. Ainda que estas bandas tenham publicamente rejeitado quaisquer associações com o fascismo e o neonazismo, esclarecendo o caráter satírico de suas obras, a ironização do fascismo possui implicações problemáticas.

Se a letra de “*Join In The Chant*”, simples e repetitiva, pode ser interpretada como uma crítica à “estupidez” do fascismo e de seus simpatizantes, ainda assim convida o ouvinte a “juntar-se ao coro”, reproduzindo mensagens de ódio e censura, mesmo que de modo pretensamente irônico. Este caráter ambíguo não está apenas nas letras e na apresentação visual das bandas, que frequentemente utilizam uniformes militares, mas também na própria estrutura musical (Reed, 2013). Para S. Alexander Reed (2013), o som “limpo” e definido da banda Front 242 condiz com “a estética de ordem do estilo, onde a *grid* de uma música dita sua construção

e sua audição igualmente — tanto horizontalmente em termos de tempo quantizado quanto verticalmente em termos de partes instrumentais empilhadas”⁵³ (Reed, 2013, p. 179).

O *EBM* pode utilizar destas ferramentas para explorar como o corpo humano pode ser “comandado” e controlado pela tecnologia, e como a pseudo-neutralidade da tecnologia no capitalismo pode conduzir a sociedade ao fascismo. O ritmo dançante e repetitivo é capaz de “disciplinar” o corpo ao som da música, da mesma forma que o corpo é disciplinado para ser produtivo ao capital. Somando estes elementos ao uso da ironia, o *EBM* caminha uma linha tênue entre a crítica e a reprodução de ideias fascistas (Reed, 2013), o que pode explicar a apropriação deste gênero musical por grupos neonazistas, fascistas e da extrema direita. Ainda que representem uma minoria do *EBM*, não é difícil encontrar artistas que promovem ideologias fascistas, sem sátira ou ironia. De um lado, o potencial para “desavisados” serem seduzidos pelo fascismo, e de outro, a real possibilidade de ser antifascista e tocar uma música em língua estrangeira em um evento, para só depois descobrir que a banda promove o fascismo, como na experiência de Patricia.

A questão da presença neonazista em eventos, a partir da convergência entre as cenas *EBM/Dark Electro* e gótica, mostra uma faceta mais problemática da melancolia gótica: além de frear o potencial revolucionário da subcultura, permite, através da inércia e passividade, que o fascismo coexista em espaços alternativos. Na mônada “A extrema direita trouxe a militância de volta”, Patricia vê uma brecha de tomada de ação (Löwy, 2005) na ascensão da extrema direita no cenário político atual, cuja polarização política impede uma suposta neutralidade. Se a subcultura passa a ser considerada incompatível com a direita (como para Matheus e Thyago), consequentemente polariza-se à esquerda, permitindo que ideias antifascistas floresçam nas cenas góticas.

Jack também considera a polarização como um fator importante no Gótico atual. Em sua mônada “A eleição da extrema direita mudou tudo”, ele se aproxima da experiência de Patricia ao afirmar que “o período eleitoral em que a extrema direita foi eleita muda a sociedade como um todo, e isso reflete dentro do gótico nas pautas e discussões que acontecem após isso”. Para Jack, o afloramento da polarização e as disputas políticas internas da subcultura são reflexos da cultura geral brasileira na atualidade. O protagonista nos lembra, como diz o título de sua mônada, que “As questões políticas do Gótico não são só góticas”, e estão sempre em diálogo com a cultura *mainstream*, como apontam Blackman (2014) e Graham (2016). Nesta

⁵³ Do original: “the style’s aesthetic of order, where the grid of a song dictates its construction and its hearing alike—both horizontally in terms of quantized timing and vertically in terms of stacked instrumental parts”. Tradução minha.

mônada, Jack menciona como debates da década de 1980 sobre liberdade de gênero se relacionavam com a androginia dentro e fora do Gótico, e cita alguns exemplos de manifestações políticas mais explícitas na música. Um destes exemplos é a banda Killing Joke, cuja logo é uma foice e martelo (FIGURA 39):

FIGURA 39 – Logo da banda Killing Joke



(Fonte: Perfil oficial da banda na rede social X. Disponível em: <https://x.com/killingjokeband> Acesso em: 26 jul. 2025)

Além deste exemplo, o protagonista cita o projeto musical independente Dennis e o Cão da Meia-Noite, de Dennis Monteiro, cujo álbum “Id, Ego, Superego e Outras Porcarias”, lançado em agosto de 2021, no segundo ano da pandemia da Covid-19, carrega posicionamentos políticos mais explícitos. A música de abertura do álbum é intitulada “Sociedade Civil Burguesa”, e a música “Eles nos Querem” carrega o verso “nos amarram com cordas de aço”, referenciando o assassinato do jornalista, professor e dramaturgo Vladimir Herzog pela ditadura militar em 1975. No perfil do artista no Instagram⁵⁴, Dennis compartilha que a música foi originalmente gravada em 2008 para seu projeto “As Cinzas do Tempo”, inspirado pela Comissão Nacional da Verdade (CNV) e os debates públicos da época sobre desaparecidos políticos do regime. A música foi lançada com seu álbum em 2021, período de retomada destes debates, mas com novos sentidos frente ao negacionismo da ditadura militar durante o governo brasileiro de extrema-direita. Outro projeto independente de Dennis, em colaboração com Brunno dos Santos, é a banda de pós-punk e *coldwave* Days Are Nights,

54

Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CTF0c7AnQS8/?id=2649754641702388924_45874202999&fbclid=IwZXh0bgNhZW0CMTAAYnJpZBExeFFhN2xb3pqUm9HOGdJQQEej42JmBUogeRbGjpDLEoqBwQLwAAAYqaxHDtagLe57vFV76GPrK_GSIHldpNw_aem_yK3A9BMcywb_b0aWDu1gFg Acesso em 28 jul. 2025

formada em 2005. A música “Guerra Fria”, do álbum “Eu te vejo dormir enquanto o tempo nos mata” (2008), faz críticas explícitas à alienação social sob o capitalismo. Com vocais graves e desanimados, a letra diz:

Lutando sem armas, economia e política
O social não importa, não abram as portas do mundo
Não abram as portas

Não há alma em nossos interiores, são as armas dos nossos superiores
Não há alma em nossos interiores, são as armas dos nossos superiores

Ameaças de morte, a massa condena e se esconde
A violência me cobre, me transforma num animal
Quem escreverá? Quem vai sobrar pra contar?
Superpotências aliadas esmagando nossos corpos
O homem preenche o vazio com vazio

Um cisco de paz num mundo de guerra
Um cisco de paz num mundo de guerra
Quem escreverá? Quem vai sobrar pra contar?
Um cisco de paz num mundo de guerra
Um cisco de paz num mundo de guerra

A guerra fria continua prostrando os nossos sonhos
A guerra fria continua, Visão ocidental, Visão oriental
A guerra fria continua, mundo livre, cortina de ferro
A guerra fria continua, capital e social
A guerra fria continua, terror contra terror
A guerra fria continua, a religião manipula
A guerra fria continua, a mentira me escraviza
A guerra fria continua, mas a verdade liberta
(Days are Nights, 2008)

Assim como a letra de “Catedrais em Chamas” de Plastique Noir (2021), a letra de “Guerra Fria” (2008) mostra como os elementos introspectivos e melancólicos abarcados pelo Gótico podem ter caráter político explícito. Para Jack, há uma série de fatores que afetam a questão política da subcultura. No Brasil, enquanto a subcultura estava se formando na década de 1980, o país estava passando pelo fim da ditadura militar e um lento processo de redemocratização e abertura, o que afetava a politização da população e a possibilidade de manifestações políticas mais explícitas, dando prioridade a críticas sociais mais amplas e até implícitas. Outro fator concerne a história do Gótico e do pós-punk, cuja introspecção, melancolia e experimentalismo marcaram uma ruptura do *punk*. Para a pesquisadora Erica Ribeiro Magi (2017), durante os anos 1980 no Brasil, o pós-punk era visto como um gênero mais politizado em comparação com o *new wave*:

No Brasil, de maneira semelhante, *New Wave* era um termo usado para referir-se às bandas surgidas na esteira do punk rock, foram influenciados pelo estilo mas não se

definiam como punks. As bandas de São Paulo Gang 90 & As Absurdetes, Metrô e Magazine são consideradas pioneiras da *New Wave* em São Paulo no comecinho dos anos 80. Contudo, "*New Wave*" não era o único termo utilizado para referir-se às bandas surgidas imediatamente após o punk, usava-se com frequência também o "pós-punk" para falar de bandas tidas como mais "sérias" e politizadas, como Gang of Four, Joy Division, The Smiths, Echo and The Bunnymen. (MAGI, 2017, p. 35)

Isto contrasta com narrativas de que o Gótico, com suas raízes pós-punk, é “menos político” ou “menos militante” do que gêneros como o punk, condizendo com a mônada “Ter um pensamento político é parte de ser Gótico” de Jack, que afirma que a política no Gótico transcende questões estritamente partidárias ou de vertentes ideológicas, se baseando nos pilares contraculturais de oposição à produção e consumo de massa, conforme apontado por Shane Blackman (2014). Para Jack, o “tipo de pensamento que traz uma pessoa para o gótico” está intrinsicamente ligado a elementos políticos.

De acordo com as mônadas dos protagonistas, os elementos políticos do Gótico estão sempre presentes na subcultura: na identificação com a subcultura, na apreciação e incorporação do fúnebre no cotidiano, na organização e participação de eventos que incentivam a arte underground, na utilização e customização de roupas que desafiam as imposições da indústria da moda, e no engajamento com pautas políticas da esfera pública conforme o contexto histórico. É possível pensar a melancolia gótica como uma forma de performance comunicativa que, inserida na esfera pública, possibilita a ação política. Como diz Matheus, em sua mônada “No *underground* tem espaço pra todo mundo”: “Tudo é um posicionamento político”. Para Matheus, não há questionamentos de que o Gótico é político, mas este caráter político precisa estar evidente no campo da ação, sendo a rede underground uma maneira de causar mudanças no *mainstream*, algo que só é possível a partir da união subcultural e alternativa. Em suas palavras: “No *underground* é assim, a gente fecha com quem fecha com a gente e a gente trabalha pelo certo, todo mundo se ajudando, tem espaço pra todo mundo”.

O Gótico possui formas de protesto político características de suas raízes em manifestações artísticas subculturais e pré-subculturais. Retomando a reflexão de Gunn (2007, in: Goodlad; Bibby, 2007), abordada na quarta oficina, o fracasso revolucionário do Gótico só é concebível se entendemos o tempo de maneira linear. Creio que há uma narrativa gótica na qual o *Punk*, por sua importância inestimável para a história das subculturas alternativas, existe como uma referência de progresso para o Gótico, que vive como uma sombra menos politizada e engajada que seu antecessor. Mas, ainda que o Gótico utilize de alegorias que permitem múltiplas interpretações, Magi (2017) demonstra que gêneros musicais influentes no Gótico, como o pós-punk, estiveram historicamente associados ao engajamento político. Isto revela que

a melancolia pode ser interpretada de maneira política (inclusive pelo *mainstream*), e que não precisa ser um empecilho para a organização e reflexão política, como evidenciado pelas mônadas dos protagonistas.

Se contradições são inerentes à dialética da História, as contradições políticas internas do Gótico fazem parte de seu desenvolvimento histórico na modernidade. A importância que damos ao *underground* – seja por capital subcultural ou por motivações políticas – contradiz a narrativa de que a melancolia impede a politização do Gótico, uma vez que o *underground* depende de experiências coletivas contraculturais baseadas no auxílio mútuo. Além disto, bandas apropriadas pela subcultura, como Killing Joke e, mais recentemente, Plastique Noir e Days are Nights, mostram que os posicionamentos políticos do Gótico podem ser explícitos também, desde que tenhamos a sensibilidade para captar estes lampejos de protesto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou explorar a subcultura gótica em sua dimensão vivida nas experiências de Matheus Moledo, Thyago Willem, Vinnie Corvo, Patricia Gnipper e Jack Jack enquanto integrantes da cena gótica curitibana, e como estas experiências se relacionam com nosso atual contexto histórico e subcultural. Os protagonistas compartilharam suas jornadas com o Gótico, e como relacionam a subcultura com suas identidades, o espaço público e a morte, a vida noturna underground, a moda e indumentária e a política.

Partindo do conceito de melancolia, podemos conceber o Gótico como sintoma e resposta à modernidade. No campo artístico, as músicas provocam questionamentos e sentimentos de catarse, e no campo social, a organização da subcultura no espaço público permite combater a privatização deste espaço e, conseqüentemente, da vida política e da ação. O Gótico possibilita novas formas de resistência, de organização social e de engajamento com a esfera pública e artística. Em sua forma comodificada, o Gótico nada mais é que uma “fase” ou “*aesthetic*”, um novo rótulo ou *tag* para comprar roupas, acessórios e objetos capazes de preencher um vazio de identidade. Em sua forma revolucionária, em contato com suas raízes *underground* e contraculturais, o Gótico percebe brechas de ação revolucionária na melancolia e na experiência subcultural, da mesma forma que vê beleza nas sombras, no mórbido e no desconhecido.

Subculturas importam. Subculturas ainda existem e resistem mais do que nunca. Enquanto o direito ao espaço e à vida pública e coletiva estiverem sob a ameaça do capitalismo, subculturas serão necessárias, principalmente para a atual juventude que teve parte dos anos formativos de suas vidas roubados pela pandemia Covid-19. Estes anos em *lockdown* exacerbaram e aceleraram o isolamento que já vinha como consequência da modernidade e, mais especificamente, das políticas neoliberais de cerceamento do espaço público nos séculos XX e XXI. Bares como o Lado B poderiam ter fechado suas portas para sempre, mas seguem firmes com compromisso com a arte *underground*, e isto só é possível graças aos grupos dedicados de “esquisitos” que fomentam estes espaços. Muitos artistas independentes poderiam se perder na maré algorítmica de poesias nas redes sociais e músicas nas plataformas de *streaming*, mas a existência de subculturas alternativas abre espaços para a democratização da arte e da vida artística, e permite a nós, “meros mortais”, impactar o meio em que vivemos.

Como professora de História, que trabalha diariamente com adolescentes, observo, através de meu aprendizado com os protagonistas, que subculturas podem ser uma forma de ensinar a juventude sobre a importância de viver em coletividade, e que a vida coletiva não

necessariamente significa se conformar com o *mainstream*. Subculturas possuem consciência de suas regras, códigos, ritos, compartilhamentos e diálogos, pois necessitam disto para se manterem vivas – assim como qualquer organização social. E se há um discurso de que “subculturas estão mortas”, é porque perdemos a fé naquilo que nos torna humanos: a vida em sociedade. Este discurso, ao qual esta dissertação é, em partes, uma resposta, só é concebível em um mundo onde nada existe além do consumo. Mas se há algo que o Gótico nos ensina é que até os contextos mais melancólicos possuem lampejos de esperança.

Quando iniciei esta pesquisa eu já era integrante da subcultura há mais de uma década. Conforme desenvolvíamos as oficinas, eu ria lembrando de como meu eu adolescente via os góticos adultos e mais experientes como entidades inalcançáveis, vampiros ancestrais que eu deveria impressionar a qualquer custo para validar minha “carteirinha gótica”. Em um piscar de olhos eu cresci, e realizava uma produção científica sobre o Gótico de modo colaborativo e horizontal com outros góticos – tão humanos (ou vampiros) quanto eu. Cada fala dos protagonistas abria um universo de histórias de vida e de possibilidades, e cada interação era mais gratificante que a anterior.

Eu achava que, depois de tanto tempo na subcultura, os dias de *baby bat* eram apenas uma memória cômica e distante. Aquele “frio na barriga” de descobrir a subcultura tinha dado lugar a uma sensação de conforto na familiaridade com o Gótico. Mas agora, ao final desta pesquisa, me sinto novamente uma *baby bat*, fascinada com como uma “simples” subcultura pode abarcar significados e indivíduos tão múltiplos e complexos e, ao mesmo tempo, tão unidos por algo em comum. Graças à Matheus, Thyago, Vinnie, Patricia e Jack, eu pude novamente sentir o “frio na barriga” de (re)descobrir o Gótico em sua dimensão vivida, com relações históricas mais profundas do que eu jamais poderia imaginar. Espero ter conseguido retribuir a subcultura e os protagonistas, aos quais deixo novamente um espaço de fala para compartilharem suas experiências da realização desta pesquisa:

SOMOS MUITO FELIZES EM NOSSA ESCURIDÃO

Participar da pesquisa foi um prazer e uma honra! Como historiador, foi muito interessante trocar de posição e ser o pesquisado ao invés do pesquisador, e como foi prazeroso falar sobre a subcultura que tanto amo. A pesquisa foi conduzida de forma muito profissional, humana e ética, o que levou a resultados muito bons! Os encontros foram muito frutíferos, pude conhecer pessoas mais velhas da cena e compartilhar minhas próprias experiências, percebendo que temos muito em comum e que somos muito felizes em nossa

escuridão. Agradeço muito pela oportunidade, foi um prazer! – **Matheus Moledo**

MOMENTO OPORTUNO PARA DESCOBRIR NOVAS COISAS

A princípio, a possibilidade de poder participar de uma pesquisa envolvendo algo tão rico quanto a subcultura gótica foi algo que me chamou muito a atenção, não só por poder contribuir com a minha visão e vivências, como também pareceu um momento mais que oportuno para descobrir novas coisas, ouvir histórias da galera mais velha e fazer um rolê mais "cabeça". Posso dizer que obtive isso e a experiência foi positivamente surpreendente, estou bem ansioso pra ler a dissertação e agradeço por disponibilizar um espaço pra eu compartilhar minhas visões! – **Thyago Willem**

EXPERIÊNCIA RECOMPENSADORA

Participar da pesquisa foi uma experiência bem recompensadora, pois sinto que muitas vezes, durante a nossa vivência dentro da subcultura, não temos o costume de reservar momentos para reflexão ou debater sobre certos pontos, e participar da pesquisa "atizou" essa vontade de trocar experiências e ter mais rodas de conversa dentro da subcultura. – **Vinnie Corvo**

SENSAÇÃO DE “MISSÃO CUMPRIDA”

Eu fiquei muito feliz de ter participado deste trabalho tão importante para o registro e a preservação da história da (sub)cultura curitibana. Sem esse tipo de iniciativa, pedaços desta história se perdem e isso é injusto, não apenas com as pessoas que viveram aqueles momentos, como também com as novas (e futuras) gerações, que são privadas de descobrir como tudo começou. Me sinto honrada de ter vivido aquelas coisas, naquela época, de ter tido um papel ativo no comecinho da cena gótica de Curitiba, enquanto cena de fato. E ter a chance de revelar essas lembranças publicamente, mais de duas décadas depois, é sentir que fiz minha parte. Uma sensação de “missão cumprida”, e, por isso, muito obrigada! – **Patricia Gnipper**

PARTILHA ENTRE GERAÇÕES

Fiquei muito grato por ter sido escolhido para participar da pesquisa, em poder ajudar a contar a história da subcultura em Curitiba e partilhar esses momentos e pensamentos com outros góticos de diversas gerações. Acredito que a

pesquisa tenha um papel fundamental na documentação, união e fortalecimento da cena curitibana como um todo. – **Jack Jack**

Nestas últimas mônadas, os protagonistas compartilharam a importância da História Pública e da História de subculturas, conforme exploram os impactos de suas agências históricas, fomentando sentimentos de união e colaboração, cumprindo com os objetivos desta pesquisa. Nas tramas das vidas de Matheus, Thyago, Vinnie, Patricia e Jack, essas memórias se entrelaçam em partilhas geracionais, que mostram a importância do diálogo constante com o passado para garantir um futuro para a subcultura, para o *underground* e para a sociedade, de modo geral. E o valor que os protagonistas conferem ao Gótico e a sua história reflete um dos grandes potenciais da subcultura: o enfoque no passado como uma forma de valorização da História. Quanto mais eu pesquiso sobre o Gótico, tenho menos respostas e mais perguntas para futuras pesquisas. Encaro este desconhecido como quem não tem nada a temer, nem mesmo a morte, pois a morte é a transformação da vida em memória, e ser gótico é sobre viver em constante diálogo com esta memória. Esta é uma das lições mais valiosas que aprendi com esta pesquisa.

O Gótico não é a mesma subcultura do passado glorioso do Batcave, não apenas porque este é um mito fundador, mas também porque o mundo não é mais o mesmo. Todavia, isto não significa que o Gótico (e tampouco outras subculturas) está morto. De Londres na década de 1980 a Curitiba na década de 2020, a passagem do tempo e suas transformações sociais reconfiguram e ressignificam o pertencimento subcultural. Apenas a identificação com o sombrio e o macabro não tornam alguém gótico, mas o Gótico permite que estas identificações tenham uma orientação histórica e coletiva em meio ao isolamento crescente na modernidade (Benjamin, 2009). Cemitérios não são mais necessários para escapar da violência urbana, mas a apropriação destes espaços e o diálogo com a morte resistem ao cerceamento do espaço público e a desvalorização do passado. Festas góticas não são mais indispensáveis para conhecer música gótica, mas permitem que criemos laços de coletividade em torno da música e da subcultura. Não precisamos mais do *DIY* para nos vestirmos de modo “alternativo”, mas o *DIY* continua sendo fundamental para resistirmos ao consumismo e à comodificação de identidades. E ser gótico não implica *diretamente* na adoção de posicionamentos revolucionários, mas o potencial alegórico do Gótico nos possibilita questionarmos e protestarmos contra o *status quo*.

Talvez “contracultura” não tenha o mesmo significado que possuía no século XX, onde a cultura dominante era evidente em veículos mais centralizados de informação, como a

televisão e o rádio, por exemplo. Mas, mesmo em bolhas algorítmicas em nossos *smartphones*, ainda há uma cultura dominante burguesa quando redes sociais divulgam cursos de *coaches* de produtividade, *fake news* a serviço de movimentos de extrema direita, conteúdos misóginos e racistas com padrões de beleza inalcançáveis, e notificações constantes de que sua identidade está apenas a uma compra de distância. Para além das redes sociais, os monopólios da indústria cultural e políticas de cerceamento do espaço público visam impedir o livre acesso à cidade, à política e à arte. Enquanto houver capitalismo, haverá uma cultura dominante e, consequentemente, movimentos contraculturais para se oporem a ela.

A subcultura viverá enquanto existirem góticos que a mantenham viva, pois a busca pela coletividade faz parte da experiência humana no tempo. Simultaneamente, o Gótico, como demais subculturas alternativas, resiste aos efeitos de sua comodificação e esvaziamento, que ameaçam a existência de sua forma revolucionária. Neste sentido, concluo que o Gótico não está morto, mas morto-vivo, e há algo mais gótico do que isso?

REREFÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10º ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2007.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.) **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

AMAZON MUSIC. Bela Lugosi Is Dead. Maxi Single 12" Single, Importación. Disponível em: <https://www.amazon.es/Bela-Lugosi-Dead-Vinyl-Maxi-Single/dp/B00004ZL87> Acesso em: 30 mai. 2025

BARROS, Fernando Monteiro de. O Gótico e a Vampirização da História. **Organon**, Porto Alegre, v.35, n.69, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/64ef4805f9577e21783d582a31aa0b2c/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2038865> Acesso em: 12 mar. 2024

BENEDICT, Angela. **THIS DECADES-OLD GOTH SATIRE HAS SOMEHOW BECOME A RULE THAT MODERN GOTH...** Youtube, 27 mai. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mCwEEVh8PRU> Acesso em: 22 jun. 2025.

BENÍTEZ, Natalia Rosales. Aesthetic: Subcultures in an offline-online reality. **SCT Proceedings in Interdisciplinary Insights and Innovations**, v. 2, p. 2, 2024. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9961145> acesso em: 16 jun. 2025

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

_____. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Origem do drama barroco alemão**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

BENNETT, Andy. The post-subcultural turn: some reflections 10 years on. **Journal of Youth Studies**, 14:5, 493-506, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13676261.2011.559216> Acesso em: 10 mar. 2025

BLACKMAN, Shane. Subculture Theory: An Historical and Contemporary Assessment of the Concept for Understanding Deviance. **Deviant Behavior**, 35:6, 496-512, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/01639625.2013.859049>> Acesso em: 20 set. 2023.

BORGES, Camila Dias. **Bela Lugosi's not dead: o discurso e a representação de Góticos no site de rede social Facebook**. Pelotas: UCPEL, 2014.

BRASIL. Indicação nº 205.00307.2024, de 27 jun. 2024. Brasília, DF: Curitiba, PR, 2024. Disponível em:

https://www.cmc.pr.gov.br/wspl/sistema/ProposicaoDetalhesForm.do?select_action=&cod=205.00307.2024 Acesso em: 30 mai. 2025

BRASIL. Indicação nº 205.00353.2024, de 09 ago. 2024. Brasília, DF: Curitiba, PR, 2024. Disponível em: https://www.cmc.pr.gov.br/wspl/sistema/ProposicaoDetalhesForm.do?select_action=&cod=205.00353.2024 Acesso em: 30 mai. 2025

BURGH-WOODMAN, Hélène de; BRACE-GOVAN, Jan. We do not live to buy: Why subcultures are different from brand communities and the meaning for marketing discourse. **International Journal of Sociology and Social Policy**, Vol. 27 No. 5/6, 2007 pp. 193-207, 2007. Disponível em: www.emeraldinsight.com/0144-333X.htm. Acesso em: 13 ago. 2023.

CAETANO, Stella Mendonça. Indumentária, pertencimento e diferenciação: o papel das roupas na construção de uma identidade coletiva gótica. **Revista Ensaios**, v. 16, jan-jun, 2020, p. 176-192. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/348536419_Indumentaria_pertencimento_e_diferenciacao_o_papel_das_roupas_na_construcao_de_uma_identidade_coletiva_gotica Acesso em: 15 jun. 2025

_____. O consumo subcultural à luz da Teoria Cultural e da Filosofia da Diferença: a identidade e a identificação na esfera micro do gótico. **Research, Society and Development**, v. 9, n.8, e832986357, 2020b. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i8.6357> Acesso em: 28 jun. 2025

CALANCA, Daniela. **História social da moda**. São Paulo: Editora SENAC, 2008.

CARDOSO, Leonardo. Sound-Politics in São Paulo: Noise Control and Administrative Flows. **Current Anthropology**. Volume 59, Number 2, April 2018.

CARPENTER, Alexander. The “Ground Zero” of Goth: Bauhaus, “Bela Lugosi's Dead” and the Origins of Gothic Rock. **Popular Music and Society**, 35:1, 25-52, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/03007766.2010.537928> Acesso em: 13 ago. 2023

CAUVIN, Thomas. Public History: A Textbook of Practice (1st ed.). New York: Routledge, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781315718255> Acesso em: 05 ago. 2023.

COLLINS, Jo; JERVIS, John (ed.). **Uncanny Modernity: Cultural Theories, Modern Anxieties**. Palgrave Macmillan: Nova York, 2008.

CURITIBA. Câmara Municipal de Curitiba. **Lei nº 10625 de 19 de dezembro de 2002**. Dispõe sobre ruídos urbanos, proteção do bem estar e do sossego público, revoga as leis nºs 8.583, de 02 de janeiro de 1995, 8.726, de 19 de outubro de 1995, 8.986, de 13 de dezembro de 1996, e 9.142, de 18 de setembro de 1997, e dá outras providências. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/340832/lei-10625-02> Acesso em: 30 mai. 2025

DE CASTRO CALLADO, Tereza. **A Teoria da Melancolia em Walter Benjamin A versão do taedium vitae medieval e de seus elementos teológicos na concepção de melancolia do barroco**. Cadernos Walter Benjamin, V.1, jul-dez. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.17648/2175-1293-v1n2008-1>. Acesso em: 13 out. 2023

DE SÁ, Daniel Serravalle. **Gótico Tropical: o sublime e o demoníaco em O Guarani**. Salvador: EDUFBA, 2010.

DELGADO, Douglas. **Gerações, elitismo e identidades esvaziadas: uma etnografia das lutas identitárias entre os góticos em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara). Araraquara, 199 f., 2018.

Donos de bares em Curitiba reclamam de fiscalizações feitas de forma truculenta. **BEM PARANÁ**, 25 ago. 2024a. Disponível em: <https://www.bemparana.com.br/noticias/parana/donos-de-bares-em-curitiba-reclamam-de-fiscalizacoes-feitas-de-forma-truculenta/> Acesso em: 30 mai. 2025

DÜRER, Albrecht. **Melencolia I**. 1514. Gravura em papel avergoado, 24.5 x 19.2 cm. National Gallery of Art. Disponível em: <https://www.nga.gov/collection/art-object-page.35101.html#inscription>. Acesso em: 14 out. 2023

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. (1897). Lisboa/São Paulo: Editora Presença/Martins Fontes, 1973.

ELIAS, Norbet; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FERRARA, Ricardo Czepurnyj. Uma crítica da concepção do medievo como tempo de trevas e produções medievais. **Revista de Pós-graduação Multidisciplinar**, [S.l.], v. 1, n. 3, p. 307-318, mar. 2018. ISSN 2594-4797. Disponível em: <<https://www.fics.edu.br/index.php/rpgm/article/view/717>>. Acesso em: 23 set. 2023.

FERREIRA, Geraldo Aparecido; FERREIRA, Leonardo Carrijo. ARTE E SUBJETIVIDADE: a constituição do sujeito. **Psicologia e Saúde em debate**, [S. l.], v. 3, n. Supl. 1, p. 17–18, 2017. DOI: 10.22289/V3S1A8. Disponível em: <http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/212>. Acesso em: 11 jul. 2024.

FERNANDES, Rafael Zacca. Poesia e história em Walter Benjamin: do poetificado ao poema como mônada. **Rapsódia**, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 15, p. 14–31, 2021. DOI: 10.11606/issn.2447-9772.i15p14-31. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rapsodia/article/view/193036>.. Acesso em: 11 jul. 2024.

FRANÇA, Cyntia Simioni. PAIM, E. Memórias e Narrativas Benjaminianas. In: Elison Antonio Paim; Pedro Mülbersted Pereira; Ana Paula da Silva Freire. (Org.). **Diálogos com Walter Benjamin: memórias e experiências educativas**. 1. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, v. 1, p. 9-335, 2018.

_____. **O canto da Odisseia e as narrativas docentes: dois mundos que dialogam na produção de conhecimento histórico-educacional**. 2015. 346f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, 2015.

FRANÇA, Júlio. **O gótico e a presença fantasmagórica do passado**. Anais [do XV Encontro da ABRALIC]. Rio de Janeiro: Dialogarts, UERJ, 2016, p. 2492-2502. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491403232.pdf. Acesso em: 22 ago. 2024.

FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). **História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 57-70.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração**: ensaio sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014 (1ª Edição). 272 p.

GELAIN, Gabriela Celeveston. **CONSUMO DE MÍDIA E SUBCULTURA ZINEIRA**. Unioeste: II Congresso Internacional de Estudos do Rock. 17 p. 2015.

GRUTTER, Felipe. Bikini Kill, banda precursora do movimento Riot grrrl, anuncia show no Brasil em 2024. **Rolling Stone Brasil**, 06 nov. 2023. Disponível em: <https://rollingstone.com.br/musica/bikini-kill-banda-precursora-do-movimento-riot-grrrl-anuncia-show-no-brasil-em-2024/> Acesso em: 18. ago. 2025.

GOODLAD, Lauren M. E.; BIBBY, Michael (ed.). **Goth: Undead Subculture**. Duke University Press: Durham, 2007.

GOYA, Francisco de. **Saturno Devorando um de seus Filhos**, 1820-23. Técnica mista sobre tela, 143,5 x 81,4 cm, Museu do Prado, Madri. Disponível em: <https://www.museodelprado.es/en/the-collection/art-work/saturn/18110a75-b0e7-430c-bc73-2a4d55893bd6> Acesso em: 18 mai. 2025.

GIOLO, Guilherme; BERGHMAN, Michaël. The aesthetics of the self: The meaning-making of Internet aesthetics. **First Monday**, [S. l.], v. 28, n. 3, 2023. DOI: 10.5210/fm.v28i3.12723. Disponível em: <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/12723>. Acesso em: 16 jun. 2025.

GOETTEN, Carolina. Polícia Militar prende artistas e confisca equipamentos de som em Curitiba. **Brasil de Fato**, 01 fev. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/02/01/policia-militar-prende-artistas-e-confisca-equipamentos-de-som-em-curitiba/> Acesso em: 30 mai. 2025

GOULDING, Christina; SAREN, Michael. Performing identity: an analysis of gender expressions at the Whitby goth festival, **Consumption Markets & Culture**, 12:1, 27-46, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/10253860802560813> Acesso em: 21 jun 2024

GRANVILLE, J. J. **Voyage pour l'éternité n° 1**. Ca. 1839. Litografia de Langlumé em papel 25.6 x 34.1 cm. Disponível em: Disponível em <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/812698> Acesso em: 15 jun. 2025

HAENFLER, Ross. RETHINKING SUBCULTURAL RESISTANCE: Core Values of the Straight Edge Movement. **Journal of Contemporary Ethnography**, Vol. 33 No. 4, August 2004, p. 406-436. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0891241603259809> Acesso em: 31 mai. 2025.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 6 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IBGE. **Brasil / Paraná / Curitiba: Panorama**. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/curitiba/panorama> Acesso em 02 set. 2024

KIPPER, Henrique Antonio. **Happy House in a Black Planet**. São Paulo, 2023.

Kraftwerk and ‘The Cold Wave’ in Sounds 26.11.77. **DJ FOOD**, 13 ago. 2013. Disponível em: <https://www.djfood.org/kraftwerk-and-the-cold-wave-in-sounds-26-11-77/> Acesso em 18 ago. 2025.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. 5 ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2008

LEITÃO, Luis Felipe Figueiredo. O Gótico como conceito e seus aportes à Historiografia. **Revista Galo**, Ano 1, Nº 1 – Parnamirim, p. 39-50, 10 ago. 2020. Disponível em: <https://revistagalo.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es/edi%C3%A7%C3%A3o-001/03-o-g%C3%B3tico-como-conceito-e-seus-aportes-%C3%A0-historiografia/> Acesso em: 20 ago. 2023.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**. Uma leitura das teses ‘Sobre o conceito de História’. São Paulo: Boitempo, 2005.

MAGI, Erica Ribeiro. **Metrópoles em Cenas: O rock em São Paulo e no Rio de Janeiro nos anos 1980**. São Paulo, USP/FFLCH, Tese de doutorado, 2017.

MATOS, Olgária Chain Féres. **Benjaminianas: cultura capitalista e fetichismo contemporâneo**. São Paulo: UNESP, 2010. Edição Kindle.

MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (org). **História Pública no Brasil: Sentidos e Itinerários**. São Paulo. Letra e Voz., 2016.

MORAES, Marcelo Leite de. **Madame Satã: o templo underground dos anos 80**. São Paulo: Editora Lira, 2006.

NALLY, Claire. Goth Beauty, Style and Sexuality: Neo-Traditional Femininity in Twenty-First Century Subcultural Magazines. **Gothic Studies**, 20 (1-2). pp. 1-28. 2018. ISSN 1362-7937. Disponível em: <https://doi.org/10.7227/GS.0024> Acesso em: 18 jun. 2025

NESTAREZ, Oscar. Gótico: o medo e o pessimismo como propulsores da criação literária. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 140, p. 63–74, 2024. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.i140p63-74. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/223211>. Acesso em: 20 ago. 2024.

OLIVEIRA, Carolina. **Das alegorias aos mosaicos: experiências vividas pelas professoras na pandemia do covid-19**. 147f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História Pública – Mestrado. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2022.

PEREIRA GONÇALVES, Leandro; CALDEIRA NETO, Odilon; FRANCO DE ANDRADE, Guilherme Ignácio. Neonazismo e transição democrática: a experiência brasileira. **Anuario IEHS** 32(2) 2017. Disponível em: <https://ojs2.fch.unicen.edu.ar/ojs-3.1.0/index.php/anuario-ies/article/view/195/163> Acesso em 18 mai. 2025

PRAZ, Mario. **The romantic agony**. Trad. Angus Davidson. Londres: Oxford University Press, 1954.

PREFEITURA DE CURITIBA. Patrimônio protegido. Novos muros garantem mais segurança ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula. 23 jul. 2020. Notícias. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/novos-muros-garantem-mais-seguranca-ao-cemiterio-municipal-sao-francisco-de-paula/56712> Acesso em: 19 ago. 2025

Projeto que muda Lei do Silêncio em Curitiba avança na Câmara. **BEM PARANÁ**, 18 set. 2024b. Disponível em: <https://www.bemparana.com.br/noticias/politica/projeto-que-muda-lei-do-silencio-em-curitiba-avanca-na-camara/>

Proposta pode fechar baladas às 2h da manhã em Curitiba. **BEM PARANÁ**, 18 jan. 2017. Disponível em: <https://www.bemparana.com.br/noticias/parana/prefeitura-estuda-parceria-para-levar-a-balada-protegida-a-vicente-machado/> Acesso em: 30 mai. 2025

RAMIRES, Manoel. Prefeitura de Curitiba adotou política higienista na assistência social. **Brasil de Fato**, 18 dez. 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/12/18/prefeitura-de-curitiba-adotou-politica-higienista-na-assistencia-social/> Acesso em: 30 mai. 2025

REED, S. Alexander. *Assimilate: a critical history of industrial music*. Oxford University Press: Nova York, 2013.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. A ética da escuta: o desafio dos pesquisadores em História Oral. **Testimonios**, ano 4, n. 4, p. 109-120, 2015.

SANCHEZ CLAPPER, Kyra Kalina. **Chateaubriand and His Influence on the Early French Romantics' Perspective on Nature**. Tese (Mestrado em Artes). The University of Memphis. Memphis, p. 102, 2015.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados - Alguns comentários sobre a História Pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. **História Pública no Brasil - Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SCHAFFNER, Carmen Paternostro. A DANÇA EXPRESSIONISTA ALEMÃ. **ANAIS DO II CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA – ANDA** Comitê Dança em Configurações Estéticas– Julho/2012. Disponível em:

<https://proceedings.science/anda/anda-2012/trabalhos/a-danca-expressionista-alema?lang=pt-br> Acesso em 29 mai. 2025

SENA, Valdenor Machado; MAFRA, Kamila Roberta Monteiro; ZACARIAS, Marcelo Augusto. Manifestações do tanathos e a psicologia de massas no ultrarromantismo e na subcultura gótica. **Revista Observatorio de las Ciencias Sociales en Iberoamérica**. ISSN: 2660-5554 (Vol 2, Número 13, agosto 2021, pp.1-17). Disponível em <https://www.eumed.net/es/revistas/observatorio-de-las-ciencias-sociales-en-iberoamerica/ocsi-agosto21/manifestacoes-tanathos>. Acesso em 01 set. 2023

SQUIGGLES1334. **Goths Make Better Lovers (2003)**. Direção de Sebastian Grant. 9 min. 56s. Youtube, 25 jun. 2009. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=npe_Og8YFZA Acesso em: 22 jun. 2025

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo : Quiron: Companhia das Letras, 1988. iv

SPOONER, Catherine. **Fashioning Gothic Bodies**. Manchester: Manchester University Press, 2004.

SPRACKLEN, Karl; SPRACKLEN, Beverley. (Ed.) **The Evolution of Goth Culture: The Origins and Deeds of the New Goths**. Emerald Studies in Alternativity and Marginalization. Emerald Publishing Limited: Leeds, 2018. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/publication/doi/10.1108/9781787146761> Acesso em: 22 jun. 2025

SILVA, Wilma Regina Alves da. **Relatos etnográficos à meia-noite: o universo estético dos góticos na cidade de São Paulo**. 298 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SOARES, Manuel Pereira. **Eventos subculturais e a cidade estratégia para a economia simbólica ou meio integrador de uma cultura alternativa: O caso do festival gótico “entremuralhas” em Leiria**. Associação Portuguesa de Sociologia, 2021.

SOUZA RIBEIRO, H. G. “Isso é tão Aesthetic!”: a estetização da imagem de moda do “Look do dia” no Instagram ao “Arrumese comigo!” no TikTok. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [S. l.], n. 39, p. 201–225, 2023. DOI: 10.26563/dobras.i39.1512. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1512>. Acesso em: 16 jun. 2025.

STRAW, Will. Systems of articulation, logics of change: Communities and scenes in popular music. **Cultural Studies**, 5(3), 368–388. Ottawa, 1991. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09502389100490311> Acesso em: 15 jun. 2023.

THOMPSON, Barbara. Nos portões, lápides e cruzeiros das almas: Rituais de Umbanda e multiplicidade cultural no cemitério público Santo Antônio, em Vitória-ES. **IV Seminário de Ciências Sociais -PGCS UFES. 05 a 08 de novembro de 2019, UFES, Vitória-ES**. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/scs/article/view/28706/20429>. Acesso em: 11 mai. 2025.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 1981.

TORMENTO. **Mortalha**. Zine 1ª Edição. Curitiba, 2022, 18 p.

Urban Dictionary. Normie. Disponível em: <https://www.urbandictionary.com/define.php?term=Normie>. Acesso em: 05 jun. 2024

VALÉRY, Paul. **Feitiços [Charmes]**. Tradução Roberto Zular, Álvaro Faleiros. 1. ed., São Paulo : Iluminuras, 2020.

VOLZ, Filipe. Walter Benjamin: memória e conhecimento do presente. **Voluntas**, Santa Maria, v. 10, n. 3, p. 150-168, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/40395>. Acesso em: 03 jul. 2024.

What Is The 'Cybergoth Dance Party,' And Did Someone Find An Alternate Angle Of It? The Iconic Viral Video And Meme Explained. **Know Your Meme**. 5 nov. 2024. Disponível em: <https://knowyourmeme.com/editorials/guides/what-is-the-cybergoth-dance-party-and-did-someone-find-an-alternate-angle-of-it-the-iconic-viral-video-and-meme-explained> Acesso em: 04 jul. 2025

YOU GOT F'D IN THE A. In: **South Park**. Criação de Trey Parker e Matt Stone. Estados Unidos: Comedy Central, 2004. 22 min, son., color. Temporada 8, episódio 4. Série exibida pela Paramount+. Disponível em: <https://www.southparkstudios.com.br/en/episodes/d47csv/south-park-you-got-f-d-in-the-a-season-8-ep-4> Acesso em: 15 set. 2024.